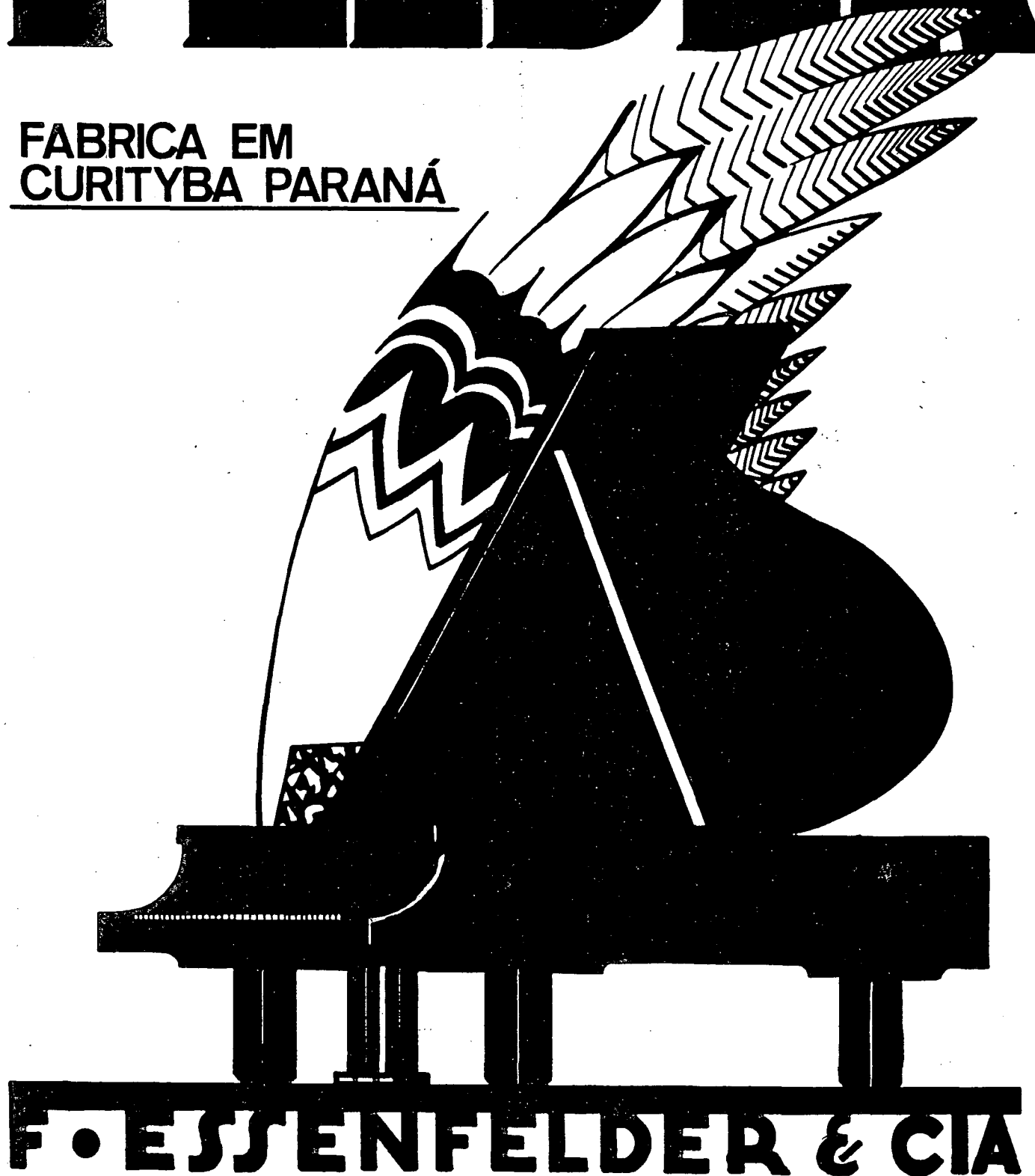


ESSEN- FELDER

FABRICA EM
CURITYBA PARANÁ



JOÃO BAPTISTA PENNA DE CARVALHO NETO

**FLORIANO ESSENFELDER:
A TRAJETÓRIA DE UM EMPRESÁRIO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, opção História Econômica, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre.

**CURITIBA
1991**

JOÃO BAPTISTA PENNA DE CARVALHO NETO

FLORIANO ESSENFELDER:
A TRAJETÓRIA DE UM EMPRESÁRIO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História do Brasil, pela Comissão formada pelos professores, do Corpo Docente, abaixo relacionados:

Orientador:

Profa. Odah Regina Guimarães Costa

1º Examinador:

Prof. Carlos Roberto Antunes dos Santos

2º Examinador:

Profa. Cecília Maria Westphalen

Curitiba, 21 de janeiro de 1992

À
todos
aqueles
que
fazem
HISTÓRIA

AGRADECIMENTOS

À
Odah Regina Guimarães Costa,
por sua dedicação com que realizou o
trabalho de orientação da pesquisa.

Aos
Professores do Departamento de História
da Universidade Federal do Paraná por
toda colaboração prestada.

Aos
Parentes e amigos, pela ajuda e compreensão
que prestaram na realização desta pesquisa.

NO PIANO

*Sob a pressão daquellas mãos franzinas
No marfim do claríssimo teclado,
Soam magoadas notas argentinas
Em ondas, a subir, do piano amado.*

*Que melodia! o idyllio executado
Semelha as harmonias peregrinas
De gorgeios subtis do bando alado
Ao despontar de estrellas diamantinas.*

*Subito para! Erguendo-se, caminha;
Do seu perfil, o encanto de rainhá,
Voe passear na sala fulgurante.*

*Tufão de applausos vibra pelo espaço,
Folhas de rosas colmam-lhe o regaço,
E a longa e negra cabelleira ondeante.*

Arthur Gomes

(Album do Paraná, Curitiba, ano 1, nº 5, 1919)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
MÉTODOS E TÉCNICAS	12
REFERENCIAL TEÓRICO	24
1. ALEMANHA	
1.1. BERLIM: A FORMAÇÃO DO EMPRESÁRIO	36
2. ARGENTINA	
2.1. BUENOS AIRES: O NASCIMENTO DE UM IDEAL	50
3. BRASIL	
3.1. RIO GRANDE DO SUL	
RIO GRANDE/PELOTAS: O PRINCÍPIO DA CONSOLIDAÇÃO	65
3.2. PARANÁ	
CURITIBA: A REALIZAÇÃO DE UM EMPRESÁRIO	98
3.3. F. ESSENFELDER & CIA: UM ELEMENTO DE	
INTEGRAÇÃO CULTURAL	229
CONCLUSÃO	276
ANEXOS	284
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	321

INTRODUÇÃO

Muitos foram os fatores que colaboraram para o desenvolvimento da industrialização no Paraná no início do século XX. Um dos principais foi o das atividades de exploração extrativa das riquezas naturais do Estado que, ao lado da mão-de-obra imigrante, da proximidade de grandes mercados como São Paulo, Rio de Janeiro e o do Prata, desempenhou um importante papel devido à possibilidade de permitir inserir o Estado do Paraná na política econômica predominante no Brasil – o das atividades primário-exportadoras.

Foi como consequência da exploração de produtos, como o mate e a madeira, e de suas exportações, que o Estado do Paraná pode se beneficiar das vantagens do modelo agrícola-exportador, construindo uma economia interna mais dinâmica e, por extensão, formando um mercado de consumo mais ativo.

A exploração do mate e a extração madeireira promoveram a expansão da colonização e povoamento no Paraná, absorvendo e assentando nesse processo os imigrantes, que logo se adaptaram à essa economia, pois, ao lado da cultura do mate, promoviam trabalhos suplementares ao seu sustento, como pequenas indústrias caseiras de fabricação de móveis, ou uma pequena lavoura de subsistência.

A expansão não foi uniforme, predominando na parte mais antiga, a leste do Estado. O município de Curitiba foi favorecido, pois, além de desempenhar função administrativa como Capital, desenvolvia atividades

comerciais e industriais, tornando-se o centro da indústria madeireira e do beneficiamento do mate.

O Reflexo do crescimento da indústria extrativa se fez notar no progresso que proporcionou ao Estado. Estradas foram abertas; a navegação fluvial começou a ser desenvolvida, assim como se dinamizou o setor das estradas de ferro.

O progresso também fez sentir-se no crescimento das cidades, tanto que é fundada em Curitiba a primeira Universidade do país, em 1912, em plena ascensão da economia do mate. Ainda devido ao mate, formara-se uma aristocracia de viscondes e barões, uma elite social, representada pelos grandes empresários, proprietários de fazendas, e instalaram-se fábricas de beneficiamentos da erva, assim, como da madeira.

Essa elite social participava, não apenas da vida econômica, mas era ela que agilizava a sociedade curitibana, exercendo atividades na política, definindo e introduzindo padrões culturais. Muitos desses empresários diversificaram sua aplicação de capitais e investiram em empresas como: transportes coletivos, companhia de energia elétrica, ou nos jornais, o que trouxe muitos benefícios sociais.

Paralela à elite de proprietários do mate e da madeira, desenvolveu-se uma outra classe de empresários – os comerciantes. Através de suas casas importadoras, vendiam desde selas e enxadas, a roupas da última moda parisiense, completando a economia primário-exportadora.

Como consequência desse sistema, ficava o seu dinamismo vinculado aos mercados externos. Era nessa dependência que se agilizava, ou não, o mercado interno de consumo, no qual predominava a importação de produtos manufaturados. Desta forma, a economia do Estado equilibrava-se

segundo o modelo da balança favorável: importava-se na medida em que se exportava.

Essa elite de empresários, tanto do mate, da madeira quanto do comércio é que irá proporcionar as condições favoráveis ao desenvolvimento da indústria no Paraná. Diversificando em seus empreendimentos, investiam não apenas na emergente indústria de transformação, como incrementavam o seu desenvolvimento, tornando-se eles próprios parcela dos consumidores que as mantinham ativas.

Foi formando-se, assim, um terceiro tipo de empresário – os empresários industriais. Alguns dos proprietários de empresas ervateiras diversificavam seus investimentos, possuindo, ao mesmo tempo, indústrias madeireiras, casas de comércio e uma participação no recente processo de industrialização.

Os capitais empregados na emergente indústria de transformação foram obtidos através de um lento processo, tendo sido conseguidos por iniciativas particulares, pois não havia ainda na praça um dinâmico mercado de capitais. Eram eles acumulados através de poupanças, por intermédio dos lucros obtidos com a lavoura ou o comércio e, até mesmo, através de especulações financeiras. Deste modo, geralmente os empresários industriais participavam do empresariado comercial ou das indústrias extrativas. Porém, muitos desses industriais fizeram-se a partir de oficinas caseiras, que, ao crescerem e se desenvolverem, não raro, se transformaram em grandes empreendimentos.

O termo 'indústria' era utilizado no início do século com muita abrangência: falava-se em "indústria do mate" ao referir-se à colheita e ao preparo para o transporte da erva; à criação de gado como "indústria

pecuária"; e, também, para as indústrias de transformação, que já incluíam a fabricação de fósforos, chapéus, cerveja, móveis e outras. Assim, ao referir-se à 'indústria', entende-se que seja desta última categoria, ou seja, a indústria de transformação.

Por permanecer próximo aos dois grandes centros gênese da industrialização brasileira, São Paulo e Rio de Janeiro, o Paraná se beneficiou do contexto que permitiu um primeiro surto industrial no início do século: mão-de-obra livre, imigrantes do exterior, ou de outros Estados, acúmulo de capitais através da economia agro-exportadora, crescimento do consumo interno em consequência da concentração populacional e da renda, e eventualmente, do desequilíbrio cambial, que dificultava a aquisição de produtos importados.

Esses desequilíbrios causados no sistema cambial, que dificultavam a balança comercial, eram consequências de crises nos mercados estrangeiros. O mercado interno brasileiro via-se, então, obrigado a produzir o que não podia importar e foi, justamente, nessa transição da predominância do modelo de substituição de importações por produtos nacionais sobre o modelo agro-exportador, que a industrialização brasileira foi se firmando.

O primeiro surto industrial no Paraná, que centralizou-se principalmente no município de Curitiba, verificou-se no final do século passado e início do século XX. Várias foram as indústrias fundadas nessa época que posteriormente tiveram maior repercussão, principalmente em virtude dos conflitos internacionais ocorridos em outros países. Com a diminuição das importações tiveram elas um papel relevante na produção e abastecimento do mercado interno do país.

Essas indústrias pretendiam satisfazer as necessidades da população local, suprindo o seu mercado. Porém, muitas acabaram por ultrapassar as fronteiras estaduais e até internacionais, ao suprirem outros mercados devido aos conflitos internacionais durante a 1ª Grande Guerra. Várias dessas indústrias estavam circunscritas à fabricação de produtos produzidos com matérias-primas de origem local e de fácil aquisição, ou de produtos cuja matéria-prima não fosse importada.

O Paraná contava ainda com a básica indústria de fundição Mueller, que produzia o maquinário necessário para as indústrias de beneficiamento do mate e às emergentes indústrias de transformação, como as de fósforos e móveis, que também se beneficiavam da madeira local; a fabricação de produtos alimentícios, como a Todeschini, produzindo massas, e a Lucinda que produzia biscoitos; a F. Essenfelder, com pianos fabricados com a imbuia do Paraná, além das indústrias de telhas, bebidas, chapéus e outras.

Como teriam surgido essas indústrias? Quais eram as condições que o Paraná apresentava e que permitiam o seu surgimento? Teriam elas seguido o modelo da evolução pré-capitalista europeia de indústrias caseiras, artesanal, de corporação e doméstica até atingir a fabril?

Torna-se, também, muito importante caracterizar o início dessas indústrias paranaenses, para definir o contexto que o Paraná oferecia para que elas surgissem e se desenvolvessem.

Estaria a gênese das indústrias paranaenses classificadas dentro de um capitalismo incipiente?

Muitas dessas indústrias são do tipo "Empresas Familiares", visto terem passado para as gerações seguintes, além do que, várias delas levam o sobrenome da família como marca de seus produtos. Os donos das empresas

e seus fundadores eram chefes de família que se tornaram empresários – “entrepreneurs” ativadores e inovadores na sociedade da época, devido às suas capacidades de criar, inovar, transformar, ou conservar traços culturais através de seus produtos, integrando-os aos hábitos de seus consumidores e da sociedade em geral.

Vários desses empresários paranaenses eram de origem estrangeira, imigrantes que aqui se radicaram. Conhecedores de alguma técnica trazida de seus países de origem e aptos a aproveitar as oportunidades em um país que começava a se industrializar, somado às inúmeras matérias-primas regionais, conseguiram, com a ajuda da comunidade local e através de sócios com capitais que reconheciam as suas capacidades, fundar suas pequenas indústrias, que cresceram no decorrer do tempo e através do reconhecimento público.

Muitos foram os fundadores dessas indústrias que chegaram desprovidos de recursos financeiros, trazendo como capital inicial apenas sua técnica e uma grande vontade de progredir. Tinham saído de seus países em busca de outros, onde as oportunidades vicejavam e onde seus desejos de vencer pudessem ser realizados.

O que teria possibilitado a esses empreendedores fundarem suas empresas e conseguirem o seu desenvolvimento em escala industrial nesse período? Qual a conjuntura econômica, política e social em Curitiba que possibilitara o surgimento desses empreendimentos? Teria sido um fenômeno regional ou o resultado de uma política-econômica mais ampla de cunho nacional ou, mesmo, internacional?

É o surgimento da industrialização em Curitiba, durante a Primeira República (1889-1930), que este trabalho visa reconstruir, através de um

estudo de caso. Tendo como empresa-modelo a indústria de pianos F. Essenfelder e Cia., visto que sua instalação em Curitiba coloca-se dentro do período estudado, possuindo características bastante próprias de entrosamento com a região, como o uso de matérias-primas locais, auxílio de compatriotas incorporados na comunidade curitibana e forte influência da cultura européia, incentivadora do gosto pela música.

Uma vez que seus produtos atingem diretamente o aspecto cultural da sociedade, permitirá a este estudo extrapolar, do histórico do empresário e da sua empresa, para a importante atuação de seus produtos na dinamização cultural e na manutenção de certos traços culturais nos hábitos da sociedade.

Visto que seu produto poderia ser considerado apenas para uma pequena elite de consumidores, surge a questão que se coloca como a problemática inicial: em que medida a iniciativa e o desempenho do empresário foi fundamental para que nascesse e subsistisse uma indústria de pianos, que não parece ser um artigo de primeira necessidade – podendo mesmo ser considerado como produto de luxo, numa economia dependente e num capitalismo incipiente, como o do Paraná, nas décadas de 1910 e 1920? Uma vez que o eixo central é a iniciativa do empresário, pretende-se identificar sua ação empresarial com o modelo schumpeteriano.

A partir desse questionamento outros problemas foram surgindo: qual a origem do capital inicial da empresa? Até que ponto a região influiu para que a empresa estabelecesse suas raízes no Paraná? Seria possível encontrar ali todas as matérias-primas e mão-de-obra necessárias para a fabricação de seus produtos? Estaria o mercado suficientemente capacitado para absorver a sua produção e, por conseguinte, manter a indústria?

Comportaria a economia paranaense tal empresa? Qual o tipo de cultura e mentalidade que sustentaria esse empreendimento?

Essas questões sugerem pontos a serem analisados e deste modo procurar-se-á:

- determinar a economia de transição do período agro-exportador para a fase industrial, caracterizando-a dentro do modelo econômico brasileiro da substituição de importações;
- analisar a conjuntura desse período, enfocando a Primeira Grande Guerra, cujos efeitos sobre a industrialização brasileira foram de certa forma positivos, no sentido de incentivar seu desenvolvimento, estimulando a fabricação de produtos nacionais em substituição aos importados;
- identificar a origem e o tipo de capital utilizado na formação da indústria, caracterizando o tipo de acumulação nesse período do desenvolvimento do capitalismo industrial no Brasil, assim como os outros fatores que contribuíram para sua fundação e afirmação como empresa;
- caracterizar em que tipo de empresa a indústria Essenfelder se classificaria e qual a sua filosofia de trabalho, distinguindo as diferentes etapas de seu desenvolvimento, de suas transformações; a evolução de seu capital industrial e a sua aplicabilidade à demanda do mercado nacional, ou seja, determinando a importância que o plano desempenhava para os seus compradores naquela época;
- ressaltar, principalmente, a importância de seu fundador Floriano Essenfelder*, visto que para a realização do empreendimento fora

* O nome 'Florian' foi aportuguesado para 'Floriano'.

inegável o seu desempenho nos moldes de um empresário com características schumpeterianas. Deste modo, constituirá o papel do empresário o fio condutor que interligará os diversos aspectos que constituíram a empresa em seu início e das circunstâncias que contribuíram para a sua realização. Embora tenha contato com o auxílio de outros empresários e sócios, fora, sem dúvida, seu idealismo o elemento catalizador e dinamizador de esforços e empreendimentos.

O trabalho pretende remontar o processo do surgimento da fábrica de pianos Essenfelder. Esta, no entanto, não será enfocada como entidade autônoma e separada dos membros e do contexto que a compõem, deste modo, será apresentada sob a ótica de uma realização de seu fundador, enquanto caracterizado como um empresário schumpeteriano. Para tanto, pretende-se descrever sua trajetória em direção à concretização de seu ideal. O período pesquisado é o da sua instalação em Curitiba, em 1909, até o da morte de seu fundador em 1929. Porém, como o desempenho de Floriano Essenfelder extrapola a esta fase, tal período será ligado aos elementos históricos e significativos que o antecederam.

Como se trata de uma empresa cuja origem da demanda de seus produtos – os pianos e derivados – firma-se em traços culturais que atingem os usos e costumes de uma sociedade, será impossível tratá-la em separado, sem relacioná-la a estes aspectos. O sucesso de uma fábrica de pianos, ou de seu empresário, não repousa apenas na qualidade de seus produtos; está intimamente ligado ao nível cultural de sua clientela. A educação, os costumes e a mentalidade na época, devem ter exercido um papel bastante significativo para a sua existência, devendo, portanto, serem analisados.

Poucos são os trabalhos que remontam à industrialização em Curitiba no início do século XX. Daí a importância da pesquisa, que poderá servir como exemplo para ilustrar as situações e problemas enfrentados e ultrapassados pelas empresas, nessa fase inicial da industrialização paranaense. A fundação, instalação e consolidação da indústria de pianos F. Essenfelder e Cia é um exemplo de sucesso empresarial, que merece ser conhecido e interpretado através da ótica da história.

O trabalho está organizado da seguinte forma: complementando a parte introdutória constam aquelas referentes a Métodos e Técnicas e ao Referencial Teórico. O primeiro apresenta a metodologia utilizada, comentando a sua postura a partir de uma visão de História econômica mais globalizante. O capítulo dedicado ao Referencial Teórico, aborda os tópicos principais do modelo de empresário apresentado por Joseph Schumpeter.

O corpo do trabalho está dividido em três capítulos, que se formaram naturalmente em decorrência da própria trajetória percorrida por Floriano Essenfelder. O primeiro capítulo identifica o meio em que se criou, Berlim, e as possíveis ocorrências que possam ter influenciado a sua formação como empresário. O segundo capítulo enfoca sua estadia na Argentina, onde, a partir de um forte ideal e ousadia, seu espírito empresarial começou a manifestar-se, proporcionando o nascimento da fábrica de pianos.

O terceiro capítulo assinala o caminho trilhado em direção à consolidação da empresa, iniciado através da busca do capital financeiro, que acabou impulsionando os Essenfelder ao Brasil onde se instalaram definitivamente. O capítulo está dividido em três tópicos: a tentativa de instalação no Rio Grande do Sul, a transferência para Curitiba onde a empresa é

finalmente instalada, e, finalizando, uma análise sobre a importância, desempenho e influência da empresa de pianos na sociedade e na cultura.

Na conclusão, procura-se confirmar que a atuação empresarial de Floriano Essenfelder, através de sua trajetória, identifica-se com o modelo do empresário schumpeteriano.

MÉTODOS E TÉCNICAS

A História tem se expandido em relação a seus métodos e suas técnicas. Deixou de ser apenas um relato de fatos encadeados numa certa seqüência e é a Escola Francesa uma das que mais contribuiu para o seu novo posicionamento. A partir da escola dos *Annales*, a História deixou de ser uma história-narração e transformou-se em história-problematizadora, ou seja, a pesquisa procura responder à uma problemática colocada.

Além da coleta e crítica dos dados utilizados, também um outro fator vem sendo cada vez mais colocado em evidência: o de uma bem elaborada interpretação dos mesmos, tanto em seu aspecto quantitativo quanto qualitativo. Através de uma profunda análise das fontes pesquisadas, passa-se a conseguir o máximo de informações que delas pode-se obter, possibilitando, assim, encontrar respostas às hipóteses levantadas.

Todas estas inovações que atingiram a História chegaram até os seus campos de especialização e, deste modo, à história econômica, que também vem passando por transformações. Depois do exacerbado uso do aspecto quantitativo ter atingido extremos com trabalhos repletos de tabelas, quadros estatísticos e operações algébricas, começou-se a abrir espaço para uma nova visão de aspecto mais crítico e interpretativo:

A história econômica não pode, portanto, limitar-se a um mero comentário de índices e curvas ou à construção de modelos puramente econométricos, pois ao

*fazê-lo perde parte essencial de sua capacidade explicativa, além de perder toda sua seriedade.*¹

A história econômica vai deixando de dedicar-se apenas à quantificação e passa a lidar com o aspecto qualitativo das fontes, comportando uma análise mais ampla, na busca das mais variadas possibilidades para se compreender a realidade econômica. Procura compreender como acontecimentos relacionam-se, cruzam-se e completam-se, chegando, se necessário, à sua extrapolação.

Ela sai de sua especificidade e caminha para uma visão mais abrangente, não separando a análise econômica de fatores históricos globais e, principalmente, da análise social.² Deixa de ser compartimentalizada para tornar-se mais totalizadora. Não que se tenha tornado geral no sentido de amplidão e superficialidade, mas para não perder a noção de conjunto e seu caráter de síntese.

A história totalizadora considera os acontecimentos históricos em diferentes níveis de análise para logo reuni-los numa visão global, onde surgirão as articulações ou discordâncias entre os fatores econômicos, estrutura social, nível político, ideológicos, mentalidade. Afinal, como afirma Lucien Febvre “não há história econômica e social. Há simplesmente a história, na sua unidade”.³

Uma das grandes contribuições da Nova História para essa visão globalizante é o aumento no campo da documentação, permitindo lançar mão de diversas espécies de fontes e de interpretações.

JACQUES LE GOFF: uma das características e uma das grandes realizações da História Nova, e que coloca doutro modo o problema da sua credibilidade, consiste numa enorme dilatação do campo do documento. Isto contempla, por um lado, o recuo do documento escrito, a busca do documento arqueológico figura-

tivo, do documento oral, que é interrogar os silêncios da História, a entrada em cena do documento imaginário.⁴

Os documentos falam de diversas maneiras, não apenas no sentido de seu conteúdo, mas, também na maneira como o autor do documento pode *perceber* o conteúdo que elaborou, o que está situado a nível do imaginário coletivo,⁵ ou seja, de uma determinada mentalidade.

Porém, um maior número de informações pode ser obtido dos documentos, quando a sua *análise* efetua-se a partir de certas operações: a identificação dos diferentes elementos ou componentes de um todo; o reconhecimento das suas relações; e a análise global ou formulação de uma explicação, o que implica numa síntese, ou seja, o que permitirá situar o objeto analisado num conjunto maior que permite explicá-lo.⁶ Deve-se, portanto, estabelecer o máximo de correlações dos componentes identificados, para que possibilitem a compreensão do conjunto.

Reside aí, contudo, uma limitação que cabe à inventividade do historiador resolver — o de saber articular os aspectos concernentes que poderão enriquecer o trabalho.

Para Paul Veyne, também representante da Nova História, os historiadores, em cada época, têm tido a liberdade de recortar a história a seu modo, em história política, sociológica, biográfica e outras, pois que a história não possui uma articulação natural.⁷ A ênfase recai no modo como se relacionam os acontecimentos, que não coisas, objetos consistentes ou substâncias; não são totalidades, mas núcleos de relações;⁸

eles são um corte que realizamos livremente na realidade, um aglomerado de procedimentos em que agem e sofrem substâncias em interação, homens e coisas. Os acontecimentos não apresentam uma unidade natural.⁹

O importante na relação desses componentes, os acontecimentos, é a trama escolhida que os interligam. É seguindo essa trama central e através de uma análise global dos fatos coletados que o historiador procurará encontrar uma explicação para as hipóteses levantadas.

Para Paul Veyne, a noção de trama advém do fato de que:

Os fatos não existem isoladamente, nesse sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco "científica" de causas materiais, de fins e de acasos; de um corte de vida que o historiador tomou, segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa.¹⁰

A proposta deste trabalho é a de efetuar uma pesquisa a partir do enfoque da história econômica, porém, numa visão mais globalizante. A trama escolhida será a história da trajetória do empresário Floriano Essenfelder. No entanto, a história do fundador de uma fábrica de pianos vista apenas pelo enfoque econômico poderia simplificá-la demais, deixando-a incompleta, pois tal história está intimamente ligada a um tipo de cultura, de educação e de mentalidade.

A própria demanda do produto, o piano, sugere uma pesquisa de âmbito sócio-cultural, pois que o seu uso está ligado a todo um sistema cultural de valores, de tradições e costumes, que é impossível deixar de lado quando é enfocada a sua indústria. Desta forma, procurar-se-á analisar alguns aspectos da sociedade e mentalidade da época. Afinal, por que se compram pianos? Tradição? Status? Trata-se apenas de influência cultural de outros lugares ou implica numa ideologia?

Deste modo, são necessários dados suplementares que complementarão aspectos nos quais apenas a visão econômica seria insuficiente,

mesmo porque torna-se difícil desvinculá-la das áreas demográfica e social, visto que o fundador da empresa foi um imigrante alemão e que recebeu influência da comunidade alemã muito proeminente na sociedade curitibana.

O próprio tema ultrapassa os limites da história econômica e adentra no campo da história social; não comportaria, assim, um enfoque que pudesse oferecer uma visão mais ampla nessa abordagem? Será que a resposta para a manutenção desse tipo de empresa estaria plenamente respondida se visasse somente razões econômicas, principalmente o lucro? Estaria ela ainda existindo?

Assim como a história econômica procura ser mais do que comentários de curvas e tabelas, também uma empresa é mais do que balancetes e tabelas de produção; é constituída e funciona graças ao elemento humano – com todas as características deles decorrentes: profissionais, emocionais, ideais e mentalidade — que, com suas atividades que se interpenetram, formam a empresa como um centro de relações.

Quando se faz a história de homens, assinala Lucien Febvre, deve-se sempre tomá-los no quadro da sociedade de que são membros; numa época bem determinada do seu desenvolvimento, a qual está povoada de homens dotados de funções múltiplas, de atividades diversas, de preocupações e de aptidões variadas, que se mesclam, se chocam, se contrariam, e acabam por concluir uma paz de compromisso que se chama a Vida.¹¹ E a vida de Floriano Essenfelder é a de um empresário que faz parte da história paranaense por seu desempenho e colaboração proporcionadas à sociedade curitibana; à cultura; e, também, como um dos pioneiros que colaboraram no desenvolvimento da indústria local e nacional.

À medida que se localiza o ser humano no contexto histórico, será impossível desvinculá-lo da mentalidade da época:

a história das mentalidades não pode ser feita sem estar estreitamente ligada à história dos sistemas culturais, sistemas de crenças, de valores, de equipamento intelectual no seio dos quais as mentalidades são elaboradas, viveram e evoluíram.¹²

Assim, procurar-se-á, ao percorrer a trajetória de Floriano Essenfelder, caracterizá-lo como um empresário schumpeteriano, interpolando o máximo de informações das suas atividades, de seu produto e da sociedade, que vivencia a sua presença e beneficia-se com seus pianos. O enfoque econômico, que abordará a atuação empresarial e a formação da empresa, será extrapolado com aspectos sociais e mentais.

A intenção é a de reconstituir a conjuntura do período pesquisado, no qual a atuação do empresário Floriano Essenfelder comprova a realização do seu ideal.

Embora a História esteja sempre sendo acrescida de inovações, permanecem certas técnicas básicas: a heurística, uma cuidadosa coleta das fontes; a crítica das fontes, uma pertinente investigação das informações fornecidas pelos documentos ou deles obtidas pelo historiador; e, uma terceira, que vem crescendo em importância e dilatando-se quanto às suas possibilidades, a hermenêutica, que inclui uma bem elaborada interpretação dos dados obtidos.

Para a coleta das fontes necessárias à história da ação empresarial e formação da fábrica de pianos, foi procurada a empresa até hoje existente, porém os documentos foram de difícil acesso, sendo vedada a consulta à contabilidade. Outro foi o caminho escolhido. Procurou-se refazer a trajetória de Floriano Essenfelder com informações coletadas através da imprensa da época. Por tratar-se de um material cujo conteúdo é mais passível de comentários qualitativos, poucos foram os elementos quantificáveis, daí o motivo de não encontrar-se num estudo econômico as tabelas e gráficos estatísticos.

Foi elaborado um minucioso levantamento que levou à coleta de várias informações publicadas sobre a empresa, seu fundador e sobre o uso dos pianos nos costumes da época. Artigos, propagandas e referências foram encontradas em jornais, revistas, álbuns comemorativos e almanaques; os dados relativos à constituição da empresa foram obtidos através de leis, documentos oficializados na Junta Comercial do Paraná e nos Relatórios dos Presidentes do Estado do Paraná; assim, também em bibliografia histórica, memórias e biografias forneceram informações que serviram para retratar a sociedade e a mentalidade na época.

A coleta das fontes foi elaborada nos seguintes locais:

- Biblioteca Pública do Paraná
- Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná.
- Biblioteca do Museu Paranaense.
- Arquivo Público do Paraná – DAMI
- Casa da Memória
- Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná.
- Junta Comercial do Paraná.
- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.
- Circulo de Estudos Bandeirantes.

As críticas às fontes e às informações obtidas nos documentos serão apresentadas no decorrer do trabalho, na medida em que se fizerem necessárias. Porém, alguns comentários preliminares se fazem indispensáveis.

As informações que serviram de base para a pesquisa foram obtidas, na sua maioria, através dos jornais publicados na época. Procurou-se fazer um levantamento abrangendo todo o período escolhido, porém, nem sempre um mesmo jornal cobre todo o período, por deixar de ser publicado ou por estar faltando nos acervos. Assim, foram pesquisados vários jornais de modo a cobrir todo o período, conforme a tabela abaixo:

TABELA I

JORNALIS PESQUISADOS				
DATA	DIARIO DA TARDE	COMMERCIO DO PARANÁ	GAZETA DO POVO	A REPUBLICA
1909	Jan a Dez	— —	— —	— —
1910	Jan a Dez	— —	— —	— —
1911	Jan a Dez	— —	— —	— —
1912	Jan a Dez	Out a Dez	— —	— —
1913	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1914	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1915	— —	Jan a Dez	— —	— —
1916	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1917	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1918	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1919	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1920	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1921	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1922	Jan a Dez	Jan a Dez	— —	— —
1923	Jan a Dez	Jan a Jun	— —	— —
1924	— —	Jan a Dez	— —	— —
1925	— —	Jan a Jun	Jul a Dez	— —
1926	— —	— —	Jan a Dez	— —
1927	Jan a Dez	— —	— —	— —
1928	Jan a Jun	— —	Jul a Dez	— —
1929	Jan a Abr	— —	— —	Jan a Dez
1930	Jan a Dez	— —	— —	— —

A escolha dos jornais **Diário da Tarde** e **Commercio do Paraná** como fontes principais de informações, deve-se ao fato de serem predominantes, de possuírem maior seqüência de publicação nesse período e, também de neles encontrar-se um maior número de publicações sobre a empresa e seu fundador.

Há de notar-se que muitas das citações são transcrições longas. O que se procurou enfatizar através desse propósito foi o de deixar que o próprio discurso retratasse tanto o produto, com suas descrições repletas de adjetivos, como o contexto histórico e a mentalidade predominante na época. Caso fossem feitas as citações de forma indireta, perderiam muito de sua capacidade ilustrativa.

O leitor é, deste modo, levado a colocar-se em sintonia com a forma de pensamento do início do século para poder compreender o discurso. Mesmo porque, quando se aprofunda no estudo das representações que uma sociedade faz de si própria é impossível não enfatizar as linguagens.

em todos os sistemas de signos que estão no âmbito de uma semiologia: rituais das cerimônias, liturgias, iconografia, representações figuradas, conteúdos e temas de obras expressivas, representações religiosas, artísticas, temas romanescos, folclore e, no seu tempo certo, a evolução, as transformações. O que o leva ainda a evidenciar a evolução específica de certas formações discursivas, tais como as biografias, as "vidas" de personagens históricas.¹³

A intenção, no entanto, não é a de aprofundar-se na análise dos léxicos ou discutir suas implicações, uma vez que se pretende transmitir uma história de vida e suas realizações. O que se procurou fazer ao utilizar os discursos originais foi o de tentar trazer o clima e a mentalidade da época ao leitor, como se fossem contemporâneos dos acontecimentos descritos. Só que

com uma ressalva: podendo-se, também, olhá-lo com uma visão atual. Um olhar que ao se debruçar sobre o antigo pode perceber, numa comparação quase instintiva, valores que dele sobressai e, assim, inferir suas próprias análises e conclusões.

Os textos deixam transparecer que existe uma ideologia predominante. Ela é bem clara e transparece durante todo o trabalho: o discurso liberal de uma burguesia em ascensão a favor de uma economia desenvolvimentista, além da constante preocupação de equiparar-se a países mais desenvolvidos. A preocupação do trabalho, porém, não é a de elaborar uma crítica a essa linha de pensamento, mas a de resgatar o contexto em que o empresário desenvolveu a sua ação empresarial.

Outras fontes que serviram de base à pesquisa foram um depoimento de Frederico Essenfelder, filho de Floriano Essenfelder, publicado como encarte na revista "**A Divulgação**" e o livro "**A história dos pianos Essenfelder**", elaborado por Esther Essenfelder Cunha Mello. As informações obtidas através das revistas, álbuns comemorativos, almanaques e outros auxiliaram na complementação das fontes básicas e na reconstituição da conjuntura.

NOTAS DE REFERÊNCIA DE MÉTODOS E TÉCNICAS

1. CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. 3.ed. Trad. João Maia. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1983. p.49.
2. _____. p.53.
3. FEBVRE, Lucien. Combates pela História. 2.ed. Trad. Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa, Editorial Presença, 1985. p.30.
4. LE GOFF, Jacques et alii. A Nova História. Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa, Edições 70, 1984. p.34.
5. DUBY, A Nova História, p.42.
6. CARDOSO, p.430.
7. VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982. p.17.
8. _____. p.30-2.
9. _____. p.30.
10. _____. p.28.
11. FEBVRE, p.30.
12. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. História: novos objetos. Trad. Terezi-
nha Marinho. Rio de Janeiro, Francisco Alves ed. 1976. p.78.
13. ROBIN, Régine. História e Lingüística. Trad. Adélia Bolle. São Paulo, Cultrix, 1977. p.73.

REFERENCIAL TEÓRICO

A economia não se faz sozinha. Ela é fruto da ação de pessoas e pretende a satisfação de necessidades humanas. Desde as sociedades primitivas até as mais complexas, o homem procura meios mais adequados para satisfazer a essas necessidades. E estes meios vão se tornando cada vez mais elaborados à medida que elas se tornam mais sofisticadas.

Ao mesmo tempo que tais necessidades possuem um cunho extrínseco, social, abrangente, possuem, também, um caráter intrínseco, pessoal ou individual. Desta forma, as pessoas procuram satisfazer certas necessidades sociais ao mesmo tempo que procuram realizar as suas próprias, pessoais.¹

É a ação humana o meio que mais proporciona as condições propícias para a realização desse processo, pois é próprio do homem empreender para procurar realizar essas satisfações, como coloca Ernani Reichmann: "consciente ou não de que existe **para** alguma coisa, o homem é um ser de empresa. Da essência do homem é o **empreender**".² Porém, mesmo que seja próprio do homem empreender, sendo todos eles, de certa forma, empreendedores, a nem todos se pode conferir o título de empresário.

O que difere o empresário do homem comum que também empreende?

Segundo Ernani Reichmann, a diferença está em que a empresa de alguns visa o lucro, o que a distingue das empresas em geral meramente

pragmáticas. O empresário é o ser da empresa econômica, é aquele que sabe utilizar-se de três elementos: o técnico, a procura da melhor técnica para seu produto e para o andamento da empresa; o econômico, quando sabe valorizar seu produto e revesti-lo de caráter econômico; e o jurídico, determinando as relações da e na empresa e desta com a sociedade, pois compreende os usos, os costumes e as leis que determinam todo o ser da empresa. Sendo que esta é mais do que a soma dos três elementos, pois que é centrada no elemento humano, cabendo a este a escolha da melhor maneira de harmonizá-los para que cumpram sua finalidade.³

Para Joseph Schumpeter, no entanto, não são empresários todos os diretores, gerentes ou industriais, funções estas pelas quais se sobressai o empresário de Reichmann, mas os que se distinguem por serem transformadores.

É através de transformações que a economia de uma sociedade é alterada e levada a um desequilíbrio, deixando de ser uma economia que apenas cresce, ou seja, que unicamente procura manter o estado ideal de equilíbrio, reajustando pequenas causas de instabilidades tais como: as de condições naturais, tendências do comércio ou gosto dos consumidores. Ao ser levada ao desequilíbrio, ela se vê obrigada a uma nova reestruturação em uma forma mais complexa, mais desenvolvida. "Por desenvolvimento, portanto, compreendemos apenas aquelas transformações da vida econômica que não lhe sejam impostas de fora para dentro e sim que surjam, por iniciativa própria, no âmbito interno."⁴

Entenda-se por âmbito interno a ação do produtor, pois, é ele quem geralmente inicia a transformação econômica e que orienta os consumidores e, não o contrário. É como se o produtor lhes ensinasse a desejar outras

coisas, novas, diferentes e que não estão habituados a usar. Assim, quando surgem essas novas combinações é que então ocorre o fenômeno característico do desenvolvimento.⁵

São cinco os casos para que o desenvolvimento econômico se processe através das novas combinações:

1. a aceitação de um novo bem, ou seja, de um bem com o qual o consumidor não esteja ainda familiarizado – ou de nova qualidade de um bem;
2. a adoção de um novo método de produção, isto é, aquele ainda não comprovado pela experiência no ramo da indústria a que está ligado. Método este que não precisa absolutamente basear-se numa descoberta científica recente e que pode, também, consistir em uma nova maneira de tratar comercialmente uma utilidade;
3. a abertura de novo mercado: um mercado onde ainda não se tenha penetrado o ramo específico da manufatura em questão, quer este mercado existisse, ou não, anteriormente;
4. a conquista de nova fonte de suprimento das matérias-primas ou produtos semi-industrializados, também sem levar em conta se esta fonte já existia ou ainda precisa ser criada;
5. a execução de uma nova organização de qualquer indústria, como a instauração de um sistema de monopólio (por exemplo: através de um trust), ou do colapso da situação monopolista anterior.⁶

O empreendimento dessas novas combinações é uma função especial e constitui privilégio de um tipo especial de empresários, de número bastante reduzido, os empreendedores. Sua função não consiste apenas em inventar qualquer coisa ou em criar as condições que a empresa explora, mas

em conseguir que as coisas sejam feitas.⁷ Afinal, os empreendedores constituem um tipo especial, “a força motriz de um grande número de fenômenos importantes.”⁸

Um desses fenômenos – o da liderança – sobressai no empreendedor quando a rotina econômica é rompida e apresenta dificuldades que devem ser ultrapassadas. Tais dificuldades, que fazem o líder empresarial se manifestar, podem ser agrupadas em três tópicos:

1. quando a situação se apresenta fora dos trâmites costumeiros, isto é, quando as normas usuais de conduta não mais são vigentes e devem ser alteradas. Esta situação se apresenta principalmente quando se pretende implantar novas combinações. O bom êxito vai depender da intuição, da capacidade de prever e avaliar. Um bom conhecimento do ambiente social e natural ajuda a ter o controle dos fatos. Porém, ao se deter na racionalização de minúcias sobre as novas combinações, começa a decair a função empreendedora para ceder lugar à do administrador. Não são todos os gerentes, ou donos de empresa, que desempenham a função empreendedora, se bem que o empresário schumpeteriano acaba por desenvolver as duas funções: como empreendedor, visando o desenvolvimento e como gerente, objetivando o crescimento;
2. quando aprende não só a romper com o tradicional social, mas também a ultrapassar as barreiras criadas na sua própria **psychê**, rompendo com suas próprias forças de hábito através de uma nova espécie de força de vontade. Uma liberdade mental que o tira da preocupação diária e que lhe permite conceber, criar e executar a nova combinação, o que constitui um elemento peculiar e raro;

3. cabe ao líder empresarial saber ultrapassar a resistência criada pela reação do meio ambiente social contra quem deseja realizar uma coisa nova. Essa resistência se manifesta através dos grupos ameaçados pela inovação ou concorrência e na dificuldade de conquistar os consumidores.⁹

Esses três pontos caracterizam a natureza da função, bem como da conduta, ou comportamento, que constitui o líder empresarial; Sendo que a sua tarefa mais difícil é a de ensinar ao consumidor a desejar coisas novas e diferentes. Sobrepôr-se às oposições é uma tarefa de natureza especial. A personalidade, autoridade e força de vontade devem ser fortes para impor o novo, ou seja, não apenas impor um novo produto, mas para criar uma nova mentalidade de aceitação da novidade.

A sua tarefa característica – não só teórica, bem como historicamente – consiste precisamente em romper com a velha tradição e criar uma nova. Conquanto isso se aplique primeiramente à ação econômica, estende-se, igualmente, às suas conseqüências morais, culturais e sociais.¹⁰

Desta forma, o empreendedor pode deixar a sua marca numa época da história, criando um estilo de vida ou sistemas de moral e de valores estéticos, pois é ele quem faz com que as invenções sejam economicamente relevantes. “É nisto que consiste a função do líder: ‘executar aquilo’, sem que as possibilidades se extinguem.”¹¹

Nem todos os líderes possuem o carisma que caracteriza algumas espécies de liderança. A personalidade do empreendedor capitalista não precisa corresponder, e geralmente não o faz, à idéia que a maioria das pessoas possuem da aparência de um líder. Afinal, ao combinar e produzir

algo novo, está influenciando na produção de seus concorrentes, anulando seus lucros, sendo que, o serviço que presta tanto para a economia quanto para a sociedade, só pode ser apreciado e avaliado por especialistas no assunto.¹² Note-se, porém, que:

em todos os casos, o sentido da ação econômica é a satisfação de necessidades, na acepção de que absolutamente não haveria ação econômica, se não houvesse desejos ou necessidades.¹³

Ao satisfazer desejos e necessidades sociais, o empresário utiliza-se de uma forma racional e até egoísta ao visar lucro, para manter o fluxo circulatório da economia em andamento, porém, para satisfazer seus desejos pessoais, o empreendedor nem sempre encontra suas motivações de uma forma racional. Haveria, no caso do líder empresarial, motivações que poderiam ser mencionados como que irracionais, por não constituir no prazer de adquirir o consumo de luxo, mas numa outra espécie de prazer, no sentido de satisfações que dizem mais respeito ao seu aspecto interior.

Mesmo que tenha atingido um certo reconhecimento social e satisfeito seu ímpeto de ascensão na sociedade, o tipo empreendedor não se satisfaz somente com isso; ele anda em busca de dificuldades, transforma pelo prazer de transformar, deleita-se com as “aventuras”. Existe a alegria no criar, no realizar coisas e de colocar em funcionamento as próprias energias e engenhos.¹⁴

É através de sua obra que o empreendedor deixa a sua marca, a partir do momento em que é capaz de produzir a sua criação, ou seja, ao realizar a sua empresa. Nesse processo é que o empresário completa seu ato criador e satisfaz seu desejo de continuidade. Pois, não raro, suas empresas

tornam-se de domínio familiar ao passarem para os descendentes do fundador. Tal desejo fica patente quando Joseph Schumpeter registra:

*Há, antes de tudo, o sonho e a vontade de encontrar um reino privado e, em geral, embora não indispensavelmente, uma dinastia também.*¹⁵

A criação de novas combinações podem ocorrer em empresas já estruturadas, o que as levariam, através de um período transitório de desequilíbrio, à uma nova estruturação e, portanto, ao desenvolvimento. Pode ocorrer, no entanto, surgirem através de novas pequenas empresas, que passam a concorrer no mercado com as já estabelecidas. Pois, mesmo que essas combinações possam ocorrer através de pessoas que não detém o controle dos meios para a sua produção, acabam por juntar-se com indivíduos detentores e provedores do crédito necessário para a concretização de tais criações.

No caso da sociedade capitalista, prover esse crédito é a função nítida daquela categoria de indivíduos que Schumpeter denomina de "capitalistas" e que se utilizam desse processo para forçar o sistema econômico a penetrar em novos canais; para colocar os meios a serviço de novos fins.¹⁶

*Tipicamente, os meios necessários para se começar uma empresa são obtidos tomando-se de empréstimo as poupanças de outras pessoas(...) ou os depósitos que os bancos criam para uso do futuro empresário.*¹⁷

Porém, tanto a possibilidade do nascimento da pequena empresa quanto o tipo de crédito que pode financiá-la, estão inseridos em um processo

histórico e, por conseguinte, em um tipo específico de economia localizada em um contexto determinado.

No Brasil, a passagem da economia agrário-exportadora para uma economia em vias de industrialização, verificou-se com características bastante acentuadas no estágio de um capitalismo incipiente.

Fernando Henrique Cardoso, em sua análise sobre o empresário industrial brasileiro, acentua algumas dessas características ao colocar que a ação empresarial dos pioneiros estava imbuída de um espírito de "aventura". Para obterem uma poupança inicial, eram esses empreendedores dotados de visão e esperteza, com as quais construíram situações de trabalho nas quais as condições técnicas precárias de produção e a força de trabalho eram exploradas até o limite da irracionalidade. Foi através desses "capitães de indústria" que conseguiam "tirar dinheiro de pedra", que surgiram indústrias relativamente importantes.¹⁸

Algumas dessas empresas puderam tornar-se grandes e construir equipamentos mais sofisticados, porque os próprios capitães de indústria obstinavam-se no trabalho para construir suas próprias máquinas de produção: "históricamente, foi deste grupo de industriais que surgiram as pessoas responsáveis pelo início da alteração das condições técnicas de produção no Brasil".¹⁹

Esses empreendedores pioneiros, em geral antigos operários ou técnicos, acumulavam várias funções ao criar uma empresa. Eram técnicos, agentes de compra e venda, chefe de escritório, administradores e mestres de ofício. Foi através desses pioneiros que muitas empresas surgiram, desenvolveram, cresceram e mantiveram sua continuidade por tornarem-se pa-

trimônios familiares. Esse é um padrão que se tornou norma no Brasil e cujas raízes estão plantadas em razões histórico-culturais:

É inegável que a origem da difusão do controle familiar direto sobre as empresas prende-se a razões histórico-culturais: o patrimonialismo das áreas de forte influência da economia agrária, e as unidades econômicas de produção baseadas em "famílias", nas áreas de imigração, somaram-se e pressionaram na mesma direção.²⁰

Torna-se patente a importância do papel desempenhado por esses empreendedores, cuja identidade com o modelo do empresário schumpeteriano fica evidente. Eram homens de visão que se aventuravam ao novo e que, ao construírem seus patrimônios empresariais, agiram como dínamos do desenvolvimento econômico e implantaram a industrialização no Brasil, conseguindo romper com a estrutura tradicional.

No Paraná, o início do século XX também apresentou evidentes mudanças em seu setor econômico, dirigindo-se para um desenvolvimento e transformação de sua comunidade, sob a influência da ação de empresários.

Um exemplo de ação empresarial eficaz é apresentado por Odah Regina Guimarães Costa em seu trabalho "**Ação empresarial do Barão do Serro Azul**", quando registra que desde a segunda metade do século XIX, já assinalava-se a afirmação do espírito empresarial.

Um desses homens de empresa foi, sem dúvida, Ildefonso Pereira Correia, Barão do Serro Azul, cujos empreendimentos além da afirmação da iniciativa privada, contribuíram para o progresso da comunidade paranaense.²¹

O presente estudo pretende demonstrar que a ação de Floriano Essenfelder, tal como um dos pioneiros que se fixaram no Paraná, identifica-se com o modelo do empresário proposto por J.Schumpeter, ao se verificar que atuou no sentido de impulsionar o sistema capitalista vigente, contribuindo para a implantação de combinações novas, dinamizando a vida e a economia paranaense e que continua presente até a atualidade através de sua marca identificada com sua obra – os pianos Essenfelder.

NOTAS DE REFERÊNCIA DO REFERENCIAL TEÓRICO

1. GRAÇA, Arnóbio. Economia política e economia brasileira. S. Paulo, Saraiva, 1962. p.10.
2. REICHMANN, Ernani Corrêa. A empresa. Curitiba, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná, 1956. p.15.
3. _____. p.21-36.
4. SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do desenvolvimento econômico. Trad. Laura Schlaepper. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura S.A., 1961. p.88-9.
5. _____. p.92.
6. _____. p.93.
7. _____. Capitalismo, socialismo e democracia. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro, Zahar, 1984. p.173.
8. _____. Teoria do desenvolvimento..., p.113.
9. _____. _____. p.117-20.
10. _____. _____. p.126.
11. _____. _____. p.121.
12. _____. _____. p.122-3.
13. _____. _____. p.125.
14. _____. _____. p.127-8
15. _____. _____. p.127.
16. _____. _____. p.93-103.
17. _____. Capitalismo... p.33-4.
18. CARDOSO, Fernando H. Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil. 2.ed. São Paulo, DIFEL, 1972. p.142.

19. _____. _____. p.147.
20. _____. _____. p.130.
21. COSTA, Odah Regina Guimarães. Ação empresarial do Barão do Serro Azul. Curitiba, Grafipar - Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981. p.74.

1. ALEMANHA

1.1. BERLIM: A FORMAÇÃO DO EMPRESÁRIO

A formação e o amadurecimento da personalidade de Florian Essenfelder, como individualidade, identificam-se com a própria formação e amadurecimento da Alemanha como nação detentora de uma identidade peculiar, conseguindo impor-se entre as nações desenvolvidas de sua contemporaneidade.

Quando Florian Essenfelder nasceu, em 7 de novembro de 1855, ainda não existia a Alemanha como nação unificada. A Confederação Germânica instituída pelos tratados de 1815, como consequência das guerras napoleônicas, não formava propriamente um Estado nacional, mas uma coligação de senhores de pequenos Estados, praticamente dominados pela Áustria.

Vários movimentos nacionalistas de cunho liberal foram abafados a favor dos conservadores monarquistas. Como exemplo, o movimento revolucionário de 1848, que pretendia impor uma constituição e um parlamento para uma possível Alemanha unificada, tendo à frente a Prússia como defensora do nacionalismo alemão. A coroa imperial, oferecida a Frederico Guilherme IV, rei da Prússia, fora recusada e o movimento terminou com a intervenção do exército prussiano. "O nacionalismo liberal foi superado e o povo conduzido pela herança de disciplina, autoridade e eficiência da Prússia."¹

Florian nasceu em Friedland, na parte oriental do Reino da Prússia, então dividido em duas partes. A Prússia Ocidental era constituída pela parte norte da atual Alemanha, posteriormente anexando o sul e a parte oeste – a Confederação do Reno. Sendo Berlim, uma de suas cidades mais desenvolvidas, passou a sediar a capital do reino. A Prússia Oriental era uma extensão de terra situada entre a Polônia e a Lituânia e pertencente ao reino desde o século XIII, quando fora doada à Ordem Teutônica – uma associação de monges-soldados alemães – pelo duque polonês de Cujávia, para que fosse cristianizada. Após a Segunda Guerra foi repartida entre a União Soviética e a Polônia. A cidade de Friedland, hoje denominada Pravdinsk, pertence ao lado soviético.

Foi na década do nascimento de Florian, que a Prússia emergiu como potência econômica e com uma identidade nacional e política. “São os interesses de ordem econômica que vão determinar, nestas duas décadas (1850/60), a centralização da nação alemã e o crescimento do nacionalismo como doutrina política aliada ao estado autoritário”.²

A infância e juventude de Florian Essenfelder ocorreram paralelas ao movimento de nacionalismo e patriotismo, que uniram os alemães nas três guerras que marcaram a unificação da Alemanha e a política do ministro Bismark: em 1864, contra os ducados de Schleswig e Holstein; em 1866, contra a Áustria; e, em 1870, contra a França. Finalmente, em 1871, o Império Alemão foi instituído, sendo liderado pela monarquia prussiana, da qual os príncipes germânicos se tornaram vassalos. O rei prussiano foi proclamado Kaiser (Imperador), com o título de Guilherme I da Alemanha, Bismarck o seu primeiro ministro e o governo central sediado em Berlim.

A cidade de Berlim havia se tornado um ponto de integração para o povo e o eixo das atividades políticas, econômicas e culturais. Desde o Zollverein, o estabelecimento da União de Direito Alfandegários da Alemanha em 1834, Berlim tornara-se o centro de uma região econômica que se estendia muito além das fronteiras da Prússia. Grande estímulo fora dado às indústrias e às empresas de negócios que surgiam, contribuindo para aumentar o prestígio da cidade.³

Possuía cerca de 825.000 habitantes, quando se tornou capital do Império Alemão, crescendo em 60% entre os anos de 1870 e 1880, chegando a enfrentar uma escassez de habitações. Porém, “a cidade experimentou também nessa época um substancial progresso no setor educacional em benefício de todos os habitantes.”⁴

Estes podem ter sido alguns dos problemas, ou benefícios, que Florian Essenfelder vivenciou ao chegar em Berlim, pois, em 1875, já ingressava como aprendiz na indústria de pianos Bechstein, como relata sua neta Esther Essenfelder Cunha Mello, em seu livro “**A história dos pianos Essenfelder**”:

Em Berlim, tive a grande satisfação de visitar a “Fábrica de Planos Bechstein” onde meu avô Florian Essenfelder fora mestre, há 100 anos. Ele vinha desenvolvendo lá o seu talento na construção de pianos, na fase dos 20 aos 27 anos de idade num local próximo à zona oeste da cidade.⁵

Através da data do depoimento, 1980, em que a Fábrica Bechstein completava 125 anos de existência, infere-se que fora fundada, coincidentemente, no ano de nascimento de Florian. Tratava-se de uma das inúmeras indústrias que circundavam Berlim e que transformaram a cidade-capital em

um poderoso polo econômico da Alemanha, expandindo sua atividade a nível internacional e equiparando-se às grandes potências da época, Inglaterra e França.

Em seu trabalho sobre Berlim, Wolfgang Hans comenta que criara-se na cidade “uma superabundância de energia, de movimentação.”⁶ Mencionando os tipos de pessoas que para lá afluíam, descreve-os como “homens ativos e empreendedores que não tinham medo de enfrentar o desafio econômico da época.”⁷ Esses homens ativos e empreendedores eram como que “guerreiros” da economia, conclamados para o engrandecimento da pátria. Esse tipo de postura deve ter influenciado na formação de Florian e deixado sementes que frutificariam posteriormente, quando teve a oportunidade de enfrentar seus próprios desafios para afirmar-se como empresário.

O desenvolvimento econômico da Alemanha estava baseado em uma economia capitalista de cunho bastante nacionalista, na qual a cultura possuía uma enorme influência e o Estado poderia, eventualmente, intervir para a promoção de seu poderio. Segundo Giralda Seyferth, tais características eram o resultado da política de poder de Bismarck, que desenvolvera um nacionalismo agressivo, fundamentado em concepções de supremacia cultural, racial, científica e econômica.⁸

Durante a expansão do Imperialismo capitalista, no final do século XIX, a Alemanha procurou estar entre as potências que comandavam a corrida colonialista. A busca de matérias-primas e a conquista de mercados para a colocação de novos produtos se fazia necessária, porém, difícil, por causa da hegemonia dos produtos ingleses e franceses. Os produtos alemães para sobressaírem precisavam de uma característica que os faria impor-se,

assim, passaram a se identificar com a sua concepção de supremacia, procurando ser exaltados como os “melhores”. Desta forma, um produto “made in Germany” deveria ser sinônimo de qualidade.

Assim, na Alemanha, uma poderosa indústria se desenvolveu rapidamente com a benevolência do Estado, tornando-se a primeira potência industrial do continente europeu, porém, conservando em sua economia uma identidade própria. Segundo G. Seyferth, a indústria alemã, no período imperial, foi muito mais nacionalista do que capitalista, combinando elementos feudais e nacionais.⁹

Desta forma, não é de se estranhar o cargo de “mestre” atingido por Florian. A fábrica Bechstein ainda trazia em sua estrutura o sistema artesanal de corporações – mestre-aprendiz – que predominava na conjuntura feudal. Seu aprendizado durou quase dez anos, desde que entrara na fábrica com cerca de 20 anos, até quando se aperfeiçoou na fabricação de pianos, conseguindo se fazer “mestre” de instrumentos musicais aos 27 anos, em 1882.¹⁰ Muito marcante deve ter sido essa sistemática na sua formação técnica e profissional, pois que ele a adota posteriormente para formar especialistas em sua própria empresa.

Berlim não se tornara apenas o centro político e econômico da Alemanha, representava também um importante centro cultural, que atuava na formação do espírito alemão. A política nacionalista de Bismarck despertava adeptos em todos os setores, e o cultural era um dos mais importantes para a propagação ideológica da supremacia do Império Alemão.

Vários foram os escritores e filósofos que contribuíram para a formação do nacionalismo alemão, dentre eles, Goethe, Herder, Hegel, Fichte e outros. Bismarck inspirou sua MACHTPOLITIK na teoria do Estado Nacional

de Hegel, que “supervalorizou o Estado que para ele, incorpora a razão, a moralidade e é a fonte de toda a lei e ética – uma superpersonalidade cuja principal essência é o poder.”¹¹ Fichte contribuiu com a idéia da valorização da nação como elo de ligação entre os indivíduos e o Estado, ligando-a à supervalorização da língua alemã, pois só os alemães falam uma língua original, o que lhes daria uma superioridade cultural.¹²

Berlim era a terceira maior cidade da Europa. Era limpa, a população disciplinada, a polícia eficiente e o vício agressivamente perseguido. As universidades e escolas alemãs eram as mais admiradas, os seus métodos de educação considerados perfeitos e copiados por outros países. Até sua arquitetura procurava demonstrar que era ela a sede do Império:

Os seus principais edifícios públicos, ruas e praças, construídos ou reconstruídos depois de 1870, para corresponder convenientemente ao novo sentimento de grandeza nacional eram pesadamente pretenciosos e ostentavam dourados.¹³

Igualavam-se, em quantidade, aos edifícios administrativos, os dedicados à cultura, dentre eles os teatros de ópera, salas de concertos e academias musicais.

Dentre as artes, que melhor procuravam demonstrar o espírito alemão, era no setor da música que a Alemanha tinha produzido mestres universais, num desfile que ia de Bach, Mozart, Beethoven, Brahms, Liszt e que “culminava com Wagner cujo dogma de “fusão das artes” se transformaria no culto a que os estrangeiros se associariam com fervor”.¹⁴ Acreditavam os alemães que sua soberania musical continuaria para sempre, sem perigo de séria concorrência de outros países, pois:

*A "kultur" alemã, aos olhos dos alemães era a herdeira da Grécia e Roma, e a população considerava-se a si própria a mais bem educada e de melhor cultura entre todos os povos.*¹⁵

A música que despontava na época em que Florian viveu na Alemanha era muito mais do que simples melodias, trazia em si aspectos que despertavam a lealdade à cultura, ao povo, à nação, enfim, à supremacia do alemão. Contemporâneo de Florian, o filósofo Nietzsche, que tão bem soube traduzir o espírito da sua época, a define "como um suplemento da linguagem: numerosas excitações e estados inteiros de excitação que a linguagem é incapaz de representar são reproduzidas pela música."¹⁶

Quando Florian deixa a Alemanha em 1889, um novo compositor se fazia reconhecido como mantenedor da supremacia musical obtida por Wagner. Tratava-se de Richard Strauss, que, ao musicar a obra de Nietzsche "Also Sprach Zarathustra", popularizou a idéia do Super-Homem, apregoada pelo filósofo e que iria impressionar profundamente o povo alemão.

Florian não passou indiferente à influência de sua época, marcada pelo romantismo, nacionalismo e realismo, pois foi pela música que se apaixonou e dedicou sua vida. Porém, além de ser um campo rentável, pois toda a Alemanha respirava musicalmente, como coloca Tuchman: "era difícil encontrar um alemão que não pertencesse à uma sociedade coral ou a um conjunto instrumental e não passasse as suas noites ensaiando CANTATAS depois de várias canecas de cerveja,"¹⁷ para Florian, a música "era muito mais que uma bem remunerada profissão. Significava um gesto de amor e dedicação."¹⁸

A postura “prussiana”, predominante no Império Alemão, não se encontrava apenas no nacionalismo que impregnava a política, a economia e a arte, mas a própria conduta dos alemães refletia o espírito militarista de despojamento e ordem. A frugalidade prussiana restringia a elegância e as mulheres não seguiam a moda. “Tinham figuras sólidas, formas agrestes e usavam o cabelo puxado para trás num rolo de tranças.”¹⁹

Talvez, tenha sido esse o aspecto com que Maria Wilhelmina Amelie Jacomowski se apresentara a Florian. Maria Jacomowski era também, natural da Prússia Oriental, da cidade portuária de Königsberg, atual Kaliningrad (Rússia). Da mesma forma que Florian, provinha de uma família católica. “Mamãe Maria era muito religiosa.” Afirma sua filha Carlota, “Isso nós víamos e deu para sentir bem melhor pelas várias bíblias que deixou e pelas cópias manuscritas dos salmos, que mais lhe tocaram a fé”.²⁰

Ser católico em Berlim, nessa ocasião, era bastante embaraçoso, pois a religião predominante ao norte da Alemanha era o luteranismo, incentivado pela política de Bismarck. Através de seu movimento conhecido como “Kulturkampf”, anticlericalista, Bismarck procurou, através de leis e decretos, enfraquecer a influência dos católicos, que na Alemanha formavam um poderoso partido político, o qual, ao obter maioria no Parlamento, enfraquecia a política do Primeiro Ministro. O movimento perdurou entre os anos de 1872 a 1886, quando por necessidade de estratégias políticas, Bismarck necessitando do apoio do partido católico contra os socialistas em ascensão, revogou as leis e relaxou a perseguição aos católicos.

Deste modo, não era de se estranhar que, tanto Florian quanto Maria, provinham da mesma região e religião. Provavelmente, com as hostilidades ao catolicismo, teria sido comum que as comunidades afins se

apoiassem e aprofundassem esses vínculos através de casamentos. Assim, em novembro de 1885, ainda durante o funcionamento das leis anticlericais, Florian, com 30 anos, casou-se com Maria Jacomowski. É sua filha primogênita, Carlota, nascida em Berlim em 1887, quem relata sobre essa época: “Papai, reunindo frequentemente os filhos, nos contava dos tempos felizes em que, recém-casados, ele e mamãe moravam em Berlim, Na Holzmarkt Strasse, nº 10, próximo de Janowitzerbrücke”.²¹

A Alemanha, entre 1885 a 1889, anos que Florian ainda permaneceu nela vivendo, passou por um período de estabilidade, crescimento e paz através da política expansionista imperialista e da Realpolitik – equilíbrio entre pressões – de Bismarck. Uma vez mais reflete-se na vida de Florian a história da Alemanha, pois também ele passou por um período de estabilidade, crescimento e paz. Trabalhava na fábrica Bechstein como um funcionário conceituado e com grande experiência em fabricar pianos, sua família aumentou com o nascimento do segundo filho, Floriano Helmuth, em 1889 e, integrava diversas sociedades filantrópicas, o que evidenciava seu espírito humanitário.²²

Estabilidade era também a palavra que definia a sociedade alemã, porém, era dura e melancólica, devido à falta de contato entre as suas rígidas categorias. Os negociantes, comerciantes, homens de profissões liberais e artistas não se misturavam socialmente com a nobreza e nem entre si. Cada KREIS, a que pertencia um alemão, não podia ser ultrapassada em suas divisórias. Conviver, receber ou casar fora do “KREIS” (classe) levava à desordem, a coisa que os alemães mais temiam.²³

Não romper tal estabilidade, porém, limitava a mobilidade social. Tornava-se mais difícil às pessoas concretizar seus sonhos, pretensões, ou

aspiração de ascensão. Talvez, essa falta de perspectiva e mobilidade tenha sido uma das pressões que começou a aflorar na vida de Florian. Um pai, que vivenciava grandes ideais e concretizações, atuava nos ânimos de homens como Florian, pois nem a sua “bem estruturada posição de família, no entanto, não lhe ofuscava a chama que ardia ao peito de vir à América e aqui fabricar os seus próprios pianos.”²⁴

“Fazer a América” era o sonho de muitos europeus, que, movidos pelos mais diversos motivos, tais como: falta de liberdade religiosa, pagamentos de altas taxas, impossibilidade de adquirir terras e falta de oportunidades, emigravam para as Américas.

No entanto, o que pressionou Florian mais decisivamente rumo à realização de seu ideal foi sua saúde debilitada, pois “sentindo problemas de saúde por continuar vivendo em clima frio, este fato contribuiu para sua definição em conhecer a América, onde o clima é tropical.”²⁵

A doença que motivou a radical transformação na vida de Florian deve ter sido bastante séria*, pois em 1913, vinte e quatro anos depois de sua saída da Alemanha, em uma entrevista concedida pelo próprio Florian ao escritor Nestor Victor e publicada em seu livro “**A Terra do Futuro**”, ainda é feita referência a ela:

*O Sr. Essenfelder veio para a América do Sul por imposição médica, devido a uma moléstia que lhe poderia ser fatal na Alemanha e da qual ainda lhe restam sérios symptoms, embora já não sejam alarmantes.*²⁶

Para partir, deve ter esperado apenas o momento oportuno, devido ao fato de sua esposa estar grávida, pois em junho, apenas um mês após o

* Não foi possível obter o nome da doença nos documentos pesquisados.

nascimento de seu segundo filho em maio, "juntamente com a esposa e seus dois filhos, despediram-se dos parentes e da Alemanha, saindo da residência na Rua Holtzmarket Strasse, nº 10, em Berlim, para singrar os mares do Atlântico Sul, aportando em Buenos Aires, em junho do mesmo ano."²⁷

Em sua bagagem Florian trazia muito mais do que apenas uma grande quantidade de malas. Obtivera uma certa segurança para a família que o acompanhava, ao ser recomendado pela fábrica Bechstein como técnico de pianos junto à firma Drangosch sua representante em Buenos Aires.²⁸

Porém, nada se comparava à riqueza da bagagem cultural que trazia em sua própria pessoa e que era seu capital mais precioso – a vivência de tudo o que aprendera em seus 34 anos de vida na Alemanha.

Sua bagagem cultural era rica, pois acompanhara o processo de nascimento de um império e sua transformação de sistema feudal para uma das grandes potências européias, através da implantação de uma economia baseada no capitalismo industrial, então emergente na Europa. Presenciou o nascimento de grandes indústrias, acompanhando o desenvolvimento da importante classe dos empreendedores, que surgiam e contribuíam para o desenvolvimento do Império. Sua Própria vivência em uma indústria permitiu, além de aprender uma profissão técnica, conhecer o seu funcionamento. Condições essas, tão necessárias nas Américas e que muito o ajudaram ao desempenhar sua função como empresário, em um país que então se industrializava, copiando os moldes europeus. Trazia uma educação que fora impregnada de arte, literatura, música, pois vivera em um dos mais importantes centros culturais europeus. Desenvolvera, também, um espírito comunitário ao participar de associações filantrópicas e religiosas.

Sua vivência identificava-se com o nascimento de uma nação vencedora. Era a história de um ideal que se tornara realidade. O ideal dos alemães era unificarem-se em uma nação e a Alemanha aprendera que um dos caminhos para essa vitória era a necessidade de se afirmar culturalmente. Deste modo, a Alemanha havia conseguido abrir caminho no mundo, com o melhor produto, seu símbolo de qualidade. Tal ideal foi meta que marcou Florian e que ele sempre perseguiu. Seu produto, que levaria seu nome, deveria ser um símbolo de qualidade.

Florian trazia, enfim, em sua bagagem o que germinara em terras alemãs – um ideal – e que poderia ser o descrito por um jornalista, quando o homenageava por ocasião de sua morte:

O moço sonhador sentiu, um dia, que azas poderosas e faiscantes flafiavam-lhe n'alma, sacudindo-a nervosamente. E com todo o luar mysterioso do Rheno e todas as narmonas (sic) errantes do Danúbio a enchela de nevons douradas e de balladas azues – alongou os olhos para o horizonte, e adivinhou, para além delle, acennos amaveis e seductores. E assim, heroico e intrépido, com os olhos na sua estrela, abalou da terra natal. "A musica é a maneira de pensar da alma allemã", e palpitante e transbordante della vive a nação guerreira e gloriosa. Partiu o moço sonhador...²⁹

NOTAS DE REFERÊNCIA DO CAPÍTULO 1

1. SEYFERTH, Geralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p.29.
2. _____. p.29.
3. HANS, Wolfgang. A história de Berlim como capital da Alemanha. In: ROBSON, Charles B., org. Berlim: pivô do destino alemão. Trad. Sérgio Moraes Rego. Rio de Janeiro, Ed. Letras e Artes, 1962. p.17.
4. _____. p.20-1.
5. MELLO, Esther Essenfelder C. A história dos pianos Essenfelder. Curitiba, 1982. p.67.
6. HANS, p.25.
7. _____. p.25.
8. SEYFERTH, p.33.
9. _____. p.34.
10. MELLO, p.7.
11. SEYFERTH, p.30-1.
12. _____. p.22.
13. TUCHMAN, Barbara W. A torre do orgulho. Trad. João P. Bastos. Portugal, Ed. Ibis, 1969, p.304-5.
14. _____. p.294.
15. _____. p.293.
16. NIETZSCHE, Friedrich. O livro do filósofo. Trad. Ana Lobo. Porto, Rés Ed., 1984. p.59.
17. TUCHMAN, p.294.
18. MELLO, p.7

19. TUCHMAN, p.305.
20. MELLO, p.45.
21. _____. p.45.
22. _____. p.7.
23. TUCHMAN, p.305.
24. MELLO, p.7.
25. MELLO, p.7.
26. VICTOR, Nestor. A terra do futuro: impressões do Paraná. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, 1913. p.154.
27. MELLO, p.8.
28. MELLO, p.8.
29. CORREIA, Leoncio. Os pianos paranaenses. A Republica, Curitiba, 28 mai. 1929. p.1.

2. ARGENTINA

2.1. BUENOS AIRES: O NASCIMENTO DE UM IDEAL

A trajetória de Florian Essenfelder, que se iniciara na Prússia Oriental, o levava à Argentina, após uma longa permanência de aprendizados em Berlim, na Alemanha. Sua chegada à capital Buenos Aires é assim concebida pelo jornalista Leoncio Correia:

Por uma manhã luminosa e bella aportava a Buenos Aires, então uma desgraçosa cidade de viellas estreitas e acanhado casario. Mas, não tendo encontrado na capital portenha a espiga de ouro por que anhelava abandonou-a dentro em pouco.¹

Florian Essenfelder chegou a Buenos Aires em junho de 1889. Trazia consigo sua esposa, dois filhos e a perspectiva de uma vida nova, caso melhorasse de sua saúde, em um país novo e diferente. Permaneceu por 13 anos na Argentina, período em que ocorreu o despertar de seu potencial, transformando-o em um empreendedor autônomo. “A decisão de Florian Essenfelder de vir para a América do Sul, em 1889, pode ser considerada como o início da História dos Pianos Essenfelder.”²

Não fora, porém, uma decisão de cunho aventureiro. Florian possuía uma personalidade que foi descrita por seu filho Frederico como a de um “profissional exímio, homem culto e de temperamento vigoroso”, além de possuir tendências idealísticas e um espírito de luta.³ Porém, através de seu

modo de agir sempre demonstrou ser um homem cauteloso, perseverante e ponderado. Era ousado e criativo, mas, não um aventureiro.

A escolha de Buenos Aires deveu-se, em parte, ao fato de que a Indústria Bechstein possuía nessa cidade um representante. Desta forma, Florian poderia mudar-se de cidade e país, contando com uma segurança e estabilidade profissional e familiar, pois continuaria com um emprego e um vínculo com a indústria alemã. Ao chegar em Buenos Aires “tomou seu posto de técnico em pianos, na firma ‘Drangosh’, então representantes dos ‘Bechstein’ nessa cidade.”⁴

Outro motivo para a escolha de Buenos Aires foi o da necessidade de um clima menos rude para a sua saúde e a Argentina possuía um clima considerado temperado. Um terceiro e importante fator foi o de que nessa cidade Maria Jacomowski Essenfelder possuía parentes, como relata, neste trecho, sua neta em entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som:

Então, a maior parte dos estrangeiros aportava em primeiro lugar em Buenos Aires. E meus avós também assim fizeram. A mãe de vovó já estava residindo em Buenos Aires com a outra filha casada. Eram só duas filhas. Foi aí, então, o primeiro lugar de residência.⁵

Deste modo, Florian contava com o apoio de parentes de sua esposa, já radicados em solo argentino e que puderam fornecer uma ajuda ao casal, oferecendo um respaldo em seu período de adaptação no novo país. Com efeito, esse foi um período em que ocorreram grandes transformações em suas vidas e toda ajuda seria necessária. Sua estadia em Buenos Aires foi repleta de acontecimentos marcantes, tanto de cunho profissional, quanto em sua vida particular e familiar.

Uma vez estabelecido, Florian passou a vivenciar as contingências sociais, políticas e econômicas que moldavam a história da Argentina.

Em 1889, as violentas guerrilhas entre os estancieros-caudilhos e os portenhos – representantes de Buenos Aires – já haviam ficado para trás. A disputa pelo poder político se travava nas urnas. Buenos Aires, a mais importante cidade do país, sua capital, contava com uma vida mais cosmopolita e progressista. Possuía o porto de entrada e saída de todos os produtos, assegurando sua riqueza e superioridade comercial. Sua importância é visível para Ricardo Levene, historiador argentino, quando escreve:

A experiência histórica havia demonstrado que só era possível governar a república, da cidade de Buenos Aires, que tinha o prestígio de sua tradição secular e a extraordinária importância econômica que lhe dava seu porto.⁶

Por ser Buenos Aires uma cidade progressista e repleta de oportunidades, era, também um centro de especulações financeiras. Durante o governo do Presidente Miguel Juárez Celman, cuja administração permitiu que uma febre de riqueza excessiva e falsa animasse e impulsionasse o jogo especulativo, é que o país foi levado a um desastre financeiro.⁷ Quando Florian nela se estabeleceu, passava por uma grande crise econômica que teve seu ápice em 1891.

Os anos que precederam a 1890, foram, para o país, um período de muitas especulações. O governo dava sinais de corrupção e a crise agravava-se com vários escândalos, como o dos bancos e emissões não garantidas. Segundo R. Levene, “o governo sofria os efeitos do abuso do crédito e se via obrigado a lançar novas emissões de papel moeda.”⁸ Encontrava-se já no ar, continua R. Levene, o prenúncio da crise que:

se acusa energicamente em 1890, em cujo momento se obscurece o horizonte do país e uma grande febre de especulação e riqueza aumenta a corrupção (sic) imperante, fatos que, somados a outros antecedentes, explicam o estalido da revolução que tem profundo sentido moral.⁹

A revolução de 1890 depôs o governo de Juárez Celman, que foi substituído pelo seu vice-presidente, Carlos Pellegrini, cuja preocupação foi estabilizar e sanear a economia do país.

Foi em meio a estes acontecimentos conturbados e de uma economia pouco promissora que Florian iniciou sua jornada rumo à realização de seu ideal. Exatamente no ano de 1890 colocou em andamento a concretização de sua obra, quando construiu o seu primeiro piano.

No dia em que decidiu trocar seu emprego, no qual possuía “uma posição cômoda de funcionário de categoria de uma importante firma comercial argentina por uma luta incerta,”¹⁰ nasceu o empreendedor Florian.

Apesar de começar seu empreendimento em uma época em que a economia especulativa ainda imperava, Florian não foi contagiado por sua febre, como muitos oportunistas o fizeram. Seu caminho seguiu um outro estilo, marcado por um agir ponderado. Tal estilo, no entanto, não o impediu de agir com ousadia e arrôjo ao querer implantar

uma indústria tão delicada como é a de pianos, num meio destituído de recursos técnicos, falho de matérias primas indispensáveis e onde o interesse predominante residia na agricultura e pecuária.¹¹

Em 1890, a economia argentina predominantemente baseava-se na pecuária, que fora a riqueza principal em uma primeira etapa e, ainda

procurava firmar-se na agricultura, considerada uma segunda etapa, beneficiada pela recente estrada de ferro, que unia as províncias à capital. A indústria de transformação compunha-se de alguns produtos alimentícios, bebidas e fumo, de algumas manufaturas têxteis e de couro e na produção de substâncias e produtos químicos e farmacêuticos. Segundo R. Levene, “desde o começo deste século estamos percorrendo a terceira etapa em que a Argentina é um país agrícola, pastoril e industrial ao mesmo tempo,”¹² ou seja, abrindo-se perspectivas para a aplicação dos mecanismos típicos do sistema capitalista.

O projeto de Florian era bastante ousado e “delicado” para esse momento, pois, mais do que apenas uma indústria que surgia, era a expressão da mentalidade que acreditava na implantação de um capitalismo industrial. A política governamental era, então, totalmente direcionada a favor dos estancieros. Apenas a partir da revolução de 1890, com o aumento do poder da oposição e maior participação dos portenhos na política, é que se intensificou uma economia mais voltada ao desenvolvimento industrial.

Florian não foi o primeiro a tentar implantar uma fábrica de pianos em solo argentino. Tal experiência já havia sido levada a efeito por Gustav Breyer, um membro da família que constituía a firma “Breyer Hermanos”, renomada casa Editora e tradicional importadora de pianos de Buenos Aires. Assim, comenta Frederico Essenfelder sobre esta experiência,

*não desejando mais enfrentar os contra-tempos e aborrecimentos que a fabricação de pianos impunha a quem, naquela época, se dispuzesse a levar adiante tal empreendimento, transferiu-se para Hamburgo donde, mais tarde, mandava os mesmos pianos de sua própria fabricação à casa em Buenos Aires, que se encarregava de vendê-los aos seus patrícios que não lhe negavam reverências, pois sabiam, agora sim, que tinham atravessado o oceano, o que, a seu juízo, era a principal recomendação...*¹³

Dois aspectos ressaltam desse texto. Em um primeiro momento, refere-se aos contratempos e aborrecimentos que se impunham à fabricação de pianos, que, sem dúvida, dizem respeito à necessidade de se encontrar as matérias primas necessárias, como já havia sido mencionado pelo próprio Frederico Essenfelder, em trecho anterior, ao referir-se ao meio destituído de recursos técnicos e carente de matérias primas.

Ao construir seu primeiro piano, Florian deve ter esbarrado nesses “contratempos”, pois teria efetuado um profundo estudo em busca do material necessário à fabricação de seu piano. Era seu objetivo arranjar materiais que se adequassem ao clima, pois a durabilidade do piano se deve ao material resistente e bem curtido para que não “trabalhe”, deslocando a precisão das peças. Suas pesquisas não terminaram ao fabricar seus primeiros pianos. Por toda a sua vida esteve preocupado e pesquisando materiais cada vez mais adequados, chegando até a mudar-se de locais em busca da sua principal matéria-prima – a madeira.

Seu primeiro piano construído foi do tipo vertical, com 1,42m de altura e que por muito tempo iria fazer parte da sua linha de produção como Modelo “C”, pois “a disposição da parte acústica desse modelo, demonstra profundos conhecimentos técnicos e profissionais.”¹⁴

Outras dificuldades tiveram de ser ultrapassadas, como as de adaptações de peças de acordo com as deficiências locais devido à falta de recursos técnicos. Grande deve ter sido sua criatividade nesse momento, pois chegou a inventar e patentear mecanismos e máquinas, nascidas da necessidade, e que foram utilizadas por vários anos, recebendo apenas aperfeiçoamentos de acordo com a tecnologia mais avançada.

Essas dificuldades, que foram ultrapassadas pela criatividade de Florian, parecem ter sido um dos fatores que levou G.Breyer a se transferir para a Europa, evidenciando-se, assim, a persistência do novo empreendedor ao enfrentar e superar as dificuldades.

O outro aspecto que pode ser percebido no trecho acima e também vivenciado por G. Breyer, era o da mentalidade predominante de que um produto importado da Europa, “que tivesse atravessado o oceano”, era o melhor. Contra tal mentalidade, Florian não lutará apenas na Argentina, mas durante sua vida inteira. E foi exatamente para mudar tal mentalidade que ele colocou em ação toda a sua determinação de empresário, fazendo com que surgisse um dos seus maiores méritos. Para ultrapassar tal mentalidade, utilizou-se do que aprendera na Alemanha, quando esta se impôs ao concorrido mercado internacional, procurando identificar o nome e o produto com o da marca de “alta qualidade”.

Ficou o ano de 1890 considerado o ano de fundação da indústria de pianos de Essenfelder, porém, muito mais em consequência da construção de seu primeiro piano do que pela instalação de uma indústria propriamente dita. A “indústria” de pianos de Florian Essenfelder era ainda um empreendimento que apenas se iniciava, deste modo, apresentava características bastante similares às aquelas que vão surgindo dentro de um contexto histórico face a um capitalismo industrial bastante incipiente. Iniciou-se de maneira familiar e doméstica, possuindo característica artesanal, ensinando e treinando seu pessoal através do sistema de corporação – mestre-aprendiz – pelo qual fora treinado na Alemanha.

Para se instalar uma indústria era necessário uma quantia razoável para capital inicial, porém, Florian não recebeu nenhuma ajuda do governo

argentino, por estar este ainda envolvido no controle da crise econômica surgida e, nem dos capitalistas locais, mais preocupados com assuntos relacionados com trigo e gado. Florian teve que seguir o caminho que muitos imigrantes percorreram para iniciar seus negócios nos quais acreditavam, isto é, com um capital acumulado através de poupança, com ajuda de parentes e algum crédito na praça, visto que “não esmorecia no seu intento. Lutava com o máximo dos esforços, mesmo sem contar com recursos financeiros próprios e sem conseguir despertar o interesse do governo ou dos capitalistas locais.”¹⁵

Fica patente que essa falta de apoio se prendia à mentalidade dos capitalistas locais, que apostavam mais na economia tradicional do que investiam na “aventura” de uma indústria. Porém, podia-se constatar tratar-se de um bom negócio e de que existia mercado para pianos, através do comentário de Frederico Essenfelder, ao relatar a luta de seu pai com os seus concorrentes:

*Enquanto êsse homem esforçado lutava contra uma verdadeira avalanche de pianos franceses e alemães que inundava o mercado argentino, nenhum interesse era notado por parte do govêrno ou de capitalistas a não ser em assuntos relacionados com trigo e gado.*¹⁶

Quando Florian deixou seu emprego e começou a construir seus pianos, foi por estar confiante em seu trabalho e, mesmo consciente de que seria um desafio e que imprevistos e dificuldades surgiriam, esperava viver e sustentar sua família com o lucro de seu trabalho. Possuía esperança em seu projeto, pois o piano era parte essencial da cultura e educação nessa época e Buenos Aires era uma cidade com mercado propício, visto a quantidade de

pianos estrangeiros que lá chegavam. Assim, novos pianos foram sendo construídos.

Florian não esmorecia em seu trabalho e continuou a aumentar o número de pianos produzidos à medida que sua família também crescia. Em 1891, nascera Frederico; em 1894, Carlos; e em julho de 1895, nascia seu quinto filho, Ernesto. Foi em novembro desse mesmo ano que “incentivado pela aceitação dos seus pianos, patenteou em Buenos Aires a sua obra sob nº 19 – categoria 38, patente para indústria e venda de pianos.”¹⁷ O documento indica também que nesse período sua indústria estava estabelecida na Rua Rivadavia nº 1708.¹⁸

Seus pianos deixavam de ter qualquer cunho de uma experiência e passavam a ser produtos que concorriam igualmente como qualquer outro pelo mercado. Sua qualidade é ressaltada, ao mesmo tempo que ganha um cunho nacionalista, ao ser publicado um artigo na revista “La Produccion Nacional”, nº 29. ano II de 1896, em Buenos Aires, e citada em “**A História dos Pianos Essenfelder**”, como um dos mais antigos atestados de reconhecimento da qualidade dos pianos:

*Hablado dos instrumentos construídos por Essenfelder, um perito tan competente como el señor Alberto Gutiérrez ha dicho: “El piano que hemos examinado modelo perpendicular de sala, reúne em grado satisfactorio todas las condiciones de um instrumento tello y durable. Diremos, por lo que respecta á la estética del instrumento, que la calidad de su sonido es hermosa y homogénea en toda la extensión del diapasón”.*¹⁹

Sua filha caçula, Margarida, nasceu em 1897, ano em que Florian se entregava a novas criações ousadas. Uma vez que chegara a aprimorar um estilo de produto, procurava abrir mercado para um novo estilo. Montava com seu esmero artesanal um piano para concertos, um piano de cauda, o

primeiro construído na América do Sul, com 2,05m de comprimento. Tal produto lhe trouxe renome nacional ao participar da Exposição Nacional Argentina, em 1898, como relata Frederico Essenfelder, presente na ocasião:

Assisti, como menino que era, ao general Júlio Rocca, então presidente da República Argentina, abraçar o bravo pioneiro ao mesmo tempo que lhe entregava o prêmio conferido pelo júri da Exposição.²⁰

O “Grand Prix de Buenos Aires” foi a coroação do esforço empreendido por Florian para a concretização de seu ideal e a afirmação de seu desempenho como empresário. Era o reconhecimento do sucesso obtido na implantação de uma indústria, nas palavras de seu filho Frederico, tão “delicada” como é a de pianos.

“Delicada” por ser implantada em um momento em que a sociedade argentina passava por uma crise econômica, mesmo assim, Florian iniciou seu empreendimento; “delicada” devido à falta de apoio e capital de que necessitava, tanto do governo quanto dos homens de negócio, sendo esse problema contornado; “delicada” por ter de se impor à uma mentalidade que favorecia o produto importado, ainda assim, ela abriu o mercado para novos produtos – dois tipos de pianos; “delicada”, mas suficiente para reforçar a mentalidade endereçada ao progresso industrial, num momento em que a economia estava toda voltada ao incentivo agro-pastoril; “delicada” por ter que lutar contra a falta de matérias-primas e de recursos técnicos necessários, sendo que mais uma vez tais problemas foram contornados através de pesquisa e descoberta de novos materiais, pela criação de mão-de-obra necessária especializando técnicos e pela invenção de máquinas, elaboradas pelo próprio Florian; e “delicada” por ser o piano um artigo não acessível a

toda população, mesmo sendo tão essencial para a cultura da época, e, novamente Florian oferecia duas opções: o modelo de armário, vertical, mais acessível, e outro de luxo, com cauda, procurando satisfazer a necessidade da sociedade. Já havia decorrido oito anos desde a implantação da sua indústria, com a construção de seu primeiro piano, e já possuía um prêmio pela qualidade de seu produto.

Nota-se, através de seus atos e conquistas, que nesse primeiro período de suas atividades, já começava a delinear-se as características do empresário schumpeteriano. Florian conseguira que fosse aceito um novo produto no mercado, ao mesmo tempo que abria esse mercado para o novo bem; conquistara novas fontes de suprimento de matérias primas através de suas pesquisas; ao implantar seu produto e indústria, rompeu com a mentalidade tradicional que estava voltada para produtos estrangeiros e para a economia agro-pastoril; e, sem dúvida, foi criativo ao elaborar suas próprias máquinas, adaptando às suas necessidades. Enfim, buscou satisfazer as necessidades sociais, através de tipos diversos de produtos sendo, um mais acessível e outro de padrão luxo.

No entanto, a manutenção de sua indústria tornava-se cada vez mais difícil. Era um período que ainda se ressentia das conseqüências da crise econômica e que deixara “o Estado sem recursos suficientes para satisfazer às necessidades principais do orçamento e à sociedade consumida pela carestia da vida”.²¹

Colocar seus produtos tornava-se cada vez mais difícil, o que levava a situações desagradáveis, como a descrita por seu filho Frederico:

A situação financeira era sempre precaríssima, pois aconteceu até ter sido, esse primeiro piano de cauda fabricado na América do Sul e que motivou o abraço

do Presidente, penhorado pelo senhorio da casa onde morávamos, a fim de cobrar-se dos alugueres atrasados.²²

A situação financeira foi agravada por um acontecimento em sua vida familiar que muito o desmotivou. Apesar de ter Florian mudado de clima por causa de sua falta de saúde, foi sua esposa Maria Essensfelder, quem primeiro veio a falecer, em 1899.

O choque sofrido por meu pai abalou-o profundamente, e a necessidade para o sustento de seus negócios, fê-lo dedicar-se a concertos de pianos e "harmonius", tornando-se ele, afinador dos órgãos das principais Igrejas de Buenos Aires.²³

Nos três últimos anos que ainda residiu em Buenos Aires continuou, mesmo que esporadicamente, a construir pianos de cauda, porém nas palavras de seu filho, tornou-se "insustentável a situação como fabricante de pianos na grande metrópole, cuja frieza lhe roubara o calor do seu entusiasmo moço e idealista."²⁴

Ao choque sofrido pela perda da esposa, juntou-se o desânimo em enfrentar a situação em que a própria empresa se encontrava. A luta ainda se fazia contra a falta de apoio do governo, que privilegiava, através de tarifas alfandegárias baixas, o afluxo do produto importado. O próprio Florian é quem explica os motivos da sua partida de Buenos Aires, em entrevista concedida a Nestor Victor:

*- E por que se mudou de lá? perguntei.
- Máo cambio na ocasião, falta de madeiras, direitos de alfandega baixos, transportes da Europa muito baratos. Como vê, são quatro fortes razões.²⁵*

Surge a oportunidade de deixar a Argentina ao receber uma proposta para associar-se com Wilhelm Trein, homem de conhecida família de Porto Alegre, que “disse dispor de capital para financiar uma fábrica de pianos no Brasil.”²⁶ Florian decidira que era hora de novas esperanças e de um novo recomeçar.

Obteve autorização de saída da terra argentina e, destemido encaixotou ferramentas, modelos e tudo quanto possuía. Acompanhado de sua família e dois operários especializados, transferiu a fábrica para o solo brasileiro, pelo vapor "Aymoré", do Lloyd Brasileiro, aqui chegando em fevereiro de 1902.²⁷

Terminava, assim, um período de 13 anos de permanência em solo argentino e, desta vez, Florian trazia em sua bagagem mais do que apenas expectativas. Trazia uma família maior, um rico arsenal de experiência, pianos – fruto de seu trabalho, – um prêmio e a certeza de suas possibilidades como empresário.

NOTAS DE REFERÊNCIA CAPÍTULO 2

1. CORREIA, Leoncio. Os pianos paranaenses. A Republica, Curitiba, 28 mai. 1929. p.1.
2. MELLO, Esther Essenfelder C. A história dos pianos Essenfelder. Curitiba, s.ed., 1982. p.8.
3. HISTÓRIA dos pianos Essenfelder. A Divulgação. Curitiba, ano III: n.p., set./nov. 1950.
4. _____. n.p.
5. MELLO, Esther E.C. Entrevista com Esther Essenfelder. Curitiba, 1987. Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som em 30 jan. 1987.
6. LEVENE, Ricardo. Síntese da história da civilização argentina. Trad. J. Paulo de Medeyros. Rio de Janeiro, Gráficas de "A Noite", 1938. p.389.
7. _____. p.398-400.
8. _____. p.398.
9. _____. p.391.
10. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
11. _____. n.p.
12. LEVENE, p.426-7.
13. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
14. _____. n.p.
15. MELLO, A história dos pianos..., p.9.
16. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
17. MELLO, A história dos pianos..., p.9.
18. _____. p.9.
19. _____. p.78.

20. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
21. LEVENE, p.428.
22. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
23. _____. n.p.
24. _____. n.p.
25. VICTOR, p.154.
26. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
27. MELLO, A história dos pianos..., p.11.

3. BRASIL

3.1. RIO GRANDE DO SUL.

RIO GRANDE/PELOTAS: O PRINCÍPIO DA CONSOLIDAÇÃO.

A etapa seguinte de sua trajetória trouxe Florian Essenfelder ao Brasil, país em que se fixou definitivamente. Sua primeira estada foi no Estado do Rio Grande do Sul, onde permaneceu por cerca de sete anos. Sua estada, porém, não foi estável, passando por duas cidades gaúchas antes de vir a fixar -se definitivamente, como relata João Kretzen:

...em 1902, embarcou para a cidade de Rio Grande no Estado Gaúcho. Construiu aqui quatro instrumentos de cauda, mas, ao iniciar a construção de mais três, não os viu terminados. Mudou-se para Pelotas, no mesmo Estado, onde começou a funcionar a equipe familiar, que fundou a tradição Essenfelder, com a entrada de dois filhos de Floriano na sua oficina.¹

A família de Floriano Essenfelder pisou em solo brasileiro em fevereiro de 1902, na cidade portuária de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Os Estados Unidos do Brasil tornara-se uma República Federativa há 13 anos, cinco meses após a chegada de Floriano a Buenos Aires.

O Estado do Rio Grande do Sul ainda vivia os resquícios de uma revolução civil e procurava se reestruturar tanto internamente quanto dentro da União, pois fazia somente sete anos que terminara a Revolução Federalista,

na qual o estado Gaúcho fora palco principal de sangrentas lutas, que se expandiram pelos Estados do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Se o movimento republicano obteve êxito, a consolidação do novo regime, ao contrário, se fez de forma violenta e com muito derramamento de sangue.

O golpe republicano foi o ápice de um longo processo de diversos movimentos e crises que marcaram o final do Segundo Império. A abolição da escravatura abalou fortunas e arruinou proprietários que se viram despojados de seus escravos e sem indenizações. Descontentes, passaram a engrossar a oposição à monarquia, que já contava com um partido republicano bastante forte. Boatos de doença e senilidade de D. Pedro II aliaram-se às crises causadas pela instabilidade dos Ministérios, que, acuados entre pressões dos conservadores, liberais e republicanos, levaram o Gabinete da Monarquia a um impasse. Foi, porém, a questão dos militares, uma das crises mais sérias, que levou aos acontecimentos do dia 15 de novembro.

O exército brasileiro, praticamente se estruturara a partir da guerra com o Paraguai. "Somente após a guerra, que foi sem dúvida uma dura prova, o exército tomou consciência de si mesmo."²

Abrira-se o oficialato, até então só permitido a uma elite, a soldados das camadas inferiores, passando a ser uma das vias para ascensão social. Tornou-se cada vez mais uma força importante que, segundo Basbaum, envolvera-se num espírito de classe através de uma tendência messiânica, numa espécie de mística de que estavam predestinados a serem os salvadores do Brasil das ignomínias partidárias.³ Tal mística advinha do fato de que esses militares encontravam na filosofia positivista a justificativa para rechaçar a política imperial que se baseava nos estudos jurídicos e mais

literários, predominante na formação dos políticos de “casacas” da corte e, não, sobre as ciências naturais e sociais, no caso, adotadas pelo exército para seu melhor funcionamento. Assim coloca Antonio Paim:

É na Real Academia Militar que a intelectualidade brasileira toma contato com a obra de Comte. (...) os primeiros trabalhos do positivismo brasileiro tiveram como conseqüência única chamar a atenção no seio da Escola Militar, para a figura de Comte como teórico das ciências matemáticas e naturais e dispor os espíritos para mais tarde, (...) compreenderem também e aceitar a sociologia comtista.⁴

A República era a tendência lógica para os positivistas, uma política não baseada no culto da figura do Imperador e em favoritismos, mas numa solução dos problemas através de uma análise científica das necessidades sociais. O cientificismo preservado na Real Academia Militar, comenta A. Paim, adquire forma acabada em mãos de Benjamin Constant, que se tornara professor da escola em 1873 e um dos chefes do movimento militar que derrubou a monarquia e proclamou a República.⁵

Não passara indiferente aos políticos da corte o crescente desenvolvimento do exército. Procurando enfraquecer seu poder, tentaram impor sua autoridade através de medidas que acabaram por provocar punições, prisões de oficiais, ou remoção e deslocamentos para unidades menos comprometedoras e mais afastadas do eixo dos acontecimentos. Essa série crescente de incidentes fizeram com que o exército mais se unisse como classe. Esse espírito de casta, que fazia com que uma simples punição disciplinar a um “oficial” fosse uma ofensa a “todo o exército”, era um sentimento que se unia em torno de palavras como “brio”, “honra” e “dignidade”.⁶

Desta forma, a adesão do Marechal Deodoro, amigo pessoal do Imperador, ao comando dos revoltosos, deveu-se ao fato de que, como militar, colocaria fim a certas circunstâncias desagradáveis entre o exército e a corte.

Porém, quando na manhã do dia 15 de novembro, o Marechal Deodoro assumiu o comando das unidades revoltosas lideradas por Benjamin Constant e encaminhou-se para o Quartel-General do Exército, dissolvendo o Gabinete, ali reunido e colocando fim ao Segundo Império, era “seu objetivo: vingar, desafrontar o Exército”.⁷ Um ato que colocou um fim definitivo aos incidentes que vinham se desenrolando entre a corte e os militares. “Assim”, continua L. Basbaum, “embora possa parecer estranho, a República foi proclamada em nosso país por um exército não republicano. É que na verdade o Império não foi derrubado: caiu.”⁸

A 16 de novembro a nação tomou conhecimento de que o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca fora escolhido o chefe do Governo Provisório, através de um Manifesto à Nação, no qual, em linhas gerais, também comunicava suas diretrizes de governo: garantiria a ordem pública, a liberdade e os direitos dos cidadãos; pretendia ser o governo da paz, garantindo a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos direitos individuais e políticos, desde que não ultrapassassem os limites exigidos pelo bem da pátria.

O lema da nova bandeira, “Ordem e Progresso”, retirado da fórmula sagrada da doutrina positivista: “O Amor por princípio, a Ordem por base, e o Progresso por fim”,⁹ poderia ser traduzido por: “Progresso” para o Brasil, porém, sem perturbações sociais, efetuadas através da “Ordem”.

A Proclamação da República iria favorecer a divulgação do positivismo, que servira, sobretudo, de base teórica ao movimento e, mesmo, porque

se fazia bastante útil, já que “o positivismo comtiano forneceria os ingredientes requeridos para a formulação doutrinária do autoritarismo, fenômeno que seria a nota dominante da história política republicana.”¹⁰

Máxima de A. Comte, como: “Dedicação dos fortes pelos fracos; veneração dos fracos pelos fortes”,¹¹ que pretendia uma submissão voluntária do povo à orientação de uma classe esclarecida – os políticos do positivismo – iria influenciar políticos como Deodoro, Júlio de Castilhos e outros, que dela souberam tirar proveito.

Enquanto Florian Essenfelder construía o seu primeiro piano em Buenos Aires, o Marechal Deodoro iniciava sua carreira como “político”. Segundo L. Basbaum, Deodoro gozava de muito prestígio no exército, era antes de tudo, militar, por educação e por vocação. Sua formação não fora de cunho político “nada queria com a política, nada entendia dela e desprezava os políticos, os ‘casacas””.¹² A heterogeneidade dos membros que formavam o Governo Provisório constituídos de representantes das várias facções que se uniram para implantar o regime republicano, desencadeou uma série de pressões contra o Chefe do Governo, pois esperava-se que o Exército se retirasse do cenário político e deixasse o governo aos civis, uma vez que já havia desempenhado o seu papel.

Era, porém, ainda forte nos oficiais a idéia de que estavam predeterminados a salvar o Brasil das ignomínias partidárias, que levaram o antigo regime à bancarrota. Uma vez que detinham o poder era hora de colocar “ordem” na casa e “ordem” nos moldes militares baseava-se no respeito à hierarquia e à disciplina.

O governo militar de Deodoro e Floriano Peixoto, em vez de ter sido um governo de paz e ordeiro, como pretendiam, foi um período repleto de

crises, agitações e revoltas sangrentas. Pretendendo colocar “ordem no país”, apelaram para um governo autoritarista e voltado a um centralismo, o que começara a despertar descontentamento, não só nos teóricos republicanos, como também nos Estados, que, esperando uma maior autonomia, viam-se cerceados em suas expectativas.

Atos de Deodoro como: um decreto que censurava a imprensa, a distribuição de cargos e vantagens e eleger-se Presidente, pressionando os membros do Parlamento, levaram-no a perder o apoio para continuar no poder.

Combatido de um lado pelos monarquistas, de outro pelos republicanos paulistas, de um terceiro lado pelos republicanos históricos desconfiados de suas atitudes aparentemente monarquistas e, de todos os lados pela imprensa, seu poder somente se assentava em alguns elementos civis isolados e em pequenos grupos militares.¹³

Tal situação levou-o, em nome dos “limites exigidos pelo bem da Pátria”, a um golpe de Estado, que culminou com o Congresso sendo dissolvido a 3 de novembro de 1891. “Os republicanos que sonhavam com uma democracia limpa e pura,¹⁴ revoltaram-se com tal atitude ditatorial. “No Rio de Janeiro, elementos da Marinha e do Exército não concordam com o golpe e preparam-se, logo após, para derrubar a ditadura.”¹⁵ O contra-golpe não se fez esperar e em 23 de novembro de 1891, sob a pressão de manobras e canhões de navios da Marinha, o Marechal Deodoro apresentou sua renúncia, sendo sucedido pelo vice-presidente, Marechal Floriano Peixoto.

O governo de Floriano Peixoto não foi menos tumultuado do que o de seu antecessor, contudo, sua mão firme para enfrentar as crises acabou por lhe conferir o título de “consolidador da República”. Logo ao assumir a

Presidência, revogou o decreto que “instituíra o estado de sítio e fechara o Congresso, ‘considerando que em caso algum pode ser dissolvido o Congresso Nacional por ato do Poder Executivo’”¹⁶ e declarou que haveria completa liberdade de imprensa.

Todavia, ao mesmo tempo que restituiu o poder à Constituição e ao Congresso, recebendo apoio deste – cuja maioria eram representantes dos interesses dos grandes proprietários e cafeicultores de São Paulo e Minas Gerais, que pretendiam colocar novos governadores afins com sua política-econômica – infringiu as leis e a própria Constituição, cometendo intervenções nos Estados, depondo os governadores que apoiaram o golpe de Deodoro.

Manda depor todos e empossar novos do seu agrado sem dar a menor importância ao fato de haverem sido eleitos. E essa troca de governadores não se fez sem lutas e sem sangue.¹⁷

No Rio Grande Do Sul, a deposição do governador Júlio de Castilhos, iniciou uma disputa pelo poder que levou o Estado à uma sangrenta guerra civil. Apesar de Castilhos ter oficialmente se manifestado dúbio quanto à seu apoio ao golpe de Deodoro, procurou sufocar as revoltas oposicionistas. Porém, as revoltas acabaram por se estender a outras localidades. Às guarnições militares de Bagé e Rio Grande, que já contavam com grande apoio de populares, juntaram-se as forças navais. “Diante da total falta de apoio existente, pois todas as autoridades municipais vão sendo depostos, Júlio de Castilhos renuncia ao cargo no dia 12 de novembro de 1891”.¹⁸

A oposição, contudo, não conseguiu manter-se no poder. O Partido Federalista Brasileiro, encabeçado por Gaspar Silveira Martins e formado por ex-liberais, conservadores e monarquistas, possuía tendências a um

federalismo com poder centralizado e defendia um governo parlamentarista, como na época da corte. Floriano Peixoto procurava impedir que elementos de Silveira Martins subissem ao poder, pois era

certo de que este propugnaria a volta ao parlamentarismo, se assumisse o poder, Floriano vai forçar a ascensão de Júlio de Castilhos, apesar de não ter simpatias por ele e de ter ele apoiado o golpe de Deodoro da Fonseca.¹⁹

Apesar do Partido Republicano Rio-grandense, de Júlio de Castilhos, defender um federalismo extremado para a União, pretendendo maior autonomia para as regiões e defendendo uma economia regional voltada para o mercado interno, o que diferenciava do centro cafeeiro agro-exportador, o apoio de Floriano a Castilhos tinha razões muito claras. Assim, justifica Sandra Pesavento:

além de se colocar como a única e verdadeira força republicana no estado, os castilhistas tinham em comum com os militares as mesmas propostas autoritárias de conotação positivista quanto à reorganização do poder. Além disso, para os florianistas, o retorno do parlamentarismo pretendido por Silveira Martins lembrava a monarquia e era meio caminho andado para a queda do regime.²⁰

Desta forma, não foi surpresa a legitimação de Floriano ao golpe de 17 de junho de 1892, quando Júlio de Castilhos com apoio de seus partidários e das tropas federais, retornou ao poder em Porto Alegre. E. Carone coloca que esse golpe iria permitir uma dualidade de governos, em que cada um dos lados acusaria o outro de ilegal, onde tanto um quanto o outro iriam tomar medidas militares para preservar o poder e afastar o rival.²¹

Fracassadas as tentativas de acordo entre castilhistas e gasparistas e pela certeza destes de que já não poderiam voltar ao poder por meios normais e legais, voltaram-se para a medida extremada da revolução. “A revolução federalista no Rio Grande do Sul constituiu-se numa guerra civil que se originou da radicalização, cada vez maior, da luta pelo poder,”²²

Conforme acordo estabelecido com Floriano Peixoto, tão logo Júlio de Castilhos instaurou-se no poder, renunciou, passando o governo a um correligionário de partido. Porém, logo retornou ao governo nas “eleições” de dezembro de 1892. Com o retorno dos republicanos ao poder, abriu-se um período de violências e perseguições aos federalistas, que, muitas vezes, eram obrigados a refugiar-se no Uruguai. A luta armada parecia ser a única maneira de enfrentar, ou modificar, tal situação.

*A 2 de fevereiro de 1893, deu-se a primeira invasão, quando os revoltosos, vindos do Uruguai, pretenderam tomar a cidade de Bagé. Começava a Revolução Federalista.*²³

De um lado, os castilhistas ou “pica-paus”, contavam com o apoio do Marechal Floriano através do Exército federal e de auxílio material do governo paulista; de outro, as tropas federalistas ou “maragatos”, lutavam com precariedade de armamentos: cavalos, lanças e esporadicamente armas de fogo. Ambos os lados contavam com oficiais que apoiavam as diferentes causas, porém, a maior parte dos comandos era composta de “coronéis” civis, chefes políticos locais pertencentes às principais famílias rio-grandenses.

Esses “coronéis” latifundiários formavam oligarquias que dominavam nos Estados. Possuíam a verdadeira autoridade na região em que moravam. Assim os descreve Maria Isaura P. de Queiroz: “o chefe regional, o

chefe municipal, continuava verdadeiro caudilheite, sem que o governo estadual se animasse a contradizê-lo, muito pelo contrário, pois sem o apoio dele não se manteria.”²⁴ Eram eles que contribuíam com homens, soldo e materiais.

As lutas se faziam através de ataques relâmpagos; “marchas e contra-marchas de dia e de noite, para surtidas de surpresa em busca de recursos, para atacar uma força inimiga descuidada, ou para fugir à pressão de forças inimigas superiores.”²⁵ As investidas se faziam através de tiroteios rápidos, seguidos de carga de lança, cerco ou retiradas em seguida.

Decorridos apenas sete anos após a guerra, Floriano Essenfelder desembarcava no Rio Grande do Sul, quando ainda deviam estar gravadas na memória dos gaúchos cenas de batalhas como a descrita pelo Dr. Ângelo Dourado em seu diário de campanha:

O espectáculo que vi não se descreve. Ouvia-se de todos os pontos occupados por nossas forças os clarins a tocarem sem cessar as notas lugubres, que ordenam carga e carnificina, como n'um uivar desolador. As bandeirolas brancas das lanças pareciam azas de aves de rapina que precipitam-se sobre a presa: era um baixar e erguer-se sem cessar. Em pouco aquellas bandeirolas tomaram a côr do sangue em que se molhavam.

*Gritos, lamentos, supplicas, promessas, gemidos, extertores, imprecações, insultos – formavam a harmonia d'esse cataclysmo que se chama guerra civil, onde um mata para libertar-se e morrendo quasi que sorri, e outros matam ou morrem por obediencia, para que os que mandaram matar ou morrer possam gosar.(...) Depois os grupos se afastaram, uns corriam para poderem viver e outros voavam após para matar.*²⁶

À mobilidade das marchas rápidas e, às vezes forçadas, somavam-se a destruição material contra as propriedades e bens inimigos, fuzilamentos de prisioneiros e os degolamentos de homens e mulheres.²⁷

Era um clima de instabilidade social.

Por volta de novembro de 1893, os federalistas encontravam-se entre duas alternativas: combater os perseguidores, mesmo com escasseamento de armas, cavalos, etc, ou invadirem o Estado de Santa Catarina para unir-se aos revoltosos da Armada.²⁸

O Almirante Wandenkolk, opositor da política de temporização de Floriano, com o objetivo de apressar o fim da revolta no sul, liderou um ataque contra a cidade de Rio Grande, pretendendo que a posse da barra e da cidade marcaria o fim da luta. O golpe ao porto mais bem fortificado do sul do país, que estava em poder das tropas de Floriano e castilhistas, malogrou, e Wandenkolk é preso e enviado à capital do país.

O Contra-Almirante Custódio José de Mello, Ministro da Marinha do Presidente Floriano, com aspiração a suceder ao Marechal na Presidência, percebe uma oportunidade para antecipar seu intento. Afinal “era tão fácil tomar o poder! Se o próprio Deodoro não resistira a um único navio, vinte e quatro horas, quanto tempo resistiria Floriano à Esquadra inteira?”²⁹

A partir de então, em solidariedade ao almirante punido e posicionando-se contra o governo de Floriano, levantou-se a Armada no Rio de Janeiro sob a liderança de Custódio de Mello, pretendendo tomar a capital do país.³⁰

Nem toda a marinha havia aderido ao levante em 6 de setembro de 1893 e fazendo honra à sua alcunha de “Marechal de Ferro”, o Presidente Floriano, contando com os elementos leais, organizou uma forte resistência, fazendo com que malograsse o intento de Custódio de Mello. O duelo das artilharias estendeu-se por meses, o que permitiu ao Presidente comprar novos navios para combater os revoltosos.

Levados a um impasse, uma parte dos revoltosos da Armada se dirigiu para Santa Catarina e tomou Desterro, sua capital, utilizando-a como base e sede do “Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil”.

Uma vez que Desterro fora ocupada pela Marinha, a alternativa escolhida pelos federalistas, após vários acordos com os revoltosos, havia sido a de dominar Santa Catarina. Pretendiam formar dois focos de lutas, o que provocaria maior desgaste ao governo e facilitaria sua queda.³¹ O objetivo seguinte seria tomar o Paraná, ultrapassar São Paulo e desfechar um ataque à Capital Federal por terra e mar.

O Paraná foi rapidamente subjugado através das ações conjuntas dos revoltosos. As cidades litorâneas de Paranaguá e Antonina foram bombardeadas pela esquadra de Custódio de Mello e os federalistas tomaram Tijucas e Curitiba. Foi, porém, a resistência da cidade da Lapa, que, por quase um mês, resistindo a um cerco com investidas e bombardeios dos federalistas, que auxiliou na mudança do rumo da revolta. Apesar de ter sido, afinal, conquistada em fevereiro de 1894, ao atrasar os revoltosos, permitiu uma melhor defesa do Estado de São Paulo. Tropas modernamente armadas e um território densamente povoado frustrou o objetivo dos federalistas, que decidiram voltar ao sul e à luta contra Júlio de Castilhos.

A morte de importantes líderes, como Gumercindo Saraiva e Saldanha da Gama, somadas às condições precárias de saúde, falta de armas e dinheiro, levaram os federalistas, desgastados e desmotivados ante a política do novo Presidente, a desejar o fim das lutas.

O que interessa, porém, é empunhar novamente as armas, ao menos para obter uma paz negociada com

honra, no caso de não ser possível alcançar a vitória completa.³²

As negociações de paz, que chegaram ao término em 23 de agosto de 1895, foram efetuadas com o Presidente Prudente de Moraes, empossado em 15 de novembro de 1894. Primeiro Presidente civil e representante dos interesses da aristocracia rural, em cujo governo predominou os interesses dos fazendeiros sobre uma política de incentivo industrial. Segundo Basbaum:

o industrialismo nada tinha a ver com os interesses dos fazendeiros de café, dos senhores dos latifúndios, para quem o Brasil deveria ser e o seria ainda por muitos anos, durante todo o período de predomínio do P.R.P., essencialmente agrícola.³³

De fato, os Presidentes do Brasil, a partir de Floriano Peixoto, foram representantes alternados dos Partidos Republicanos Paulista e Mineiro, constituindo-se na política conhecida como “café com leite”, cujos interesses defendidos eram o dos grandes fazendeiros. Esse sistema de apoio às oligarquias rurais permitiu a permanência dos que já estavam no poder, restringindo as possibilidades do jogo eleitoral, pois os votos eram conseguidos através da “ação” dos prefeitos municipais – os coronéis regionais.* Foi essa “política dos governadores”, como ficou conhecida, que permitiu a Borges de Medeiros, sucessor de Júlio de Castilhos desde 1898, permanecer por muitos anos no poder, ou seja, através de reeleições sucessivas obtidas por meio de “votos”.

A economia de incentivo à exportação de produtos agrícolas – com predomínio do café, que incentivou os grandes latifúndios, abalou, por outro

* Ver citação de M. Isaura P. de Queiroz, p.73

lado, os interesses voltados ao desenvolvimento industrial tal como idealizados pelos republicanos positivistas, os quais acreditavam na industrialização como uma das principais alavancas para o progresso. Segundo A. Comte, o desenvolvimento do regime industrial iria favorecer a substituição da teologia pelo positivismo, ou seja, passaria mais rapidamente do Estado teológico-metafísico para o positivo-científico.³⁴

Porém, a nova política econômica fez com que o ideal de industrialização do país ficasse protelado, assim como o plano do Partido Republicano Rio-grandense elaborado para seu programa de governo e que pretendia maior autonomia ao Estado: "O P.R.R. oferecia um projeto de construir no Rio Grande uma base econômica alternativa ao predomínio absoluto da pecuária."³⁵ Pretendendo incorporar, continua S. Pesavento, novas áreas e setores que correspondiam à satisfação dos distintos interesses da sociedade rio-grandense que sofrera uma significativa diversificação.³⁶

O processo de industrialização de um país não se faz rapidamente; é a culminação de fatores e condições de ordem histórica e econômica, que permitem tal desenvolvimento. Entre esses fatores, pode-se destacar, como de maior importância, o da disponibilidade de capitais para financiar empreendimentos. Entretanto, em uma economia que reforçava o sistema agro-pecuário, os capitais acumulados eram empregados diretamente nas fazendas, para aumentar a produção, ou no comércio, para adquirir bens de consumo, que eram predominantemente importados, deixando para segundo plano quaisquer outros empreendimentos.

A tentativa de um rápido acúmulo de capitais já havia sido efetuada por Rui Barbosa, enquanto Ministro das Finanças no governo do Presidente Deodoro. Teórico da democracia, comenta L. Basbaum, Rui Barbosa preten-

dia criar um espírito industrialista e capitalista baseado no “free enterprise”, associado com as idéias francesas de liberdade, igualdade e fraternidade.³⁷ Para cooperar com o que pretendia que fosse ser uma responsável iniciativa individual, resolveu por uma ampliação do crédito financeiro, permitindo que diversos bancos emitissem papel-moeda, lastreadas não em ouro, mas com títulos da dívida pública federal.

Tal medida, porém, acabou sendo um desastre econômico para todo o país, conhecido por “Encilhamento”, lembrando o jogo das corridas de cavalo. Assim comenta L. Tannuri, a respeito do assunto:

A necessidade de emissão bancária resultava, no momento, da maior necessidade de numerário para facilitar a acumulação em ritmo acelerado e o aumento do giro das transações, dada a conjuntura expansiva da atividade econômica, bem como para satisfazer a praça sequiosa por recursos os quais viriam a ser os mantenedores do jogo e da especulação.³⁸

Assinala ainda Tannuri, que quando Rui Barbosa implantou sua reforma, forneceu um novo ímpeto à acumulação financeira, através de transações bancárias, fazendo dela, um negócio muito mais atraente do que o investimento produtivo.³⁹

Capitalistas geravam-se da noite para o dia em um país sem capitais. Para se ter dinheiro, era necessário apenas um pouco de imaginação; inventar uma empresa qualquer, dar-lhe um nome, pedir o reconhecimento legal, imprimir ações sem limites vendê-las na Bolsa. Desta forma, empresas fantasmas surgiam e desapareciam em questão de dias, fazendo com que fortunas trocassem de mãos. Oportunistas tornavam-se novos ricos que empregavam o dinheiro em compra de propriedades, em artigos de luxo, títulos de nobreza – vendidos por Portugal – deliciando-se em festas e saraus

que promoviam para se entrosar em sua nova posição social, enquanto que ex-milionários colocavam fim à vida.*

O Rio Grande do Sul não ficou imune ao “Encilhamento”, uma vez que era uma das praças que possuía um banco emissor. Determinação essa que foi criticada por muitos comerciantes que previam nessa política emisionista uma perda do poder aquisitivo para o consumidor nacional e depreciação do valor da moeda, o que reverteria em maiores dificuldades nas operações com o exterior.⁴⁰

A “solução” para o problema da falta de capitais encontrada por Rui Barbosa permitiu que dinheiro fácil, em vez de ser aplicado com fins reprodutores, transformasse a economia nacional em um mar de papéis sem valor. O “Encilhamento” teve curta duração, de 1889 a 1891, porém, suas consequências prolongaram-se por vários anos. Assim descreve Basbaum, o saldo deixado pelo movimento:

Mas tudo tem fim e a onda inflacionista, como uma epidemia, acabou por si mesma, não sem arrastar na enxurrada Bancos e indivíduos à falência, deixando em seu lugar o descrédito público no governo e nas empresas industriais de qualquer espécie. (...)O ato do governo de Floriano pondo fim à jogatina desenfreada, entretanto, criou uma atmosfera de queixas (...) dos que haviam enriquecido da noite para o dia e dos que ainda pensavam enriquecer.⁴¹

Caio Prado coloca o ano de 1892 como o da liquidação, ou seja, que se conseguiu amainar a tempestade dessa massa imensa de papel inconversível em circulação, provocada pelo “Encilhamento” “e como não será possível estancar de súbito êste jôrro emissor, a inflação ainda continuará nos anos seguintes”.⁴²

* Situações muito bem descritas por Afonso de Taunay em seu romance *O Encilhamento*.

A enxurrada de papéis do “Encilhamento” levou consigo os ideais de industrialização do país, deixando, como resquício, uma inflação que durou anos. Os Presidentes procuraram reestabelecer a economia nacional, porém, com diretrizes que fortaleceram, nos anos seguintes, a política econômica, que beneficiava aos grandes fazendeiros e, em especial, aos interesses cafeeiros.

Foi neste contexto histórico que Floriano Essenfelder chegou ao Brasil, entrando pelo Estado Gaúcho, que apenas há alguns anos havia sido devastado por uma guerra civil.

“Sem maiores averiguações”, havia encaixotado seus petrechos de sua fábrica de pianos e acompanhado de sua família e dois operários, desembarcou em seu novo país, pretendendo fundar sua indústria tão “delicada” como a de pianos, associando-se com Wilhelm Trein, de Porto Alegre, que pretendia investir capital, financiando a empresa de Essenfelder no Brasil.⁴³

Estaria o motivo, que movera Floriano Essenfelder nessa nova aventura tão arrojada de enfrentar novas contingências, sem maiores averiguações, mudando-se de país com família, empregados e materiais, ligado à característica de um empresário schumpeteriano?

O motivo procedia, na medida em que Floriano trazia uma forte convicção de que uma indústria de pianos era um bom investimento e ele viera em busca da oportunidade surgida, quando recebera o convite efetuado por um capitalista brasileiro, visto que não obtivera nenhum apoio do governo e dos capitalistas argentinos para a instalação de sua indústria de pianos.

Nem sempre o empresário é detentor de riquezas para poder financiar sua própria empresa. Desta forma, a busca de crédito se faz necessária. “Prover êsse crédito é a função nítida daquela categoria de indivíduos que chamamos *capitalistas*”.⁴⁴

O “capital” que Floriano possuía era o de sua criatividade, iniciativa e principalmente o de uma tecnologia desenvolvida no exterior e já adaptada para um novo meio tão precário em recursos técnicos. Trazia ainda consigo uma premiação devida à qualidade de seu produto. “Capital” esse muito importante para um país que apenas começava a desenvolver-se no setor técnico.

No caso de Floriano, era importante encontrar junto a um capitalista, recursos financeiros, para juntamente com seu “capital” instalar a sua empresa. Esse caminho percorrido por Essensfelder, através de iniciativas arrojadas, enquadra-se perfeitamente, na concepção schumpeteriana, da necessidade do empresário encontrar um capitalista, quando afirma que:

o empresário – em tese e normalmente – precisa realmente de crédito, na acepção de se lhe transferir provisoriamente o poder aquisitivo a fim de produzir efetivamente, de ser capaz de empreender as novas combinações, de se “tornar” um empreendedor.⁴⁵

Desta forma, tal era a confiança de Essensfelder em seu produto e a certeza de que, enfim, iria realizar seu ideal, que, encaminhar-se em direção a outro país, o qual lhe acenava com a perspectiva de associar-se a um capitalista para a realização de seu empreendimento, era perfeitamente coerente e necessário naquele momento.

Foi, talvez, por ter sido ainda consequência da mentalidade do “Encilhamento”, no qual despontaram diversos oportunistas, ou devido à

virada na direção econômica afetuada pelos presidentes civis, ou porque simplesmente desistira de seu intento, que o capitalista, no qual se depositava tantas expectativas e esperanças, simplesmente desaparecera.

Assim descreve Frederico essa experiência pela qual os Essensfelder passaram, logo à chegada no Brasil.

Após o desembarque no porto do Rio Grande, tudo e todos ficaram à espera do tal sócio capitalista que havia ido à Capital do Estado tratar da organização da nova sociedade, mas que nunca mais voltou.⁴⁶

Sem o esperado apoio do capitalista, o que se poderia fazer? O tempo gasto na espera e expectativa do retorno de Wilhelm Trein, de Porto Alegre para a cidade do Rio Grande, foi trazendo despesas. Voltar para a Argentina de nada adiantaria, pois teria que começar do mesmo ponto em que se encontrava; a alternativa era começar a agir de alguma forma.

Em face da demora e das despesas que corriam, tornou-se mister agir, decidindo Floriano Essensfelder, instalar-se na mesma localidade e iniciar novamente a fabricação de pianos que foi sempre seu grande ideal.⁴⁷

Afinal as perspectivas pareciam animadoras. Apesar do “Encilhamento” ter tido conseqüências que acabaram desfavorecendo as indústrias, levando muitas a se arruinarem, algumas das empresas fundadas sobreviveram, proporcionando um pequeno surto industrial.

O censo industrial de 1906, mostrava que depois do Distrito Federal e São Paulo, estava o Rio Grande do Sul colocado como o terceiro Estado no número de estabelecimentos e operários empregados. Os produtos que produziam apresentavam-se em grandes diversidades, sendo sua maioria

baseados nas matérias primas locais: fabrico de vinho, cerveja, bebidas gasosas; charque, banha, conservas de carne; tecidos de lã, algodão, chapéus, calçados, preparo de couros; fumos, móveis e fundição.⁴⁸

Muitas dessas indústrias haviam se expandido a partir de técnicas artesanais trazidas pelos imigrantes: "O artesanato trazido pelos imigrantes tornou-se a base da indústria; e destinadas a princípio a atender simplesmente às necessidades dos colonos, essas atividades artesanais foram pouco à pouco alargando-se".⁴⁹

Porém, a concorrência do produto nacional com o estrangeiro era bastante difícil. Apesar de que as flutuações na política cambial tentassem por vezes uma política protecionista, acabava sendo a importação de bens de consumo a mais beneficiada, visto que a necessidade de se possuir o que aqui ainda não se fabricava, era grande, assim como, a pressão do crescente número de comerciantes.

Contudo, se continuavam a chegar pianos importados para suprir o mercado nacional, a conclusão lógica a se chegar era a de que havia demanda do produto. Mas para concorrer com o produto importado, Essensfelder necessitaria de condições para poder produzir seus pianos. Porém, Floriano encontrava-se em um Estado que, apesar do pequeno surto industrial, era predominantemente pecuário. Mesmo que seu espírito arrojado o levasse na direção de concretizar seu ideal de construir pianos, ainda, assim, precisaria vencer o ponto primordial: para instalar sua indústria de pianos, necessitaria de crédito, de capital.

Como fundar uma indústria de pianos em um Estado que havia tido sua economia dilacerada, apenas há sete anos, por uma guerra civil? Com

que tipo de capitalista poderia contar, visto que a pessoa esperada havia desaparecido? Como conseguir capital para instalar uma indústria?

As grandes acumulações de capitais estavam nas mãos dos “coronéis” fazendeiros, ou em mãos de comerciantes de casas de importação. Os primeiros, motivados pela política de incentivo à agro-exportação, preocupavam-se em refazer suas fortunas desgastadas pela guerra, empregando seus créditos diretamente nas fazendas. Os comerciantes, nem sempre estavam dispostos a enfrentar as possíveis conseqüências de empregar seus créditos em uma indústria local, pois, como relata Warren Dean, poderiam ter de enfrentar desde punições dos fornecedores ultramarinos até uma possível concorrência na qual o manufaturador poderia derrotá-lo como distribuidor.⁵⁰ Predominava ainda a mentalidade de que o produto estrangeiro, que havia cruzado o oceano, era melhor. Afinal, por que empregar capital em um produto nacional, sem divulgação, concorrendo com tantas marcas famosas que encontravam compradores?

O incentivo dado aos fazendeiros pela política federal, não veio reforçar apenas o poder dos “coronéis”, mas também o seu estilo de vida. Uma vez que exportavam seus produtos, grande parte de seus lucros eram empregados na aquisição de bens de consumo. Para eles, financiar uma indústria de pianos estava fora de cogitação, porém, comprar pianos era totalmente compatível com seu estilo de vida. Não raro, esses grandes fazendeiros possuíam, além de sua casa da fazenda, verdadeiros palacetes nas cidades. Gostavam de receber e proporcionar saraus, nos quais deveriam destacar uma aprimorada educação da família e principalmente das filhas solteiras, as quais poderiam servir para alianças vantajosas entre fortunas e nomes de famílias tradicionais. “Herança e casamento em geral se apresen-

tam unidos na preservação das fortunas e do mandonismo local.”⁵¹ Assim, para elas, era importante parte de sua educação o virtuosismo do piano, um dos dotes muito apreciados, uma vez que a música alegrava os salões e dava um toque de requinte às recepções.

Não estaria ali um mercado em potencial para seu produto?

Deste modo, Essenfelder decidiu permanecer no Brasil. Tal como os imigrantes da época, começou a construir seus pianos de modo artesanal e precário: quem sabe, também como eles, poderia vir a expandir seu negócio e transformá-lo em uma indústria?

O mais importante, porém, era a necessidade de fazer algo para a sua sobrevivência, uma vez que sua numerosa família dele dependia e as despesas se acumulavam, como relata Frederico, sobre essa época:

Em dois anos de permanência no Rio Grande do Sul, construiu quatro pianos de cauda e iniciou a construção de mais três, que não foram concluídos por terem sido penhorados pelo senhorio da casa, juntamente com todo o material aos mesmos destino, por alugueres atrasados.⁵²

Sua maneira de viver não se modificara muito do modo como vivia na Argentina, nos dois anos em que vivera na cidade do Rio Grande. Para completar seu desânimo.

Os dois operários especializados que vieram com a mudança voltaram aos seus pagos, nos deixando ao léu da sorte, porém guiados por um homem de personalidade extraordinária, mas que já começava descer, premido pelas reviravoltas da vida que o vinham por demais castigando.⁵³

Foi, então, que decidiu ir para Pelotas.

Quando Floriano Essenfelder deixou a cidade de Rio Grande e mudou-se para Pelotas “para tentar em outra localidade”,⁵⁴ comportou-se novamente com o espírito de expectativa que movia os imigrantes, que demandavam o Brasil a partir de meados do século XIX.

Emílio Willems assinala em seu livro sobre a cultura alemã no Brasil, que a migração espontânea é um dos meios que ocorrem para se resolver dificuldades, sobretudo econômicas e que

*relativamente rara em séculos anteriores, a migração se torna, no século 19, nos países europeus, um meio cada vez mais comum de prevenir ou modificar situações econômicas indesejáveis.*⁵⁵

Por um lado, os imigrantes deixavam para trás situações adversas, por outro, saíam, também, em busca de locais que ofereciam novas perspectivas. “Fazer a América”, expressão tão comum aos imigrantes, trazia em si um cunho de esperança, estimulada através das notícias e propagandas sobre as novas terras e países, que, acenando-lhes promessas de oportunidades, complementavam suas expectativas.

No Brasil, a oportunidade surgiu com a ascensão do café e a crescente dificuldade de manter a mão-de-obra escrava. As diversas leis abolicionistas, apoiadas pelos ingleses que se industrializavam, dificultavam a aquisição de escravos e as lavouras de café, em rápida ascensão, necessitavam de mão-de-obra.

A abolição da escravatura em 1888, contribuiu para que os grandes fazendeiros, que se perceberam sem escravos e sem indenizações pela perda dos mesmos, se posicionassem a favor da República. Com a consolidação da política republicana baseada na sempre crescente exportação do café, era necessária uma revisão no processo imigratório, pois buscava-se mão-de-obra mais especializada para a agricultura – com alguma técnica e conhecimento de lavoura.

Francisco Glicério, senador federal durante a Primeira República, assim comenta sobre o problema imigratório, em sessão de 27 de outubro de 1908:

A oposição contra a imigração para o Brasil é antiga (...) A Alemanha, a Itália, a França e a Austria sempre mantiveram no passado a mais severa vigilância contra a imigração sistemática para o Brasil (...) Quando o Governo Provisório deu ao serviço de imigração uma nova organização, encontrou-a completamente estancada, tendo sido mister um esforço enorme, seguido de medidas e providências extraordinárias para que alcançássemos, ainda que somente do governo da Itália, a revogação do decreto proibitório. O certo é que em dezembro de 1890, tendo sido reencetado somente em junho desse ano o serviço de imigração, esta atingira a cerca de 100.000 imigrantes.⁵⁶

Como se percebe através desse depoimento, a imigração para o Brasil caracterizou-se por fases distintas, sendo que o fluxo imigratório não se manteve de uma maneira constante.

Analisando a imigração através de diferentes fluxos, Diques Jr. coloca o ano de 1850, data da adoção da lei que proibia o tráfico de escravos, como um marco entre o 1º fluxo imigratório, desde 1808, e o 2º fluxo, que, beneficiado pela lei acima, abriu espaço para trabalhadores assalariados. O 3º fluxo abriu-se com a abolição da escravidão, em 1888, quando o

*trabalho livre dá oportunidade para a entrada do imigrante em maior volume. Crescem as correntes imigratórias, não apenas em número, mas também na diversificação, cada vez mais acentuada, das etnias entradas.*⁵⁷

De um modo geral, esses fluxos foram permitindo a fixação desses imigrantes: a princípio em terras doadas através da política do Segundo Império ou nas grandes lavouras, trabalhando em terras e fazendas alheias, onde formaram os primeiros núcleos ou colônias; posteriormente, passaram a engrossar diretamente esses primeiros núcleos, desempenhando tarefas diversas. No começo, eram vistos apenas como a mão-de-obra agrícola, mas aos poucos "também o artesão, o operário industrial, o artífice por conta própria começaram a ser considerados na figura do imigrante."⁵⁸

Entre 1819 e 1850, durante o 1º fluxo de imigração, a alemã já aparecia em 4º lugar em quantidade de imigrantes.⁵⁹ Foi nesse período que começaram a formar os seus primeiros núcleos que, crescendo nos anos subseqüentes, prosperaram e transformaram-se em vilas e cidades, predominando na região sul do Brasil: no Rio Grande do Sul, Nova Friburgo (1818) e São Leopoldo (1824); em Santa Catarina, Blumenau (1850) e no Paraná, Rio Negro (1828). É ainda Diégues Jr., quem caracteriza o tipo de desenvolvimento que algumas dessas cidades apresentavam

*Êsses agrupamentos, urbanizados hoje em dia, apresentaram também um desenvolvimento industrial originado do trabalho artesanal, implantado pelos imigrantes com os artesãos e artífices que vieram com as correntes imigratórias. Grandes estabelecimentos industriais de hoje surgiram dêsse pequeno artesanato das colônias. Nasceram assim grandes e prósperas cidades no Rio Grande do Sul, de Santa Catarina ou do Paraná de hoje.*⁶⁰

Dentre esses centros urbanos estava Pelotas, uma das grandes cidades do Rio Grande do Sul. Sendo um centro comercial, como o de Rio Grande, apresentava características semelhantes a esta, o que dificulta inferir o motivo que levara Floriano Essenfelder a escolhê-la para a sua próxima parada, uma vez que não fica claro em nenhum dos textos que serviram de fonte.

Talvez a hipótese mais viável seja de que a escolha deveu-se ao crescente comércio que a cidade oferecia. Como assinalou E. Willems, Pelotas, juntamente com Porto Alegre e São Pedro, eram cidades em que predominavam “os grandes comerciantes”.⁶¹ E comerciantes significava a possibilidade de se obter capital.

Foi Jean Roche quem melhor caracterizou essa crescente classe de comerciantes: iniciando seus negócios a partir de pequenas ‘vendas’ rudimentares que funcionavam como centro de compras e vendas, ponto de reunião, abrigo das quermesses e parada dos viajantes, que esses comerciantes foram ampliando seus negócios, fomentando uma classe que mantinha influência sobre os camponeses da região. Orientando-os sobre suas produções agrícolas, regularizando as trocas e levando-os a cultivarem produtos que lhes eram vantajosos para sua exportação. Foi o comércio que fez as grandes famílias. Tal classe “adquiriu tamanha força que ultrapassou o quadro da profissão e se pôs a conquistar outros setores tirados a outras profissões e outras classes.” Compravam terras para emprego de capital e exerciam uma especulação imobiliária.⁶²

Em todas as colônias, os comerciantes contribuíam para resolver, por meio de suas reservas de capitais, problemas locais:

a iniciativa dos comerciantes exerceu-se, sobretudo, no domínio da técnica, permitindo a passagem da produção do modo artesanal ao da manufatura e da usina. Foi graças ao impulso dos comerciantes que os processos aprendidos pelos imigrantes, ou transmitidos a seus descendentes, puderam aplicar-se em maior escala.⁶³

Não estaria exatamente aí uma possível justificativa à decisão da mudança de Floriano Essenfelder para Pelotas? Sua trajetória no Rio Grande do Sul continuava a ser motivada pelo mesmo tipo de busca que motivara sua vinda para o Brasil: a busca de capital para a instalação de sua indústria. Uma vez que na cidade de Rio Grande não conseguira obter tal objetivo, talvez pudesse encontrar em Pelotas a chance de finalmente estabelecer-se, com a ajuda de capitalistas locais. Imbuído de esperanças dirigiu-se para Pelotas:

Em 1º de janeiro de 1904, novamente seguia a fábrica de pianos, agora no bojo do Yate "Elisa" com seu destemeroso chefe e seus seis filhos, subindo o Rio Pelotas até alcançar a cidade do mesmo nome.⁶⁴

Provido de uma personalidade marcante, porte citadino e bom humor, Floriano Essenfelder era um homem que não se deixava intimidar pelas adversidades. Havia enfrentado problemas e continuava a refazer sua vida, sempre demonstrando esperança e confiança em seu projeto. Assim seu filho Frederico o descreve neste depoimento:

Nosso pai e chefe, homem de porte fidalgo, que se apresentava em muitas ocasiões de "frack" e chapéu alto, inspirava respeito e confiança em toda parte. Espírito lúcido, humorista de escóla, foi sempre uma personalidade de destaque.⁶⁵

Para reiniciar sua vida, novamente Floriano dependeria da boa vontade e do crédito dos habitantes da nova cidade. Sua personalidade e presença devem ter “inspirado respeito e confiança”, pois o auxílio foi obtido e o trabalho não se fez esperar. Para afirmar-se na comunidade, Essenfelder se pôs a produzir e “sem nenhum recurso financeiro, iniciou a fabricação de um piano vertical.”⁶⁶

A fábrica de pianos que havia sido transportada por iate até Pelotas, constituía-se de alguns instrumentos e máquinas adaptadas por Floriano, juntamente com alguma matéria prima, visto que a maior parte havia sido penhorado em Rio Grande para acerto de dívidas. Desta forma, a fábrica contava muito mais com a capacidade e criatividade do empresário do que condições materiais.

O fato da fábrica não estar convenientemente instalada não a impediu de funcionar e produzir seus pianos. Ela continuava a existir, mesmo com uma instalação física improvisada. Afinal, não havia sido assim desde o início? a “fábrica” de pianos Essenfelder constituía-se muito mais da “reunião e acumulação” de esforços de seus elementos humanos, do que de uma instalação circunscrita a um determinado lugar e dentro dos padrões convencionais.

Pode-se dizer que uma das marcas características do funcionamento da fábrica Essenfelder se deveu ao modo criativo como Floriano enfrentou os problemas conjunturais. A condição de afirmar-se cada vez mais nas possibilidades dos elementos humanos, acabou por transformar-se na arregimentação de toda a família como uma equipe de trabalho, o que João Kretzen comentou ser a “tradição Essenfelder”.*

* Ver citação: parte 3. – 3.1. RGS – p.65

O aprendizado de seus dois filhos, Frederico, jovem de 13 a 14 anos e Floriano Helmuth, com 15, fez-se na prática, como o próprio Frederico relata:

Nessa época, éramos três na oficina: meu pai, meu mano Floriano e eu. (...) Foi então que começou nossa aprendizagem dura e rigorosa. (...) Dirigidos por meu pai, que era nosso mestre, executávamos os trabalhos auxiliados por um operário estranho. As centenas de peças que compõem um piano, eram serradas e trabalhadas a mão em suas mais variadas dimensões e formas. Essa rigorosa aprendizagem muito nos valeu mais tarde, quando fomos solicitados a construir pianos.⁶⁷

A “Tradição Essenfelder” de colaboração no trabalho não se circunscrevia apenas no trabalho artesanal e na aprendizagem das técnicas e produção de pianos construídos no que Frederico chamava de ‘oficina’, e que eram ensinadas por seu pai. Para que pudessem empenhar-se no trabalho era necessário que no lar, a família permanecesse unida e bem atendida. A equipe familiar se complementava com as obrigações domésticas. Era esse o papel que desempenhava a filha mais velha Carlota, então com seus 17 anos:

Os serviços caseiros e os cuidados aos irmãos menores, em idade escolar, estavam a cargo de minha irmã mais velha, Carlota, que, por sua abnegação e estoicismo se tornara o esteio de toda a família. A ela devemos ter sido possível manter aquela coesão de todos os membros da família em torno de seu chefe, e é por isso que (...) temos sempre que citar, com toda a veneração, o nome dessa nobre criatura, construtora anônima dos alicerces dos nossos futuros triunfos.⁶⁸

Durante os cinco anos que permaneceram em Pelotas, foram fabricados cerca de vinte pianos.⁶⁹ Mesmo que tenha sido uma produção significativa, foi fruto de uma difícil pesquisa em busca de matérias-primas

adequadas e que estivessem à altura da qualidade que Floriano exigia para seus produtos. Em Pelotas, “encontrou enormes dificuldades, principalmente para obtenção de madeiras duras exigidas na confecção de determinadas peças do mecanismo.”⁷⁰

Foi como resultado da arguta observação e conhecimento de madeiras por Floriano, que um incidente do acaso contribuiu para a solução deste problema. Um dia, enquanto manuseava as trancas das portas, deparou-se observando mais detalhadamente um pedaço de madeira que por sua resistência servia de garantia para a segurança da oficina. Foi então que “observou que a mesma preenchia os requisitos indispensáveis à confecção de tais peças. Soubemos mais tarde tratar-se de ‘Peroba’”.⁷¹

Apesar da transformação das matérias-primas terem sido elaboradas através de processos rudimentares, como o caso das furadeiras, que eram adaptações de velhas máquinas de costura,⁷² os pianos foram sendo fabricados, aceitos e elogiados.

Um pequeno empresário ao iniciar uma ação empreendedora por conta própria, acaba por acumular várias funções. A respeito dessa característica do empreendedor, Schumpeter colocou que, tal como ainda hoje ocorre nas pequenas empresas, o empresário de outrora era freqüentemente o seu próprio agente de compras e vendas, chefe de escritório, gerente pessoal e advogado. Sua função essencial de empresário apresentava-se geralmente misturada com outras espécies de atividades.⁷³

Tal procedimento era o que caracterizava Essensfelder, pois Floriano não só fabricava seus pianos, mas transmitia suas técnicas aos filhos aprendizes, pesquisava novas matérias primas, adquiria créditos junto à praça, como também procurava promover seu próprio produto.

Um tipo de promoção que, ao mesmo tempo fazia tomar conhecimento do produto e que se pudesse testar a sua qualidade, era o da demonstração; e que melhor demonstração senão em um concerto? Desta forma, Floriano emprestava seus pianos para concertos beneficentes ou para ocasiões formais e oficiais, o que lhe grangeou publicidade e elogios nos jornais da época. Lê-se no “Diário Popular”, de Pelotas de 1908:

Por ocasião da inauguração do pavilhão de Pernambuco, realizou-se ali um concerto, tendo servido um dos pianos d’aqui enviados pelo fabricante snr. Florian Essenfelder, que muito agradou e fôra gentilmente cedido para essa festa.⁷⁴

Ainda em 1908, “A Opinião Pública”, de Pelotas, faz referência aos seus pianos “armário” e de cauda como tendo sido “ambos executados por aquelle intelligente artista. Diversos pianistas de mérito do Rio de Janeiro fazem honrosas referencias aos aludidos trabalhos.”⁷⁵

Procurando promover seu trabalho além das fronteiras do Estado gaúcho, inscreveu-se e concorreu com seu produto na Exposição Nacional de 1908, em Comemoração ao 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Comércio Internacional, efetuada no Rio de Janeiro. Como recompensa a seus esforços e em reconhecimento à qualidade de seus produtos, o júri conferiu ao seu piano o Grande Prêmio, uma medalha de ouro.⁷⁶

Um artigo do jornal “**Diario da Tarde**”, de Curitiba, assim comenta sobre o prêmio conferido à Essenfelder:

...os seus pianos foram tão apreciados que houve quem duvidasse serem productos da nossa industria nacional. (...) Realmente, os pianos Essenfelder de todo ponto reavalisam com os das mais acreditadas fabricações europeas e se lhes não bastasse a consagração de um Grande Premio, como o que obtiveram, certo que a incredulidade indigena, attribuindo-lhes

procedencia estrangeira, lhes havia assegurado o mais eloquente testemunho de sua superioridade.⁷⁷

Apesar dos elogios e prêmios para seus pianos, a situação idealizada por Floriano não se realizara. Sozinho, não conseguiu acumular capital suficiente para poder consolidar a sua indústria e permitir um melhor funcionamento, assim, como não despertou maior interesse nos capitalistas locais para financiar seu empreendimento. Afinal, os capitalistas comerciantes eram exportadores tanto quanto importadores e, se certas mercadorias nacionais fossem concorrer com as importadas, eles poderiam acabar por se indisporerem com seus contatos estrangeiros. Imperava, ainda, muito forte a mentalidade de que o produto nacional não era tão bom em qualidade quanto o estrangeiro, como se percebe pelo artigo acima, que, como marcas já afamadas, encontrava bom mercado e compradores garantidos.

A situação da família Essenfelder tornava-se cada vez mais difícil em Pelotas e os mesmos problemas voltavam a se repetir, minando as esperanças de Floriano. A situação é descrita por Frederico:

Com a falta de capital e a impossibilidade de conseguilo naquele meio com as privações que a família já estava passando, restava suportar a nova penhora de um piano de cauda fabricado com duras penas, o que aniquilou nosso ânimo.⁷⁸

Era o momento de pensar em novas perspectivas e indagar a respeito de outras possibilidades: "O resultado era como nos casos anteriores. Tentar em outra localidade."⁷⁹

Segundo o comentário de Jean Roche, de que as "colônias" de Pelotas eram comunidades formadas por grupos de estrangeiros unidos por sua língua e costumes,⁸⁰ pode-se deduzir que a comunidade formada por alemães

e seus descendentes deviam criar vínculos de família. Dessa forma, também os Essenfelder buscaram amigos e conhecidos para os ajudar e os apoiar na realização de seu ideal. Mais do que apenas convivência e amizades com seus compatriotas, a família Essenfelder estabeleceu raízes mais profundas no Rio Grande do Sul, através de casamentos, como os de Carlota e Ernesto Essenfelder, com membros de famílias estabelecidas em solo gaúcho.⁸¹ Mesmo assim, esses laços não foram suficientes para manter toda a família no Rio Grande do Sul.

Deste modo, não é de se estranhar que a idéia da ida para a nova localidade tivesse sido proveniente de um amigo da família, A. Concentius, que trabalhava como viajante representante da firma Neugebauer, de Porto Alegre. O destino sugerido, obtido através do conhecimento acumulado em suas viagens, foi Curitiba, capital do Paraná.⁸²

Desta vez, porém, a mudança procedeu-se de maneira diferente das anteriores. Floriano Essenfelder dirigiu-se primeiro sozinho a Curitiba para sondar as possibilidades de ali se fixar, deixando a oficina aos cuidados dos filhos. Caberia a Floriano Helmuth e Frederico trabalharem para cobrir as despesas da família durante a ausência do pai. Assim relata Frederico de como contornara as dificuldades naquela época:

Nessa ocasião, tinha eu 17 anos e, premido pelas circunstâncias, consegui afinar um piano, o que representava, na época, um grande acontecimento, trabalho muito bem pago, que deu para enfrentar as despesas mais necessárias, por algum tempo.⁸³

O potencial de luta demonstrado pelos Essenfelder já fora comprovado, porém, o Rio Grande do Sul não parecia ser o lugar ideal para que se fixasse uma indústria de pianos. Não era apenas a parte financeira precária

o que dificultava essa realização, era a falta das matérias primas necessárias que os impeliam a outras regiões. O próprio Floriano Essenfelder em entrevista a Nestor Victor explicou: “Estive primeiro trabalhando 8 annos no Rio Grande do Sul. Mas ali havia um obstáculo: era a falta de madeiras convenientes.”⁸⁴

O Paraná parecia poder oferecer as tão procuradas madeiras, solucionando, assim, o problema da busca da matéria prima. Floriano logo tomou as primeiras iniciativas. Chamou primeiramente Frederico, “que era o seu braço direito, embora fosse o filho do meio,”⁸⁵ e que em poucos dias já se encontrava pronto para o embarque em atendimento ao sinal favorável do pai. Em 7 de julho de 1909 desembarcou em Paranaguá, “acompanhando uma parte da fábrica de pianos”.⁸⁶

O jornal curitibano “**Diário da Tarde**”, assim descreve em um longo artigo, as razões da transferência e fixação de Essenfelder em solo paranaense:

O motivo de assim nos ter distinguido o sr. Essenfelder com a sua preferência, é bem facilmente explicavel. Como bem frisou “La Produccion Nacional”, brilhante revista portenha, de tres elementos necessita a industria humana para ser perfeita - o artifice, a materia-prima e a ferramenta requerida pela especialidade do trabalho.

Em Buenos Aires, como no Rio Grande, um desses tres indispensáveis elementos de successo rareava para o admiravel artifice: - a matéria-prima, representada pela madeira. Attrahido pela nossa variada e magnificente riqueza florestal, notadamente as excelsas embuias de desenho e colorido admiraveis, Essenfelder aqui localizou definitivamente a sua producção.

*Eis o motivo de possuirmos hoje a primeira, isto é, a unica fabrica de pianos de toda a America do Sul.*⁸⁷

3.2. PARANÁ

CURITIBA - : A REALIZAÇÃO DE UM EMPRESÁRIO

A instalação de Floriano Essenfelder e sua família em Curitiba colocou um final às suas jornadas. Porém, continuava a trajetória rumo a sua realização enquanto empresário:

Então, rumou o norte, galgou a serra, aproximando-se de Curitiba. Perola engastada no collar esmeraldino das araucárias, a localidade provinciana era um vago esboço de cidade. Ahi, porém, fixou-se o moço, menos por adaptação imediata e integral do que por um sublime sentimento divinatório. E iniciou as pesquisas e começou a faina e a possibilidade se delineou e a realidade se crystalizou...⁸⁸

Quando Floriano Essenfelder, antes da família, foi a Curitiba sondar o ambiente e buscar perspectivas para uma possível instalação de sua fábrica, desempenhou não somente o papel de um técnico pesquisador dos recursos naturais, em especial a madeira, e dos benefícios da região; desempenhou, também, o de empresário-administrador, avaliando as possibilidades econômicas e pretendendo conseguir o capital necessário, que possibilitaria a instalação de sua indústria.

Sua firmeza de ideal, entusiasmo e principalmente seu espírito empresarial conseguiram mobilizar pessoas interessadas para seu projeto. Não tardou a receber apoio da comunidade curitibana, através de homens de negócios e empresários, que perceberam no projeto de Floriano a possibilidade de trazer maior desenvolvimento para a região.

Foi de Júlio Kroehne, proprietário de um Café Restaurant, que Floriano recebeu o primeiro apoio moral e material em Curitiba, o que veio a ajudá-lo no período de mudança e instalação na nova cidade.⁸⁹

As expectativas parecem ter sido satisfatórias e favoráveis ao seu estabelecimento em Curitiba, pois, quando o restante da família chegou, ele já havia conseguido um lugar para fixar-se e para produzir seus pianos. Fora

arrendada no Juvevê, arredores de Curitiba, antiga serraria, localizada na estrada da Graciosa. O prédio era um pouco mais do que um barracão de madeira com vários puxados que serviam como depósitos. Ali seria instalada a fábrica de pianos Essenfelder.⁹⁰

Somente depois que Floriano e Frederico, o qual já havia trazido apetrechos da fábrica, materiais e os desenhos, terminaram os arranjos preliminares, que chegou o restante da família proveniente do Rio Grande do Sul. Após subirem a serra de Paranaguá a Curitiba, logo estabeleceram-se nas proximidades da “fábrica”, como salienta Esther Essenfelder Cunha Mello em depoimento: “Toda nossa família sempre morou em torno da fábrica de pianos”⁹¹

O Juvevê foi formado pela estrada da Graciosa (hoje Av. João Gualberto), um caminho lamacento que ligava Curitiba ao litoral, passando pelo Bacachery, Santa Cândida, Colombo até Paranaguá, juntamente com a estrada da Cachoeira (Av. Anita Garibaldi), que passando pelo Ahu levava à Barreirinha. Eram esses, os dois grandes eixos que permitiram o povoamento do planalto, próximo ao riacho Juvevê, de onde a região tirou seu nome. O desenvolvimento do Juvevê efetuou-se através dos vários proprietários de terras e comerciantes que ali iam se instalando, promovendo o seu crescimento.⁹²

Quando os Essenfelder se estabeleceram, a região contava como seu ponto central a capela de Senhor Bom Jesus do Cabral, erigida pela influente família Cabral que ali residia. Além de realizar casamentos e batizados, eram as suas festas religiosas consideradas as mais populares de Curitiba.⁹³ Ermelino de Leão, ao descrever as festas do Cabral para seu **Dicionário do**

Paraná, apresenta uma descrição do local e dos meios que eram utilizados para ali se chegar:

*Noutros tempos, a festa do Bom Jesus do Cabral era uma das mais concorridas e animadas. Os devotos partiam de Curitiba a cavallo ou em carros e tilburys demandando a bucólica collina onde se encontrava a modesta capelinha. No dia da festa as famílias passavam o dia no bairro, realizando-se animados convívios no antigo capão da Bula, que era propriedade da família Cabral, onde hoje * se encontra a Fabrica Lucinda.*

Ahi improvisavam-se dansas campestres e as festas revestidas de familiaridade e simpleza deixavam sempre gratas recordações aos devotos.

Hoje, as festas, sem perder o cunho de popularidade, com grande concorrência, não tem mais aquelle character poetico de bucolismo aldeão.⁹⁴

Percebe-se pelo texto, que quase vinte anos depois, o bairro começara a perder seu aspecto de bucolismo, não só com a instalação da Fábrica Lucinda de biscoitos, mas com a dos biscoitos Glória, a de acolchoados, tipografias, comerciantes, grupo escolar e escolas particulares. Depoimentos de antigos moradores relatam que em 1910, ano seguinte à instalação dos Essensfelder, o Juvevê passara a ser servido por bondes puxados a burros. Não havia ainda a luz elétrica – utilizava-se a luz de lampiões – e a água usada era de poço.⁹⁵

Com o incentivo do apoio recebido de Júlio Kroehne, Floriano começou a produzir seus pianos, mesmo que ainda não convenientemente instalado. Fato este que não parecia ser um empecilho para a empresa Essensfelder, acostumada a funcionar precariamente devido às várias mudanças e adversidades. Quando os Essensfelder se estabeleceram definitivamente em Curitiba, a empresa já existia há 19 anos, estando sempre em

* Ano de 1928.

funcionamento. Dependendo menos de um lugar apropriado e contando mais com as pessoas que detinham as técnicas e que construíam os pianos.

Torna-se uma tarefa difícil a de precisar a tipologia característica que a fábrica Essenfelder de pianos possuía quando estabeleceu-se em Curitiba. O fato de vários empreendimentos receberem indiferentemente os nomes de “indústrias” ou “fábricas” devia-se mais à preocupação dos autores ou relatores oficiais de transmitirem uma idéia de desenvolvimento econômico para a região, do que caracterizarem o que entendiam por “fábrica” ou “indústria”.

Não é raro de se encontrar sob essas denominações desde a simples colheita de erva-mate até empresas que as beneficiavam e as vendiam já embaladas para consumo; da mesma forma, encontram-se “indústrias” madeireira ou de pecuária, que nada mais eram do que exploração e corte da madeira, ou a criação de animais cavalares, muares e suínos para a venda.

Nestor Victor, em seu livro sobre o Paraná “**A Terra do Futuro**”, também não se preocupa em caracterizar tais diferenças, assim, podem ser encontrados, além da indústria do mate, da madeira e da pecuária, uma “fabricação de moveis, industria dos phosphoros, a fabricação de pianos, a industria bancaria, fabrica de pão”.⁹⁶ Além disso introduziu um item em que coloca uma diferença não explicitada entre “officinas e fabricas ”.⁹⁷

Nos **Relatorios da Secretaria de Finanças, Commercio e Industrias** apresentados ao Presidente do Estado do Paraná, Dr. Francisco Xavier da Silva, pelo Secretário Joaquim P.P. Chichorro Junior, à época do registro da marca dos pianos Essenfelder, também não se encontra uma distinção entre tais conceitos, como se lê no item que aponta o registro da fábrica de pianos:

*Marcas de fabrica e de commercio
De acordo com a lei, que rege o registro de marcas,
foram registradas 11 de commercio e 84 de industrias,
para productos diversos, a saber: 1 para foices e ma-
chados; 1 para chocolate; 1 para banha; 2 para fumo
e cigarros; 1 para producto pharmaceutico; 1 para
saõ e velas; 1 para piano; 3 para phosphoros, e por
ultimo, 72 para herva matte,(...)⁹⁸*

Esses **Relatorios** baseiam-se nos dados fornecidos através da Junta Comercial do Paraná, repartição cuja preocupação, já no ano de 1910, era a de procurar a regulamentação das firmas do Estado do Paraná através da catalogação, registros e fiscalização da contabilidade nas firmas que “nem têm os seus livros de accordo com as prescripções da lei.”⁹⁹ Constata-se que esse setor, “em geral, é mesmo atrazadissimo, pois não só não tem os seus livros como manda o Codigo, mas a sua contabilidade nem merece esse nome.”¹⁰⁰ Dessa forma, torna-se difícil o levantamento de dados para uma pesquisa mais completa, ou para um maior aprofundamento nessa fase de instalação das empresas paranaenses.

O propósito do trabalho da **Junta Comercial** e da **Associação Commercial**, uma associação de interesse privado, é “no sentido de melhorar esse estado de cousas, é um verdadeiro trabalho de moralisação do commercio.”¹⁰¹ Para a sua realização, o Secretário da Junta Comercial visitou várias fábricas curitibanas e emitiu seu parecer em **Relatorios**. Tais **Relatorios**, embora uma importante fonte de informações, são extremamente simplificados e nem sempre permitem que se forme uma verdadeira idéia das fábricas visitadas. Nota-se uma preocupação em exaltar o seu produto e descrever de modo sucinto a sua instalação, produção e possibilidades futuras. Isto se verifica no relato da visita às instalações da Fábrica de pianos Essenfelder:

Fabrica de pianos – situada à rua da Graciosa nº 271, e de propriedade de Floriano Essenfelder, os pianos por ella fabricados são bem reputados pelas suas excellentes vozes, solida construcção, que mereceram para o seu proprietario o premio, que obtiveram na exposição de Buenos Ayres de 1899, e na do Rio de Janeiro de 1908.

"As madeiras empregadas na construcção desses pianos são a imbuia e o cedro, oriundos deste Estado, e as peças de ferro são fundidas nesta capital."¹⁰²

Para um **Relatorio** que pretende oficialmente relatar a visita do Secretário da Junta Comercial à uma fábrica, percebe-se que é bem pouco o que menciona sobre a fábrica em si; o modo como se processa a sua produção; quanto pode produzir por mês ou ano e as suas possibilidades de desenvolvimento para o futuro. Pretenderia o autor do Relatório, omitindo alguns dados, enfatizar o progresso da fábrica somente através da qualidade de seus produtos?

Do mesmo modo, tais informações não são encontradas no relato sobre a visita à **Fabrica Paranaense de Ladrilhos Hydraulicos**: "Esta fabrica, que, por emquanto, trabalha com um numero limitado de operarios por tratar -se de industria incipiente no Estado, fabrica, com perfeição, ladrilhos hydraulicos,(...) que imitam perfeitamente o mosaico."¹⁰³ Após ressaltar algumas das suas vantagens e o seu preço mais acessível, comenta que "a referida fabrica, como toda a industria que se inicia, é digna, por certo, da proteção publica, afim de que possa desenvolver -se, como seria para de-sejar,"¹⁰⁴ o que vem demonstrar a necessidade de se cultivar tais empreendimentos para o desenvolvimento de Curitiba.

De um modo bem mais detalhado, porém, descreve sua visita à **Fabrica a Vapor de Fitas**, de propriedade de Gustavo Wenske:

Esta fabrica funciona com 5 teares, sendo um duplo, e fabrica fitas de seda pura. (...) Produz diariamente mil metros de fitas. Trabalha apenas com 8 operários, mas o seu proprietário pretende brevemente dar-lhe maior desenvolvimento, duplicando o numero de teares (...) Toda a sua produção (...) é vendida nesta Praça, e na de S. Paulo.(...) O motor da fabrica é de força de 6 cavallos, e movido a petroleo. Constitue essa fabrica um bello empreendimento, e o seu proprietario é assim digno de applausos.¹⁰⁵

Haveria alguma razão para que o autor fosse tão sucinto em alguns dos Relatórios e mais detalhado em outros? O que pretendia o Secretário ao deixar de mencionar certos dados, em alguns dos Relatórios, apenas ressaltando a qualidade do produto? Estaria a **Fabrica a Vapor de Fitas** mais próxima a um modelo ideal de “Fábrica”?

Verifica-se que não se preocupavam os autores da época em caracterizar as fábricas segundo o modo como elas produziam. Percebe-se, porém, uma certa tendência a classificar como “indústrias”, as empresas com características extrativas, como a do mate, madeira ou pecuária; “fábricas”, as que produzem mais elaboradamente seus produtos e que os apresentam prontos para o consumo, como bebidas, fósforos, vassouras, chapéus e pianos*; As “officinas” seriam empresas que prestariam serviços, como tipografias e encadernadoras. Deste modo, a classificação se processa, em parte pelo modo de produção: se extrativas ou de transformação; e, em parte, pelo tipo de produtos: se matéria-prima ou produtos acabados para serem colocados no mercado.

Tal tipo de classificação parecia ser suficiente para descrever tais empreendimentos. Assim, observa-se, também, uma “tendência” a não se aprofundar nas características dos modos de produção. Em que medida o

* Ver produtos catalogados na citação da p.103, Curitiba.

fato de as classificarem como: caseiras, domésticas, artesanais ou familiares desmereceria tal empreendimento? Perceber-se-ia, talvez, uma mentalidade para se enfatizar as possibilidades econômicas do Estado, mesmo em detrimento da qualidade da informação, ou negação de possíveis características pré-capitalistas?

Enfatizar certas informações, ou elaborar relatórios sucintos com lapsos de detalhes, talvez fosse o resultado de uma ideologia defendida por certos autores que acreditavam ser a industrialização do país um dos caminhos para o seu progresso e desenvolvimento. Tais idéias encontravam resistência por parte da elite rural que, defendendo seu estilo de vida, pretendia um Brasil que se dedicasse à exportação de suas riquezas naturais, matérias-primas, produtos agrícolas e pecuários.

Em seu livro **“A luta pela industrialização no Brasil,”** Nícia Vilela Luz descreve, com pormenores, os argumentos que vinham se desenvolvendo há um certo tempo, sobre a questão da industrialização brasileira. Analisa a posição dos setores mais tradicionais e da economia agro-exportadora, que defendiam a idéia de que “o Brasil devia se restringir à agricultura e à indústria extrativa por serem, no país, as mais racionais e lucrativas e, acreditando serem mais felizes as populações rurais do que a urbana.”¹⁰⁶

O cunho de nacionalismo que permeava as idéias pró-industrialização viria, no entanto, a reforçar a luta dos seus defensores, pois, como contra-argumento, pretendiam encontrar no desenvolvimento industrial a solução para a autonomia econômica do país:

pela industrialização o Brasil não só obteria a independência econômica, mas resolveria alguns dos seus problemas, pois atrairia para o país braços e capitais estrangeiros, ocuparia uma população urbana desocupada que poderia suscitar uma questão social, livraria o país da vulnerabilidade de uma economia mo-

no-cultura e, abastecendo o mercado interno, diminuiria a importação, aliviando a balança comercial.¹⁰⁷

A idéia de um Brasil desenvolvido e independente economicamente não conseguiu defensores apenas nas grandes cidades. Curitiba, uma cidade em desenvolvimento, também procurou, na industrialização, uma possível solução para o equilíbrio de sua economia.

A respeito desse início de desenvolvimento industrial, o autor paranaense Nestor Victor dedicou um capítulo de seu livro, onde não poupa elogios ao esforço curitibano nesse setor:

Já é um bonito quadro, apto a inspirar as mais risonhas sugestões, aquelle que neste momento representa a organização industrial curitibana, tanto mais por ventura comparado com o esboço grosseiro, tão deficiente, em que elle se debuxava apenas ha vinte annos atrás. Vem-se de dia para dia desenvolver-se e completar-se de melhor para melhor os órgãos que logo no início foram solicitados para a sua composição e deram-lhe uma característica, ao mesmo tempo que outros espontam, e ainda outros, ganhando, em mais de um caso, com rapidez, vulto e importancia prodigiosos, para a phase inicial em que ainda hoje se acha o incremento da industria no Brazil¹⁰⁸

Porém, mesmo Nestor Victor, que procura ser detalhado em suas informações e comentários sobre suas visitas às indústrias curitibanas, também não se preocupou em registrar “certos detalhes”, deixando transparecer apenas a idéia de um desenvolvido parque industrial para a época. Novamente os pormenores que poderiam caracterizar as fábricas segundo seu modo de produção e colocar a realidade das indústrias que emergiam nesse estágio, são deixados de lado ou camuflados, como na citação acima, com a expressão “phase inicial”.

É o que também se percebe quando relata sua visita à fábrica de pianos e sua entrevista com Floriano Essenfelder. Ainda que ocupando quase três páginas do capítulo, é pouco o que menciona sobre a fábrica em si: "Sinto não ter espaço para dar uma idéia mais completa da excelente impressão que recebi naquela fabrica."¹⁰⁹ Apenas um breve comentário é feito a respeito de encontrar-se em seu estágio inicial. Ao referir-se à capacidade empresarial de Floriano e à sua estadia em Curitiba, faz a previsão de que "della póde ali resultar o surto de uma industria que já nos seus inicios nos faz honra."¹¹⁰

Após um breve relato histórico sobre a trajetória de Floriano Essenfelder de Berlim a Curitiba,* a ênfase do artigo, assim como as do Secretário da Junta Comercial, recai na preocupação em ressaltar a qualidade dos pianos, expressa no diálogo mantido entre Nestor Victor e Floriano Essenfelder:

- Quaes as vantagens que julga offerecer sobre os pianos europeos?
 - 1º, serem os nossos fabricados expressamente para o clima; 2º, empregarmos madeiras do paiz, massiças, não enchapadas. Alem de que offerecemos tambem certos melhoramentos, como por exemplo, o da transposição do teclado por um meio mecanico para elevar ou baixar a tonalidade no acompanhamento do canto. (...) Todos os modelos tem tres pedaes, conforme os mais recentes vindos da Europa: a utilidade delles está em poupar por esse modo o mecanismo do piano. Alem desses ha outros melhoramentos de pormenor, alguns, deixe-me dizer, bem interessantes.¹¹¹

Quando, porém, se refere ao assunto da produção, ele o faz rapidamente, ainda dando primazia ao produto; sem preocupar-se em mencionar o número de empregados, ou o modo como ela se processa:

- Quantos modelos produz?
 - Produzo sete diferentes modelos de piano: 3 de

* Cujos trechos já foram mencionados no trabalho.

*cauda, 4 de armario, todos de tamanhos correspondentes aos dos pianos europeus.*¹¹²

Apesar das vantagens enumeradas pelo próprio Floriano a favor de seus pianos, nota-se que o parâmetro de qualidade utilizado para tal comparação continua sendo o dos pianos europeus. O texto deixa transparecer que a tendência que permanece é a de querer igualar-se aos produtos europeus, que eram produzidos em fábricas de renome firmado através dos anos e conhecidos mundialmente.

Mesmo que procurasse igualar-se a essas indústrias, que pertenciam a um estágio mais avançado da industrialização européia, a fábrica de pianos Essenfelder não se eximiu das características pré-capitalistas ou do capitalismo incipiente que marcaram a conjuntura econômica quando do surgimento das indústrias no Paraná. Apesar de classificada como “fábrica”, por diversos autores, como muitas outras empresas, podia ser nela encontrada características de uma indústria “caseira” ou “doméstica”, de cunho “familiar” ou mesmo com aspecto de uma “corporação artesanal”. Seguindo a trajetória dos Essenfelder até sua instalação em Curitiba, pode-se notar que toda a família estava mobilizada para o estabelecimento da fábrica e seu desenvolvimento e que, não raro, as adversidades pelas quais esta passava, afetavam diretamente a vida doméstica, pois elas estavam inter-relacionadas. Como um mestre artesão, Floriano perpetuava seu conhecimento através de seus herdeiros, transmitindo-lhes suas técnicas, ou treinando operários para a fábrica. O produto em si exigia, na sua execução e apresentação, que fosse utilizado um trabalho artesanal.

Tais características, ao invés de serem consideradas em seu aspecto depreciativo, de atraso, que deveriam ser ultrapassadas ou evitadas de se

comentar, encontraram uma justificativa na tecnologia aplicada na fábrica de pianos Essenfelder e acabaram por delinear e marcar o seu estilo.

Sua característica de “familiar” permitiu que surgisse a “tradição Essenfelder”, ou seja, de toda a dedicação da família na produção dos pianos; se “caseira ou doméstica”, tal aspecto proporcionou seu contínuo funcionamento independente de um lugar físico específico e produzindo seus produtos centralizados no elemento humano; e, se “artesanal”, por dever tal característica ser perpetuada num produto como o piano, que como uma obra de arte é produzido um a um, com requintes de desenhos e marcenaria, tendo cada um a sua própria individualidade e, como tal, necessitando de cuidados particulares. Foi exatamente o desenvolvimento dessa característica personalíssima que muito auxiliou a fazer a fama da marca Essenfelder.

Da mesma forma que os Essenfelder, que levaram a um desenvolvimento próprio e positivo esses aspectos do pré-capitalismo, chegando a formar uma grande empresa sem perder a essência dessas características, havia em Curitiba fábricas que fixadas há mais tempo e em estágios mais elaborados de crescimento, haviam também começado de modo doméstico e artesanal. Eram oficinas de imigrantes artesãos que acabaram por se transformar em grandes fábricas, contribuindo para o desenvolvimento local.

A Fundação Mueller é um desses exemplos, pois começou “quando Gottlieb Mueller se instalou com uma pequena ferraria na estrada da Graciosa, recém chegado da Suíça.”¹¹³ Sua ferraria cresceu e transformou-se em uma modesta oficina de concertos e fabricação de certas peças e em 1878 instalou-se na estrada de Assunguy (próximo às atuais ruas Mateus Leme e Cândido de Abreu), onde a Fundação desenvolveu-se a partir de “uma oficina mecânica e ferraria num barraco de madeira com 12 janelas e uma porta, no

fundo do qual erguia-se uma chaminé”.¹¹⁴ Quando Nestor Victor a visitou em 1913, chamou-lhe a atenção a mão-de-obra, pois na casa trabalhavam uma média de 120 operários e que a indústria além de suprir o mercado estadual, atendia pedidos de S.Paulo, de Minas, do Rio Grande do Sul e até da Argentina, fabricando máquinas para o beneficiamento da erva-mate, sinos, cofres fortes, etc, tratando-se “de uma industria indispensavel como industria preparatória, que aparelha todas as outras industrias fabris”.¹¹⁵

Sem dúvida, foi, por existir uma indústria que produzia máquinas e supria as necessidades de base de outras fábricas, que Curitiba passou a atrair outros empreendimentos, como no caso a indústria de Floriano Essenfelder, que, respondendo a Nestor Victor sobre as vantagens encontradas, assim se pronunciara:

*Duas grandes vantagens: excellentes madeiras e boa fundição. Graças a isso posso produzir, aqui mesmo, o esqueleto do piano, a caixa harmonica, a caixa exterior, o teclado (importando apenas o marfim) e o mecanismo.*¹¹⁶

Os Essenfelder não foram os únicos a serem beneficiados com o crescimento da Fundação Mueller. Muitos são os exemplos de pequenos empreendimentos que também obtiveram seu sucesso a partir das facilidades que o contexto curitibano oferecia.

Quando a República instalou-se no Brasil trazendo novas perspectivas ao país, Curitiba contava com um grande potencial econômico que havia começado a se desenvolver desde o período colonial. Foi através dos mi-

neradores, que faiscavam na baía de Paranaguá e que transpondo a Serra do Mar passaram a procurar ouro no planalto, que se iniciou o povoamento da região:

Assim, antes da fundação das vilas, já existiam povoados nesses lugares. Habitavam êsses povoados famílias dos mineradores que se dedicavam, primeiro, à cata do ouro de aluvião, embora o que se procurasse fôsseminas, isto é, bêtas, como se dizia.¹¹⁷

A partir da oficialização da Vila de Curitiba em 1693, vários foram os fatores econômicos que propiciaram o desenvolvimento da região. Entre os séculos XVIII e XIX, os campos do planalto eram utilizados como invernadas para os gados bovino e muar conduzidos através do caminho do Viamão e com destino à feira de Sorocaba. O tropeirismo desenvolvido no eixo Viamão-Sorocaba possibilitou o aparecimento e desenvolvimento de vários pousos e postos de troca, locais que deram início a fazendas, povoados, vilas e cidades.

Durante o período dêsse "ciclo", as fazendas de criação de gado e internagem de muares, estendem-se por tôdas as regiões de campos naturais do Paraná, campos que vão desde Curitiba, Campos Gerais, aos campos de Guarapuava e de Palmas, numa ocupação fundamental do território paranaense, até as fronteiras do Rio Grande e Argentina.¹¹⁸

Pedro C. Padis, em seu livro "**Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**", chama a atenção para as atividades paralelas que surgiram como decorrência das invernagens, como o do atendimento das necessidades dos tropeiros nos seus "campos de pouso" que provocaram o

aparecimento de um grande número de casas comerciais, assim, como a própria criação e exportação de gado bovino.¹¹⁹

No entanto, foi a extração e exportação da erva-mate que mais contribuiu para arrecadar riquezas ao Paraná. O consumo do mate era bastante antigo, datando da época pré-colombiana. “A América nasceu bebendo mate. Antes que o espanhol nela pusesse os pés, o seu uso já era praticado pelos indígenas”.¹²⁰ Assim, Temístocles Linhares inicia o seu livro “**História econômica do mate**”, no qual também relata que o uso da bebida logo foi assimilado pelos conquistadores, tanto por ser uma espécie de vício elegante ou para substituir as bebidas alcoólicas. Muitos ainda acreditavam que o mate estimulava as atividades intelectuais, a memória, o pensamento; que servia como regulador cardíaco, nervoso e muscular; seria ainda um moderador das funções digestivas, sustentáculo das forças e anulador do cansaço, além de excitante de energias morais.¹²¹

A verdade é que o uso do mate propagou e tornou-se um hábito, passando a fazer parte da tradição cultural, principalmente, no sul do país, possibilitando que o produto se transformasse num comércio rentável. Assim comenta Pedro C. Padis: “As transformações por que passou o Paraná, e especialmente a cidade de Curitiba no período que vai de 1820 a 1850, se deram, em grande parte – se não no todo – devido à evolução favorável da economia ervateira”.¹²² Foi a partir de 1820, que o seu comércio tomou vulto, com a chegada a Paranaguá de Alzagaray que introduziu técnicas de beneficiamento, fabricação e acondicionamento, o que ajudou a colocar o mate paranaense nos mercados externos. Em consequência desses melhoramentos já no ano de 1826 a erva-mate predominando sobre outros produtos de

exportação, constituía a base do comércio exterior da 5ª Comarca, atingindo 69,81% da exportação total do Paraná.¹²³

A economia do mate mobilizou a maior parte da população da Província, pois em sua decorrência, criaram-se as indústrias complementares, como os engenhos de soque e de beneficiamento da erva, as fábricas de barrica e surrões de couro para o acondicionamento da exportação e um sistema de transporte que empregava muita gente.¹²⁴

A melhoria do sistema de estradas e das comunicações foi uma das primeiras providências que tomou o Presidente da Província do Paraná, emancipada em 1853 da Província de São Paulo, para facilitar o seu desenvolvimento econômico. A Estrada da mata, que ligava a capital ao interior, assim como a da Graciosa, que ligava Curitiba ao litoral, foram melhoradas, permitindo que um grande número de engenhos beneficiadores de mate localizados no litoral se transferisse para o planalto, perto das áreas dos ervais, facilitando o trabalho dos que se dedicavam à coleta do produto e que não mais precisariam transportá-lo às costas até o litoral,¹²⁵ podendo contar com o seu transporte em carroções.

Assim sendo, é imediato perceber que, eliminada a necessidade de se transportar – e como já disse, à força humana – a erva bruta desde o planalto até o litoral, por caminhos difíceis, um número muito maior de pessoas passaria a se dedicar a essa atividade, incrementando a produção.¹²⁶

Assim, às fazendas criadoras de gado, vieram juntar-se as grandes propriedades dos ervateiros. Tais fazendeiros, paralelamente ao seu produto, também exportavam a madeira, que chegou a ser o segundo item da balança

comercial do Estado, ¹²⁷ principalmente pelo incentivo dado pela abertura, em 1885, da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá.

Foi, porém, a economia do mate, assinala Temístocles Linhares, que permitiu o surgimento de “um tipo de aristocracia regional, com tãda a mentalidade característica da classe. As principais famílias paranaenses recrutavam-se em suas origens entre os primeiros ervateiros surgidos então”. ¹²⁸ Ela fez viscondes e barões, criando a sociedade titulada paranaense, como por exemplo o Visconde de Nacar e o Barão do Serro Azul.

A economia do mate, continua T. Linhares, permitiu que grandes realizações fossem empreendidas no Paraná: estradas, o povoamento do interior, a colonização, a fortuna das principais famílias paranaenses e o aparecimento de indústrias complementares, como a da madeira, fornecendo barricas e caixas.

Contribuiu, também, para que se afirmassem no cenário sócio-econômico, os primeiros empresários paranaenses, que souberam atuar não somente nos setores ervateiros como no madeireiro, como Ildefonso Pereira Correia, Barão do Serro Azul, que atuou na vida político-administrativo da cidade, colaborando no setor financeiro, social e cultural de Curitiba, Assumindo posições tais como: o de Presidente do Conselho Fiscal da Caixa Econômica, Presidente da Câmara Municipal, fundador da Imprensa Paranaense, fundador do Clube Curitibano e seu primeiro presidente em 1882, além de ser um ativo militante político do partido conservador. ¹³⁰

A expansão da economia do mate trouxe consigo o problema da falta de mão-de-obra para o desfalcado meio rural. O aumento da imigração do colono europeu passou a ser considerado o único meio adequado para solucionar tal situação, além do que, ele poderia suprir o mercado de gêneros

alimentícios que faltavam na praça e ocasionavam crises com a elevação dos preços, pois

Essa estrutura econômica, inteiramente dependente dos mercados externos, complementava-se com o comércio de importação, por onde se provia a maior parte do abastecimento da população.¹³¹

Para suprir tais deficiências o governo provincial desenvolveu uma ativa política de imigração européia e de colonização agrícola, desde meados do século XIX.¹³²

Celso Furtado comenta que a expansão da produção de erva-mate na região paranaense trouxera um duplo benefício à economia de subsistência, dinamizada em grande parte por populações transplantadas da Europa. Os colonos do interior aumentavam sua renda dividindo seu tempo entre a agricultura de subsistência e a extração de folhas de erva-mate, enquanto que os colonos mais próximos do litoral se beneficiavam com a expansão do mercado urbano.¹³³

O aumento da população não se distribuiu de maneira uniforme. A atividade colonizadora predominou na parte mais antiga, nos arredores de Curitiba.

O município de Curitiba foi dos bem favorecidos, revelando, sobretudo, a importância crescente da cidade que, além de sua função administrativa, como capital, desenvolvia as suas atividades comerciais e industriais, tendo se tornado poderoso centro de indústria de madeiras e beneficiamento de mate.¹³⁴

Os grupos de imigrantes que se estabeleceram nas colônias dessa área, entre os anos de 1872 a 1920, eram de composição bastante he-

terogênea, compreendendo alemães, italianos, poloneses e ucranianos, na sua maioria, e russos, franceses, austríacos, holandeses e suíços, em menor número.¹³⁵ Os resultados satisfatórios alcançados pelas colônias atraíram novos imigrantes para as já existentes ou para formarem novas colônias, sendo que outros ingressaram nas atividades artesanais e industriais da cidade.¹³⁶

Apesar da política imigratória brasileira contar com os imigrantes camponeses para incrementar a oferta da força de trabalho assalariado e disponível para as grandes lavouras, visava também, solucionar o problema da agricultura de subsistência, oferecendo-lhes oportunidade de se tornarem proprietários de terras. Porém, muitos desses imigrantes não eram apenas camponeses. Segundo Temístocles Linhares, fora das safras e aproveitando gente de casa, da própria família, inventavam muitos trabalhos suplementares, funcionando como pequenas indústrias caseiras, como moinhos de farinha, fabricação de móveis, serralharia, etc.¹³⁷

A importância dos trabalhos suplementares é apontada por Manuel Diegues Jr., ao afirmar que a diferenciação de funções encontradas nas colônias serviu duplamente ao desenvolvimento das colônias em cidades e dos centros urbanos já constituídos: no campo do artesanato, deu origem ao surgimento da indústria, e proporcionou, através das administrações nas colônias, o aparecimento de líderes que ocuparam posições de comando, atuando no campo da vida pública e administrando os novos municípios surgidos com a organização da vida urbana.¹³⁸

O artesanato trazido pelos imigrantes, tornou-se a base do processo industrial do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e, em grande parte do Paraná. Em seu livro **Imigração, Urbanização e Industrialização**, Manuel Diéguas

Jr., relata o processo da evolução da atividade artesanal até o surgimento das indústrias. Destinados, a princípio a atender às necessidades dos colonos, eram realizados individualmente os trabalhos de consertos ou reparos, e pouco a pouco foram, depois, constituindo-se em oficinas.¹³⁹

Nessas oficinas primitivas as atividades foram crescendo, passando os trabalhos de consertos e reparações a serem completados com os de fabrico, inicialmente rudimentar e somente de peças, instrumentos ou ferramentas necessários às atividades agrícolas. Pouco a pouco as oficinas, quase familiares, foram-se transformando em pequenas indústrias, admitindo novos auxiliares.¹⁴⁰

Investiam os lucros na aquisição de novas máquinas e peças, continua Manuel Diégues Jr., melhoravam as instalações construindo edifícios de tijolos para substituir o primitivo barracão, não raro de madeira, e o trabalho dedicado e contínuo ia encarregando-se da prosperidade do estabelecimento. Foi o que sucedeu, de modo geral, com as indústrias de origem alemã ou italiana.¹⁴¹

Foram os alemães, embora em menor número em relação aos imigrantes poloneses e ucranianos, que ostentaram um maior dinamismo econômico e preferiram estabelecer-se nas cidades, onde encontraram maiores facilidades de ascensão social e logo alcançaram os meios dirigentes.¹⁴²

Um balanço sobre o desenvolvimento nos diversos setores industriais, pode confirmar os grandes serviços prestados pelos imigrantes de origem germânica nas atividades manufatureiras. Através de seu espírito empreendedor, não só multiplicaram o número de estabelecimentos, como também promoveram a diversidade nos ramos industriais.

No ano de 1902, entre os 253 artífices e oficinas que existiam em Curitiba, mais da metade, ou seja, 147 eram teutas e compreendiam:

alfaiates, salsicheiros, barbeiros, confeitores, fabricantes de carruagem, marceneiros, marmoristas, ourives, sapateiros, seleiros, tintureiros, serralheiros, ferreiros e tanoeiros.* Das 112 indústrias, 55 pertenciam a proprietários de origem germânica. As fábricas de bebidas, de tecidos, linho, louça, cortumes, fundições, meias, fósforos, sabão e vela, serrarias e moinhos, vieram juntar -se outros empreendimentos fundados por teutas entre os anos de 1920 e 1929, como as relacionadas abaixo por Carlos H. Oberacker Jr.:

uma fábrica de chocolagem; uma de bombons; uma de bolachas, diversos curtumes e diversas fábricas de correias, um estabelecimento gráfico, duas fábricas de adubos químicos, uma de tela de arame, uma fábrica de balanças, duas de barricas, três de cerâmicas, duas cordoarias, uma de refrigeradores, três de escôvas, cinco de ferramentas e maquinaria agrícola e industrial, uma tecelagem, duas malharias, uma de pianos e duas de pregos.¹⁴³

Muitas dessas indústrias, assim como os já mencionados exemplos da Fundação Mueller e o da própria fábrica de pianos Essenfelder, seguiram o processo de crescimento descrito por Manuel Diegues Jr., ou seja, iniciaram-se como simples oficinas de trabalho artesanal, em pequenos galpões improvisados e chegando a alcançar o ponto mais alto, como indústrias cujos produtos acabaram por se transformar em marcas conhecidas no exterior através de suas exportações.

Não foi, porém, apenas a contribuição dos imigrantes de origem alemã que promoveu esse desenvolvimento a Curitiba, permitindo, que no final do século XIX e início do século XX, houvesse um surto industrial que a colocasse em destaque entre as outras capitais brasileiras.

* Sobre os alemães no Paraná ver *Os alemães nos Estados do Paraná e de Santa Catharina*, álbum comemorativo do 1º Centenário da imigração alemã nesses Estados, publicado pela Impressora Paranaense em 1929.

Deve ser lembrado que todos aqueles que participaram dos ciclos do ouro e do troupeirismo, ou aqueles que ainda participavam na extração do mate ou madeira, colaboraram para criar uma nova estrutura sócio-econômico, propiciando as condições para o desenvolvimento industrial. A formação das grandes fazendas, vilas e cidades, juntamente com o crescimento populacional, através das migrações internas e imigrações externas, ajudaram na expansão e ocupação das terras no interior do Estado além de formarem uma população de consumidores, ou seja, um mercado para os produtos que seriam oferecidos posteriormente pelo crescimento das indústrias.

Curitiba comportava uma grande variedade de imigrantes de diferentes etnias que prosperaram e se firmaram, pois eram detentoras de alguma tecnologia, ou visão empreendedora. A história de Curitiba está estreitamente relacionada com essas famílias, que através do desenvolvimento de seus empreendimentos vão possibilitando o crescimento da própria cidade. Como foi visto, a maior parte da contribuição se fez através dos alemães, mas não deve ser esquecida a dos poloneses, ucranianos, franceses, assim como a dos italianos que, como Giuseppe Todeschini, que havendo iniciado a fabricação de macarrão feito em casa, acabou por transformar-se na grande indústria Todeschini fundada em 1885, ou que, atuando como profissionais liberais nos vários ramos, como de alfaiataria, advocacia, barbeiros e carpinteiros passaram a formar uma nova classe urbana.

O Paraná passava por um período de grande expansão das forças produtivas e de transformações, que estava levando ao aparecimento de novos setores sociais e acompanhando o declínio de outros. A industrialização passava a se desenvolver paralelamente à produção agrícola e esse processo

significava que uma diferenciação de grupos de interesses estava ocorrendo, provocando mudanças nas classes rurais.

A baixa renda gerada pelas grandes propriedades dificilmente conseguia cumprir a função de manter a estrutura por elas criada. Desta forma

Os membros novos da grande família se viam forçados a procurar outras fontes de renda, ao menos suplementar, diferente da renda da terra. Segue-se a dispersão da família fazendeira. O processo de desestruturação do patrimonialismo da grande família fazendeira é acompanhado de tensões que seguem a decadência da velha classe em face das classes novas em ascensão, como, por exemplo, a dos imigrantes.¹⁴⁴

Ainda no capítulo sobre a **Desagregação da Sociedade Tradicional**, no primeiro volume da **História do Paraná**, existe uma citação de Tobias Monteiro, feita em 1903, na qual ele faz uma previsão da nova classe que emergiria nas cidades: “eles estabelecerão as indústrias, tornar-se-ão donos do comércio, construirão belas residências. Tornar-se-ão prósperos, ricos, desfrutarão de tudo e dominarão realmente, pelo império das profissões independentes, a raça suicida que se crê dominadora.¹⁴⁵

Quando Floriano Essenfelder e sua família se fixaram no Juvevê, região que logo se transformou num promissor bairro, Curitiba já não apresentava mais as características de uma cidade provinciana. Rapidamente crescia, seguindo os passos das grandes capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Em seu livro **Terra do Futuro**^{*}, publicado em 1913, Nestor Victor faz um relato do aspecto da cidade, quando a visitou após alguns anos de ausência. Espantado com o seu crescimento, pois que ela passava a assemelhar-se com São Paulo no ar cosmopolita e feição européia. Chega a mencionar nostalgicamente a saudade que sentira do antigo cheiro de Curitiba, aquele

* Ver capítulo *A nova Curitiba* (aspectos físicos e condições de vida) p.113-33.

de grama seca e de atmosfera de curral que dava a toda a cidade um ar campesino. “Era esse um dos motivos por que naquele tempo Curitiba parecia uma grande aldeia meio allemã”.¹⁴⁶

A arquitetura que passava a predominar nos prédios modernos era mais leve e elegante, influenciada pelos construtores italianos que cada vez mais entravam em concorrência com os de origem alemã, o que servia para degermanisar o aspecto da cidade.¹⁴⁷

Duas ruas serviam de eixos principais para a cidade: a rua da Liberdade (rua Barão do Rio Branco) que ligava a Estação Ferroviária ao centro. Nela se encontravam o Palácio do Congresso e o do Governo, a Estação dos bondes, além de inúmeros prédios de um lado e de outros; e a rua Quinze de Novembro, predominantemente a espinha dorsal da cidade e de seu movimento financeiro. “Larga e sympathica, como sempre foi, ostentava hoje palacios bancarios, tinha grandes, importantes armazens, e, quando menos, quasi que sem excepção, offerecia à vista sobrados já bem decentes agora”.¹⁴⁸ Seu movimento era bastante intenso e por ela via-se passar uma verdadeira multidão de gente. Senhoras que já iam sozinhas às lojas para fazer compras, homens que se portavam com uma atitude mais cidadina e que andavam vestidos com mais esmero, detinham-se para escovar as botinas no engraxate, e cujos cumprimentos eram mais comedidos e menos familiares.¹⁴⁹

As transformações no modo de vida da população deviam-se em grande parte à sua expansão: Nestor Victor menciona o cálculo aproximado feito por Emiliano Pernetta, no qual estimava que o centro urbano devia contar entre 40.000 a 50.000 habitantes e, entre 60.000 a 70.000 com os arredores. Porém, tal aumento populacional e o desenvolvimento rápido que se verificavam, traziam consigo um lado negativo: desequilibrava profunda-

mente a vida nos centros, dificultando as suas condições, principalmente a da classe menos favorecida, pois o custo de vida subia devido a escasses dos gêneros de primeira necessidade, que, por vezes, podia ser agravado devido às condições causada pela instabilidade climática.¹⁵⁰

Curitiba contava também inúmeras praças, dentre as quais estavam a Tiradentes, a Carlos Gomes, a Thereza Christina (Santos Andrade), a da República (Rui Barbosa), a Municipal (Generoso Marques) onde ficava o mercado, mas era a praça General Osório que mais movimento possuía. Tinha o formato de um retângulo ao redor do qual havia alguns sobrados. Era cortada pela linha de bonde que vinha da rua Comendador Araújo em direção à rua Quinze. Nela havia uma torneira na qual a população da redondeza se abastecia de água, já que não havia abastecimento domiciliar. Além do cine Eden, barraquinhas de guloseimas, algumas oficinas como a da modista Madame Joly e da engomadeira, o que atraía a atenção da população eram os concertos de bandas realizados no seu coreto.¹⁵¹

Ligando a rua Quinze à Praça Osório, estava a pequena avenida Luiz Xavier, também passagem da linha de bondes. Nela havia de tudo: cinema, farmácia, alfaiataria, latoaria, sorveteria, açougue e padaria. Quase esquina com a rua Voluntários da Pátria havia o Coliseu, um parque de diversões com cinema, ringue de patinação, carrossel e outros divertimentos.¹⁵²

Apesar de Curitiba já possuir iluminação elétrica, a maioria de suas fábricas, suas estradas de ferro, assim, como a South Brazilian encarregada da iluminação elétrica da cidade, utilizavam-se ainda da queima do carvão e lenha como combustível principal para alimentar seus geradores. A companhia pretendia “utilizar-se dentro em pouco do salto de Cayacanga, formado pelo Iguassu e distante 70 kilometros da Capital”, para construir uma

usina.¹⁵³ No entanto, a sua usina de eletricidade situada na praça Eufrásio Correia, produzia ainda insuficientemente para poder alimentar as linhas de bondes, que eram, portanto, puxados por burros.

Nos dias festivos o suplício dos pobres animais aumentava, pois que ao primeiro bonde costumava-se atrelar um segundo, apelidado "o caradura", que conduzia os passageiros excedentes. No caradura havia menos conforto, era mais desabrigado, mas isso não contava para aqueles que queriam ir à festa, ao jogo, às corridas, ao circo ou a qualquer outra diversão.¹⁵⁴

Além das praças e das ruas Quinze e da Liberdade, haviam muitas outras repletas de construções e que delineavam o progresso da cidade. Ao Palácio do Governo e o Congresso do Estado juntaram-se ainda o Hospital de Caridade, a Catedral, o Mercado, a Cadeia, os quartéis, o correio, o Museu, diversas escolas, igrejas, teatros, cinemas, clubes e associações.

Curitiba não era, porém, apenas o seu centro, ela estendia-se por todos os lados. Arrebaldes e subúrbios como Água Verde, Portão, Cajuru, Batel, Ahú, Pilarzinho, etc, já se achavam quase compactos e quase a confundir-se com a cidade. Dentre eles era o Batel o mais desenvolvido e mais aristocrático. Era servido pela linha de bondes e ali encontravam-se os palacetes dos fazendeiros e da aristocracia ervateira, aos quais vinham juntar-se os dos novos empresários e profissionais bem sucedidos.¹⁵⁵

Apesar da visão de progresso que apresentava a cidade, haviam ainda muitos outros pontos de seu crescimento que estavam longe de serem os desejados, como comenta Emiliano Pernetta a Nestor Victor:

Póde-se dizer que esta cidade ainda patinha na lama como uma paralytica, – quasi que sem calçamento e tendo apenas para seu transito esses pessimos bondes ainda puxados a burro e que ahi passam de 30 em 30

*minutos nos pontos mais frequentados da cidade e nas horas de maior movimento. Acredite, no dia em que puderem andar os carros e automoveis nas ruas sem grande incommodo para os passageiros, o movimento de Curitiba intensificar-se-á rapidamente, porque aqui não falta dinheiro nem disposição para o bem-estar. E quando então tivermos a tracção electrica, de modo a communicarmo-nos facil, rapida e amiudadamente com os nossos arredores, a cidade salta, por assim dizer, de um dia para outro, no seu engrandecimento.*¹⁵⁶

Completando a sua crítica, Emiliano Pernetta ainda chama a atenção para a ação ineficiente de alguns políticos e acaba por enfatizar a importância da ação individual no progresso da cidade quando menciona a Nestor Victor: “tudo o que é Curitiba deve exclusivamente á acção individual, esta é uma terra que progride apesar dos governos”.¹⁵⁷

Como havia previsto Tobias Monteiro, uma nova classe – os empresários – contribuía para que Curitiba fosse levada a um expressivo desenvolvimento. A cidade mostrava-se próspera, com belas residências, um parque industrial que se desenvolvia, inúmeras casas de comércio, aumento de profissionais independentes e de pessoas ricas.

Porém, essa nova classe não surgira repentinamente: seu desenvolvimento havia sido lento. Formada tanto por fazendeiros e ervateiros, que diversificavam em seus investimentos, quanto pelos imigrantes, com suas nascentes indústrias surgidas do artesanato caseiro, somente com muita luta é que conseguiu se impor num mercado dominado por produtos importados. E era exatamente nessa luta que se encontrava o desafio aceito por vários empreendedores.

Tratava-se de uma época que, incentivada pelas contingências do momento, permitia que se desenvolvesse o espírito empresarial. Afinal, somente com uma nova mentalidade, afim com a economia que rapidamente evoluía, é que poderiam alcançar o sucesso de suas empresas. É o que ressalta Fernando Henrique Cardoso ao afirmar que as organizações industriais só

alcançam graus elevados de racionalização quando os que as dirigem possuem uma “mentalidade empresarial”,¹⁵⁸ ou seja,

*enquanto alguns industriais se apegam à rotina, outros, respeitando embora as condições sociais e econômicas que orientam as possibilidades de obter lucro e ter êxito nas economias pouco desenvolvidas, procuram reinvestir e reorganizar as empresas fixando sempre novos alvos econômicos.*¹⁵⁹

Como havia comentado Emiliano Pernetta a Nestor Victor, muito havia ainda a ser feito em Curitiba para melhorar seu desenvolvimento. Existiam vários alvos econômicos esperando que pessoas detentoras de uma mentalidade empresarial os racionalizasse, isto é, procurassem reinvestir ou reorganizar esses empreendimentos, para possibilitar a obtenção de lucros. É importante enfatizar no comentário de Emiliano Pernetta o potencial de crescimento que a cidade proporcionava, não apenas por oferecer dinheiro e disposição para uma vida melhor, que segundo ele não faltavam, mas por ofertar um rico material humano do qual uma parte já estava sendo utilizada graças à ação individual de alguns empresários que surgiam.

Vários eram os setores que estavam sendo explorados economicamente em Curitiba, sedimentando na cidade uma forte estrutura para seu futuro desenvolvimento. Pode ser encontrado o número de empreendimentos que nessa época existiam no **Almanach do Paraná para 1912**, organizado por Alcides Munhoz. Segundo ele, a cidade oferecia a seus habitantes opções variadas de comércio e de serviços, englobando diversas atividades, tais como:

- setor básico: 2 fundições, 12 olarias, 4 construtoras e 7 depósitos de madeira;
- profissões liberais: 17 médicos, 12 dentistas e 23 advogados;

- serviços: 29 alfaiates, 3 tintureiros, 10 barbeiros e cabeleireiros, 15 marceneiros, 28 açougueiros, 12 chapeleiros, 12 lojas de calçados, 3 estabelecimentos bancários, 5 livrarias, Empresa Telefônica, além de outros estabelecimentos como artigos para fotografia, cocheiros e vendedores de lenha.

Predominava com o maior número de estabelecimentos, mais de 200, os de comércio – importadores de gêneros. Casas que vendiam desde máquinas para a lavoura, louças, ferragens, tintas, ao lado de gramofones, discos, tecidos, modas até brinquedos, armarinhos e papéis.¹⁶⁰

É digno de nota que a maioria dos nomes das firmas e sobrenomes de profissionais relacionados no almanaque são de estrangeiros, com domínio dos de descendência germânica. Com o exemplo de Floriano Essener, pode-se perceber que nem todos os imigrantes que chegavam ao Brasil eram camponeses. Muitos vieram de cidades, com alguma profissão ou prática de um ofício. A diversidade profissional dos imigrantes alemães era bastante grande, como pode-se perceber na amostragem citada por Emílio Willems: dos 1586 imigrantes entrados entre 1897 e 1922, haviam 73 atividades profissionais diversas, classificadas entre lavradores, na maioria, seguidos de comerciantes, industriais, médicos, dentistas, engenheiros, farmacêuticos, professores, parteiras, desenhistas, funcionários e operários especializados, ou sem especialização definida.¹⁶¹

Muitos dos imigrantes recém-chegados ao Brasil, em pouco tempo conseguiam colocação e obtinham uma respeitada posição social. Como conseguiam tão rápido obter o que muitos dificilmente alcançavam? O que proporcionava tão rápida colocação e ascensão social?

Três explicações podem ajudar a encontrar as respostas. Encontrase uma primeira explicação entre as causas que motivavam os imigrantes a virem para as Américas. Como explica Carlos H. Oberacker, os colonos não vieram em busca de aventuras e enriquecimento fácil para voltarem enriquecidos o quanto antes para a Europa. Eram chefes de família que vinham com esposa e filhos. Emigravam da pátria superpovoada por falta-lhes a oportunidade de um sucesso econômico ou pela incerteza de um futuro promissor para seus filhos. Pretendiam adquirir propriedades agrícolas e tornarem-se economicamente independentes. Outros vieram por estarem decepcionados com a política reacionária após as guerras napoleônicas.¹⁶² O fato é que vinham para ficar e conseguirem aquilo que não estava sendo possível na Europa – oportunidades para uma ascensão social.

Como segunda explicação, pode-se focar a característica dos imigrantes de não desprezarem o trabalho manual. Vinham de um sistema de produção servil, não escravo. Já no Brasil, recém-saído do sistema escravocrata, o trabalho manual era desprezado e tido como pouco aristocrático ou digno do indivíduo. Tal mentalidade foi sendo transformada muito lentamente, inclusive com a ajuda trazida pelos imigrantes.

Uma última e importante explicação estaria no espírito de cooperação que havia entre os imigrantes de uma mesma nacionalidade. Quando os que já estavam estabelecidos ofereciam ajuda aos que chegavam, e, entre os alemães, o cooperativismo era uma característica bastante forte. Segundo Wilson Martins, esse espírito associativo dos alemães também prosperou no meio paranaense. Embora trabalhassem “como abelhas”, não dispensavam os homens de etnia alemã um convívio social intenso, que se refletia nos grandes salões de bailes, palcos para representações teatrais, canchas de

boliche e cervejarias. Formavam Sociedades que raramente deixavam de unir finalidades filantrópicas aos fins recreativos.¹⁶³ Assim, inúmeras foram as associações recreativas e beneficentes, clubes, sociedades filantrópicas e jornais que criaram para preservarem sua identidade étnica e cultural.*

Deste modo, não era de se estranhar que procurassem ajudar seus compatriotas recém-chegados e de que estes logo se incorporavam de alguma forma em uma área profissional existente, ou criando novas oportunidades.

Para se criar as “novas oportunidades” é que se exigia o arrojo do espírito empresarial, o de enfrentar o desafio de penetrar no mercado e de concorrer com novos produtos. Curitiba demonstrava significativo potencial, apresentando um terreno fértil para essas novas oportunidades, como enfatizara Nestor Victor:

Quem disponha de capital e actividade ainda encontra muito ramo aqui que está por iniciar na industria e no comercio ou que pelo menos ainda não soffre esmagadora concorrência. Depois, esta é, uma terra em organização, em crescimento constante: o que hoje basta, amanhã é deficiente aqui e está proporcionando lugar até nos negocios mais explorados e vulgares.¹⁶⁴

Foi nessa Curitiba com potencialidade para crescer, na qual aflorava uma classe de pessoas que a estavam transformando através de uma nova visão econômica e onde empresários se afirmavam através das oportunidades surgidas ou criadas, que o empresário Floriano Essenfelder conseguiu vencer o desafio: o de colocar o seu produto no mercado, concorrendo com os de fabricação estrangeira.

Sua instalação em Curitiba não divergiu dos muitos imigrantes alemães que ali chegaram. Da mesma forma que outros, ele mudou-se para

* Sobre o assunto ver: SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*.

a cidade com a intenção de permanecer; era um cidadão, não um homem voltado para os problemas agrários. Porém, não desprezava o trabalho manual, ao contrário, era através do trabalho artesanal que se expressava a arte de seus produtos; e, da mesma forma que outros, recebeu a cooperação dos alemães e o apoio da comunidade para a sua instalação. Procurou vencer os desafios e criar novas oportunidades, sobrepujando o problema que mais o preocupava – o de encontrar **capital** que possibilitasse a instalação de sua fábrica.

Desde que idealizara construir pianos, Floriano Essenfelder tentava estabelecer sua própria fábrica, onde poderia pesquisar novas matérias-primas, utilizando-as juntamente com as novidades tecnológicas em seus produtos. Porém, desde que deixara Berlim, durante as suas estadas nas várias cidades pelas quais passou, as adversidades fizeram com que não conseguisse lançar as raízes para a realização de seu ideal. O problema era obter o capital suficiente para instalar-se como pretendia, produzindo seus pianos em escala industrial.

Seja por inspirar “respeito e confiança”,¹⁶⁵ ou por persistir em seu ideal, o fato é que Floriano Essenfelder sempre conseguira obter crédito suficiente junto aos comerciantes de matérias-primas para construir pianos, fabricando o suficiente para a sobrevivência de sua família, obter prêmios e angariar elogios. Porém, acabava por se repetir a desagradável condição de ter que penhorá-los para poder saldar as suas dívidas. No entanto, em nenhuma das cidades por que passou, conseguira obter capital suficiente ou mesmo encontrar pessoas interessadas que pudessem financiar a realização de seu projeto.

Por que se tornava tão difícil obter esse capital e encontrar pessoas dispostas a financiar seu empreendimento, visto que seus produtos eram

elogiados e premiados, demonstrando a capacidade de seu fabricante? Estaria a dificuldade em serem poucas as pessoas que detinham uma soma de capital suficiente e disponível para o empreendimento ou, no receio de produzir pianos nacionais para concorrerem com os já afamados produtos importados?

Afinal, fabricar pianos – artigo considerado quase de luxo – numa economia agro-exportadora, onde a importação de tais artigos eram facilitados à uma minoria que os poderia adquirir, parecia ser um empreendimento arriscado e sem futuro. Enfim, comportaria a praça de Curitiba uma indústria de pianos, visto que em outras cidades já havia sido tentada e não dera resultado, culminando com o fechamento de suas portas?

Os Essenfelder estavam conscientes desses obstáculos como o próprio Frederico relata:

Carlos Wehrs, no Rio de Janeiro, já em 1968 fabricou pianos. Conheci, no interior do Paraná um exemplar desse instrumento, baseado no tipo de construção francesa de Henry Herz – Paris. Era um bom piano. Pelo relato de seus descendentes, a indústria não prosperou por falta de amparo material, o mesmo acontecendo com Izidoro Nardelli em São Paulo, um bravo pioneiro da indústria de pianos no Brasil.¹⁶⁶

Floriano, porém, possuía uma forte convicção no sucesso de seu produto e sua confiança transmitiu-se a outros empreendedores, levando-os a se interessarem pela idéia. Ainda é Frederico que descreve como seu pai conseguira finalmente o capital para se instalar e produzir pianos a nível industrial:

Atravez de Julio Krohne, meu pai conheceu Alberto Wilsing, comerciante, viajante de importantes firmas e que aqui se estabeleceu, representando-as. (...) Alberto Wilsing consegue interessar Bertoldo Hauer, nobre paranaense, musicista talentoso, comerciante e capitalista, filho de tradicional família, no sentido de investir capital nessa nova e promissora indústria.¹⁶⁷

Foi desta forma que em Curitiba, Floriano “homem inteligente e insinuante, conseguiu o que desde 1890 não se havia conseguido, capital para uma indústria de pianos nesta América”.¹⁶⁸

Apesar de comentarem ser a indústria Essenfelder de pianos um tanto inovadora para o nosso meio, reconhecia-se, no entanto, que sua viabilidade poderia resultar dos recursos florestais paranaenses. Tanto se fazia viável a indústria que empreendedores capitalistas interessaram-se pelo projeto de Floriano. Parecia-lhes uma idéia de futuro, não somente por causa da matéria-prima que era oferecida pela própria região, mas por ser o piano um produto bastante requisitado comercialmente, além de ser um importante instrumento na vida e na cultura da sociedade da época.

Pode-se verificar a importância comercial do piano ao se analisar as propagandas, efetuadas pelas casas que os vendiam, em jornais e revistas da época. Grande era a variedade de marcas importadas e afamadas oferecidas, assim, como os diferentes modos e oportunidades de se obter o produto. Não se oferecia apenas o piano, mas livros com diversos métodos de ensino e sempre novidades em partituras musicais.

Encontra-se no jornal **Diário da Tarde**, de 1909, uma propaganda da casa comercial J. Francisco Hertel, localizada à rua Riachuelo, próxima ao Largo do Mercado, especializada na venda de instrumentos musicais. Oferecia desde violinos, violões, bandolins, flautas, instrumentos para bandas até peles para bumbos. Era, porém, o piano que recebia o destaque no anúncio, trazendo os nomes das marcas mais conhecidas na época, tais como: J.G.Irmler, Sckiedmayer e Soehne, Blutener e Pleyel. Além das vendas, ofereciam-se também a troca, serviços de aluguel e de afinação.¹⁶⁹

Ainda em 1909, ano que os Essenfelder chegaram a Curitiba, era anunciado para o mês de dezembro, a inauguração da loja "O Louvre", oferecendo fazendas, modas, armarinhos, confecções, perfumaria, tapeçaria.¹⁷⁰ Seu proprietário era Bertholdo Hauer, o empresário que viria a ser o sócio de Floriano Essenfelder.

Já no ano seguinte, em 1910, antes mesmo de se firmar o contrato social da firma, F. Essenfelder produzia seus pianos em escala superior ao que até então havia produzido, chegando a representar concorrência aos inúmeros pianos importados que o mercado oferecia.

Uma interessante disputa entre Essenfelder e a Casa Hertel pelo mercado de pianos pode ser seguida através dos jornais daquele ano. É possível entrever, também através dos anúncios, o interesse demonstrativo pelos Hauer ao projeto de Floriano, uma vez que os pianos Essenfelder estavam em exposição ao público na casa comercial de Paulo Hauer, na praça Tiradentes.

Em 29 de abril de 1910, o jornal **Diário da Tarde** publicava um anúncio da Casa Hertel oferecendo uma 'Cooperativa de Pianos' composta por 100 sócios, sendo que 40 destes seriam sorteados pela Loteria Federal. A assinatura mensal era de 40\$000 pagos em 40 meses, sendo que o sócio não sorteado receberia seu piano no final dos sorteios.¹⁷¹ Os pianos vinham bem referenciados:

Os socios depois de pagar 3 ou 4 prestações podem obter o piano. Schiedmayer e filho, Stuttgart, 1809, J.G.Irmier, 1918, Weidig, 1843. Estes pianos são construídos especialmente para o nosso clima e com as seguintes dimensões: 1,27; 1,33 e 1,35 altura. Eles possuem varios premios e medalhas. Os srs. socios que desejarem um piano de qualquer outra marca de autores conhecidos, sendo de maior preço, lhe será facultada a escolha com pequeno augmento.¹⁷²

Ao mencionar que qualquer piano de marca de autores "conhecidos" poderia ser providenciado aos interessados, não estaria o anúncio fazendo

uma provocação velada a Essenfelder e à sua pretensão em querer concorrer no mercado com um produto cujo nome era desconhecido e que por isso não merecia crédito?

Se foi ou não uma provocação intencional, o fato é que a resposta de Essenfelder veio no mesmo jornal em 19 de maio de 1910. Uma propaganda que aparecia, às vezes, ao lado do próprio anúncio da Cooperativa de Pianos da Casa Hertel, que continuava a sair periodicamente. Com um tamanho de 13x13 cm e de forma discreta, Essenfelder não respondia diretamente ao anúncio da Casa Hertel, mas passava a oferecer, como vantagens de seus pianos, os mesmos aspectos ressaltados na propaganda da Casa Hertel: os prêmios, prestação de serviços e, ao referir-se à utilização das madeiras paranaenses, não respondia apenas à possibilidade da utilização de matérias-primas locais e sua maior conveniência e adaptação às condições climatológicas, como também introduziu um toque de nacionalismo ao produto – aspecto que, posteriormente, passou a ser ressaltado de maneira mais direta.

Logo após o título com a chamada em letras destacadas “**Grande Fabrica de Pianos, fundada em 1840**”,* colocam-se as premiações: “Premiada com Grande Prix nas Exposições de Buenos Aires 1899 – Rio de Janeiro 1908”. O nome e o endereço do fabricante encontra-se, também, em destaque: “Floriano Essenfelder – 271 e 273 – Rua da Graciosa – 271 e 273”. Segue-se em letras menores as diversas vantagens que a fábrica oferecia:

*Neste importante estabelecimento, montado em condições de atender a qualquer encomenda com promptidão. 'Fabricam-se pianos de qualquer formato'. Concertam-se pianos, reconstituindo-se, com material novo e garantido, caixa e cordoame dos pianos. Atende-se chamados para afinar pianos e contractar serviços de concertos. Todos os trabalhos desta Fabrica são garantidos.
Na casa Paulo Hauer e Cia á Praça Tiradentes ns 1 e 3,*

* Provável erro gráfico, pois oficialmente foi fundada em 1890, em Buenos Aires.

estão em exposição os lindos pianos feitos nesta Fábrica com guarnição de madeira do Paraná.¹⁷³

O mesmo anúncio repete-se, em média três vezes por semana, chegando mesmo a sair diariamente no **Diário da Tarde**, durante o prazo de um mês. Ainda no final de junho, novo anúncio é publicado,. Além do título, nome do fabricante, endereço e premiações em destaque, seguem-se as vantagens que a industria Essenfelder apresentava:

Este estabelecimento só fornece pianos de 1ª qualidade com mecanismo de repetição "EHRARD" e tres pedaes acceitando encommendas em qualquer estylo ou madeira.

Os pianos feitos n' esta fabrica são maciços de imbuia dando o fabricante uma garantia de 10 anos.

Vantagem que nenhuma fabrica Europea oferece – o proprietário e fabricante convida a sua freguezia e pretendentes a visitar a fabrica para convencer-se da qualidade do material e do trabalho, e oferece seus serviços em concertos e afinação de pianos, Harmoniums e Orgãos de Igreja.¹⁷⁴

Encerra-se a propaganda anunciando que na casa Paulo Hauer e Comp, vários de seus pianos estavam em exposição. O anúncio repete-se menos vezes que o anterior, porém, sua inovação publicitária é mais interessante. Ao mesmo tempo que procurava familiarizar a freguesia com a sua fábrica, fabricante e sua produção, pretendia que nesta intimidade estaria uma vantagem que os produtos europeus não podiam oferecer. A distância, neste caso, passava a ser uma condição vantajosa. A existência de uma indústria nacional, próxima do consumidor, tomava um cunho positivo, pois permitia um tipo de "verificação", pelo público, da maneira como era produzido o piano que se pretendia adquirir.

A propaganda procura transformar a mentalidade corrente entre os consumidores, que viam, apenas como sinônimo de qualidade, o produto

importado. Novamente Essenfelder procurou tirar proveito de uma característica que parecia ser negativa, transformando-a em um fator positivo: o reconhecimento da qualidade de um produto nacional pelo consumidor, criando uma condição mais favorável para a aceitação de seu produto.

Enquanto continuavam a ser publicados os anúncios e artigos dos pianos Essenfelder*, procurando divulgar as qualidades de seus produtos, a Casa Hertel publicava periodicamente os sorteios e os nomes dos ganhadores, que participavam de sua Cooperativa de Pianos. A idéia, de cooperativas passou a atrair a atenção de outros comerciantes e virou moda. Entre os meses de setembro e outubro a **Livraria Moderna de Rocha e Velloso** instituiu uma Cooperativa de Livros, através da qual várias obras completas eram sorteadas aos sócios, que contribuía semanalmente. Em novembro, surgia a Cooperativa de **Machinas de Escrever - Oliver****.

Ainda em novembro, por iniciativa particular de Alberto Wilsing, um dos comerciantes que apoiava Floriano, visando promover os seus pianos, criou a **Cooperativa de Pianos Essenfelder**. O anúncio da cooperativa, publicado a partir de 4 de novembro de 1910 no **Diario da Tarde**, anunciando o dia do sorteio para 15 de dezembro através da extração da Loteria da Capital Federal, repete-se por vários dias. Porém, nada mais se encontra nos jornais que explique a sua formação e funcionamento, assim como, posteriormente ao sorteio, nenhuma nota participa os nomes dos ganhadores.¹⁷⁵ Talvez toda a iniciativa tenha sido efetuada através de sua casa comercial.

Também em novembro de 1910, o **Diario da Tarde** publicava em sua primeira página um artigo no qual exalta o reconhecimento da qualidade dos pianos Essenfelder em outro Estado:

* O artigo "Pianos Nacionaes", publicado no **Diario da Tarde** de 31 de agosto de 1910, foi utilizado como citações em vários trechos deste trabalho.

** DIARIO DA TARDE, set. a nov. 1910.

Pianos paranaenses

O bom nome dos pianos fabricados nesta capital pelo sr. Essenfelder já transpoz as nossas fronteiras. Exportados para fóra do Estado têm elles sido recebidos com os mais elogiosos conceitos como se pode vêr pela declaração do distincto tenor Piero Schiavazzi, que no Rio Grande apreciou os excellentes instrumentos productos da nova industria paranaense e unica no genero no Brazil.¹⁷⁶

Através do artigo pode-se notar que Floriano não romperá os laços que desenvolvera quando de sua passagem pelo Rio Grande do Sul, e que, ampliando o seu campo de ação, continuava a fazer da praça do Rio Grande um dos pontos de propaganda e venda de seus produtos – indústria “única no genero no Brazil” – através de Antonio Magalhães, seu representante. O artigo segue com os elogios do tenor convidado, prendendo-se seus comentários: à propriedade do uso da matéria-prima adequada ao clima, à comparação do produto aos pianos estrangeiros, e através da sua percepção profissional particular, à qualidade do som:

*Convidado pelo sr. Antonio Magalhães, depositario dos pianos nacionaes de Essenfelder, para experimentar e dar minha opinião, a respeito dos mesmos, não hesito em afirmar que elles foram alem de minha expectativa, pois, com seus excellentes sons, teclado muito macio e construcção admiravel, pode-se comparar com vantagem a qualquer similar estrangeiro e tendo em vista as madeiras com que são construidos, habituadas já ao clima do Brazil, deve-se preferir a qualquer outro. Essa é minha opinião franca, e creio que qualquer que examine detalhadamente, como fiz, os pianos nacionaes, fará o mesmo juizo, recommendando pois aos apreciadores da bôa musica, os pianos Essenfelder como um instrumento de primeira qualidade.
P. Schiavazzi¹⁷⁷*

Em pouco mais de um ano, desde que se instalara em Curitiba, Floriano já se firmara como fabricante de pianos nessa praça e procurava

ampliar seu mercado para outros Estados. Enfrentava também a concorrência com os pianos importados. Porém essa concorrência não permaneceria apenas a nível local. Ainda em 1910, respondendo à convocação feita pelos organizadores da Exposição de Turim, Itália, resolveu dela participar. Como pode-se notar pelo artigo, o parâmetro utilizado pelo tenor Schiavazzi como sinônimo de qualidade, foi o de paralelo com o artigo estrangeiro. Deste modo, seria para os pianos Essenfelder um teste para comprovar a sua qualidade a nível internacional, concorrendo com os pianos estrangeiros.

A Exposição Internacional de Turim, que se realizaria em 1911, tinha por objetivo promover exatamente a qualidade dos produtos expostos. Na opinião de D. Duarte Velloso, “Delegado da Comissão Executiva da Secção Brasileira da Exposição de Turim”, no Estado do Paraná, “o grande reclamo é indispensável á boa collocação dos productos e ninguem ignora que um rotulo cercado de medalhas é uma prova eloquente da sua superioridade.”¹⁷⁸ Ao aproveitar essa oportunidade e concorrendo com o seu produto, Essenfelder pretendia seguir exatamente a filosofia que norteava a convocação de D. Duarte Velloso, que via na Exposição a oportunidade de promover os produtos paranaenses, como já ocorrera anteriormente. Assim descreve a participação de representantes da economia paranaense no cenário internacional:

Por varias vezes, os productos da agricultura e industria Paranaenses hão sido premiados em varias Exposições européas e americanas, e agora se oferece a oportunidade para de novo se apresentarem aos olhos dos milhares de forasteiros que forem a Turim visitar a grande Exposição Internacional, que a julgar pelos preparativos será uma das melhores que se têm realisado na Europa.¹⁷⁹

Paralelamente à atividade de produzir os pianos que iriam concorrer na exposição de Turim, Essenfelder procurava atender sempre prontamente as encomendas de novos pianos, assim como a reconstituição de pianos usados e o fornecimento de uma assistência técnica domiciliar.¹⁸⁰ A empresa crescia em reputação e uma adequada instalação da fábrica era necessária para responder ao crescimento da demanda e ao reconhecimento pela qualidade dos produtos, podendo, desta forma, com uma produção ampliada, estar a altura de suprir o mercado, correspondendo às propagandas.

O empreendimento já se mostrara como um bom negócio e Essenfelder demonstrara ser um competente empresário. O que lhe faltava, porém, era um fluxo de capital para que pudesse levar finalmente a empresa a se estabelecer a um nível industrial, com mais espaço, máquinas e funcionários. Esse fluxo chegou através da sociedade realizada com os comerciantes Bertoldo Hauer e Alberto Wilsing, que através de investimentos, aumentaram o apoio que já há algum tempo proporcionavam a Floriano. Afinal, por que não repartir uma fatia do mercado com um produto que tiraria do próprio Estado a maior parte do material para sua construção, evitando a importação de matéria-prima de outros Estados e do estrangeiro, podendo até baratear o produto?

Floriano Essenfelder percorrera uma longa trajetória até que pudesse encontrar um financiador que possibilitasse a realização de seu empreendimento, de seu ideal.

Segundo Joseph Schumpeter, não raro um capitalista pode desempenhar a função de empresário ou empreendedor, o que muito facilita a realização e divulgação do novo produto introduzido no mercado.¹⁸¹ Pode ocorrer, no entanto, que um empresário detentor da função empreendedora

e possuidor do conhecimento técnico para um novo produto, não possua o capital necessário para poder realizar o seu empreendimento. Qual seria o caminho a seguir neste caso?

O empresário precisa de crédito, de poder aquisitivo, afirma J. Schumpeter, para poder produzir efetivamente e ser capaz de empreender as novas combinações. Se porventura não o possuir, precisa tomá-lo emprestado. Se não o conseguir, então obviamente não pode tornar-se um empreendedor.¹⁸² Neste caso, o empresário antes de produzir, deverá transformar-se em um devedor da sociedade:

Alguém só se pode transformar em empreendedor, tornando-se antes devedor. É um devedor, em consequência da lógica do processo de desenvolvimento, ou por outras palavras: sua transformação em devedor surge necessariamente do caso e não é coisa anormal, nem um acidente eventual a ser explicado por circunstâncias especiais. O que primeiro deseja é crédito. Antes de requerer quaisquer bens, necessita de poder aquisitivo. É o devedor típico da sociedade capitalista.¹⁸³

A concessão do crédito, continua J. Schumpeter, opera como uma ordem para o sistema econômico se acomodar aos propósitos do empresário, como um comando sobre os bens de que necessita, ou seja, entrosando-o com as forças produtivas.¹⁸⁴ Capital e crédito parecem confundir-se quando J. Schumpeter define capital como “a soma de meios de pagamento que está disponível em dado momento para transferência aos empresários” e, sendo que apenas uma parte muito pequena dessa soma de capital, poderia consistir em dinheiro.¹⁸⁵ É muito importante ressaltar que o capital não se identifica somente com algum bem específico, como na seguinte citação:

o capital não tem absolutamente nenhuma relação com algum bem definido. Evidentemente ele existe –

quem poderia negá-lo? – mas sua qualidade característica é precisamente a de não entrar em consideração como uma categoria concreta de bens, a de não ser empregada tecnicamente como um bem, mas como um meio de prover esses bens para serem empregados na produção em sentido técnico.¹⁸⁶

É o que se pode confirmar no caso de Essenfelder, que, embora tenha sido o capital financeiro oferecido por Bertoldo Hauer e Alberto Wilsing que, sem dúvida, tenha ajudado na instalação da indústria, a sua realização não se deveu apenas ao apoio oferecido através de dinheiro. Muito importante foi o “capital” oferecido através do “crédito social”. Pois o “empresário também é um devedor num sentido mais profundo (...) recebe bens da corrente social – em princípio – antes de ter contribuído para esta com alguma coisa. É, por assim dizer, um devedor da sociedade”.¹⁸⁷ Através de seus sócios foram abertas as portas da comunidade no sentido da aceitação desse novo empreendedor. Uma vez que suas raízes haviam sido plantadas e brotavam através do endosso recebido por empresários locais, Floriano não mais seria um estrangeiro que lutava para o crescimento e desenvolvimento da própria comunidade curitbana.

A dificuldade que Floriano enfrentou para atingir sua meta e conseguir o almejado apoio, deveu-se à razão de que não se encontravam facilmente pessoas que detivessem um acúmulo de capital que pudesse ser empregado em atividades paralelas aos de seus empreendimentos. Geralmente tornavam a empregá-lo em suas próprias atividades, aumentando o investimento naquilo que lhes pareciam render um lucro certo – nos produtos agro-pecuários que se exportavam. A nível nacional predominando a exportação do café e, a nível de Paraná, de mate, gado e madeira.

A economia agro-exportadora centrada na exportação do café e de incentivo às grandes propriedades latifundiárias foi a tônica dominante da

política da Primeira República. Os presidentes eleitos, ao cumprirem o mandato de 4 anos, eram alternados na chefia do Governo apenas entre paulistas e mineiros, os maiores interessados na manutenção dessa linha econômica. Ao presidente Prudente de Moraes seguiram Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena e Nilo Peçanha, que assumiu a presidência para terminar o mandato do precedente.

Foi, porém, no governo do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914), gaúcho de nascimento mas que seguia a linha econômica agro-exportadora do “café-com-leite” determinada pelos presidentes paulistas e mineiros, que a recuperação financeira, iniciada para combater os excessos do Encilhamento, alcançou maior estabilidade e permitiu que vários investimentos no setor industrial se desenvolvessem, como revela Edgard Carone:

a nossa indústria já supria 78% das necessidades nacionais, figurando apenas a importação com 22%. Em 1912, esta porcentagem é de 74,03%, e em 1915, 85,63%. Temos a criação de 3.135 novos estabelecimentos industriais, com o capital recorde de 646 532:180\$000 e 53 992 empregos¹⁸⁸

Wilson Suzigan endossa a citação acima quando afirma que a recuperação nos investimentos alcançou o pico entre 1912 e 1913, o mais alto em todo o período anterior a 1939. Período em que o governo federal fez crescentes despesas construindo estradas de ferro, equipamentos de portos e melhoramentos urbanos. Essa estabilidade econômica estimulou o investimento na indústria de transformação: de tecidos, calçados, papel, cerveja, fósforos ou na expansão de sua capacidade para satisfazer o crescimento da demanda.¹⁸⁹

Mesmo que tenham sido intensificados os investimentos e capitais empregados nas indústrias brasileiras, Caio Prado Jr. afirma que a maior parte delas continuavam como antes: dispersas em unidades insignificantes, com rendimentos reduzidos e produzindo para estreitos mercados locais. A acumulação de tais capitais no Brasil era um fato individual e restrito a indivíduos que reuniam fundos suficientes para se estabelecerem por conta própria e independentemente. Alguns eram obtidos através de lucros com a lavoura do café.¹⁹⁰

João Manuel Cardoso de Mello, ao analisar a formação do capitalismo brasileiro, em seu livro **O Capitalismo Tardio**, assim descreve o desenvolvimento industrial no Brasil:

A burguesia cafeeira não teria podido deixar de ser a matriz social da burguesia industrial, porque única classe dotada de capacidade de acumulação suficiente para promover o surgimento da grande indústria. O capital industrial não nasceu num momento de crise do complexo exportador cafeeiro. Despontou, ao contrário, num instante de auge exportador, em que sua taxa de rentabilidade terá, certamente, alcançado níveis elevadíssimos.¹⁹¹

Apesar de Cardoso de Mello enfatizar que o complexo exportador cafeeiro tenha engendrado o capital-dinheiro disponível para a transformação em capital industrial e criado as condições necessárias a ela,¹⁹² eram poucos os que detinham um capital que pudessem empregar em outros empreendimentos, como ressalta Caio Prado Jr.:

Haverá ainda uma circunstância geral que contribuirá para uma tão precária situação da indústria: é a carência de capitais. O baixo nível econômico do país, e sobretudo deficiências estruturais, tornam o processo de capitalização lento e muito débil.¹⁹³

O que proporcionou, portanto, a precária acumulação do capital que incentivou o desenvolvimento industrial no Brasil foi a exportação de produtos agrícolas, principalmente do café que predominava em S. Paulo e no Rio de Janeiro. No Paraná, no entanto, deveu-se tal acumulação e formação de uma elite capitalista à exportação da erva-mate, que segundo Pedro Calil Padis, se constituía na atividade condutora de todo o conjunto da economia paranaense,

a fonte principal da receita pública, o principal responsável pelo nível de emprego e, fundamentalmente, instrumento de importação de bens não produzidos internamente, por ser responsável pela capacidade de importar.¹⁹⁴

A respeito da acumulação de capitais na economia paranaense, conclui Pedro C. Padis, que sendo o setor externo o principal responsável pela geração da renda monetária e da capacidade de importar, pode-se facilmente perceber que a formação de capitais era dependente desse setor. A renda por ele gerada tinha seu fluxo direcionado para o exterior através da importação de grande quantidade de bens de consumo, o que se tornava um obstáculo à formação de capitais.¹⁹⁵ O fato é que tais capitais apenas não se acumulavam como capital-dinheiro nas mãos dos grandes fazendeiros. Segundo Leôncio Basbaum, a aristocracia rural não compreendia ainda o valor do dinheiro que havia acumulado e que desde o Império destinava apenas para dois setores:

parte era empregada na compra de terras e renovação do braço escravo e outra parte desviada para ostentação e o luxo da educação em Londres e a ilustração em Paris. Era preciso manter a todo custo o ar de nobreza e honrar os títulos de conde e barão que a prodigalidade do Imperador espalhara pelos quatro cantos do país.¹⁹⁶

O fluxo de dinheiro transitava entre os produtores e o exterior através de intermediários. Nem sempre os grandes fazendeiros possuíam o capital-dinheiro à sua disposição. O que possuíam, na maioria das vezes, era um crédito na praça ou nas importadoras sobre a produção de suas fazendas. Esse crédito era fornecido por casas comerciais ou firmas que administravam as finanças e investimentos dos fazendeiros – eram elas que detinham o meio circulante. Todas as transações passavam por suas mãos, tanto os produtos que saíam do Brasil quanto os bens de consumo que entravam no país para irem servir nos casarões dos fazendeiros enriquecidos.

O café e o mate ajudaram na incipiente acumulação do capital através das grandes fazendas agro-exportadoras, porém, como se viu acima, tal capital encontrava-se todo aplicado. Foi o comércio no entanto, que acabou capitalizando “dinheiro” e que passou a investí-lo nas indústrias. Tal processo se confirma para Leôncio Basbaum, quando assinala que foi o desenvolvimento do comércio importador, principalmente português, que propiciou nascerem muitas das grandes fortunas, como a do Visconde de Mauá, o primeiro e o maior espírito industrialista do século passado. Eram tais capitais ou lucros do comércio importador empregados em construções urbanas, apólices de dívida pública e bancos, cujo capital serviu posteriormente para financiar a lavoura e a indústria.¹⁹⁷

Desempenhou o comerciante, portanto, um importante papel no desenvolvimento da indústria brasileira. Alguns comerciantes financiavam diretamente as indústrias ou acabavam por se tornarem industriais. Uma explicação da transição da importação para a manufatura, propõe Warren Dean, residia na posição estratégica do importador na estrutura do comércio:

*O importador, e mais ninguém, possuía todos os requisitos do industrial bem sucedido: acesso ao crédito, conhecimento do mercado e canais para distribuição do produto acabado.*¹⁹⁸

Os oferecimentos de crédito por parte dos importadores, continua Warren Dean, permitiram a um substrato de atacadistas começar a comerciar, e os créditos das firmas importadoras atingiam lojas do interior e até mascates. Os importadores, portanto, financiavam tanto os comerciantes quanto os fabricantes, uma vez que pela facilidade de importar, suas mercadorias incluíam maquinárias para equipar as indústrias.¹⁹⁹

Da mesma forma como ocorria nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, eram as casas comerciais de Curitiba que detinham um fluxo de capital-dinheiro e que também terminavam por investir em outros setores de atividades econômicas. Tratava-se do exemplo da fase inicial do desenvolvimento do capitalismo, que se repetia a nível de Brasil, pois como coloca Maurice Dobb, historicamente “a acumulação de capital prosseguiu todo o tempo por um retorno direto dos lucros correntes ao financiamento de um movimento comercial aumentado e da indústria doméstica”.²⁰⁰ Fica patente esse processo no caso da instalação da indústria dos pianos Essenfelder ao se identificar com todo esse quadro de desenvolvimento histórico e econômico, quando conseguiu o seu capital de Bertholdo Hauer, um comerciante de Curitiba.

A Importadora Hauer e Irmão, fundada em 1888, vendia um grande número de produtos: desde modas, fazendas e armarinhos, utensílios para cozinha, máquinas de costura, artigos para encanamentos, até maquinaria para a lavoura e a indústria.²⁰¹

Bertholdo Hauer, aos 34 anos, ampliou a firma da família ao inaugurar, em 1909, a Loja “Louvre” – Secção de Fazendas, que adquiriu em partilha social com Paulo Hauer e Cia. A loja situada à rua XV de Novembro contou com uma inauguração acompanhada pelos jornais por inovadoras propagandas de promoção de vendas, o que demonstrava uma arrojada visão comercial da administração de Bertholdo Hauer.²⁰²

Dois anos mais tarde Bertholdo percebia a oportunidade de aumentar seus empreendimentos se aplicasse parte do lucro adquirido com a loja, em outro setor da economia. Afinal, Curitiba era um campo fértil de oportunidades, como colocara Nestor Victor.

Confirmando a hipótese de que o capital adquirido pelo comércio passou a beneficiar o desenvolvimento industrial, em 16 de março de 1911, Bertholdo Hauer, que já vinha fornecendo apoio ao empreendimento de Essenfelder e Alberto Wilsing, por intermédio de quem os dois se conheceram, tornaram-se oficialmente sócios.²⁰³ Empregaram na indústria de pianos os recursos financeiros obtidos através de suas casas comerciais. Alberto Wilsing possuía sua casa de comércio na rua da Liberdade nº 109, onde vendia, na sua maioria, produtos nacionais, tais como: cofres de ferro, fogões, camas e móveis de ferro, chapéus para homens, guarda-chuvas, além de serviços e artigos fabricados por encomenda.²⁰⁴ De origem alemã, provavelmente tenha conhecido Essenfelder freqüentando lugares como clubes e associações alemãs, sociedade em que Floriano havia sido introduzido por intermédio de Julio Krohne. Demonstrando interesse pelos projetos em pauta, logo passou a investir no empreendimento e pouco tempo depois apresentou-o a Bertholdo Hauer, que também se interessou pelo projeto de uma fábrica de pianos em território paranaense.

Tanto Alberto Wilsing quanto Bertholdo Hauer não apoiaram Floriano apenas financeiramente. Tendo posições sólidas na praça, o crédito que possuíam e o endosso sobre a qualidade do produto testemunhada por eles muito contribuíram para a credibilidade junto aos consumidores. Possuindo a estrutura de mercado, como mencionara Warren Dean, passaram a ajudá-lo, também, na comercialização do produto.

Foi, porém, o capital financeiro investido pelos dois comerciantes que mais ajudou a Essenfelder na instalação da indústria. Como consta do **Contrato Social** da empresa, registrado na **Junta Comercial do Paraná**²⁰⁵, a sociedade passou a ser constituído da seguinte maneira:

- a sociedade teria por finalidade o fabrico de pianos e de instrumentos congêneres (harmoniums e órgãos);

- a firma social funcionaria sob a razão de F. Essenfelder e Cia e seria por tempo indeterminado. Passaria a funcionar no prédio da rua Graciosa, onde Floriano Essenfelder já montara uma fábrica de pianos em pequena escala com ajuda de Alberto Wilsing.

- a gerência da sociedade caberia aos sócios Bertholdo Hauer e Alberto Wilsing de comum acordo, pois eram eles quem mais concorreram com o financiamento da empresa, ficando o capital social da firma, que remontava o total de Rs 74:200\$000, dividido da seguinte forma: Bertholdo Hauer colaborando com a quantia de Rs 50:000\$000 em dinheiro; Alberto Wilsing com a importância de 6:784\$000, representada pelo saldo dos seus haveres que já vinha aplicando na firma de Essenfelder; e Floriano Essenfelder participaria com a quantia de Rs 17:416\$000, representada por cinco modelos de pianos e diversos utensílios. Ficariam ainda, os maquinismos, móveis, demais utensílios, bem como qualquer patentes de invenção pertencendo

cendo ao sócio Bertholdo Hauer, em garantia do seu capital, até que o lucro acumulado pelos outros sócios pudesse garantir o capital daquele sócio;

- as responsabilidades no empreendimento ficariam repartidas entre os sócios: a Floriano Essenfelder a parte técnica, "o qual dedicará todos os seus melhores esforços para o feliz exito da exploração, não podendo empregar a sua atividade em outro qualquer negócio estranho à sociedade".* Comprometiam-se ainda a conservar como empregados da fábrica os seus quatro filhos: Floriano Hellmuth, Frederico, Carlos e Ernesto Essenfelder, provavelmente por já deterem a técnica da fabricação ensinada pelo mestre, seu pai;

- a Alberto Wilsing caberia zelar por uma eficaz propaganda e reclame do produto, além de todos os serviços da administração comercial da sociedade. Uma vez que o desenvolvimento da fábrica exigia a sua atenção, constaria em contrato a sua obrigação de deixar os seus negócios particulares, tratar exclusivamente dos interesses da fábrica e de ficar vedado viajar para fora do país durante os 5 primeiros anos sociais;

- a Bertholdo Hauer, como sócio majoritário, não caberia nenhuma especificação de atribuições. Sua área seria a da promoção, pois, como viajava muito e gostava de reuniões musicais, acabava por entusiasmar os artistas a comprarem o piano Essenfelder ou por fazer bons contratos com casas comerciais.²⁰⁶ Foi ele, no entanto, quem muito batalhou para que o empreendimento fosse um sucesso, ajudando a ultrapassar as dificuldades e crises pelas quais a indústria passou;

- os lucros apresentados em balanços anuais seriam divididos do seguinte modo: 40% ao sócio B. Hauer, 40% ao sócio F. Essenfelder, 20% ao sócio A. Wilsing e 10% para o Fundo de Reserva. Os lucros sociais, porém,

* Conforme Contrato Social de 16 mar. 1911, em anexo.

seriam acumulados vencendo a juro de 6% ao ano, até poder ser retirado sem sacrifício de compromissos sociais. No entanto, caberia a Floriano Essenfelder uma retirada mensal de Rs 250\$000 para as suas despesas e que lhe seriam debitados da sua parte. Caso os lucros verificados até o 3º ano social não fossem compensatórios, a sociedade poderia se liquidar, mas a juízo do sócio B. Hauer, que concorria com a maior quota, salvo se os outros dois sócios comprassem a responsabilidade ao mesmo, tomando a seu cargo o ativo e passivo social.

O **Contrato Social** da firma registrado na **Junta Comercial do Paraná**, oficializou finalmente a realização do ideal de Floriano Essenfelder. O empreendedor que detendo o conhecimento técnico, associava-se ao capitalista para estabelecer uma empresa e introduzir no mercado um novo produto. Na visão de Frederico Essenfelder, então com 20 anos, e que de tudo participava: “Era uma nova vida que se iniciava, um vasto horizonte que se descortinava”.²⁰⁷ Tudo parecia que encaminharia a indústria para o seu desenvolvimento e sucesso, se não fosse um acontecimento que viria a colocá-la em perigo e quase causar a sua liquidação.

O capital adquirido proporcionou um imediato impulso na fabricação dos pianos, pois puderam ser melhoradas as instalações da indústria. Nesse tempo a força motriz já havia chegado na fábrica, propiciando o uso de novos equipamentos, “não precisando mais de se utilizar de processos rudimentares, como de furadeiras hàbilmente adaptadas de velhas máquinas de costura.”²⁰⁸ Floriano trabalhava intensamente para atender as suas encomendas que iam desde a fabricação de pianos, reforma dos usados e afinação de pianos e órgãos. Dedicava, ainda, especial atenção aos dois pianos que iriam concorrer na Exposição Internacional de Turim, incluindo entre

eles “o primeiro piano de cauda construído no Paraná e que se destinava especialmente a esse grande certame”.²⁰⁹

Quando adveio a crise, Floriano encontrava-se praticamente sozinho, pois Frederico Essenfelder, seu braço direito, fora encarregado de acompanhar os pianos à Itália e de representar a indústria na Exposição de Turim, enquanto que Bertholdo Hauer se encontrava ausente em viagem pela Europa. Os problemas começaram a aparecer quando Alberto Wilsing, o terceiro sócio da empresa, começou a ter dificuldades financeiras com sua firma de representações. Se por um lado a indústria de pianos ainda não rendia lucros para que Alberto Wilsing pudesse fazer retiradas sem que prejudicasse a firma, conforme constava no **Contrato Social** e sem reserva de caixa, uma vez que o capital empregado também já se esgotara em poucos meses, por outro lado sua firma de representações também não estava rendendo o suficiente para as suas despesas. Alberto Wilsing resolveu seu problema desaparecendo da praça, “ dando prejuízo à praça no seu ramo de representações e conta própria e também à então jovem firma F. Essenfelder e Cia.”²¹⁰

Segundo consta em aviso no jornal **Diário da Tarde**, fora decretada a falência da firma Alberto Wilsing e Cia e os bens da loja: máquinas, banheiras, prensa, moinho, ferramentas, fogões, armários, cadeiras austríacas, etc, foram leiloados para pagar as dívidas assumidas junto a praça.²¹¹

Floriano mal tivera tempo de regozijar-se com o telegrama que anunciava o prêmio obtido em Turim, pois a firma, sem respaldo dos sócios capitalistas, entrara em liquidação. Não chegou, porém ser decretada a falência, pois Bertholdo Hauer ao regressar da Europa, “não desejando a

extinção dessa indústria em seu Estado, fez novo investimento de capital, conseguindo livrar a firma da penosa situação que atravessava".²¹²

O **Contrato Social** da firma permaneceu o mesmo, embora não contasse mais com Alberto Wilsing, que ficou excluído por sentença judiciária por ter abandonado a sociedade, desrespeitando a cláusula III do mesmo, a qual estabelecia ser a duração da sociedade por tempo indeterminado.²¹³

Com menos de um ano de existência oficial, a indústria F. Essenfelder e Cia já passara por dois acontecimentos marcantes: uma crise interna e financeira que quase a levava à sua extinção e o reconhecimento internacional da qualidade de seu produto, ao receber como prêmio uma Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Turim-Itália.

Várias foram as firmas e produtos paranaenses que participaram da Exposição de Turim, sendo que muitas foram agraciadas com Menções Honrosa, Diplomas de Honra, Medalhas de Prata e Ouro. Na primeira página do jornal **Diário da Tarde** de 22 de janeiro de 1912 foi publicada uma relação dos ganhadores. Entre eles consta F. Essenfelder e Cia como a ganhadora de uma Medalha de Ouro.²¹⁴

Frederico Essenfelder que esteve presente ao acontecimento como representante da firma é quem relata o evento:

O pianista Guilherme Fontainha, que nessa época terminara seus estudos nos conservatórios de Paris e Berlim, inaugurou um belo pavilhão brasileiro, destinado a essas solenidades, em memorável concerto tocado no Piano Essenfelder. Foi, para a época, um acontecimento sensacional, de ampla repercussão e que nenhum país sul-americano ali representado estava em condições semelhantes de realizar. Era um pianista brasileiro que tocava num instrumento construído em seu país. O Piano Essenfelder foi ali distinguido com a "Medalha de Ouro", conferida aos seus fabricantes pelo júri desse certame internacional.²¹⁵

Poucos meses mais tarde, em visita a Curitiba, o delegado representante dos organizadores da Exposição para os Estados do Sul do Brasil relatou um fato ocorrido durante a premiação e que foi digno de nota. Isto muito contribuiria para o reconhecimento da qualidade dos pianos Essenfelder junto ao público, sendo descrito em um artigo não assinado na primeira página do jornal **Commercio do Paraná** de 17 de dezembro de 1912, do qual segue o seguinte trecho:

*Uma nota, porém, merece especial menção e que nós nos alegamos em tornar bem conhecida.
As nações européias, por seus delegados, reunidos em congresso, resolveram que nenhum producto estrangeiro à nação em que a exposição se realizasse, ganharia o primeiro premio de medalha de ouro, sem que previamente obtivesse o de medalha de prata; isto é, a nenhum producto se daria pela primeira vez em exposição a medalha de ouro.
Entretanto, para gloria dos industriaes paranaense, o jury superior da Exposição Internacional Turim-Roma, resolveu abrir uma excepção.
Tendo a commissão julgadora examinado os pianos fabricados em Curitiba pelos srs. F.Essenfelder e C., entendeu que esse artigo devia ser galardoado com a recompensa de **medalha de ouro**, embora ainda não tivesse obtido esse premio em nenhum paiz europeu²¹⁶*

A viagem de Frederico Essenfelder à Europa fora um sucesso. Trouxera de lá não apenas o prêmio do reconhecimento internacional da qualidade dos pianos Essenfelder, mas máquinas atualizadas da Alemanha para a modernização da indústria, além do começo de uma amizade iniciada em Turim com o pianista Guilherme Fontainha e que duraria por muitos anos.²¹⁷

Segundo Frederico, todo fabricante de pianos necessita da colaboração profissional constante de um pianista amigo. Aquele que é o colaborador do seu instrumento. Os Essenfelder tiveram a seu lado amigos

dedicados e orientadores, e entre eles sempre contou com a colaboração de Guilherme Fontainha.²¹⁸

Se, por um lado, a saída do sócio Alberto Wilsing quase levava a indústria F. Essenfelder e Cia a fechar suas portas, por outro, o prêmio de uma medalha de ouro obtido no exterior veio proporcionar um grande incentivo aos fabricantes e firmar o nome do novo produto junto ao público.

Novamente Floriano, com 57 anos, ultrapassara mais uma adversidade na sua trajetória rumo à realização do seu ideal. A indústria continuava a existir e a produzir pianos. Mais um prêmio pelo reconhecimento da qualidade de seu produto era acrescentado à lista dos outros já obtidos. Os especialistas eram unânimes ao aprovar a excelência dos pianos Essenfelder, mas seriam eles aceitos pelos consumidores em geral, tão acostumados aos produtos estrangeiros?

Quando em 1911 o Contrato Social firmado na Junta Comercial do Paraná oficializou a F. Essenfelder e Cia, a fábrica de pianos já contava com 21 anos de existência. Em decorrência das diversas mudanças, ela não se fixara ou se instalara convenientemente, mas continuava a existir como empresa por ter desenvolvido o processo de funcionamento independente do lugar físico onde se encontrava. Fora esta característica que permitira a ela produzir continuamente seus pianos.

Por centralizar a atuação nas pessoas que formavam a indústria, era necessário que existisse um poder de aglutinação que permitisse o andamento e o clima propício ao seu funcionamento. Ora, cabia a Floriano Essenfelder, como seu fundador, a competência de unir essas pessoas: era ele o eixo centralizador a que se devia a existência da indústria; era ele que conseguia

manter em torno de si, através de sua ação empresarial sempre acesa a meta da realização de seu ideal.

Floriano atuava como pai e mestre cujo conhecimento e técnica transmitia aos filhos e empregados no mais puro processo corporativo de artesanato. Segundo Michael Maccoby, psicólogo e sociólogo, o tipo do empresário artesão é aquele que mantém os valores tradicionais do caráter:

a ética do trabalho, o respeito pelas pessoas, o interesse pela qualidade e pela economia. Fala sempre em termos de processo ao pensar no trabalho. É uma pessoa tranqüila, sincera, modesta e prática, mas o seu perfeccionismo não lhe permite chefiar uma organização complexa e em constante mutação. Alguns dos inventores mais criativos da civilização industrial estão nesse grupo.²¹⁹

Talvez que Floriano possuísse vários desses atributos, pois, uma das características da família germânica era a de que o chefe de família possuía grande autoridade e que procurava preservar os valores tradicionais para manter a sua união étnica.²²⁰ Esse aspecto em muito deve ter contribuído para criar um clima para uma empresa familiar unificada. O seu dirigente sendo “Pai e Mestre”, passava a atuar, através de relações num plano mais pessoal e, como dirigente, segundo as características de um líder schumpeteriano.*

Floriano Essenfelder identificava-se como um líder schumpeteriano, por ter dirigido a produção para um novo canal e ao ter introduzido um novo produto no mercado. Por novo, não se pretende que fosse inédito ou desconhecido, contudo, pianos paranaenses fabricados com a matéria prima local eram algo **sui generis** para o mercado.

* As características do líder schumpeteriano estão listados no Referencial Teórico

Seu espírito de liderança surgira, segundo os obstáculos listados por J. Schumpeter e que deveriam ser ultrapassados, quando trocara sua cômoda posição de funcionário numa importante firma para implantar uma indústria própria. Desde então, não deixara de ser um batalhador enfrentando as adversidades da vida, viagens, recomeços e, finalmente, conseguir montar a indústria. As lutas vencidas durante a sua trajetória demonstraram a sua perseverança em acreditar na possibilidade real de concretizar seu ideal e de não se deixar acomodar às forças do hábito”, que poderiam bloquear o seu ideal.

Chegara o momento de “sobrepôr-se à reação do ambiente social” que surgia contra o novo produto. A colaboração de vários artistas, comerciantes e de Bertholdo Hauer ajudariam-no a vencer mais esta dificuldade. Após a vitória obtida pelo não fechamento da indústria e pelo prêmio de Turim, a batalha entrava em uma nova etapa. Floriano precisava, agora, conquistar o mercado e a estratégia seria a de uma acirrada campanha de propaganda de divulgação.

Na ausência de Alberto Wilsing, Bertholdo Hauer passou a colaborar mais intensamente na indústria, “dedicava-se de corpo e alma ao trabalho, concorrendo com seu extraordinário tino comercial para o êxito de empreendimento”.²²¹ As tarefas estavam assim divididas: Floriano se dedicaria a produzir e desenvolver a parte industrial, enquanto que a função de Bertholdo Hauer seria a da promoção.²²² Como este freqüentemente viajava para outras cidades, em decorrência de suas atividades comerciais, procurava ao mesmo tempo levar ao conhecimento dos comerciantes de outras localidades os pianos Essenfelder. Para isso projetou catálogos de apresentação:

Os mais belos catálogos em todo o Brasil eram os dos Pianos Essenfelder, trabalho dêle, idealizados com requinte de bom gosto, apesar das dificuldades que a firma atravessava.²²³

Apesar da indústria estar montada, produzindo e de contar com o auxílio e o respaldo financeiro de Bertholdo Hauer, dela ainda não se começara a obter lucros,²²⁴ o que só ocorreria quando a venda de seus produtos fosse em quantidade tal que pudesse cobrir as suas despesas e que um restante pudesse ser reinvestido na própria empresa, ou ser retirado mensalmente. Para se obter esse lucro era necessário aumentar as vendas, o que só lentamente poderia ocorrer, pois no comentário de François Perroux:

O que é inteiramente novo não se instala de pronto, nos quadros de escolhas e avalia da maioria. O mercado da novidade vai-se inserindo progressivamente no mercado dos bens comumente adquiridos e empregados.²²⁵

Os pianos Essenfelder ainda não eram populares e conhecidos do público em geral. Fazia-se necessária uma campanha de divulgação. Começaram, deste modo, a serem publicados nos vários jornais da cidade diferentes tipos de propaganda: reclames, cartas de elogios recebidas pela indústria, diversos artigos, trechos de relatórios oficiais, enfim, as mais variadas promoções para levar o público a se habituar aos pianos Essenfelder e a conhecer as suas qualidades.

Propagandas mais arrojadas, grandes, ilustradas e com um visual atraente que despertavam maior atenção do público, começaram a ser publicadas nos jornais.

No jornal **Diario da Tarde** de 24 de fevereiro de 1912, página 4, encontra-se um enorme reclame de 25 x 25 cm, ilustrado com o clichê de um piano de cauda de pés torneados e com a estante de partituras trabalhada em arabescos. Além da relação dos prêmios em destaque o reclame conta com o endereço da Casa Minerva onde os pianos Essenfelder encontravam-se em permanente exposição ao público. O texto contém ainda uma relação das qualidades atribuídas aos pianos por alguns especialistas: o som volumoso, melodioso e agradável. A tônica central dos textos recairá, porém, sempre na preocupação de igualar a qualidade do produto brasileiro aos produtos estrangeiros, através de alguma característica que ressalta em vantagem do produto nacional sobre o importado, como se percebe no seguinte trecho da propaganda: “competem com os melhores fabricantes europeus, superando sobre estes pela inegalável qualidade de madeira brasileira.”²²⁶

De agosto a dezembro de 1912, tanto o jornal **Diario da Tarde**, como o **Commercio do Paraná**, publicam a mesma propaganda que, como a anterior, trata-se de uma propaganda grande, 18 x 19 cm, contando com a ilustração de um piano armário e com a disposição dos dizeres de uma forma também atraente e que logo chama a atenção de leitor. Além da relação dos prêmios e dos serviços oferecidos, oferece gratuitamente o catálogo geral dos modelos fabricados. Ressalta ainda a vantagem da venda direta da fábrica, que “livres do interesse de intermediários e por isto mais baratos 30% do que os importados”, com a vantagem ainda de vendas a prestações.²²⁷

As propagandas dos pianos Essenfelder chamam a atenção sobre as outras por possuir um tamanho geralmente maior e por seu texto em destaque. Por serem ilustradas, permite ao leitor um primeiro contato com o produto, como na reprodução do piano armário na qual logo sobressaem os

três pedais, os enfeites frontais e o acabamento em detalhes trabalhado em madeira, no formato de uma lira estilizada.

Em finais de 1912, o jornal **Commercio do Paraná** publicou um artigo não assinado, salientando a qualidade dos pianos Essenfelder, no qual recorda a vitória do prêmio alcançado em Turim.

*A Indústria Paranaense
Os Pianos "Essenfelder"*

Há dias tivemos ocasião de nos referir ao brilhante sucesso alcançado na Europa pelos pianos fabricados, em nossa capital, no estabelecimento dos srs. F. Essenfelder e Cia.

Hoje vamos ainda nos preocupar desta importante industria destinada a franco successo. A madeira empregada nos pianos é de excelente qualidade. A imbuia é considerada muito apropriada, superior á noqueira empregada na Europa e América do Norte.

Enquanto outros fabricantes empregam a armação de pinho, coberta de uma placa de noqueira, ou outra madeira como simples enfeite, os industriaes paranaenses utilizam a nossa imbuia, que é de uma resistência inegalavel.

Tivemos a prova do bom fabrico nos dois pianos remetidos para a Exposição Internacional de Turim, no anno findo.

Remettidos daqui para o Rio de Janeiro, lá estiveram em exposição, seguindo depois para Genova, donde foram enviados para Turim. Não obstante essas longas travessias, os instrumentos musicaes voltaram em perfeito estado de conservação, demonstrando assim a sua boa construcção e esmerado fabrico.

Isto muito deve orgulhar os fabricantes que assim podem expôr ao publico os seus productos como superiores aos seus similares que nos são remetidos do estrangeiro.

Ainda uma vez felicitamos os srs. F.Essenfelder e Cia, pela victoria que alcançaram na Europa.²²⁸

A tônica que passa a predominar nas propagandas dos pianos Essenfelder é a de um espírito de nacionalismo e de defesa dos produtos brasileiros face aos estrangeiros. Nota-se que esse espírito nacionalista transparece no artigo e que a preocupação de se comparar a qualidade do piano brasileiro aos importados é constante. Deste modo, o artigo procura

ressaltar certas características, como por exemplo: a imbuia, matéria-prima local, como sendo a mais apropriada; o piano Essenfelder é fabricado com chapas maciças da madeira resistente, o que beneficia o produto com uma maior duração, e não apenas uma placa de cobertura para enfeite; frase como: “superior aos seus similares que nos são remetidos do estrangeiro” é utilizada, porém, não explicada.²²⁹ Não estaria nela, no entanto, implícita a idéia de que os pianos remetidos do estrangeiro ao Brasil não chegavam em bom estado de conservação, ou já estaria havendo uma equiparação e possível superioridade dos pianos fabricados em Curitiba?

A preocupação de um nacionalismo econômico não era uma idéia nova. Quando Floriano Essenfelder ainda residia em Berlim, a política alemã de unificação calcada em uma cultura nacional já era uma realidade e da mesma forma ela vinha desenvolvendo-se em outros países. As raízes de tal nacionalismo, que procura unificar um país através de aspectos culturais, estavam profundamente enraizadas na economia, como coloca Dante Moreira Leite, a respeito do momento em que se verifica a formação desse espírito nacionalista:

O nacionalismo seria, assim, uma ideologia tipicamente burguesa, capaz de unir o povo para o estabelecimento do liberalismo econômico. Nessa perspectiva, seria compreensível que em alguns países – como a Itália e a Alemanha – ainda não unidos como um Estado-Nação, e que ainda estavam num estágio pré-capitalista de economia, a ideologia nacionalista procurasse provocar a união nacional e, através desta, a união econômica.²³⁰

No Brasil também não se permaneceu indiferente à essa ideologia nacionalista. Arelado economicamente aos países desenvolvidos e ao seu capital, o Brasil possibilitou o surgimento de um grupo de pessoas com um

ideal que visava atingir a emancipação econômica do país, implantar o liberalismo econômico e ultrapassar o estágio pré-capitalista ou, como descreve Nícia Vilela Luz, exigir que a economia nacional desenvolvesse as fontes produtoras de riqueza que seriam uma garantia à sua soberania nacional. Para alguns, a fonte principal dessa riqueza estaria na indústria, pois que consideravam a agricultura uma fonte precária e irregular, sujeita às variações climáticas e a uma estreita dependência do elemento humano, já que pouco uso se fazia de maquinaria. Outra corrente visava “a reintegração da nossa civilização em bases mais sadias – as da vida rural, que considerava a expressão máxima da nacionalidade brasileira”.²³¹

Cada corrente desenvolvia seus argumentos baseando-se nos interesses próprios de seus defensores, porém, com a mesma intenção principal: uma proteção governamental e intervenções através de leis ou diretrizes alfandegárias que trouxessem benefícios aos produtos nacionais.

Entretanto, era necessário que se rompesse a existente reserva que havia quanto aos produtos brasileiros. Acostumada desde o tempo da Colônia a adquirir os bens de consumo do estrangeiro, a população habituara-se à qualidade dos produtos importados. A indústria brasileira apenas iniciava-se e seus produtos dificilmente conseguiam impor-se na praça e competir com os já renomados produtos estrangeiros, que contavam com o forte apoio das casas de comércio – que enriqueciam através desse comércio – e dos países exportadores, os quais sempre procuravam mercados para a colocação de seus produtos.

Da necessidade inicial da importação criara-se o hábito e, deste, passou-se a um certo preconceito, quanto aos produtos nacionais em relação aos estrangeiros. Torna-se difícil mudar essa mentalidade no sentido de impor

ao mercado o produto nacional, mesmo com o reconhecimento da sua qualidade no exterior, como no caso dos premiados pianos Essenfelder. Assim comenta Frederico Essenfelder quando da luta para colocar os seus pianos no mercado:

a luta era grande. O mercado brasileiro era inundado por pianos de procedência estrangeira: alemães, franceses e norte-americanos. Era forte o preconceito do público comprador da época, sempre contra a indústria nacional. Os professores mostravam-se céticos e recomendavam aos alunos as marcas em que tinham feito seus estudos. Sempre estrangeiras.²³²

Deste modo, explica-se o direcionamento das propagandas no sentido de insistirem nessa linha de argumentos nacionalistas e de seguirem uma estratégia agressiva em relação aos produtos estrangeiros. Tais propagandas, no entanto, provocariam uma reação dos comerciantes importadores.

A indústria Essenfelder “vencendo toda sorte de dificuldades progredia lentamente”²³³ O auxílio para ela firmar-se não viera somente do apoio de Bertholdo Hauer e da campanha publicitária. Além do incentivo de um bom número de artistas, o Presidente do Estado, Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, imbuido do espírito nacionalista, passou a apoiar a empresa paranaense dos pianos Essenfelder:

Êste empreendimento, que também neste Estado, tantas dificuldades enfrentou, contou com o valoroso apoio moral do então Presidente Gal. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, o qual, em companhia do Chefe de sua Casa Militar, major Euclides do Vale e de seu ilustre Secretário de Estado, Dr. Ernesto Luiz de Oliveira, visitava semanalmente nossa pequena Fábrica de Pianos, o que muito nos animava.²³⁴

O seu apoio não se restringiu, porém, apenas ao aspecto moral, pois “a fim de prestigiar a indústria paranaense, encomendou um piano de cauda para o Palácio do Governo”.²³⁵ Evento este que não passou despercebido pela imprensa, a qual, através de um artigo publicado no jornal **Diário da Tarde**, procurou ressaltar as qualidades do instrumento adquirido:

*Uma industria que nos honra
Fabricação de pianos*

Os srs F. Essenfelder e C., que desde alguns annos emprehenderam aqui a fabricação de pianos, empregando para isto as nossas excellentes madeiras no seu estabelecimento ao Alto da Glória, acabam de entregar ao governo um magnifico piano de cauda, para concerto, expressamente encommendado para o salão nobre do Palacio.

Vendo-se este instrumento, sente-se um verdadeiro orgulho em se saber que procede daqui mesmo, de fabrica paranaense. A mão-de-obra, trabalhada em imbuya, está acima de qualquer expectativa, mesmo a mais lisongeira, e o piano, que mede 2,45 de comprimento por 1,56 de largura, é uma verdadeira obra de arte.

Pessoas competentes, que tiveram ocasião de o experimentar, sabemos que ficaram simplesmente encantadas, tal a magnificiencia do som garantidamente superior ao dos melhores modelos europeos.

Sendo o primeiro piano assim rico e grandioso que sae de fábricas da America do Sul; é isto o motivo de felicitar-mos aos srs. F. Essenfelder e C., e especialmente ao nosso Estado cujo renome muito lucrará com este surto de sua industria.

*Brevemente, contamos expôr por estas columnas o “cliche” deste piano e os nossos leitores terão, assim, uma idéia de seu feitio.*²³⁶

O clichê não foi publicado, não se podendo ter um visual do piano e dos predicados a ele atribuídos, como foi enaltecido neste típico relato com as características da mentalidade da época. Porém, através da descrição, pode-se ter uma idéia do instrumento: uma peça grande, trabalhada na madeira e com um som aprovado por profissionais e uma verdadeira peça de propaganda em exposição no Palácio do Governo.

Encontravam-se também em exposição 4 modelos diferentes de piano, que se destinavam a S. Paulo a pedido do representante da firma Essenfelder naquela cidade. O convite ao público para conhecê-los e testar a qualidade dos produtos foi publicado no jornal **Diário da Tarde**, a partir de 26 de junho de 1912. A exposição encontrava-se na Casa Victrix, que vendia desde perfumaria, cigarros, gramofones e discos:

Exposição de pianos ESSENFELDER na casa Victrix, rua 15 de novembro, 82

Convidamos ao publico e especialmente ás pessoas que gostam do Piano, para fazerem uma visita á nossa Exposição de 4 modelos diferentes, destinados á nossa representação em S. Paulo e que por gentileza dos srs. Annibal Requião e Comp., apresentamos durante estes dias na conhecida Casa Victrix.

Rogamos de fazer uma experimentação a todos aqueles que o desejarem e que tenham conhecimentos sobre a materia, bem como nos será muito agradavel que se empenhem em verificar o zelo de nossa fabricação, em que empregamos madeiras e materiais de requintada escolha.

Estes 4 modelos destinam-se a S. Paulo, para satisfazer um pedido insistente do nosso agente naquela capital, e porque tenham de ser enviados na próxima semana, pedimos ao publico de não perder uma occasião de constatar em que pé se encontra esta nobilitante industria de nosso Estado.

F. Essenfelder e Comp. 237

Em permanente exposição, os pianos Essenfelder passaram, também, a serem encontrados no novo endereço da loja "Louvre", reinaugurada em um maior espaço e com diversas e novas mercadorias para venda, entre elas os pianos Essenfelder, como anunciado no aviso ao público no jornal **Commercio do Paraná**:

Avisamos ao respeitavel publico que constituimos nossos representantes para tratar de qualquer negócio referente a nossa Fabrica, aos senhores B. Hauer e Braun, proprietarios do "Louvre".

Para maior commodidade dos interessados teremos sempre em exposição neste importante estabelecimento os nossos afamados pianos e lá serão minis-

*tradas quaesquer informações, vendidos ou alugados instrumentos, recebido dinheiros, etc, etc. Aos nossos estimados favorecedores sobretudo, pedimos atenção para este aviso.
F. Essenfelder E comp.²³⁸*

A nova loja Louvre, maior e central, ao administrar a promoção dos pianos Essenfelder expondo, vendendo e alugando-os, em muito veio facilitar os negócios e trazer maior comodidade ao público. Se bem que o trajeto à indústria Essenfelder, situada na Estrada da Graciosa, não era de difícil acesso uma vez que a estrada havia sido reparada para permitir o tráfego de automóveis, sendo que “uma viagem pela Graciosa, principalmente por um dia claro, cheio de sol, como aquelle em que viajei, constitue uma perfeita delícia”²³⁹

Curitiba progredia rapidamente e a cada ano que passava mais identificava-se com as grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. As propagandas dos jornais ofereciam todo tipo de produtos e serviços: automóveis e caminhões “Benz”, automóveis de luxo e táxis pela “Royal Garage”; produtos diversos como: máquinas de escrever, calçados, lâmpadas “Philips”, enxovais, gelo, Emulsão de Scott, cerveja, biscoitos, Cinzano, farinha maltada, madeiras e cimento; serviços de hotelaria, alfaiataria, seguros, viagens e a programação dos cinemas da cidade, eram encontrados nas páginas de classificados, colaborando para o aumento do tamanho dos jornais que quase duplicaram o número de suas páginas. *

Além da iluminação elétrica que a cidade passara a possuir,²⁴⁰ um outro serviço público veio facilitar a locomoção da população – os bondes elétricos, instalados pela South Brazilian Railway Company. O jornal **Commercio do Paraná** fez uma ampla cobertura sobre a inauguração do serviço de bondes, como se lê nos trechos retirados de um artigo escrito por Generoso Borges:

* Ver anúncios do Diário da Tarde e Commercio do Paraná de 1913 e anos seguintes.

Os bonds electricos – um dia de movimento – como foi recebido o novo serviço.

Os bonds electricos cruzaram hontem em viagens extraordinarias e pela primeira vez, as ruas da capital. A cidade por isso apresentou-se com um aspecto novo, tomando ares de grande capital, alegrando o povo que afinal via realisada uma das suas grandes aspirações.

Foi effectivamente um successo.

(...)

A Praça Tiradentes esteve, desde cedo, repleta de cavalheiros e senhoras, que disputavam logares nos carros electricos para o passeio aos magnificos arrabaldes – Prado e Portão.

(...)

O grande mastodonte cinzento, em poucos minutos tinha a lotação completa e deslisava cantante pelas curvas e pelas rectas...²⁴¹

Tais serviços contavam do programa de desenvolvimento do Estado, pois era meta do governo do Presidente do Paraná, Dr. Carlos Cavalcanti, uma “marcha ascendente para a definitiva conquista do progresso”.²⁴² Ainda na mesma **Mensagem** enviada ao Congresso Legislativo do Estado, continuava o Presidente do Estado a relatar a sua estratégia econômica para o seu governo:

No anno passado, como de resto durante toda a minha administração, não tenho como sabeis cessado de me preocupar com o desenvolvimento da produção do Estado, animando as industrias nascentes e procurando, por todos os modos ao meu alcance, insufflar vida nova à agricultura, pela introdução de methodos racionais, em guerra aberta contra a rotina dominante.²⁴³

Sua política econômica não se ateve somente ao incentivo à agricultura através de revistas agrícolas, postos meteorológicos, apoio ao Instituto Agrônômico e a exposições regionais dos produtos cultivados. Além do incremento e benefícios dado à erve-mate, que continuava a ser a maior riqueza do Estado, não estavam esquecidas a pecuária, a madeira e o café, “cuja cultura se desenvolve com tão assombroso resultado, na extensa zona

noroeste do Estado"²⁴⁴ O trecho abaixo da **Mensagem** refere-se a comentários quanto ao desenvolvimento industrial no Estado do Paraná:

*Tambem estão em pleno florescimento as industrias de phosphoros, tecidos de algodão, fundições, cerveja, carnes salgadas, palhões, aguas mineraes e outras, tendo-se iniciado em excellentes condições, a de vidros e com innegavel successo, a de pianos, cuja produção augmenta de modo apreciavel.*²⁴⁵

Esse relato foi efetuado a partir dos dados coletados em visitas a algumas fábricas feitas pelo secretário da **Junta Comercial** e apresentados em **Relatório ao Secretario da Agricultura** por Manole Martins de Abreu, presidente da **Junta Comercial**. Publicado no jornal **Diario da Tarde** de 9 de janeiro de 1913, o relatório com acesso ao público, passa a informá-lo sobre a situação das indústrias no Paraná. Uma das atribuições da **Junta Comercial** era exatamente as visitas às indústrias, como relata o seu secretário: "visitei algumas fabricas desta capital, que ainda não havia visitado e o resultado dessa visita venho trazer ao vosso conhecimento, afim de que seja o patriotico governo do Estado informado da situação das mesmas."²⁴⁶ Após descrever suas impressões às visitas efetuadas nas fábricas de sabão, sabonetes, velas e perfumes, de latas a vapor, de carimbos de borracha e de fósforos; passa a descrever o desenvolvimento da fábrica de pianos, ao ressaltar a qualidade da sua produção:

*Sobre a de pianos, temos a accrescentar, ao conceito que sobre ella já emittimos, que os seus productos acabam de grangear-lhe medalha de ouro na recente exposição internacional de Turim. Nesse certmen do trabalho, foram exhibidos 2 pianos dessa fabrica, hoje, de propriedade de Essenfelder e Comp. sendo 1 de cauda e outro de armario. Nesta capital, estiveram expostos 4 modelos diferentes, destinados ao Estado de S.Paulo. Por ahí ve-se, que os productos da alludida fabrica vão sendo, cada vez, melhor reputados.*²⁴⁷

Apesar do aspecto positivo que a mensagem do Presidente Carlos Cavalcanti deixa transparecer, nela encontra-se, porém, o reflexo da crise econômica que abalava a Europa. Os capitais dos países desenvolvidos, que eram aplicados no exterior em países em desenvolvimento, traziam grandes vantagens para o capital investido. Porém, à medida que os outros países passavam da produção primária à indústria manufatureira, as relações de troca não mais beneficiavam os países desenvolvidos.²⁴⁸ Sem dúvida, a crise econômica de 1913 foi um dos fatores que vieram a influir na eclosão da Primeira Guerra Mundial, com grande repercussão na Alemanha, precisamente um dos grandes contendores. O aspecto monetário alemão marcava a gravidade do problema de uma superprodução: aumentara o número de negócios mas não houvera nenhum desenvolvimento “boom”.²⁴⁹ Essa crise só seria superada quando a atividade econômica fosse reativada para satisfazer às necessidades dos beligerantes.²⁵⁰

Também no Brasil a crise teve o seu reflexo e, na opinião do Presidente do Paraná, mesmo que se tratasse de uma situação difícil, seria transitória, uma vez que a salvação viria justamente de uma resistência inquebrantável que se opusesse às causas perturbadoras. Sendo o Brasil um dos países que se achavam na escala ascendente de sua trajetória e que possuíam em si próprios a energia precisa para atingir o vértice, tal crise poderia ser ultrapassada.²⁵¹

Apesar da confiança que procurava demonstrar e mesmo que classificasse o Brasil como um país em expansão econômica, o reflexo da crise se fez presente, como no seguinte trecho da sua mensagem:

*uma nação nova e punjante, colhida ao iniciar sua marcha para a conquista da independencia economica, no desencadeiar do conflicto entre os povos da Europa, aos quaes se acha inteiramente entrelaçada pelo credito, bruscamente suprimido e que dava vigor aos seus aparelhos industriaes em formação.*²⁵²

O espírito de combate à crise sobressai nos artigos dos jornais e vários são os que se referem à sua influência sobre Curitiba, como a manchete publicada no jornal **Diário da Tarde**: “**A carestia em Curitiba: Os alugueis das casas – os generos de primeira necessidade – impostos e mais impostos – A situação afflictiva do povo**”.²⁵³

Um veemente ataque é levado a efeito sobre os intermediários ou atravessadores, que aproveitam da situação conflituosa para enriquecerem-se às custas dos trabalhadores, como denuncia o artigo “**A Revolução da Fome**”, que foi publicado no jornal **Diário da Tarde**, em duas partes. Seguem trechos do dia 14 de março de 1913:

*E, para prova, depois de muito esforço, estamos preparados a declarar, que, alguns varejistas tem espalhado pelo circuito da cidade atravessadores dos productos de 1ª necessidade, para que elles na mão dos vendedores, não cheguem até aqui. Essas pessoas affirmam-nos que essa gente compra todos os productos, por baixo preço, dos pequenos vendedores, evitando, assim, que estes, mesmo para poupar trabalho, se aventurem a vir fazer a sua venda na cidade.*²⁵⁴

No dia 15 de março de 1913, a segunda parte do artigo volta a acusar o ato criminoso dos atravessadores, que contribuíam para o agravamento da carestia em Curitiba:

*Hontem, demonstramos que a causa capital da elevação exorbitante dos preços dos generos de primeira necessidade, em Curitiba, era devido a existencia, pelos arredores, de alguns atravessadores. Esses individuos, sobre quem a municipalidade deve lançar suas vistas, compram, por um preço infimo, a mercadoria do producto, para vender, dias depois, na cidade, ao consumidor, por um preço elevadissimo, encarecendo, assim, a vida do povo, que tem de se sujeitar ás suas exigencias de exploradores.*²⁵⁵

A investida aos atravessadores e intermediários foi uma saída encontrada para se culpar alguém por uma crise que possuía implicações bem mais amplas. Porém, o espírito de luta contra a crise transparecia nas

propagandas dos comerciantes, que, pretendendo vencer as dificuldades do momento, utilizavam-se dos atravessadores como alvo de ataque nos textos publicados na imprensa local.

As propagandas dos pianos Essenfelder não foram exceção à esta campanha e nelas passaram a sobressair textos que ressaltavam o fato de não precisarem de intermediários em suas vendas, pois que eram ótimos artigos nacionais. Tanto o jornal **Commercio do Paraná**, quanto o **Diario da Tarde** publicaram reclames com o seguinte texto:

*PIANOS ESSENFELDER
(indústria paranaense)*

De qualidade nada inferior aos melhores importados, são elles 30% mais baratos, porque não pagam os enormes direitos aduaneiros e são vendidos directamente da Fabrica, sem commissão a intermediários.²⁵⁶

Paralelamente aos textos que ressaltavam o fato dos pianos Essenfelder não precisarem de intermediários para as suas vendas, continuaram a ser publicados os que enfatizavam um espírito de nacionalismo ao se referirem aos produtos brasileiros. Pela primeira vez eles passam a mencionar os preços dos pianos pelos jornais, numa clara insinuação para se comparar com o dos pianos importados, que encareciam por causa da taxa aduaneira, com os preços dos nacionais, que eram muito mais em conta para os consumidores. Fica patente essa estratégia quando se lê o trecho da carta recebida do Rio de Janeiro pelos Essenfelder e publicada nos jornais de Curitiba, estando a original em exposição na antiga loja "LOUVRE" para comprovação do público:

Recebi os seus dous pianos e devo confessar que nunca vi piano melhor na construcção da caixa. É fora de

questão que estes pianos tem de vencer, não só nos mercados brasileiros, mas até nos mercados estrangeiros. Por exemplo nos E. Unidos se vende os Chickering a 1.000 e 1.200 Dollars (ou seja 3:000\$000 á 3:600\$000, de nossa moeda)... Eu não vejo razão porque os seus pianos mesmo nos Estados Unidos, poderiam competir com os melhores e de maiores preços. Estou encantado com os seus instrumentos.²⁵⁷

Uma tímida reação dos concorrentes começou a surgir através de uma propaganda da Casa Americana, estabelecida na rua 15 de novembro nº 29, anunciando as vantagens de preço dos pianos importados com marcas afamadas como: Ronisch, Winkelmann, Pleyel, Mors, etc, e que estavam abaixo do preço mencionado nos jornais. Vendia-se a prestações e encontravam-se pianos com preços que iam desde: 1:000\$000 para cima, além de uma espécie de consórcio, chamado de “Clubs com sorteios”, no qual se participava através de prestações mensais de 40\$000.²⁵⁸

Foi, no entanto, através de um artigo, o qual ataca frontalmente a qualidade dos pianos estrangeiros, e de uma arrojada propaganda, que a reação dos concorrentes se fez mais forte. Pode-se seguir essa excepcional disputa pelo mercado através dos jornais, o instrumento utilizado para atrair e conquistar o público consumidor.

O artigo publicado no jornal **Commercio do Paraná**, intitulado “**Os Pianos Essenfelder**”, comenta a aceitação obtida pelos que haviam sido enviados a S. Paulo a pedido do seu representante local. O trecho que segue ressalta o acolhimento e a qualidade do artigo paranaense:

Esses pianos foram alli collocados immediatamente, depois de examinados por profissionaes e experimentados pelos mais notaveis pianistas da capital paulista. Os Profissionais declararam, sem nenhuma reserva, que internamente, quer quanto ao material quer quanto á technica mechanica, os pianos paranaenses eram eguaes aos dos melhores e preferidos autores estrangeiros como sejam Stenway, Pleyel e Bluthner, mas, externamente, affirmaram todos elles, pela excellencia

*e belleza das madeiras, bem como pelo caprichoso acabamento da obra de marcenaria, excediam a todos elles, podendo ser considerados verdadeiros pianos de luxo.*²⁵⁹

Não foi esquecido um comentário a respeito da suavidade dos sons, a precisão do mecanismo e a obtenção da nítida e fiel execução das obras dos grandes mestres. A técnica nacional atingira uma qualidade sonora que se igualava a dos pianos de concerto de fama mundial, como Pleyel e Stenway.²⁶⁰ O ataque foi levado a efeito quando o anônimo autor, pois o artigo não está assinado, crítica de forma intensa a qualidade de alguns pianos estrangeiros, talvez numa ênfase nacionalista e procurando romper esquemas pré-estabelecidos pela mentalidade pública, segundo os quais acreditava-se em que tudo que fosse “importado” era o melhor; ficava patente que a qualidade sonora dos pianos Essenfelder equivalia à dos pianos das melhores qualidades:

*É esse um facto que merece a mais ampla divulgação, porquanto representa a compensação merecida dos esforços da firma Essenfelder e C., se abalanzando á montagem de uma industria nova no Brazil para enfrentar com mercados abarrotados de pianos detestavelmente construidos, de insignificante duração, tendo ainda contra si a aspereza dos sons emitidos e imperfeição de sua tonalidade pela constante desafinação a que são sujeitos, sendo como são construidos com madeiras improprias ao nosso clima. Convem tambem salientar que o preço dos superiores pianos Essenfelder é inferior ao preço por que se vende os oriundos do estrangeiro, productos de fabricantes sem reputação firmada a que se encarregam de fabricar instrumentos para a exportação.*²⁶¹

No dia seguinte, o mesmo jornal publicou em sua página de rosto uma propaganda dos pianos Essenfelder conclamando o público a um desafio:

*Pianos Essenfelder
(indústria paranaense)*

Atenção *Ha pianos de muito mais preço, porque fazem pagar a marca, mas afirmamos categoricamente serem os nossos os Melhores em Qualidade. Pagamos CINCO CONTOS DE REIS a quem nos apresentar um piano melhor construído.
F. ESSENFELDER E COMP
fabricantes e constructores de pianos.*

*FABRICA: Curitiba, Alto da Gloria. Paraná
Agentes: B. Hauer e Braum
Caixa do Correio, 230 – Curitiba –
Teleg. LOUVRE.²⁶²*

A propaganda que saiu pela primeira vez na sexta-feira e repetiu-se no domingo e na terça-feira, também na folha de rosto, era de tamanho maior do que normalmente publicavam, 30 X 23 cm, e trazia um estilo totalmente inovador para a época. Era mais do que apenas um reclame, era um desafio direto, representado por um concurso, ou seja, uma nova maneira de chamar a atenção aos consumidores. Um vínculo diferente se estabelecia através da propaganda, em relação ao público, pois levava-o a participar de uma disputa que vinha sendo realizada apenas por especialistas.

Estava declarada a luta para a conquista do mercado, para sobrepor-se à reação do ambiente social, – que se mantinha, através do hábito e mentalidade, a favor dos produtos estrangeiros – e dos concorrentes, contra o produto nacional. O último obstáculo que faltava ser ultrapassado, segundo J.Schumpeter, para firmar a liderança de Essenfelder na praça, estava em jogo.*

Uma semana após a publicação-desafio, a reação dos concorrentes veio através de uma propaganda-resposta da Casa Hertel. Embora o texto

* Ver dissertação – p. 155-6

não mencione o nome dos Essenfelder, não deixa dúvidas sobre a quem é dirigido:

Rs. 5:000\$000
A CASA HERTEL

faculta os meios a quem quizer ganhar essa importância oferecida por uma fabrica de pianos nacional. Pois não passa de uma pretensão sem par, querer julgar "MELHOR" os pianos nacionaes, aos da fabrica "BLUTHNER"

fundada em 1853 – com 21 primeiros diplomas e distincções.

"SCHIEDMAYER E SOENE"

fundada em 1809 – com muitas medalhas e diploma de honra.

J.G. IRMLER

fundada em 1828 – com diversas medalhas, etc.

Estas fabricas mantem um pessoal tecnico e operarios com cerca de 20 a 50 annos de pratica, e não é admiravel, que uma fabrica com talvez 10 operários de 2 a 3 annos de pratica possa apresentar no mercado um producto "MELHOR".

Os pianos das fabricas acima referidas não só são consagrados pelos "grandes maestros de fama mundial", como tambem são mais baratos que os montados aqui.

Remette-se catalogos e preços a quem os solicitar unica agencia no Estado do Paraná

CASA HERTEL

Rua do Riachuelo

Officina bem montada para concertar PIANOS, e a disposição um afinador de primeira ordem.²⁶³

Publicada tanto no **Diario da Tarde** quanto no **Commercio do Paraná** durante vários dias, ela se intercala com a propaganda-desafio de Essenfelder. Se alguém chegou a ganhar o prêmio, nada se publicou. O desafio parece que encerrou-se através de uma contra-reação dos Essenfelder, uma propaganda que chega quase a ser uma síntese de sua trajetória para a realização de seu ideal – construir um produto tão bom quanto os melhores importados. Segue a integra do texto:

"Pianos Essenfelder"
Referindo-se a casa Hertel ao nosso premio de 5:000\$000

estabelecido para quem nos apresentar um piano melhor construido, e classificando o nosso annuncio de "uma pretensão sem par" unicamente por serem nacionaes [Não tem commentarios] cumpre-nos formalmente desmentir as suas falsas indicações, que propositamente faz para desorientar o respeitavel publico, e declaramos:

que o inicio da fabricação dos pianos Essenfelder na America do Sul data de 1889, ha 24 annos pois; que o notavel constructor de pianos F.Essenfelder, allemão, nosso socio tecnico, ja tem 40 annos de pratica; que o mesmo tem introduzido diversos melhoramentos e inventos nesta arte, ainda hoje adoptados em pianos de qualidade; que a maior parte dos nossos operarios tem mais de 10 annos de pratica; que NÃO MONTAMOS pianos, mas sim construimos e fabricamos de qualquer typo, sem auxilio de modelos de outras fabricas.

Não podemos, pois, consentir que quem quer que seja proceda desta forma, apenas para diffamar a nossa industria, inteiramente nacional, sem apresentar ao mesmo tempo artigo melhor, e sustentamos com toda a firmeza:

PIANOS ESSENFELDER NÃO TEM RIVAL

applicadas na confecção destes todas as sciencias e artes internacionaes e construidos inteiramente de nossas preciosissimas madeiras, mais resistentes e mais lindas que as da Europa, etc.,

Não há melhor construido no mundo inteiro!

Nota importante: com excepção do fabricante Essenfelder, nenhum dos outros europeus esteve no Brasil estudando as influencias do nosso clima sobre pianos importados. Ficariam elles admirados pela transformação rapida dos seus productos.

F. ESSENFELDER E C.²⁶⁴

A propaganda redigida por Bertholdo Hauer, de 30 x 25cm de tamanho e com letras em destaque chamando a atenção do leitor, foi publicada durante uma semana. O texto, escrito num tom incisivo, não deixa de impressionar a quem o lê pelas implicações que sugere: nota-se que a data nele colocada como sendo a do início da fábrica de pianos Essenfelder, foi a de quando Floriano chegou na América do Sul e não a de quando registrou o seu primeiro instrumento ali fabricado. Aumentou-se, assim, em 1 ano a

duração da existência da indústria; sua tônica principal ao responder a Hertel foi a ênfase a um espírito nacionalista, daí a utilização de palavras como: “nossa industria inteiramente nacional”, “nossas madeiras” e pianos fabricados para o nosso clima. O público era, deste modo, desafiado em seu patriotismo, uma vez que a Casa Hertel parecia colocar em dúvida a possibilidade de que um produto brasileiro pudesse ser de tão boa qualidade quanto aos europeus. É interessante notar que apesar da ênfase dada à qualidade do produto nacional, o parâmetro utilizado como símbolo de qualidade ainda é o do produto estrangeiro, daí a importância de lembrar a origem alemã do técnico Floriano.

O importante, no entanto, era terem sido eles fabricados no Brasil, com matéria-prima local e que pudessem igualar-se aos melhores do estrangeiro, pois que neles também haviam sido utilizadas as “sciencias e artes internacionaes”.

Mesmo que os pianos Essenfelder tivessem passado a ser bem conhecidos do público, os jornais continuaram a publicar várias propagandas, artigos e referências, mantendo sempre o nome de Essenfelder em voga e levando o público a se habituar com a marca. Os textos giravam sempre em torno da qualidade dos pianos e de um espírito nacionalista, ao promoverem a indústria paranaense.

No Rio de Janeiro, é publicado um atestado de Alberto Nepomuceno, musicista brasileiro, sobre os pianos Essenfelder. Nele são ressaltadas a sonoridade, o acabamento e a condição de ser um instrumento que “muito honra a nossa industria”.²⁶⁵

Uma propaganda de página inteira foi publicada no número de aniversário do jornal **Commercio do Paraná**. Arabescos, grandes letras e,

sempre em destaque, a marca Essenfelder, chamam a atenção do leitor. O texto contém a mesma linha de argumentos das propagandas anteriores: utilização de madeiras de lei, sempre maciças e nunca folhadas; maior resistência; som mais volumoso; mecanismos superiores, iguais aos melhores de procedência estrangeira. A novidade é a lista de preços e as condições de pagamento que pela primeira vez saem nos jornais:

Prevenimos aos interessados que temos prompts para entrega imediata e que continuam em fabrico especialmente os seguintes MODELOS PREFERIDOS: PIANOS DE ARMARIO "ESSENFELDER" Caixa de Raiz de Imbuya:

- Modelo A – Estylo Art Nouveaux, altura
132 c/m1:300\$000*
- " B – Estylo Art Nouveaux, altura
138 c/m1:500\$000*
- " C – Estylo "Renaissamce", altura
145 c/m1:800\$000*
- " D – Estylo "Renaissance", caixa de luxo, alt.
145 c/m2:000\$000*

*(Nas medidas de altura não são incluídas as galerias)
IMPORTANTE: É uma só qualidade dos PIANOS ESSENFELDER, divergindo os preços unicamente de accordo com o tamanho do piano, e do estylo empregado na construção da Caixa.*

CONDIÇÕES DE PAGAMENTOS: à vista: com considerável abatimento em prestações: sem aumento NOTAVEL!

*Não comprar pianos, sem experimentar os "ESSENFELDER".
Exposição permanente em sala especial no "O LOUVRE".²⁶⁶*

Os modelos oferecidos neste reclame referem-se apenas aos modelos de pianos de armário, porém, pertenciam à sua linha de produção os pianos de cauda, harmoniums para igrejas e ainda pretendia inaugurar a linha dos pianos automáticos, conforme carta recebida de um especialista, que fora consultado pela indústria no Rio de Janeiro:

"Estou certissimo que V.V.S.S. vão ter sucesso com os pianos automaticos "Essenfelder", pois não ha duvida que a qualidade dos seus pianos excede aos pianos importados aqui em geral. É muito conveniente, pois, os srs. interessados não se apressarem e esperarem o apparecimento do primeiro piano automatico "Essenfelder", que será um verdadeiro triumpho".²⁶⁷

A divulgação dos pianos Essenfelder não se ateve somente aos jornais e às exposições nas lojas de comércio. Os concertos foram uma forma mais direta de mostrar o seu desempenho ao público e vários artistas colaboraram nesta promoção. "O primeiro concerto que se realizou em piano de cauda Essenfelder no salão nobre da antiga Sociedade Thalia", o que permitiu à platéia o conhecimento dos "sons e a boa ressonância dos pianos construídos no Paraná".²⁶⁸

A Escola Musical do Paraná promovera uma apresentação pública de seus alunos no Club Curitibano e, na ocasião, os pianos Essenfelder foram mencionados:

Os 2 pianos modelo Armario, que serviram domingo no concerto do maestro Sabbatini são de fabricação de F. Essenfelder e Cia, sendo o de estylo Art Nouveau ja de propriedade do maestro Sabbatini e o outro, um bello piano de estylo Renaissance, premiado com a medalha de ouro pela exposição de Turim.²⁶⁹

Leo Kessler, que por essa época chegara a Curitiba, era um "artista de muita cultura que dedicava sua melhor amizade à fabrica de pianos,"²⁷⁰ e que muito fez pela música no Paraná. Diretor do Centro Artistico, ministrava cursos de piano, canto, harmonia e composição,²⁷¹ e sempre promovia eventos musicais:

Trabalhando sem esmorecer pela música, organizou inúmeros concertos no antigo e admirado Theatro Guaíra, o qual mantinha-se sempre iluminado e repleto, com uma platéia das mais seletas. Afluiram a Curitiba os artistas mais considerados, atraídos pelo interesse que a atividade artística no Paraná despertava nos outros Estados. Os Pianos Essenfelder estavam representados em toda parte.²⁷²

Embora constantes as propagandas nos jornais, nada de extraordinário fora publicado, a não ser uma nova disputa entre a Casa Hertel e a fábrica Essenfelder.

Durante os primeiros meses do ano de 1914, o **Diário da Tarde** publicou um enorme reclame da Casa Hertel, ilustrado com clichês de um piano de armário e o de um afinador trabalhando em um outro piano. O texto oferece as várias marcas já afamadas de pianos estrangeiros e um serviço completo de assistência e reformas de pianos.²⁷³

A reação de Essenfelder não se fez esperar e, dois dias após esta publicação, o mesmo jornal passou a publicar duas propagandas da indústria Essenfelder: uma com um texto que, como nas anteriores, ressalta as mesmas qualificações dos pianos e outra, enfocando a seção especial de concertos que a fábrica mantinha. As propagandas se mantiveram nos jornais até os meses de maio e março, respectivamente.²⁷⁴

Embora os textos de suas propagandas não publicassem nada contundente, ou inovador, mantinham a sua marca sempre presente na lembrança do leitor, que se preocupava cada vez mais com a difícil situação financeira do país.

Apesar de que, “o nosso Estado não é ainda o mais flagellado, mas caminha para uma situação de inilludível gravidade que urge attenuar,”²⁷⁵ o artigo “A crise” publicado no **Commercio do Paraná**, continua a descrever,

através de uma visão bastante pessimista, a crítica situação financeira para a qual o país caminhava. Um agravamento da crise que já se fazia sentir desde o ano anterior. O comércio sentia-se desanimado e a inércia que pairava nas regiões governamentais agravava a situação que “ja era difficilima com a escassez de numerario, retração barbara do crédito e com a impontualidade do governo para com seus fornecedores, seus funcionários e até com a policia e força publica”.²⁷⁶ A solução esperada para equilibrar a economia brasileira era um empréstimo do estrangeiro, que também estava ameaçado com o iminente conflito europeu.

*Entre nós, nada transpira que seja prenuncio de medidas a serem adoptadas para salvar oo commercio, a lavoura e as industrias de uma ruina fatal, ante a grande desgraça que esta a cahir sobre a nação a não ser que ha quem pense em emittir papel moeda inconvertível, medida á qual, felizmente, o Sr. Ministro da Fazenda se oppoe, mas que vae ser, decretada, não temos a menor duvida, se a conflagração Europea se declarar.*²⁷⁷

Os jornais do dia seguinte já traziam em suas manchetes a conflagração da Europa, e em 30 de agosto do mesmo ano, o **Commercio do Paraná** publicava que a decretação de emissão de notas do Tesouro Nacional fora aprovada pelo Congresso Nacional.²⁷⁸

Para Caio Prado Jr., os excessos do meio circulante, advindos da emissão de moedas, acabam por acumular -se nas mãos de privilegiados bem situados e dão margem para uma acumulação de capital, que, de preferência, é empregado na indústria, sempre próspera nestes momentos graças à desvalorização paralela da moeda, como se observou, no Brasil, no decorrer da 1ª Grande Guerra. Como nestes casos, observa ainda Caio Prado Jr.,

verifica-se uma elevação geral dos preços e encarecimento da vida que não são acompanhados no mesmo ritmo pelos salários e outros rendimentos fixos, a acumulação capitalista se faz efetivamente à custa de um empobrecimento relativo da massa da população.²⁷⁹

A inflação, que se agravaria com as novas emissões, provoca um aumento nos preços dos produtos, como se pode comprovar no caso dos pianos Essenfelder, ao se comparar o anúncio do **Commercio do Paraná**, publicado em outubro de 1913*, com a tabela de preços publicada em julho de 1914**, em que já se verifica um aumento de Rs 200\$000 em cada modelo.

Durante o grande conflito, as publicações da Essenfelder dividem a atenção dos leitores com as manchetes das primeiras páginas sobre a Guerra na Europa e os embates ocorridos na região do Contestado, dispersados pelo Paraná e Santa Catarina.*** Conflito surgido quando desapropriou-se terras de sertanejos para a construção da estrada de ferro e que levou os desapropriados a vários confrontos com soldados do Exército Nacional, chamados para colocar "ordem" na região. Ocorreram muitas mortes de ambos os lados, verdadeiros massacres que mobilizavam a opinião pública.²⁸⁰

A crise de 1914 traria grandes modificações na economia mundial, a qual atingiria, também, a vida econômica dos paranaenses.

As propagandas publicadas só muito vagarosamente vão aumentando de intensidade nos jornais. Elas haviam diminuído bastante e poucas eram as que se referiam ao comércio, predominando aquelas relativas a firmas de seguro e de navegação. Começa a notar-se, porém, uma certa reação contra

* Dissertação, citação 266.

** Ver tabela no anexo.

*** Sobre o Contestado ver: QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado, 1912-1916**. 3.ed. São Paulo, Atica, 1981.

a crise, podendo ser encontrados textos de reclames com slogans de “abaixo a crise”.²⁸¹

Esse espírito de reação à crise econômica que atingia o Paraná, recebeu o incentivo de seu presidente, Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, como se pode verificar na sua **Mensagem** de 1 de fevereiro de 1915:

*Com os capitaes retrahidos, o movimento das operações bancarias notavelmente limitado e o meio circulante trabalhado por perturbações as mais funestas, o commercio, as industrias e a agricultura deveriam ser, como foram, profundamente attingidos e concomitantemente a producção e a riqueza.(...) Nestas condições, a attitude do Estado teria que limitar-se irrevogavelmente á defesa de seus productos e intercambio commercial, com os restrictos elementos proprios, procurando simultaneamente compensar os prejuisos soffridos ou que ainda viesse a soffrer, no decorrer da crise, por uma correspondente diminuição dos encargos financeiros que sobre elle pesassem.*²⁸²

Apesar da crise econômica e do baixo rendimento da população, a indústria Essenfelder conseguiu manter-se durante esse período e se aproveitaria das contingências do momento, tirando partido do incentivo governamental e do impulso econômico advindo da Grande Guerra, promovendo o seu produto para substituir o europeu.

As indústrias européias estavam em estado precário ou mesmo de destruição com a guerra, como ocorreu com a Fábrica Bechstein onde Floriano havia feito o seu aprendizado.²⁸³ No relato abaixo pode-se ter uma idéia das condições em que a Alemanha encontrava-se durante a Grande Guerra:

O esforço de guerra havia absorvido a tal ponto as menores atividades que acabara por esmagar tudo. O número de soldados havia mais do que triplicado desde 1914, atingindo quase 10 milhões. Nas indústrias, o número de operários diminuiria um quarto e o das operárias crescerá 50%. No essencial, a mão-se-obra era

utilizada para a manutenção ou construção de material bélico. Nas indústrias têxteis e alimentares, pelo contrário, caíra para 60%. Todo o país havia se transformado, mergulhando rapidamente num desequilíbrio econômico e social.

A partir dos primeiros meses de 1916, o descontentamento se havia instalado entre os operários, os artesãos, os pequenos comerciantes, que se queixavam de não mais encontrar o que comer, enquanto ricos se abasteciam no mercado negro. (...) A maioria dos cidadãos careciam dos produtos de primeira necessidade. Quando era possível o abastecimento, o racionamento instituído dava direito a um ovo, 2,5 quilos de batatas e 20 gramas de manteiga por semana. (...) Não somente se morria de fome, sobretudo nas cidades, mas era preciso adaptar-se ao sistema de penúria para se vestir. Era quase impossível encontrar roupas e calçados nas lojas.²⁸⁴

Em tais condições, dificilmente os alemães poderiam continuar a exportar os seus pianos e sendo eles importantes concorrentes dos pianos Essenfelder, proporcionava a estes um excelente momento para impor-se mais firmemente no mercado brasileiro. Portanto, as propagandas, artigos e referências aos pianos Essenfelder continuaram a se manter nos jornais.

Os textos, descrevendo as qualidades dos pianos e propagando o espírito nacionalista, defendiam a indústria paranaense. Assim, encontram-se textos como: "PIANOS só ESSENFELDER, classificados a maravilha da indústria brasileira".²⁸⁵

Um artigo publicado no **Commercio do Paraná**, faz um elogioso comentário ao novo mostruário dos pianos Essenfelder, editado em forma de catálogo-album. Litografado a cores, compunha-se de 40 páginas nas quais encontravam-se as medalhas e prêmios alcançados, depoimentos de autoridades e músicos, e os

variados, numerosos e artisticos modelos dos pianos e harmoniuns que a fabrica produz com as devidas e necessarias indicações sobre a sua construcção, aspecto externo e do mecanismo interno, desde o modelo mais simples de piano de armario até o mais bello e elegante do grande piano de cauda para concerto.

Cada pagina do catalogo-album Essenfelder é um triumpho e um attestado de quanto pode a energia, a intelligencia do serviço de uma industria para a qual o Brazil possui recursos estupendos que estavam olvidados, como sejam as suas incomparaveis madeiras que asseguram aos pianos com ellas construidos, qualidades inatingíveis pelas madeiras europeas, tanto na sonoridade, como na resistencia e na belleza externa da caixa, que um só por si vale por um movel artistico, que encanta os salões onde os pianos Essenfelder apparecem. (...)

Considerando ainda que nos pianos Essenfelder são empregados materiaes de primeira ordem, quer na cordoagem, nos abafadores, nos teclados de finissimo niveo marfim, nos castiçoes e pedaes de bronze artistico, pode-se affirmar que os pianos paranaenses são hoje uma lídima e incontestada victoria da industria nacional que não precisa enfeitar-se com disfarces para enfrentar a lucta commercial com os que nos vem do estrangeiro. (...) É tal a confiança que os fabricantes depositam nos seus pianos, que os garantem durante dez annos contra qualquer defeito que venha a accusar na sua estructura ou mechanismo.²⁸⁶

Uma novidade como reclame é a propaganda pequena e discreta dos pianos paranaenses, publicada a partir de setembro de 1915, que ao contrário das outras, está com o texto escrito com letras brancas sobre um fundo preto, o que logo se destaca e sobressai aos olhos do leitor.²⁸⁷

Também é motivação para um artigo, o telegrama enviado pela Casa Joachin, de S. Paulo, à fábrica Essenfelder, o qual trazia um pedido de 6 pianos no valor de quase Rs 10.000\$000, por ter tido o seu estoque regular completamente esgotado. Pedido esse que por si só podia confirmar a aceitação da indústria paranaense em tão importante praça comercial e que o autor fez questão de ressaltar no seguinte trecho:

Exultamos verdadeiramente ao podermos tornar publico que essa alta industria do nosso Estado, carinhosa e proficientemente desenvolvida pelos srs. Essenfelder e Comp. vai se impondo em todos os mercados nacionaes, pela sua comprovada excellencia e superioridade aos instrumentos que outrora importavamos do estrangeiro.²⁸⁸

A diminuição das importações de mercadorias provenientes dos países beligerantes, um dos efeitos da Grande Guerra, permitiria a grande chance dos produtos brasileiros de imporem-se no mercado. Tal oportunidade produziria textos como: "A grande vantagem da nossa industria – apesar da Guerra Européa e da consideravel baixa do cambio. Podemos continuar á vender os PIANOS ESSENFELDER pelos antigos preços da fabrica"²⁸⁹

Durante os anos de 1916 e 1917 os jornais publicam periodicamente as propagandas – que se repetem em vários números – artigos e referências aos pianos Essenfelder. Elogios e textos que vão firmando o conceito alcançado junto ao público e a sua aceitação por um comércio que parece preferi-los aos pianos estrangeiros.

Fica cada vez mais patente, através das publicações, a maneira como os pianos Essenfelder foram se impondo ao mercado nacional em substituição aos pianos importados, que vão rareando na praça. O próprio autor do artigo acima, ao utilizar a expressão "que outrora importavamos do estrangeiro", transmitia ao leitor a idéia de que preferir artigos estrangeiros aos nacionais já era costume de um passado distante, de uma mentalidade ultrapassada e que daquele momento em diante os hábitos e o consumo trariam uma outra conotação – a preferência por produtos nacionais.

Nesse espírito de nacionalismo, encontram-se elogios publicados nos jornais de Curitiba sob o título de "**Pianos Essenfelder – novos e brilhantes sucessos na Capital Federal** ", nos quais os trechos, tirados de vários jornais do Rio de Janeiro, denotam a preocupação de enfatizar os pianos paranaenses como sendo de produção nacional:

*Do "Jornal do Commercio", de 6 de junho.
"Estamos informados que, salvo em pequenas partes
que são importadas mais pela dificuldade da mão de*

obra, todo o piano de produção daquela fabrica é industria puramente paranaense, mesmo no que concerne á metaes, em que hoje se trabalha com grande perfeição na capital paranaense”.

*Do "Correio da Manhã", de 20 de junho.
"Tendo-se em vista que, com excepção de uma mínima e insignificante parte, todo o instrumento resulta da operosidade e desenvolvimento da industria paranaense, é o caso de render lhe os mais entusiasticos applausos”.*

*Da "A Rua", de 19 de junho.
"De acabamento perfeito, com uma rica sonoridade que tantas vezes falta ao similar estrangeiro é o piano paranaense uma bella obra de arte da marceneria”.²⁹⁰*

O reconhecimento aos pianos Essenfelder não chegava apenas do Rio de Janeiro, ou de São Paulo. Do Rio Grande do Sul, onde a empresa se instalara provisoriamente, foi enviado um artigo que havia sido publicado no diário "O Dever", de Bagé, e reproduzido em Curitiba através do **Diario da Tarde**:

O nosso amigo sr. Maria Machado, conceituado professor de musica, reuniu, hontem, em sua residencia um nucleo de pessoas distinctas da nossa sociedade ás quaes offereceu uma attrahente audição de piano. O objetivo principal do sr. Machado foi de fazer sentir aos seus convidados a superioridade dos pianos "Essenfelder", fabricados no Estado do Paraná, e que gozam, hoje, da mais larga fama em todo o paiz. A fabrica desse instrumento é a unica existente na América do Sul e constitue ella uma alta honra para a industria nacional.²⁹¹

Além dos elogios à qualidade do piano e à sua concepção artística, o importante a ressaltar no artigo é o modo como se procura atingir a sociedade local: através de um sarau que, além de proporcionar diversão, trata-se de uma maneira direta de demonstrar a sonoridade do piano ao público comprador, como no seguinte trecho:

Os pianos "Essenfelder" fabricados com o maximo capricho, dotados de admiravel sonoridade e de grande elegancia, já conquistaram numerosas medalhas e extraordinarias recompensas.(...) Nesta cidade são muitos os pianos desta fabrica vendidos pelo sr. José Maria Machado.²⁹²

Uma reação ao comércio vinha se fazendo sentir à medida que a Grande Guerra evoluía. "Mas como ensinavam os economistas, a crise corrige a crise",²⁹³ era a grande crise mundial que permitia a crise brasileira superar-se.

Vieram as emissões, sem grandes prejuízos do cambio, facilitar a circulação estagnada pelo retrahimento dos capitaes, de modo que a vida economica, sob uma nova base, vae-se normalisando, porque tambem cada individuo, não podendo contar senão com os proprios recursos, reduz o abuso do credito, limitando a vida ás proporções razoaveis dos seus haveres reaes.²⁹⁴

O capital acumulado, através das emissões do Tesouro Nacional e aplicado às indústrias, começou a se fazer presente, como se lê no seguinte trecho: "a guerra europea, longe de nos ser um mal, tem nos sido proveitosa em ensinamentos. E assim é que, com a escassez da importação, novas industrias aqui tem surgido, augmentando tambem a produção das já existentes".²⁹⁵

A situação para se importar foi se tornando cada vez mais difícil. A dificuldade da indústria européia em suprir as demandas de artigos manufaturados não decorreu apenas por estarem todos os recursos, materiais e humanos, concentrados na fabricação de material bélico, mas também devido aos riscos da navegação transatlântica em enfrentar os submarinos alemães. O Bloqueio Continental alemão ameaçava uma guerra submarina

ilimitada, “não hesitando em coitar o commercio entre os aliados e os neutros, e, quando for necessario, torpedeará todos os navios, sejam quaes forem os pavilhões arvorados”.²⁹⁶

A guerra atingiu diretamente os brasileiros, quando em abril de 1917, foi bombardeado o vapor comerciante “Paraná” pelos submarinos alemães. O Brasil se ergueu em indignação e em patriotismo.²⁹⁷ Em Curitiba também surgiram manifestações patrióticas e a colonia alemã procurou manifestar a sua solidariedade ao governo brasileiro. A manifestação contava com o apoio de várias figuras de projeção da cidade, como Paulo e Bertholdo Hauer, Rodolpho Muller, Edgard Stelfeld e outros.²⁹⁸

Porém, permanecia um clima de tensão, o que acabou levando exaltados a invadirem a fazenda de Arthur Hauer, acusada de ser um reduto de espões que trabalhavam para a formação de uma Alemanha Antártica. Uma vez examinada e de que nada pode ser comprovado os invasores tiveram de retratar-se de seu engano.²⁹⁹

A exaltação popular atingiria o seu climax com os torpedeamentos de três unidades da marinha de comércio, levando o Brasil a romper relações diplomáticas e comerciais com o império alemão. O Brasil começou a mobilizar a população e declarou-se em estado de guerra,³⁰⁰ o que levou os alemães residentes no país a ficarem em evidência e alvo de atitudes exaltadas do povo.

O ufanismo patriótico, no entanto, chegou às raias do histerismo coletivo com ações do povo contra os alemães de Curitiba. Manifestações públicas foram feitas e começou uma perseguição aos alemães ou a tudo que fosse germânico de origem. Retratos do Kaiser, das escolas alemãs, foram queimados e destruíam-se todas as tabuletas escritas em alemão. Proibiu-se

os jornais em língua alemã e fechou-se escolas em que não se ensinava o português. Foram, também, apreendidas as armas de alemães pertencentes aos clubes de tiro-ao-alvo.³⁰¹

Os alemães eram vigiados de perto por uma população sempre desconfiada, o que criava uma grande dificuldade para que conduzissem seus negócios, como se verifica no aviso abaixo:

Cuidado com os Boches!

Como é sabido, todo e qualquer indivíduo de origem ou descendência allemã, sem previo consentimento da policia ou sem o respectivo salvo-conducto não pode viajar.

Assim sendo, todos os allemães que aqui chegam, na "gare" da estrada de ferro são convidados a se registrem no gabinete de identificação.³⁰²

Os artigos nos jornais não apenas relatavam os distúrbios que ocorriam, mas alguns insuflavam o povo com manchetes alarmistas ou, então criticavam as suas atitudes extremadas, como quando arrancaram placas de ruas que tinham nomes alemães:

Abaixo o que é Boche!

Hoje, tudo quanto cheira á germania nos indigna e nos revolta. Não vem ao caso lembrar-se os motivos que levaram um dia a nossa municipalidade a dar o nome de Augusto Stellfeld a uma das ruas de Coritiba.³⁰³

Os jornais além de publicarem tais artigos, continuam, também, a anunciar propagandas de lojas comerciais e de indústrias pertencentes a alemães. Fato que não passa despercebido a J. Theophilo, que escreve um artigo denominado "Guerra ao commercio allemão", no qual convoca o consumidor a uma guerra diferente – a do boicote:

Temos ahi pharrnacias de propriedade de brasileiro. Preferil-as, é nosso dever. Que a guerra ao commercio allemão seja iniciada sem tardança. (...) Só queremos declarar a guerra commercial, em qualquer ramo que a competencia allemã se nos depare. Elementos não nos faltam. Guerra, pois, ao commercio allemão.³⁰⁴

A Grande Guerra além de intensificar o patriotismo e de levar o povo a dar valor ao que era brasileiro, vai minando a mentalidade de favoritismo e preferência aos produtos estrangeiros. Isto proporcionou um substancial incentivo para que as indústrias nacionais se desenvolvessem ao terem que repor os artigos que não podiam ser importados. Fica patente o tom nacionalista do autor Gastão Faria no objetivo e elucidativo texto **“Vamos fazendo justiça a industria nacional”**, no qual já procura chamar a atenção do leitor para esta situação em agosto de 1917:

Ha dois annos atraz ainda nós tinhamos um verdadeiro fanatismo por tudo quanto era do estrangeiro. Os productos industriaes só podiam ser adquiridos, si fossem de fabricação ingleza, allemã ou franceza. Fora dahi, nada prestava. E bastava que qualquer fabrica nacional se aventurasse a manufacturar objetos de uso comum, para que a gente previsse a sua ruina. Era uma guerra surda, impatriotica, criminosa, ao desenvolvimento industrial do paiz. Mas veiu a conflagração europea. Por effeito della as industrias civis ficaram paralyzadas, completamente. De modo que, logo ao passar o primeiro anno de guerra, os productos de importação nacional, foram escasseando, de uma maneira assustadora. Assim, estavamos na obrigação de nos libertarmos da tutela industrial estrangeira. Forçados, pois, pelas circunstancias, entre nós foram fundadas e desenvolvidas fabricas de toda a natureza, vindo as mercadorias nacionaes a supprir o mercado. Com o decorrer do tempo a sua excellencia foi proclamada. E assim é que hoje, para gloria do nosso paiz, os productos de fabricação nossa estão tendo tamanha cotação que a todos sensibiliza, agradavelmente. Não é que a industria estrangeira tenha se eclipsado, totalmente. Não. No mercado ainda ha mercadorias de fabrico inglez, allemão, francez, portuguez. Mas é que o povo já se habituou a proclamar que as nossas são de melhor qualidade. E são, de facto. Actual-

mente, o caso se inverteu, completamente. Não perguntamos mais si esta, ou aquella mercadoria são estrangeiras. Agora, para que as adqueríamos, com satisfação, queremos saber mas é si ellas são nacionaes. (...)

Nestas condições, forçoso é convirmos que a guerra, com todos seus horrores, nos tem sido altamente util. Com ella, apprendemos a viver por nós libertando-nos do concurso estrangeiro.

Hoje, somos um povo livre. A Europa póde procurar outros mercados, que aqui ella os perdeu.

E assim vamos triunfando dia a dia, graças a iniciativa fecunda e productiva da gente nacional.³⁰⁵

A queda das importações, sem duvida, refletira de forma benéfica sobre a produção manufatureira brasileira, levando a indústria nacional a suprir as necessidades do mercado interno, que não podia se abastecer nos seus tradicionais fornecedores.³⁰⁶ Criou-se pela primeira vez na história brasileira, um isolamento acentuado da economia em relação aos centros econômicos internacionais, o que, aliando-se a uma certa estrutura industrial já instalada e a um significativo mercado urbano consumidor, determinaria o processo da produção dos bens antes importados por aquele mercado pré-existente.³⁰⁷

Não era mais possível manter-se a economia brasileira apenas dentro de seu antigo sistema produtivo tradicional – o primário exportador. Para promover o progresso do país e de suas forças produtivas, tal sistema era insuficiente, deste modo, a industrialização emergente veio trazer uma nova vitalidade à economia brasileira, uma vez que estava voltada para dentro do país e para as necessidades próprias da sua população. A indústria nacional já vinha progressivamente procurando substituir com os seus produtos a importação de quase tudo o que dizia respeito a bens de consumo corrente. Tal processo que vinha desenvolvendo-se desde o início do século atual, tomou largo impulso durante a 1ª Guerra Mundial.³⁰⁸

O artigo abaixo assinado por "Z" e publicado no **Commercio do Paraná**, vem confirmar as teorias acima ao relatar o grande impulso que as indústrias nacionais haviam alcançado durante esse período. Escrito um ano após o artigo anterior, continua a apregoar a esperança dos industriais em uma economia nacional autônoma:

"Renascimento Industrial"

Tem-se escripto mais de uma vez com irrecusavel exactidão que, paradoxalmente, a guerra nos trouxe beneficio.

Nestes dois ultimos annos, nossa iniciativa industrial tomou um surto extraordinário, que teria sido impossivel, se continuassemos, como antes de 1915, a ser tão só cliente, em vez de productora.

Ajusta-se bem ao nosso caso economico a phrase sinistramente celebre do chanceller Bethmann Hollweg a proposito da invasão da Belgica: "necessidade não conhece lei".

Vimo-nos de um momento para outro inteiramente privados de importar artigos manufacturados de primeira necessidade que em maioria, nos vinham da Allemanha.

Nossa capacidade em producção fabril era assás restricta, e limitava-se quasi só a tecidos, bebidas, fumos, conservas e calçados. Muito embora a ausencia dos fornecimentos allemães fosse até certo ponto supprida pela industria norte-americana, nossas necessidades não foram de prompto e completamente attendidas, por isso que a América teve de improvisar numerosas de suas grandes industrias manufactureiras e foi chamada a servir repentinamente a quasi todo o intercambio mundial.

A dura lei da necessidade levou, pois, o Brasil a fomentar a iniciativa particular nesse terreno, e hoje, ao cabo de tres annos de porfioso e intenso trabalho, num paiz ainda na infancia da sua organização economica, os resultados são certamente muito confortadores.³⁰⁹

O artigo passa a enumerar os diversos produtos nacionais que estavam garantindo o abastecimento do mercado. Os tecidos, superior a todas as expectativas mais otimistas, já eram suficientes para prescindir da importação. A louça e a vidraria era garantida pela produção de S. Paulo. Cita ainda: aniagem, papéis para embrulho, papéis pintados, estamparia, mo-

biliários, vinhos, licores, cervejas, laticínios, fósforos, fumos, tintas, óleos, graxas, gomma, ferragem, vasilhame doméstico, chapeús, calçado, cortume, sacaria, maquinaria, etc. Lembra, também, a produção de aço, em Minas; uma indústria de automóveis, no Rio; fábricas de cordoalha, rendas sa-bonetes e perfumes;³¹⁰

tudo isso tomou surpreendente incremento, acompanhando passo a passo o magnífico surto das indústrias agro-pecuárias de maneira a assegurar á Nação esse admirável conjuncto de capacidades productoras que legitimam absoluta fé, extrema confiança do seu futuro economico e financeiro.³¹¹

Ultimamente, continua o autor, esse considerável desenvolvimento industrial passou a abranger “iniciativas mais ousadas, demonstrando claramente que não tem limites, nem teme mallogros, a acção intelligente, tenaz e patriótica do industrial brasileiro”. Uma das ousadas iniciativas tratava-se justamente da fábrica de pianos Essenfelder, no Paraná, aparelhada para “triumphar na concorrência estrangeira em nossos mercados”; a outra, era a indústria de aeroplanos, em S. Paulo, já em fase de experiência.³¹²

Ao mesmo tempo em que é enfatizada a ousadia dos empresários brasileiros, o autor faz uma crítica dos detentores do capital, que poderiam ter se empenhado mais firmemente no progresso industrial.

Muitos outros productos, bem sabemos, escapam ao nosso apressado registro. Mas esses, que ahí ficam, bastam para testificar um admiravel, corajoso e patriótico esforço da energia nacional, affirmando ao mesmo tempo a larga visão intelligente dos nossos industriaes, posto que nem sempre os detentores do capital se animem a auxiliá-os, com a decisão, a intelligencia, o espírito de seguimento que os americanos estão assombrosamente desenvolvendo.³¹³

Na verdade, muitos capitalistas ainda se apegavam à economia tradicional exportadora de matéria-prima como sendo o caminho correto e seguro. Talvez vissem esse surto industrial como passageiro, no que estariam corretos. Consideravam-nas como “indústrias-artificiais” por se basearem em condições instáveis como proteção governamental, flutuação do câmbio e emissão sem lastro, sobre as quais elas não tenderiam a se manterem.* Porém, caso houvessem contribuído mais confiantemente, não contariam elas com maior chance de sobreviverem?

O autor, no entanto, imbuído do espírito patriótico do momento se mostrava bastante otimista. Comentando, ainda, o impulso da construção civil e dos estaleiros nacionais, encerra o seu artigo de maneira bastante entusiástica:

Tudo isto nos dá a impressão de um verdadeiro e reconfortante renascimento industrial que, para melhor esclarecimento e revelação, está a exigir da imprensa um inquerito minucioso e bem documentado. Não estamos imbuídos de exagerado ou falso optimismo. As realidades estão ahí patentes, á vista de todos, e foi por isso que nos baseamos em provas e factos, em esforços positivos e em resultados praticos, ao fazer este rápido bosquejo, que talvez tenhamos de alargar num verdadeiro e detalhado balanço ás industrias que estão enriquecendo, nesta hora de trabalho febril e fecundo, o patrimonio economico de nossa patria.³¹⁴

Exatamente dentro dessa linha de pensamento, em novembro de 1917 foi publicado um longo artigo em página de rosto do **Diario da Tarde**, exaltando a fábrica de pianos Essenfelder. Publicado em meio às manifestações públicas contra os alemães, ao contrário de um artigo anterior que procurou enfatizar a origem alemã de Essenfelder, associando-a a uma técnica mais requintada,** irá ressaltar o seu aspecto nacionalista, daí o título

* Sobre "indústrias-artificiais", ver: LUZ, *A luta pela industrialização...*, p.83-6.

** Ver dissertação, citação 264.

“Uma importante industria nacional.” Assim, podem ser encontradas frases como: “Não havia no Brasil uma fabrica de pianos que pudesse ter esse nome”; ou o trecho: “ Por isso mesmo o nosso patriotismo se exulta ao vermos que o Paraná, em tal industria, se encontra em destaque, tanto mais ainda por ser a materia principal desses instrumentos puramente paranaense”.³¹⁵

O artigo traz também considerações a respeito da superior qualidade dos pianos com opiniões de pessoas competentes, como compositores, professores de música e do cantor lírico Enrico Caruso. É importante ressaltar, no entanto, que o motivo principal que levou à elaboração do artigo, foi uma visita à fábrica Essenfelder que o autor fizera com o objetivo de ver 2 pianos encomendados por S. Paulo. Porém, aproveitara a ocasião para incluir atestados elogiosos provenientes do Rio de Janeiro.³¹⁶

Em 1918. o **“Commercio do Parana”** publicava o artigo **“A industria paranaense no Rio”**, no qual mencionava a possibilidade da fábrica Essenfelder vir a produzir hélices para hidroplanos da Marinha.³¹⁷ Oportunidade que talvez se devesse ao fato ocorrido anos atrás, quando haviam construído uma hélice para um dos primeiros aviões que chegara a Curitiba para substituir uma que se quebrara quando aterrisava na improvisada pista de corrida do Prado Velho.³¹⁸

O que chama a atenção, porém, é a transformação pela qual essa fábrica, juntamente com outras, vinha passando, ou seja, assoberbada de pedidos de outras praças com o aumento da demanda dos produtos paranaenses para o consumo nacional, conforme os trechos:

Encarreiradas as grandes encommendas de toda a especie para o nosso Estado, só o que temos a receiar será a deficiencia de produção deante o arrojado dos pedidos, que, de facto, estonteiam os nossos fabricantes, habituados ao consumo local e a um commercio extremamente restricto.

(...)

Diz se ia um novo ensinamento sobre a base dos productos nacionais de todas as especies.

O Paraná já sente e percebe esse influxo animador, vendo valorizadas industrias que soffriam á competição estrangeira. E a industria paranaense cresce de valor, porque quasi toda ella é fundada na materia prima de sua fecunda natureza.

Ahi estão numerosas fabricas que levavam a vida modesta de industrias puramente locais, assoberbadas pelo volume dos pedidos, não sabendo como fazer face ás encomendas.³¹⁹

Confirmando o aumento da demanda dos pianos paranaenses, conforme opiniões acima, a fábrica Essenfelder publicou durante vários meses do ano de 1919, nos jornais da cidade, anúncios requisitando marceneiros e lotes de imbuia.³²⁰

Poder-se-ia interpretar, também, a longa duração das publicações devido à falta de matéria-prima ou de operários especializados. O aumento da demanda de matéria-prima por parte das indústrias poderiam ter causado uma carência do produto no mercado. Porém, sendo a imbuia uma espécie de árvore nativa no Paraná que conta com uma grande quantidade existente dessa espécie,³²¹ não haveria dificuldade de restabelecer o suprimento. Quanto à mão-de-obra especializada, Essenfelder poderia conseguir bons profissionais formados pela “**Escola Federal de Aprendizes Artesãos**”, que vinha formando artesãos em diversas profissões há vários anos.³²² Ficaria, assim, explicada a longa permanência dos anúncios: o aumento do consumo da matéria-prima, dificultando a sua pronta entrega; talvez a dificuldade de se obter um bom marceneiro, num momento de aumento de serviço; mas, também, devido ao aumento da produção de seus produtos.

Paralelamente à intensa atividade da indústria para produzir e atender à crescente demanda de pedidos, Essenfelder promovia eventos musicais bastante sui generis para a sua época: audições musicais de piano,

nas quais demonstrava os predicados de seus produtos dentro do espaço em que eram criados, ou seja, num auditório improvisado no meio do espaço de trabalho da fábrica, levando as pessoas a se impregnarem da atmosfera do ambiente. Como deixa entrever o trecho do artigo onde o Dr. Pamphilo Assumpção comentava tal experiência:

Num domingo, pela hora 11, a distinta e tantas vezes applaudida pianista mme. Amelle Henn, proporcionou, a uma pequena roda de musicos e dilletantes, uma audição musical agradabilissima e grandemente tonificante para os espiritos sempre avidos dos gozos inebriantes da arte.

O local escolhido, a fabrica dos nossos magnificos pianos Essenfelder, afastado do bulicio da vida da cidade, tranquillo, servindo de scenario o desalinho das officinas onde aqui se esboçam os organismos que hão de deleitar os que amam a musica, ali estende-se o flo de aço ou é polida a madeira que deve ter o escrínio dos sons, deixando atravez das janellas entre abertas ver se lá fora o sol gloriosamente rutilo, la longe a curva tranquilla, das colinas ondê o gado paze, foi o mais propicio para se ouvir no silencio religioso da attenção devota, a musica severa de Schumann, a composição soberba de Saint-Saens³²³

O ano de 1919 fora um ano decisivo para a fábrica Essenfelder de pianos, não somente em decorrência do aumento de sua produtividade, mas, também, devido à capitalização dos lucros. Floriano conseguira afinal conquistar o mercado. Colocava seus produtos nas principais praças do país e contava com um crescente aumento de encomendas. Vencera a concorrência e a resistência popular em adquirir pianos nacionais, conquistando, deste modo, a condição que faltava para realizar-se como um líder empresarial, segundo a visão de J. Schumpeter.

A fábrica estava montada, produzindo e propiciando lucros. É verdade que ela muito deveu para a sua consolidação às condições conjunturais: a Grande Guerra, o incentivo à economia interna, a impossibilidade

de importações e à sua substituição pelos produtos nacionais. Muito devia também ao auxílio do sócio Berhtoldo Hauer, que, sem auferir dos lucros desde 1911, nunca deixara de colaborar para a realização do empreendimento. Através de Frederico, pode-se avaliar o significado da sua contribuição:

Honra lhe seja tributada, pois sem que houvesse lucro durante oito anos, elevou ao mais alto nível o nome Essenfelder, tendo sido, nas horas mais difíceis, um incansável batalhador. (...) assim, a Fábrica de Planos Essenfelder, muito deve de seu êxito, a esse idealista que é Bertoldo Hauer.³²⁴

Era verdade, também, que essa situação não pertencia somente a Essenfelder, era uma condição da industrialização brasileira, pois segundo Francisco Carrion, “a indústria brasileira tinha atingido, por volta de 1919, uma autonomia substancial na produção de bens de consumo”.³²⁵

Ainda o ano de 1919 anuncia os primeiros acordos de paz.³²⁶ O mundo parecia voltar à sua normalidade, assim como as contingências que proporcionaram o impulso à indústria nacional. Iniciava-se novo momento histórico.

Abriam-se, assim, várias questões: uma vez modificadas as circunstâncias conjunturais que proporcionaram o fluxo industrial no Brasil, não haveria a possibilidade de se voltar ao estágio anterior? Conseguiriam as indústrias nacionais sobreviver à paz mundial? Em que medida poderia a Essenfelder enfrentar a possível volta da concorrência com os pianos estrangeiros? Conseguiria ela ultrapassar essa eventualidade?

A década de 1920 foi uma das mais importantes para a fábrica de pianos Essenfelder. Nela firmou sua consolidação junto às indústrias nacionais, a despeito de crises econômicas, concorrência estrangeira e da morte de seu fundador.

Iniciou-se a década com a dissolução da antiga sociedade que constituía a F. Essenfelder e Cia. As novas condições que a firma atingira exigiam que houvesse uma renovação e, uma vez que Alberto Wilsing havia abandonado a sociedade, que o antigo contrato fosse alterado.

O novo **Contrato**,³²⁷ embora lavrado em 15 de maio de 1920, legalizava retroativamente o seu início para 1º de janeiro de 1920. Aos antigos sócios Bertholdo Hauer e Floriano Essenfelder, juntaram-se os novos sócios: Floriano Hellmuth Essenfelder e Frederico Essenfelder. Aos dois primeiros pertenceria a gerência dos negócios mas caberia aos três Essenfelder a responsabilidade como técnicos especialistas no fabrico de pianos. A eles competeria “dedicar todos os conhecimentos e esforços para o bom exito da sociedade, cooperando praticamente nas officinas da fabrica e nos serviços concernentes aos fins sociaes, não podendo occupar -se de negocios estranhos á sociedade”.³²⁸ Estes contavam com a ajuda de Carlos e Ernesto Essenfelder, como auxiliares técnicos da fábrica.

O novo capital social da firma passava a ser de Rs.135:000\$000, sendo que Bertholdo Hauer contribuíra com Rs.75:000\$000, enquanto os Essenfelder com o total de Rs.60:000\$000; Floriano Senior com a quantia de Rs.52:416\$000, representada por pianos e mercadorias e seus dois filhos com Rs. 3:792\$000 cada um. Pertencia a Bertholdo Hauer a parte majoritária da

firma, possivelmente por ter entrando na sociedade com o capital, porém, através das porcentagens da partilha dos lucros pode-se notar a condição igualitária atribuída a todos no conjunto, visto que elas se igualavam em direitos de retirada: aos dois gerentes cabia a quantia de 30% cada, enquanto aos dois novos sócios, a de 20% cada.

A nova sociedade não se dissolveria com a morte de um dos sócios, pois seus herdeiros poderiam negociar a sua parte. No entanto, a saída de um dos sócios importaria na liquidação da mesma, salvo acordo entre o retirante e os sócios remanescentes, que poderiam continuar com a sociedade, pagando a quota do retirante.

Foi a 8ª cláusula, porém, uma das mais significativas para a perpetuação do reconhecimento e continuidade da marca "F. Essenfelder". Através dela, a marca que já se identificava como sinônimo de qualidade, pela qual Floriano tanto lutara, passaria a pertencer à sua família em caso de sua morte ou de dissolução da sociedade:

8.) Os pianos produzidos pela fabrica terão o distico F. Essenfelder, nome do socio Floriano Essenfelder, marca esta collocada visivelmente no tampo do teclado, e na couraça de ferro interna, onde também é posta a marca registrada, constituída de uma lyra com as iniciaes F.E. – Estes signaes distinctivos da marca de pianos, o dístico, como o emblema e iniciaes, no caso da dissolução da sociedade, voltarão a ser propriedade esclusiva do socio Floriano Essenfelder e, si este tiver fallecido, pertencerão aos seus herdeiros.³²⁹

Frederico Essenfelder, administrador da obra de seu pai, após o seu falecimento, ressaltou a importância de trabalhar por sua própria marca. Segundo seu depoimento, fabricar pianos poderia ser uma atividade como outra qualquer. Dispondo-se de algum conhecimento técnico era possível

copiar um exemplar de qualquer outro fabricante, experimentar alguns novos materiais e, deste modo, pianos poderiam ser fabricados em séries.³³⁰

Quando, porém, o profissional fabricante se propõem (sic) a trabalhar por sua marca – como aconteceu com os Pianos Essenfelder – acaba projetando seus modelos, torna-se um pesquisador no amplo campo da acústica, aliando os conhecimentos da física àqueles adquiridos empiricamente, através dos tempos, pelos construtores de pianos e, com os elementos essenciais, lança-se efetivamente a fazer a sua obra-prima, vivendo sempre na ansiedade de aperfeiçoar, anexando suas próprias descobertas.

O desenvolvimento de uma fábrica, baseado nestes princípios, é realmente lento, pois as exigências de empate de capital são consideráveis para as experiências quase sempre morosas. É essa a razão pela qual são tão poucas as marcas que podem apresentar grandes e bons pianos, com as qualidades exigidas pelos concertistas.³³¹

Para J. Schumpeter, realizar um novo empreendimento é algo que exige uma outra espécie de força de vontade. Uma força especial para arrancar o empresário da faina e preocupações diárias e convencer-se a considerá-la como uma possibilidade real e não apenas como um sonho. “Essa liberdade mental pressupõe um grande excesso de domínio sobre as solicitações de cada dia e constitui um elemento peculiar e, por natureza, raro.”³³²

O empresário Floriano Essenfelder era dotado dessa força de vontade especial, pois, através da 8ª cláusula citada, conseguira que se desse continuidade ao seu ideal. Floriano, através de sua marca, perpetuava-se em seus pianos e garantia para a sua família uma destacada projeção no cenário dos fabricantes de pianos a nível nacional e internacional.

O reconhecimento da categoria da marca Essenfelder, por grandes interpretes da música, como símbolo de qualidade de seus pianos, é

registrado nos jornais através de artigos que incluem, por vezes, a reprodução dos telegramas e cartas recebidas pela empresa. Tais artigos são intercalados por propagandas, que continuam sendo publicadas periodicamente.

Os reclames não trazem novidades em sua composição, conteúdo ou nos clichês já publicados. São discretos no tamanho, mas continuam sobressaindo às outras propagandas. Nas legendas, além das vantagens que o produto oferece, encontra-se o endereço da “Casa Louvre”, convidando para visitar a exposição permanente e frases como: “Reconhecidos os melhores pianos da actualidade”, ou “attestados dos grandes artistas de renome mundial”.³³³

Nesse período, os artigos passaram a dar mais ênfase aos depoimentos de renomados concertistas sobre a qualidade dos pianos Essenfelder. Ao mesmo tempo que levava-se ao público o conhecimento de tais depoimentos, serviam eles, também como meio de propaganda:

*Segundo telegramas que tivemos oportunidade de ver em mãos dos fabricantes dos pianos Essenfelder, (...) Rubistein, celebre pianista actualmente em tournée pela America e que no momento se acha em S. Paulo e Remeno George Roskopp, tambem notavel professor, de passagem naquella cidade, declararam-se satisfeitos com os resultados obtidos com os pianos Essenfelder.*³³⁴

Talvez tenha sido este o telegrama que se encontra reproduzido na

“História dos pianos Essenfelder”:

Do pianista Arthur Rubistein:

*“C’est avec la plus vive satisfaction que je vous exprime ici l’admiration que je sens pour le piano ESSENFELDER. Ce piano possé de toutes les qualités, volume énorme, enfin tout ce qu’on puisse souhaiter”*³³⁵

Outra forma de promoção e que produzia bons resultados junto ao público foi desenvolvida por Floriano Essenfelder. Ele emprestava seus pianos para os recitais de concertistas conhecidos, que, extraindo a melhor sonoridade do instrumento, demonstravam não apenas o seu talento mas também as potencialidades do piano. Conforme pode-se inferir do depoimento da pianista Maria Carreras:

Me é grato manifestar-lhes o meu reconhecimento pelo magnífico piano "ESSENFELDER" que tão gentilmente puzeram á minha disposição por ocasião do meu ultimo concerto nesta. A sua potencia, simplicidade, a sua sonoridade e o seu mecanismo impecavel, são, entre tantas outras, qualidades que permitem ao artista exprimir em todos os seus detalhes, a interpretação da opera, e ao mesmo tempo lhe facilitam a execução technica. Mui cordalmente de VV.SS. Maria Carreras³³⁶

O desenvolvimento artístico em Curitiba contou com o impulso, no setor da música, com a presença de inúmeros artistas: o compositor Augusto Stresser, o maestro Léo Kessler, o professor Raul Menssing, fundador do Instituto de Música do Paraná "Messing", entre outros.³³⁷ Porém, um nome que marcou presença nesse setor, foi o da pianista russa Luba d'-Alexandrowska, que, após vários recitais, adotou a cidade por uma temporada e passou a ministrar aulas de piano, formando escola. Com sua importante colaboração para o desenvolvimento da música, passou a figurar entre os nomes que fazem parte da história da música no Paraná.

Dezenas de nomes seria necessário lembrar, para traçar um painel da música em Curitiba neste século. Mesmo com poucos tendo chance de fazer desta arte a profissão, muitos a praticavam. Um pianista que marcou época de muitas estórias, foi Luba d'-Alexandrowska, "numa meia penumbra, fazia surdiren dum entre-sonhos vozes estranhas e selvagens, outras de límpida transcendência, que soavam adequadas

*àquele cenário que reconduzia a artista, aristocrática e requintada, como a uma **datcha** de sua terra natal", recorda, com juvenil paixão, Andrade Muricy, acrescentando: "no plano, para ela especialmente construído pela fábrica que fazia de Curitiba um local de exceção, a "Essenfelder", víamos uma **grande belle femme**, enorme de porte, mas de movimentos leves e gestos graciosos, a cabeça pequena e formosa". De Luba d'Alexandrowska, que retornou a São Paulo, onde deixou, como em Curitiba, discípulas que se fizeram ilustradas, se contam muitas estórias.³³⁸*

Os artigos de jornais que se referiam à artista e a seus recitais, sempre incluíam uma nota sobre a presença dos pianos Essenfelder, formando um vínculo de associação, que foi uma das grandes promoções que a empresa conseguiu junto a um artista:

O programma maravilhoso que apresentará a sra. Luba d'Alexandrowska, executando-o alternativamente em um piano cauda e um piano armario da fabrica paranaense dos srs. Essenfelder e Cia.³³⁹

Os depoimentos de pianistas internacionais sobre os pianos Essenfelder nem sempre permaneciam apenas nos telegramas, ou cartas dirigidas à empresa. Muitas vezes ultrapassavam as fronteiras através das excursões musicais que os concertistas faziam em outros países. Eram levados ao conhecimento de outros, por intermédio de seus comentários, ou mesmo, ao apresentarem-se executando concertos, ou outras peças musicais nos pianos Essenfelder.

Deste modo, na região do Prata, a fama dos pianos paranaenses já se fazia conhecida. Também porque havia sido concedido o prêmio "**Campeonato**" na exposição realizada em Montevideo, em 1919.³⁴⁰

Na Argentina, no entanto, a concorrência com os pianos importados, que já não haviam permitido que a firma Essenfelder se afirmasse quando

ali fora fundada, ainda era grande. Porém, Floriano mantinha um representante em Buenos Aires e o fato de chegar até a empresa uma carta de reconhecimento pelos argentinos, da qualidade dos pianos Essenfelder, foi um grande triunfo para a sua marca.

Em 23 de dezembro de 1921, o **Diário da Tarde** publicou em meio às promoções de Natal, a seguinte nota: “Os Pianos Essenfelder – acabam de ser reconhecidos também pelos peritos da Capital argentina como sendo os mais perfeitos da actualidade”.³⁴¹ O mesmo jornal publicou no dia seguinte, véspera de Natal, um artigo que incluía um trecho da carta recebida de Buenos Aires:

Os pianos “Essenfelder” são, indiscutivelmente os mais perfeitos da actualidade; deve-se, até, preferir-os aos pianos Steinway. Esta não é só minha opinião como profissional, como ainda de todos os artistas que tiveram ocasião de examinal-os e nelle realizar concertos. Comprova isto cabalmente o facto de ter o “Jockey Club”, daqui, como tambem o Collegio dos Jesuítas São Salvador (um dos primeiros institutos de ensino superior da America do Sul) dado preferencia aos “Essenfelder” nas aquisições, que acabam de fazer, de pianos para os seus salões.³⁴²

Embora possa parecer exagero, por parte do representante argentino, pretender generalizar pela compra de dois pianos a opinião dos argentinos a respeito da aceitação da marca Essenfelder, o fato de terem sido adquiridos os pianos paranaenses numa praça onde os pianos importados da Europa e América do Norte eram de fácil aquisição, torna o acontecimento digno de nota e de comemoração por parte da empresa paranaense. Confirma a projeção de uma indústria instalada no Paraná, no cenário internacional, não ficando nada a dever às melhores marcas estrangeiras.

O reconhecimento da qualidade da marca dos pianos Essenfelder, no entanto, não se verificou apenas pela opinião de peritos estrangeiros. Os brasileiros teriam a oportunidade de manifestar sua opinião por ocasião dos festejos do Centenário da Independência, durante o ano de 1922.

Depois que o país voltou à uma relativa ordem em decorrência da fracassada revolta tenentista, ocorrida em 5 de julho com o levante do Forte de Copacabana, que reivindicava eleições livres e honestas através do voto secreto³⁴³ além de maior representatividade militar no poder,³⁴⁴ o país começou a preparar-se para os festejos comemorativos. Até mesmo o movimento denominado "**Coluna Prestes**", formado pelos revoltosos da revolta Tenentista e que continuaram a lutar por suas reivindicações durante toda a década de 1920³⁴⁵ não chegou a desviar a atenção do público, que estava toda voltada para os festejos.

A partir de agosto, os jornais começaram a intensificar as publicações sobre os preparativos dos festejos programados para a comemoração do evento. Foi criando-se um clima de exarcebado nacionalismo e através dos artigos pode-se notar a atmosfera festiva que pairava no país. Tanto na Capital Federal quanto nas Capitais Estaduais são significativos os preparativos. Discursos que seriam proferidos durante os festejos são publicados, como o trecho escrito por Coelho Netto para ser recitado pelos empregados do comércio:

"Por nós, como o nosso amor é interessado empenho em correspondência á tua generosidade, neste instante feliz do dia secular da tua independencia, juramos sobre a tua bandeira amar-te de coração ardente, trabalhando para que vivas com honra sob o pallio da paz, com os celeiros cheios, as campinas coalhadas de rebanhos, as industrias em desenvolvimento activo, a Família da virtude, a Força sempre alerta e a tua bandeira desfraldada ao sol em triumpho, terra moça e linda terra verde da esperança, terra dourada da fortuna, terra florida da belleza, Patria, que

*tanto afaga aos que geras como aos que recebes na tua meiga e generosa hospitalidade. Deus te guarde, Brasil, elevando-te cada vez mais, na sua mão direita, glória a ti.*³⁴⁶

A mentalidade nacionalista predominante pretendia ressaltar as riquezas conseguidas pelo Brasil até aquele momento, assim, exposições foram organizadas para apresentar toda essa produção. A exposição que teve lugar no Rio de Janeiro foi de âmbito internacional e aberta ao intercâmbio cultural e econômico que o Brasil mantinha com outras nações. Produtos do país inteiro estariam ali expostos.

O Paraná também se fez representar na Exposição do Centenário. Além das suas riquezas já consagradas como: as várias marcas e tipos de mate, o café, a pecuária, os couros e o milho entre outros; a indústria de transformação também se fez representar, contando entre elas, a Essenfelder com seus produtos: oito pianos de diferentes tipos e modelos para ressaltar o progresso alcançado na sua indústria quanto à qualidade, variedade e tecnologia. “É digno também de mencionar que esta collecção de luxuosos pianos tem um valor commercial para mais de 40 contos de réis”.³⁴⁷

A coleção estava dividida em duas séries, uma formada por três pianos de cauda e a outra por cinco pianos verticais, tipo armário:

Na serie de pianos de cauda figura um piano de cauda inteira, envernizado de preto ébano, das maiores dimensões exigidas para os grandes concertos realizados em theatros ou em grandes salões: outro é piano de 3/4 de cauda, um pouco menor que o antecedente, feito em cor natural da inbuya, para, pelas grandes faces, fazer realçar a incomparável beleza da imbuya, accentuando as bellezas das maravilhosas madeiras do Paraná.

O último piano desta serie é destinado a um salão de musica em elegante palacete. É rigorosamente em estylo Louis XV, riquissimamente decorado com cus-

*tosos entalhes, finalmente envernizado em rose fané, douradas as saliencias com ouro legítimo em folha.*³⁴⁸

A série dos pianos verticais variava nos modelos designados A, B e C e que obedeciam aos estilos “moderno” e “Renascença”, alguns preto ébano, outros de cor de imbuia e todos brilhantemente envernizados. “Esses lindos pianos do Paraná, vão ser collocados no Palacio das Festas, da Exposição do Centenario, onde já tem logar reservado para sua collocação”.³⁴⁹

A Exposição do Centenário permaneceu aberta por quase um ano, “302 dias consecutivos, teve uma média mensal de 300.000 visitantes ou seja uns 10.000 diários”.³⁵⁰ Levar ao conhecimento de tantas pessoas a linha de produção dos pianos Essenfelder fora um grande estímulo de propaganda comercial à empresa. Porém, o grande incentivo alcançado foi o de ter “sido distinguido nesse importante certamen com o mais alto prêmio conferido a esta classe de instrumento de música” – O Grande Prêmio Exposição do Centenário.³⁵¹

Em Curitiba não fora menor o clima de expectativa para os festejos. As indústrias se dispuseram a abrir suas portas para o público melhor conhecer as riquezas e progressos de seu próprio Estado.³⁵² O governo do Paraná estimulava as empresas estaduais através de incentivo fiscais, como a Essenfelder que o recebeu por intermédio da Lei Nº 2.122, de 28 de março de 1922, decretada pelo Presidente do Estado do Paraná, Caetano Munhoz da Rocha:

*O Congresso Legislativo do Estado do Paraná, decretou e eu sanciono a lei seguinte: Art. 1. Fica concedida a F. Essenfelder e Cia. isenção por cinco annos do imposto de exportação para os productos de sua fabrica de pianos; revogadas as disposições em contrario.*³⁵³

Os jornais dos dias 6 e 7 de setembro foram especialmente dedicados ao Centenário da Independência. Publicaram o Hino Nacional na primeira página, além de poesias, discursos e da programação dos festejos, que iam desde paradas militares, bandas de música, festivais com espetáculos de drama, concertos musicais, missas, sessões especiais no templo maçônico **Fraternidade Paranaense** até jogos esportivos e o lançamento da pedra fundamental para o novo edifício da **Universidade do Paraná**.³⁵⁴

Ainda no ano de 1922, a Essenfelder se fazia mais presente junto à sociedade curitibana ao inaugurar uma exposição permanente em seu próprio **Salão de Exposições**, inaugurado em 20 de dezembro, à rua 15 de novembro nº 105. Ali a empresa promovia e fazia sua propaganda através de eventos musicais. Uma maneira nova, elegante e de bom gosto de expor os seus produtos. Essa intenção fica bem clara ao promover a inauguração do salão:

A inauguração do Salão Essenfelder, á rua 15 de Novembro nº 105, foi feita hontem de um modo original e apropriado ao seu destino.

A importante fabrica de pianos Essenfelder tomou o grande salão do novo prédio ali construido, para exposição permanente de seus pianos, preparando um longo estrado em que os grandes instrumentos são collocados em saliência. Amplo e claro, o salão ficou elegante e se presta muito bem para concertos.

Essa circunstância fez com que o maestro Leo Kessler desse preferênciã ao Salão Essenfelder para realizar a audição dada a imprensa pelas alunnas que terminaram o curso do Conservatório de Musica do Paraná.³⁵⁵

As promoções levadas a efeito pelo Salão Essenfelder constituíram um sucesso e várias foram as apresentações que ali ocorreram, como o sarau de arte realizado por Luba d'Alexandrowska com um programa todo consagrado a R. Schumann:

Sobremodo elevada e intellectual essa reunião attrahiu ao salão Essenfelder todas as familias das innumeradas alunas da eminente "virtuose" que ali tambem se iriam exhibir, assim como selecta assistencia de convidados que encheram completamente aquelle local.³⁵⁶

Ao inaugurar o Salão Essenfelder, a empresa demonstrava que sua estabilidade junto ao mercado estava cada vez mais assegurada. Ao possuir um salão próprio para exposições revelava que era possível empregar uma parcela de seu lucro nessa requintada promoção junto ao público. Era um modo de divulgar o seu produto e contribuir para a elevação do nível cultural da população.

Se a indústria de pianos Essenfelder conseguira uma certa estabilidade financeira a partir de sua consolidação junto ao mercado, deveu-se muito à sua própria iniciativa e empreendimento empresarial do que à situação econômica pela qual o país atravessava na década de 1920.

A Primeira Grande Guerra, ao isolar a economia brasileira dos mercados estrangeiros, possibilitara um grande estímulo à atividade industrial nascente, porém, a paz e a conseqüente reintegração da economia brasileira no mercado mundial causou a estagnação e a recessão desse mesmo parque industrial. Muitas indústrias desapareceram ou baixaram significativamente seus níveis de expansão. O ano de 1924 marcou o início de uma recessão industrial que duraria até o ano de 1929.³⁵⁷

Em 1924 o encarecimento do custo de vida chegou a tal ponto que provocou a redução da capacidade aquisitiva da população brasileira. A crise refletiu-se, naturalmente, nas indústrias que tiveram muitas de suas encomendas canceladas, agravando-se a situação pela retração do crédito e a invasão do mercado interno por produtos manufaturados estrangeiros.³⁵⁸

A reconversão da economia de guerra em economia de paz levou a Europa à uma aceleração do seu setor industrial. As famílias passavam a comprar bens de consumo para refazerem seus estoques e, deste modo, as empresas não tiveram dificuldade em absorver imediatamente os militares desmobilizados e a atender a esse “boom” da procura de bens de consumo. Porém, “a diminuição da procura de bens de consumo duráveis, assim que se reconstituíram os estoques das famílias, representou, sem dúvida alguma, um dos fatores primordiais da depressão da década de vinte”.³⁵⁹ A Europa necessitava encontrar mercado para seus produtos.

No Brasil, o ufanismo nacionalista não durou todo o período da guerra. Os jornais continuavam a publicar manchetes sobre o conflito, porém, de forma discreta. A maior parte das publicações seguiam a rotina dos tempos de paz, como se os leitores já cansados de uma guerra que nunca terminava procurassem voltar ao cotidiano habitual de suas vidas, como se nada houvesse ocorrido. Tanto que, em 1919, quando ainda firmavam-se os últimos tratados de paz na Europa, o **Diário da Tarde** publicou um artigo de Gastão Faria no qual se procurava alertar a atenção pública para essa situação:

“Só é bom o artigo de fabricação estrangeira...”

Está inveterada no nosso espírito a tola ideia de que só a indústria estrangeira produz artigos de excelente qualidade. Nada que é nosso tem valor. Tudo que nos

vem de fora é aqui consumido com o rotulo de inconfundível superioridade. Enquanto isso se verifica, a industria nacional, actualmente em estado de aperfeiçoamento definitivo, vae experimentando a morte das suas energias, não sendo de admirar que, dentro em pouco, com a fatal avalanche de entrada de productos manufacturados no estrangeiro, nos aqui tenhamos de, novamente, voltar ao regimen de alheias tutellas.³⁶⁰

A mentalidade que privilegiava o produto estrangeiro ao nacional não fora modificada com a guerra. Tão logo esta terminara, passou a onda nacionalista, e tudo parecia voltar a ser como antes. “A indústria manufatureira que trabalhava só para o consumo interno é atingida e sofre forte crise em virtude da concorrência de manufaturas importadas.”³⁶¹

Preocupadas com o abastecimento de bens de consumo durante a guerra, as indústrias nacionais quase não se dedicavam a produzir bens de capital, como a produção de ferro, metais e maquinárias, limitavam-se a produzir bens de consumo. Segundo Heitor Ferreira Lima, se excluíssem os estabelecimentos têxteis, os frigoríficos e algumas fábricas de bebidas e calçados, “o grosso da produção se fazia em padarias, alfaiatarias, confeitarias, olarias, carpintarias, ferrarias, vidrarias, etc., ou seja, em pequenas oficinas e por meio de artífices especializados”.³⁶²

Portanto, não era de se estranhar que essas industrias semi-artesanais fossem suplantadas pelas indústrias dos países desenvolvidos, que se beneficiavam de um capitalismo que se expandia em consequência da 1ª Grande Guerra.³⁶³

O discurso do artigo publicado no **Commercio do Paraná**, em 1920, ilustra de forma contundente o reflexo que a crise econômica e financeira provocava nas indústrias paranaenses:

"Decadência Industrial"

É visível a depressão que, dia a dia se accentua, da nossa actividade industrial, fazendo o Estado e, mais particularmente a nossa capital, soffrer um retrocesso deveras humilhante em relação ao seu aspecto fabril de 20 annos atrás. Industrias que se extinguem, fabricas que se transferem para fora do Estado, ramos fabris que diminuem de capacidade productora, justificando esses lastimaveis resultados com as altas tarifas de transporte e com a exaggerada tributação que onera triplicentemente a mesma industria gravando a materia prima, a produção e a installação fabril, vae assim a nossa vida economica experimentando um declinio que aos espiritos mais optimistas alarma. Com effeito Curityba offerece hoje um aspecto industrial muito diverso do que era annos atrás, mas aspecto, digamos sem ambages (sic), de franca decadencia.³⁶⁴

Em 1921, a revista "**Album do Paraná**" publicou um artigo no qual pretendia elucidar aos seus leitores o mecanismo econômico-financeiro que levava o país àquela crise. O artigo de Nuno Pinheiro, publicado no Rio de Janeiro, procurava explicar a crise brasileira dentro de um contexto internacional mais amplo.

O grande motivo dessa crise, relata o artigo, residiria na transição, de volta à normalidade, depois dos desequilíbrios causados pela conflagração. As próprias condições internas que o país sofria poderiam parecer independentes, mas, ao contrário, eram corolários da crise geral de transição. A febre da guerra havia refletido com a mesma intensidade nos fenômenos econômicos e financeiros. A produção atingira um volume prodigioso, pois as nações haviam emitido dinheiro desassombrosamente porque não havia outro recurso;

A tensão economica e financeira excede todas as expectativas. Forma-se um ambiente que se póde dizer excepcional e ao mesmo tempo artificial, porque só a convulsão da guerra póde permitir a sua existencia passageira.

*Geram-se os negocios de toda a ordem, em meio das ondas de inflacionismo que sacodem a circulação e lhe dão uma amplidão desmedida.*³⁶⁵

Tudo isso, continuava explicando Nuno Pinheiro, era como se uma grande roda girasse vertiginosamente e sem parar. Todos teriam a sensação falsa de que aquilo seria eterno. Porém, a assinatura do armistício fizera com que a roda parasse de repente, fazendo com que tudo que fosse artificial caísse por terra. Certos negócios estavam alicerçados na probabilidade de um tempo mais ou menos longo e uma vez que essa base temporal se frustrava, todo o edifício desabava. “O dinheiro se retráhe, o café baixa de preço, o assucar desce metade do seu valôr, o cambio cahe em deliquio, tudo desfallece... É a crise que estála... não só no Brasil, mas em toda a parte do mundo.”³⁶⁶

O artigo termina com o seguinte parágrafo, que reflete uma visão positiva de futuro por parte do autor: “a crise é passageira e nos paizes novos como o Brasil, com as suas forças de produção economica trenadas (sic) pelo esforço da grande guerra, essas dificuldades serão facilmente eliminadas.”³⁶⁷

Embora durante a guerra se tivesse a impressão de que as indústrias nacionais substituiriam os produtos importados, tal não poderia ocorrer. Se o conflito havia proporcionado um ambiente propício ao desenvolvimento das indústrias brasileiras, uma vez terminado o conflito, esse ambiente “artificial” e passageiro estaria propenso a desaparecer e a tendência seria de que a economia voltasse ao processo anterior. Por que o modelo da substituição de importações, iniciado durante a guerra, não se firmara mesmo depois do término do conflito?

Segundo análise da economista Maria da Conceição Tavares, nas condições do modelo de substituição de importações, é praticamente impossível que o processo de industrialização se dê a partir dos bens de consumo

e progrida lentamente até atingir os bens de capital. É indispensável que se comece a substituição sobretudo por produtos intermediários e bens de capital. A substituição, quando ocorre, não está calcada na idéia simples e limitada de se retirar ou diminuir componentes da pauta de importações para substituí-los por produtos nacionais, até alcançar a auto-suficiência. Nada estaria tão longe da realidade, pois o processo de substituição, quando ocorre, é porque foi imposto por uma diminuição de importações determinada pelas restrições do setor externo e não desejada. Dessas restrições decorre a necessidade de produzir internamente alguns bens que antes se importavam. Esse modelo limitado e dependente das restrições é o de uma substituição “aparente” e mesmo temporária.³⁶⁸

A substituição “real”, continua Maria da Conceição Tavares, se produz depois da substituição “aparente”. Mesmo assim, a substituição “real ou efetiva” é geralmente muito menor do que a “aparente”, que se visualiza pela diminuição de certas importações. Ao se substituir produtos finais, pode ocorrer o aumento, em conseqüência, da demanda de insumos básicos ou intermediários, como serviços técnicos e de capital, que nem sempre são encontrados no país. Para uma substituição “real”, é necessário que ocorra modificações na estrutura de importações: é indispensável que se comece por uma alteração nos três grandes grupos – bens de consumo, produtos intermediários e bens de capital.³⁶⁹

No entanto, aponta a economista, os chamados “investimentos de base”, dificilmente terão lugar com uma necessária antecipação, a não ser por intermédio de decisões governamentais, quer promovendo-os diretamente quer estimulando ou amparando a iniciativa privada através de medidas de caráter financeiro e outras; ou, então, através da ação de alguns

raros empresários inovadores. Deste modo, para se compreender a implantação do novo modelo de desenvolvimento no Brasil,

deve levar-se em consideração que as transformações da estrutura produtiva circunscreveram-se, praticamente, ao setor industrial e atividades conexas sem modificar de modo sensível a condição do setor primário, inclusive as atividades tradicionais de exportação.³⁷⁰

Além disso, não era intenção governamental, naquele momento, mudar a estrutura básica de incentivo ao tradicional modelo primário-exportador, principalmente devido à alta de preços que o café vinha adquirindo junto ao mercado externo. Se a indústria brasileira havia conseguido vencer a atitude anti-industrial do Presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), devia-se mais à sua consolidação enquanto um corpo homogêneo e combativo. Os Presidentes seguintes, Artur Bernardes (1922-1926) e Washington Luis (1926-1930), reconheceram reservadamente a realidade industrial, sem, contudo tomarem alguma atitude protecionista geral.³⁷¹

A respeito dessas duas últimas administrações da República Velha, comenta Nícia V. Luz: “foram incapazes de organizar uma tarifa alfandegária que refletisse um plano de larga envergadura e que dispensasse à indústria uma proteção racional. As medidas adotadas continuaram a ser feitas a retalho, ao sabor das circunstâncias”.³⁷² Estas não pendiam a favor da indústria, uma vez que a política deflacionária dessas duas administrações, junto com a valorização do café, “permitem a estabilidade da moeda e facilitam a importação de produtos estrangeiros: em certo momento, a importação de manufaturados aumenta de tal maneira, que ameaça a produção nacional”.³⁷³ Uma vez que os estímulos governamentais à indústria eram

poucos e dificilmente obtidos, devia-se o crescimento da indústria privada à dinâmica ação de empresários inovadores.

Deste modo, as indústrias que ultrapassaram estas circunstâncias conjunturais foram as que haviam se consolidado durante a guerra e que se transformaram em grandes unidades fabris através da visão e ação desses empresários. O pequeno artesanato e a pequena tenda de trabalho já não poderiam concorrer com as fábricas mais modernizadas, auxiliadas por melhores técnicas e capitais.³⁷⁴ Embora não fossem fruto do modelo de substituição “real”, que só viria a ter o seu auge no Brasil a partir da grande depressão da década de trinta como incentivo à produção de bens de capital e a intensificação do capital financeiro,³⁷⁵ a substituição “aparente”, primeiro passo para a implantação do novo modelo, já permitira que algumas indústrias se firmassem através da substituição de bens de consumo.

A Essenfelder era um típico exemplo de indústria que conseguira ultrapassar a esse contexto. Aproveitando-se da oportunidade oferecida pelo início do novo modelo econômico que se implantava, consolidou sua posição junto ao mercado nacional e, até mesmo, projetando-se no internacional. Sua projeção no campo industrial e no mercado deveu-se principalmente por ter-se iniciado a empresa no estágio do modelo de substituição “real”, uma vez que Frederico Essenfelder, além de agir como empresário inovador, empenhava como “investimento de base” a sua contribuição pessoal de artífice, de “mestre” na arte da construção de pianos; apresentava, deste modo, um serviço técnico altamente especializado e próprio, enquanto outras empresas tinham de pagar por tais conhecimentos a técnicos estrangeiros, o que aumentava a demanda derivada de importações, “substituindo” assim apenas uma pequena parcela do produto final.³⁷⁶

A consolidação da Essenfelder deveu-se, também, ao fato de que ela quase não dependia de matéria-prima importada. Assim, quando os pianos estrangeiros voltaram a aparecer em grande número na praça, a empresa já adquirira uma forte posição que a auxiliaria nessa nova fase de disputa pelo mercado.

As propagandas de vendas de pianos estrangeiros, que haviam quase desaparecido dos jornais durante o conflito europeu, voltaram a ser publicadas mais intensamente.

Entre os anos de 1920 a 1924, através do **Diário da Tarde** e do **Commercio do Paraná**, a Casa Hertel voltava a oferecer os pianos importados, geralmente de marcas alemãs, que já vendia anteriormente. A ela aliou-se uma nova casa importadora de instrumentos musicais, a Casa Goudard, situada à Praça Tiradentes. É interessante registrar que essas propagandas utilizavam-se de alguns dos argumentos que a Essenfelder até então se valera para promover seus próprios produtos, tais como: “fabricados especialmente para o nosso clima”,³⁷⁷ ou enumerando as suas qualidades: “Elegante e solida construção; cordas cruzadas; quadro completamente de ferro; finamente dourado; mecanismo de repetição e laminas; teclado de finissimo marfim; afinação de maxima resistência”.³⁷⁸ As propagandas chegaram até mesmo à uma afronta direta a Essenfelder e às suas propagandas, como no seguinte reclame:

PIANOS

*Stenway – Bechstein – Bruthner – Pleyel – Ehrhar, etc. dizem elles que são os melhores do mundo, no entanto Winhelmann, fabrica fundada em 1837, com pretensões mais modestas, sem fazer tanta fita commercial e com menos alarde vendeu no anno de 1922: 354 pianos no Brasil e 482 na Argentina sem contar o restante. Logo... todos são bons quando são bons e o resto não passa de reclame commercial e conversa fiada.*³⁷⁹

Da mesma forma como a Essenfelder, que vinha promovendo concertos, a Casa Hertel, juntamente com a Casa Goudard, passou também a patrocinar concertos e a emprestar seus pianos para esses eventos.³⁸⁰

A concorrência sempre atenta aos passos da Essenfelder, não deixou de contestá-la pela imprensa, quando a Essenfelder publicou a opinião emitida pelo pianista Alexandre Borowski sobre os seus pianos,³⁸¹ a Casa Goudard não tardou em publicar uma nota elucidativa sobre o evento:

PIANOS BECHSTEIN

*O grande pianista, Alexandre Borowski, em todos os seus concertos realizados no Rio de Janeiro, serviu-se de um piano marca BECHSTEIN, escolhido entre outras marcas por aquele artista na casa Artur Napoléon no Rio de Janeiro.*³⁸²

A Essenfelder nada respondia a essas propagandas. Sua atenção estava voltada para assuntos internos, onde vinha se processando uma intensa atividade e marcante modernização. O ano de 1924 viria a ser mais um dos marcos na história da indústria.

Para fazer frente à concorrência estrangeira, Frederico Essenfelder passou a construir pianos de cauda para concertos, contando com a ajuda de seu irmão Floriano e do pianista Guilherme Fontainha, que fazia muitas sugestões sobre a construção, volume do som e do timbre.³⁸³ O próprio Frederico assim define a responsabilidade a que se dispusera:

*A construção de pianos de concerto é obra de grande responsabilidade e abrange uma complexidade de elementos necessários à formação do instrumento que deverá corresponder às máximas exigências técnicas e sonoras, afim de que o artista tenha, no instrumento, um veículo para a interpretação das grandes composições musicais. Em 1924 lançamos o Grande Piano Orquestral, de 2,75 ms., de comprimento.*³⁸⁴

Além do Grande Piano orquestral, projetou mais três tipos de pianos de cauda e três verticais, que juntamente com os já existentes, constituíam uma variedade de tipos como poucas das mais antigas fábricas européias possuíam.³⁸⁵

Apesar da concorrência que aumentava, pode-se deduzir que a empresa estava bem estruturada e gerando lucros, ao se ler a afirmação de Frederico: “ No ano de 1924, notou-se uma melhoria geral de nosso negócio e a firma adquire os seus primeiros imóveis”.³⁸⁶

Também foi esse o ano em que a Essenfelder passou a ser caracteristicamente uma empresa familiar. Na concepção de João Bosco Lodi, uma empresa passa a ser do tipo familiar quando “a consideração da sucessão da diretoria está ligada ao fator hereditário e onde os valores institucionais da firma identificam-se com um sobrenome de família ou com a figura de um fundador”, ou seja, ela nasce geralmente com a segunda geração de dirigentes; as relações de poder nascem do direito de sangue.³⁸⁷

Teria sido este o momento decisivo para o enquadramento da empresa como “familiar”. A firma já identificava-se com o sobrenome da família, assim como com a figura de seu fundador. Fora nessa ocasião que Floriano Senior começara a afastar-se dos negócios por motivo de doença, passando a direção da empresa para as mãos de seus filhos Frederico e Floriano Hellmuth. Eram eles que dirigiam praticamente a firma, pois apesar de repartirem a responsabilidade da direção da empresa com o sócio Bertholdo Hauer, este encontrava-se quase sempre viajando atendendo aos seus outros negócios e pouco participava de seu andamento.³⁸⁸

Frederico Essenfelder, ao criar novos produtos para concorrer no mercado, demonstrava possuir também, como seu pai, as características que

o identificavam como um empresário tipo schumpeteriano. A atividade interna da empresa era intensa para poder fazer frente à concorrência estrangeira que se fazia presente, reacendendo novamente na mentalidade dos consumidores o antigo preconceito contra os produtos nacionais.

O artigo do Dr. Pamphilo Assumpção deixa transparecer essa intensa atividade da empresa, ao mesmo tempo que faz uma reflexão crítica sobre a economia industrial da época e à mentalidade preconceituosa que voltava a intensificar-se. Fica clara, também, a introdução do modo de pensar de um capitalismo desenvolvimentista, – que se implantava mais intensamente a partir do desenvolvimento industrial brasileiro influenciado pela Grande Guerra, – quando escreve frases como: “Entendo que as sociedades como os indivíduos tanto mais valem quanto mais produzem, portanto quanto mais dispensam o auxílio alheio.”³⁸⁹

O artigo foi escrito a partir de uma visita que fora convidado a fazer à fábrica Essenfelder, para conhecer o novo piano de cauda que seria enviado para Porto Alegre:

Quando tem-se o prazer de visitar uma officina onde a actividade do homem se applica em obra productiva, não se pode deixar de pôr em confronto os que assim labutando em próprio proveito contribuem para o progresso da sociedade, com os que não só não se fazem factores da prosperidade collectiva mas são demolidores impenitentes da construção social. Enquanto uns edificam, outros destroem. Ao passo que uns procuram accumular pela ordem e pelo trabalho o bem commum, outros querem impedir que a nação marche tranquilla para a realização do seu destino, depouperando-a, pertubando-a (sic) a sacrificios ingentes para não cahir no abysmo da anarchia para onde se a quer a todo transe arrastar. Essas considerações vieram-me ao espirito, visitando hontem a fabrica de pianos Essenfelder e C., convidado que fui para ver um bellissimo instrumento de cauda, grande modelo que foi fabricado por encommenda do Conservatório de Musica de Porto Alegre. Quando temos elementos capazes de realizar obras como aquelle magnífico piano, no qual são aproveitados no máximo os productos que aqui podemos fabricar, não se pode deixar de lamentar que

as revoluções que anarchisam a vida economica, estejam sempre a transtornar a nossa actividade productiva, de modo a pôr o industrial em constante incerteza, quer quanto ao transporte, quer quanto á matéria prima, quer quanto ao consumo de seus productos, ficando tudo exposto aos azares das eventualidades que se não podem prever n"um paiz conflagrado. Realmente a fabrica de pianos Essenfelder que tão larga fama ha já conquistado pela excellencia de seus productos attingio, no piano a que me refiro, um alto grau de perfeição. Já as proporções do lindo instrumento são dignas de nota. É o maior piano de cauda que até hoje se tem fabricado na America do Sul.³⁹⁰

Após mais algumas considerações nas quais o autor comenta as qualidades do acabamento, da caixa acústica, do esqueleto fundido em ferro, da sonoridade e do mecanismo, comparando-as com as melhores marcas que chegavam ao mercado brasileiro, conclui o artigo com os seguintes comentários críticos:

Entretanto elle vae sahir do Paraná por encommenda de um outro Estado. E quando quizermos para aqui um bom piano, mandaremos vir do estrangeiro, porque achamos que os nossos não são sufficientemente bem feitos para occuparem logar em qualquer sala nobre! É mister que se acabem as prevenções despeitadas. Valorisemos o que é nosso e que tem valor. Se somos os primeiros a recusar merito ao que produzimos, não podemos pretender que estranhos lh'o deem. Pela minha parte o maior prazer que tenho é mostrar ao forasteiro que me utilisso do que é producto da minha terra. Entendo que as sociedades como os individuos tanto mais valem quanto mais produzem, portanto quanto mais dispensam o auxilio alheio. Por isso acho que deve ser para nós motivo de orgulho podermos achar no nosso meio aquillo de que precisamos. Os pianos Essenfelder merecem a sympathia dos paranaenses, não só por serem industria nossa como porque são eguaes, senão superiores aos similares estrangeiros.³⁹¹

O artigo em si já era uma poderosa resposta às propagandas que as casas importadoras vinham apregoando para levar o público a preferir o produto estrangeiro, em detrimento ao nacional. Porém, no final desse ano de 1924, após concretizadas as transformações internas pelas quais a Essenfelder passara, publicou-se uma resposta mais direta às insinuações que a Casa Hertel e Goudard vinham publicando, através de um vistoso reclame com 20 x 17 cm de tamanho, no qual os seguintes dizeres estavam encaixados dentro de uma enorme letra "E":

É muito fácil de verificar em cada um dos mais de dous mil exemplares, já fabricados e vendidos dentro e fóra do Paiz, que os

Pianos Essenfelder

tem de facto todos os requisitos dos mais caros instrumentos de qualquer procedencia, européa ou americana, superando-os ainda quanto ao exclusivo emprego das finissimas madeiras paranaenses, scientificamente escolhidas e experimentadas, e de preparo cuidadoso, segundo a technica moderna. Por serem de fabricação nacional é muito grande a vantagem de preço sobre os similares importados, regulando a differença para menos desde Rs. 2:000\$000 até 5:000\$000 em cada um, conforme modelo. ³⁹²

Entre os anos de 1925 a 1930, não se encontra, nas propagandas publicadas pela Essenfelder e suas concorrentes, o espírito de rivalidade. São anúncios discretos, pequenos e que procuram refletir uma idéia de elegância e bom gosto, como se pretendessem apenas se manter na lembrança do público, após atingirem um equilíbrio no mercado. Contrastam com as grandes e vistosas propagandas dos novos modelos de automóveis que buscam se impor no mercado, concorrendo através das diversas marcas: Ford, Studebacker, Opel, Oldsmobile, Dodge Brothers e outros. ³⁹³

Dividindo espaço nos jornais com as grandes manchetes sobre as atividades de “Lampeão e seu bando, os bandidos de Pe. Cícero” ou sobre “os revoltosos” da Coluna Prestes,³⁹⁴ alguns artigos sobre a empresa Essenfelder merecem ser destacados. A maioria desses artigos trazem como assunto principal a preocupação de igualar o produto nacional ao estrangeiro pretendendo mudar a mentalidade de que o produto importado é o melhor. No artigo publicado no **Commercio do Paraná**, em fevereiro de 1925, o argumento se faz a partir do reconhecimento dos próprios estrangeiros da qualidade do piano brasileiro:

Quando os próprios estrangeiros começam de reconhecer a valia e a superioridade dos productos de nossa industria como, agora aconteceu, tendo o digníssimo comando de uma das maiores naves de guerra do mundo, o coraçado “Utah”, que conduz em sua viagem de fraternização, o generalíssimo Pershing adquirido para uso de bordo, um piano da marca paranaense Essenfelder, é porque, realmente, certos productos de nossas industrias são iguaes e, em outros pontos, melhores que os similares das fabricas européas e americanas!

Vamo-nos, por força das circunstancias actuaes, que sobremodo encarecem e difficultam a vida, nos libertando dum antigo preconceito, de que tão sómente os artigos, que trouxessem o rótulo de procedencia estrangeira, eram bons e duraveis.

(...)

Não temos mais necessidade, por exemplo, de importar, com impostos pesadíssimos, pianos e outros instrumentos, cujo preço já de si vultuoso, desproporciona-se ainda mais com a precaria situação cambial.³⁹⁵

A força das circunstâncias, a que se referia o autor, era proveniente de algumas medidas de incentivo à indústria nacional através de proteção alfandegária que onerava certos produtos estrangeiros com pesados impostos.³⁹⁶ Outro artigo, que comenta ainda sobre pianos importados “versus” nacionais, qualidades e preços, foi publicado no **Diario da Tarde**, em

novembro de 1927. Trata-se da descrição de uma longa e elaborada argumentação, publicada no “o Tempo” do Rio Grande, que pretendia responder a uma indagação levantada por um professor da cidade, a respeito da qualidade dos pianos paranaenses.³⁹⁷

Também em 1927, a Essenfelder conseguira um novo incentivo do governo, através da lei nº 2.453 de 26 de março de 1927, decretada pelo Presidente do Estado Caetano Munhoz da Rocha, que prorrogava por três anos a isenção do imposto de exportação para os seus pianos.³⁹⁸

Esse incentivo fora o resultado da visita de dois jornalistas do **Diário da Tarde**, Clemente Ritz e Sá Barreto, à fábrica Essenfelder com o propósito de emprestarem um piano para um festival que pretendiam promover para arrecadar fundos para a aquisição de uma casa para a viúva do jornalista catarinense Crispim Mira. Uma vez obtido o favor, aproveitaram a ocasião para inteirarem-se do desenvolvimento da fábrica e acabaram por publicar a palestra que mantiveram com o proprietário da fábrica, o Sr. Essenfelder.

O artigo não identifica qual deles fora o protagonista da entrevista, mas como se trata do proprietário, poderia ter sido o próprio Floriano Senior. Porém, a importância do artigo reside em fornecer um retrato do desenvolvimento e funcionamento da empresa nessa ocasião, sua produção, número de operários, suas vendas e incentivos:

Nessa ocasião mantivemos com o sr. Essenfelder uma ligeira palestra:

- Ha quantos annos está funcionando a Fabrica?*
- Ha mais de 18 annos.*
- Quantos pianos tem produzido até agora?*
- Desde a data de sua fundação, temos produzido cerca de dois mil e tresentos pianos.*
- E a produção actual?*
- Neste momento estamos preparando 120 pianos, sendo que a nossa média mensal é de 20 pianos por mês.*
- Vende muitos pianos aqui?*
- Vendemos cerca de 10 pianos por mês para o Rio e*

um pouco menos para S. Paulo, sendo que a Argentina é também um bom mercado para nós. Aqui em Curitiba é que vendemos muito pouco. Quando as nossas sociedades precisam de piano, mandam buscar no estrangeiro. Aliás, não é isso de estranhar. Si nossa fábrica funcionasse na Argentina, ella deixaria de ser nossa compradora para ser o Paraná. É a lei geral. Agora no Theatro Municipal de S. Paulo vae funcionar um nosso piano. O conservatorio de Musica do Rio de Janeiro tem também um piano de nosso fabrico. Igualmente o piano da Sociedade Wagneriana de Buenos-Aires é marca Essenfelder. O Jockey Club de Buenos-Aires também adquiriu um piano paranaense.

- Quantos empregados trabalham aqui?

- Obra de quarenta operarios.

- E a matéria-prima?

- A madeira é toda paranaense, sendo que o ideal para as peças desse instrumento é o pinho.

- Mas, dizem tanto mal do pinho?

- É que não sabem trabalha-lo. Bem trabalhado, não empenna nem bicha.

E mostrou-nos o pinho nas diversas phases por que passa: - empilhados lá fóra, no sótão da fabrica e nas estufas.³⁹⁹

Eram exatamente as praças de S. Paulo e Rio de Janeiro, onde haviam outras indústrias brasileiras de pianos, as que mais compravam os pianos paranaenses. Deste modo, pode-se deduzir que essas indústrias não estavam em condições de igualdade para concorrer com a Essenfelder por essas praças.* Fora justamente quando se comentava a respeito de exportação de pianos para outros estados e para o exterior que surgira a questão dos impostos:

- É a unica fabrica do Brasil?

- Em S. Paulo e Rio existem duas; mas, só fazem um modelo. Nós fazemos muitos e quaesquer modelos e typos, para concertos, para tudo.

- Não tem isenção de impostos?

- Infelizmente não. Os pianos saem caro, porque a materia prima é excessivamente tributada. O imposto de importação da materia prima é mais elevado que a da exportação do piano. E si não conseguirmos a redução do imposto de exportação, teremos que mudar nossa fabrica para o Rio ou S. Paulo, que é onde mais vendemos a nossa produção. Com esse imposto exaggerado, desde que pouco vendemos aqui, só

* Diversos foram os fabricantes de pianos que tentaram fixar-se em S Paulo, mas que não conseguiram se manter: Carlos Weith, João Frederico Francisco Diederichs, Narciso e Arthur Napoleão, Raphael Morgani e Isidoro Nardelli, sendo que os dois últimos ainda existiam em 1929. Conforme informações: Almanak Laemmert (1888-1930), Almanaque d'Estado de S. Paulo* (1890-1916) e Estatística Industrial do Estado de S. Paulo (1928-30).

*teremos prejuízo continuando no Paraná.
E saímos a pensar porque será que o nosso governo não
voltou nunca suas vistas para aquele estabelecimento
que tanto eleva lá fóra a industria de nossa terra.⁴⁰⁰*

Deste modo, a Lei nº 2.453 que promulgava a isenção do imposto de exportação fora decretada apenas quatro dias após a publicação do artigo, o que demonstra o prestígio que a empresa possuía junto ao governo do Estado.

Em decorrência desse incentivo, a empresa não apenas permaneceu no Paraná como pode, também, continuar a crescer e a se desenvolver. Seus quarenta empregados treinados pelos próprios Essenfelder, detentores de técnicas específicas, passando a contar com melhoramentos na empresa, intensificaram a produção, permitindo que se anunciasse uma venda promocional para que mais compradores tivessem acesso a seus pianos:

PIANOS a 200\$000 mensais

A fabrica de pianos ESSENFELDER cuja produção devido á remodelação porque passaram os seus estabelecimentos, attinge á

30 PIANOS POR MEZ

resolveu attendendo a innumerables solicitações, vender 100 PIANOS a 200\$000 por mez, SEM ENTRADA MAIOR, possibilitando assim á toda pessoa interessada a aquisição de um dos seus afamados pianos.⁴⁰¹

Essa venda especial pretendia rebater a venda promovida pela Casa Goudard, que, tendo resolvido reformar a casa e terminar com a sua seção de pianos, havia decidido “liquidar o nosso stock dos afamados pianos BECHSTEIN, WINKELMANN, MARQUART e outras marcas por preços de custo para o que chamamos a atenção das pessoas interessadas que desejem adquirir um bom piano novo por preço de ocasião”.⁴⁰²

Os diversos programas de proteção alfandegária vinham dificultando a entrada de alguns produtos do exterior, deste modo, não era de se estranhar que as casas importadoras se desmotivassem em manter esses produtos no mercado. No entanto, um maior incentivo dado aos produtos nacionais fora consequência da política de estabilização promovida por Washington Luiz.

As oscilações cambiais eram prejudiciais e traziam inquietações e problemas. Era preciso suprir essas oscilações, estabelizando o câmbio. O passo seguinte do plano governamental visava a conversibilidade ouro, seguido da cunhagem do "cruzeiro", uma nova moeda que teria o ouro como padrão. Embora o plano tivesse sido interrompido em sua fase final devido à crise da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, seguida pela Revolução de 1930, o plano de estabilização havia trazido incentivos e proteção à indústria nacional.⁴⁰³

Essa política econômica havia permitido que a Essenfelder publicasse anúncios como:

Efeitos da Estabilização

Redução de Preços

(...)

A estabilidade cambial, possibilitando um calculo exacto do custo de produção, permite-nos, na qualidade de fabricantes, oferecer directamente ao publico os nossos excellentes pianos, de comprovada qualidade por preços muito inferiores aos mais baratos pianos de procedencia estrangeira.⁴⁰⁴

A criação de novos produtos, a reestruturação interna da empresa e os incentivos estaduais haviam permitido que a Esenfelder ultrapassasse as diversas crises econômicas, dinamizando a produção e aumentando o capital de giro. Através do processo de substituição de importações havia mantido sua posição junto ao mercado, fazendo frente à concorrência estran-

geira. Se a década de 1920 havia sido extremamente benéfica à consolidação da empresa, o ano de 1929 traria novas adversidades: não somente uma nova crise econômica a ser ultrapassada, advinda do craque da Bolsa de Nova Iorque, mas também devido a um acontecimento interno, a morte de seu fundador, Floriano Essenfelder.

A empresa teria que enfrentar problemas conjunturais, aos quais se sobrepunham problemas estruturais, que afetavam não só a economia brasileira e paranaense mas desorganizavam o capitalismo a nível mundial. Este o grande desafio a ser superado pelo empresariado brasileiro e paranaense.

3.3. F. ESSENFELDER E CIA: UM ELEMENTO DE INTEGRAÇÃO CULTURAL

Uma vez que a indústria Essenfelder subsistira às crises, progredira e proporcionava lucros a seus sócios, era sinal de que o mercado, ainda que preocupado em abastecer-se com produtos de subsistência, era capaz de sustentar uma indústria de pianos, artigo dispendioso e do qual poucas pessoas podiam dar-se ao luxo de adquirir.

Curitiba, assim como São Paulo e Rio de Janeiro, eram cidades que se expandiam. O progresso trazia melhorias, novos prédios e casas comerciais surgiam, como consequência de novas tecnologias, aumentando o número de pessoas que nele participava. O comércio introduzia a todo momento novidades, que aumentavam, ou transformavam a estrutura da produção e da vida cultural em geral. Porém, por mais que se transformassem as cidades, estariam elas capacitadas para sustentar e manter uma indústria de pianos? Até que ponto o mercado consumidor de pianos seria capaz de absorver tal produto?

O que levava as pessoas a adquirir pianos, artigo de luxo, a ponto de sustentar uma indústria desse produto numa economia incipiente, que apenas começava a implantar as indústrias dos setores básicos?

Se o sucesso de tal empreendimento se baseasse apenas numa visão economicista de possibilidades, provavelmente não teria um resultado positivo. Porém, um outro fator importante levava a empresa a subsistir, buscando o êxito e o cumprimento da sua função cultural.

Para que um novo produto se imponha no mercado e ganhe a simpatia de seus consumidores, necessita possuir um forte respaldo junto ao público para seu sucesso. Caso não esteja alicerçado a sua utilidade às necessidades básicas das pessoas, fazendo do seu consumo um imperativo, deverá então estar associada às necessidades derivadas. Um produto que fosse importante o suficiente para fazer parte da tradição cultural das pessoas – e o piano era justamente um desses traços culturais, – proveniente de necessidades sociais, encontraria condições de se afirmar como um valor cultural.

Se a economia necessita de uma dinâmica mais acelerada para um sucesso mais imediato, os consumidores, no entanto, nem sempre transformam seus hábitos com a mesma rapidez, ou seja, a mentalidade demora a se transformar, como comenta Fernand Braudel: “os enquadramentos mentais representam prisões de longa duração”.⁴⁰⁵ Porém, se por um lado essa longa duração da mentalidade não possui a dinâmica característica dos ciclos mais breves, dos quais a economia serve-se para o maior giro nos seus empreendimentos, por outro, ela serve para sustentar os próprios ciclos econômicos através de uma constância segura, ou seja, a constância necessária da certeza de que os consumidores durante um período de tempo

adquirirão os seus produtos, assegurando as finanças e o retorno do empreendimento enquanto este vai se firmando no mercado.

Deste modo, pode-se perceber que o desenvolvimento econômico está intimamente associado ao aspecto social e da mentalidade, portanto, ao cultural. Como coloca Joseph Schumpeter: “Um fato jamais é exclusivamente ou puramente econômico, outros aspectos – e muitas vezes mais importantes – existem sempre”.⁴⁰⁶ A indústria Essenfelder é um típico exemplo que pode ilustrar essa inter-relação de forma bastante clara. A influência que a cultura possui sobre a economia fica patente ao se estudar uma indústria de pianos, que obteve seu sucesso exatamente por manter vivo um traço cultural de grande importância na vida social. Um traço cultural e de tradição que, ao ser conservado e perpetuado, fora capaz de sustentar tal empreendimento: o culto à arte musical.

Quando o piano surgiu, não fora imediatamente aceito pelo público, que ainda permanecia fiel ao costume do uso do clavicórdio ou cravo. O piano moderno, abreviação de pianoforte, é o resultado de alterações e transformações ocorridas no clavicórdio. No início do século XVIII, Bartolomeo Cristófori substituiu as pinças ou tangentes do cravo pelos martelos que fazem vibrar as cordas. Instrumento de maior tamanho, de mais forte e brilhante sonoridade, logo passou a ocupar uma posição de destaque ao lado do cravo. Porém, foi através do virtuosismo de compositores da época como J.S. Bach, W.A. Mozart e F. Chopin que o instrumento se popularizou.⁴⁰⁷

Logo o piano passou a fazer parte da mobília nos salões e lares mais abastados. A burguesia ascendente procurava expressar as aspirações mais elevadas e espirituais da vida através da beleza, que se externava por meio de obras literárias, artísticas e musicais. E

nada era mais espiritual do que a música, mas a forma característica em que ela entrava no lar burguês era o piano, um aparato excessivamente grande, rebuscado e caro, mesmo quando reduzido – para o benefício de uma camada mais modesta aspirante a valores burgueses – às dimensões mais manuseáveis de um piano de parede (pianino). Nenhum interior burguês era completo sem ele; todas as filhas diletas da burguesia eram obrigadas a praticar escalas sem fim naquele instrumento.⁴⁰⁸

A aristocracia brasileira, que procurava seguir os ditames da moda européia, logo começou a incluir na educação e lazer de sua sociedade o uso do piano. Grandes fazendeiros da elite dos ervateiros e abastados comerciantes começaram a importar da Europa os primeiros pianos, que serviam como símbolo de status e de uma educação refinada, mesmo que às vezes nem soubesse tocá-los: em Curitiba, “o alemão Eugen Westphalen teria tocado piano pela primeira vez nessa Vila, em 1833, na casa de Lourenço Pinto de Sá Ribas que o possuía, mas ninguém sabia tocar”.⁴⁰⁹

Os pianos nem sempre ficavam apenas nas casas da capital, Curitiba. Eram levados muitas vezes para as fazendas, onde as famílias permaneciam por mais tempo e onde as filhas recebiam sua instrução. Chegavam mesmo a contratar professores estrangeiros de língua, piano e pintura, a fim de proporcionarem conveniente educação às suas filhas.⁴¹⁰

Em seu livro “**Pela fronteira**”, Domingos Nascimento relata a visita que fizera à fazenda de Frederico Wirmond, “abastado fazendeiro e estimado chefe político”, próxima a Guarapuava, e sua surpresa em encontrar em tal lugar um piano, entre outras raridades:

A fazenda é composta de um bello palacete, precedido de uma formosa avenida de cedros do Líbano, cuidadosamente tratada. O seu interior é adornado com capricho e luxo; as suas

dependencias, hortas e pomares feitos com esmero. É assim que eu posso compreender o isolamento da vida de campo: asseio, gosto e comodidades.

(...)

Pesadas carroças fazem o transporte das mercadorias saídas dessa fábrica, principalmente assucar e aguardente, e com destino a Guarapuava. Não ha estrada aberta: os carros seguem pelo campo, fazendo um percurso de 12 leguas.

(...)

Tres raridades a notar nesta rica vivenda: 1 piano importado em 1840, o primeiro que entrou no Paraná, tendo sido carregado "a mão" desde Antonina, o que quer dizer que viajou por serras, montes e sertões num trajecto de 71 leguas, a partir daquelle porto; uma baixella de prata lavrada e um aparelho de porcellana de Sèvres, antiquissimos, vindos da Europa em 1821 com os primeiros troncos dessa importante familia.⁴¹¹

Outras proeminentes personalidades da sociedade paranaense também possuíam seus pianos: o primeiro prefeito de Curitiba, José Borges de Macedo, possuía um, como é arrolado em seu inventário (1851); Jesuino Marcondes, Barão de Tibagy, possuía outro, conforme relata em carta enviada ao filho em 1887.⁴¹²

Vários foram os representantes que mantiveram a música como uma das atividades culturais mais intensas no Paraná, nesse final de século: João Manuel da Cunha, Brasília Itiberê, Augusto Stresser e o Major Bento Antonio de Menezes. Sobre as atividades deste último, assim relata Roselys Vellozo Roderjan em seu livro "**Melo século de música em Curitiba**":

A Mansão dos Menezes, situada na esquina das ruas Dr. Muricy com Saldanha Marinho, foi testemunho do que melhor pode produzir a chamada música doméstica (familiar). As irmãs de Bento Menezes, Adelaide e Francisca, a quem ensinou piano e canto, apresentaram-se na Côrte, atendendo ao convite que lhes fêz o Imperador D. Pedro II, quando aqui esteve em 1880. (...) Em sua casa mantinha três salas de concêrto, dois pianos de cauda, um cravo e grande quantidade de instrumentos musicais, conservados em belos armários.⁴¹³

Bento de Menezes dava aulas de música e ensinava a tocar instrumentos, preparando seus sobrinhos e filhos dos seus escravos para, principalmente nas festas natalinas, apresentarem-se diante dos familiares e amigos: “na noite de Natal tôdas as crianças, democráticamente de mãos dadas, entravam na grande sala onde estava armado o “pinheirinho” e entoavam seus cantos antes de ganharem os presentes, diante da comovida assistência”.⁴¹⁴

Uma das mais difundidas práticas de lazer eram os saraus familiares. Podiam ocorrer nos dias festivos como Natal e aniversários, ou apenas para quebrar a monotonia da vida. As reuniões, que eram animadas pela música de um piano, contavam ainda com declamações de poesias, cantos e brincadeiras de salão. Assim descreve Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana, uma soirée, em seu livro “**Lazeres e festas de outrora**”:

Algumas dessas soirées em residências particulares, como a que foi dada pela Diretora do Colégio Santa Tereza, Madame Zelle Costa, foi particularmente comentada pelo seu tom parisiense, pelo excelente e lauto buffet, e, sobretudo, pela presença de 28 senhoras e 38 cavalheiros fantasiados, inclusive o Barão do Serro Azul.

Um rico Pleyel animava a festa, com música viva, saltitante e doida, das polcas, mazurcas, lanceiros, quadrilhas, de tal modo que ela viera “cortar a monotonia cadenciada e triste da nossa vida pacatamente burguesa”, prolongando-se até às 4 horas da madrugada.⁴¹⁵

Os saraus não se atinham apenas a músicas animadas, “saltitantes e doidas”. Foi também em serões domésticos que a prática da música erudita e o gosto pela música de câmara desenvolveu-se no Paraná. Eram elas geralmente compostas para um violino, viola ou violoncelo e um piano. “Essa prática, também difundida entre as famílias alemãs que por êsse tempo

imigraram para cá, exterioriza-se nas apresentações públicas das primeiras décadas de 1900".⁴¹⁶

A música não era tocada apenas nos lares. Estendia-se às igrejas, aos clubes, às escolas e às diversões públicas.

Havia festas religiosas como a da Páscoa, da Ressurreição e a festa do divino, que eram seguidas de festejos com música. As próprias cerimônias da missa receberam um requinte artístico com a influência do imigrante europeu, especialmente o alemão, através das Missas Cantadas e dos cultos com músicas. A presença dos imigrantes, que muito influenciaram os usos e costumes da vida social paranaense, muito contribuiu no que se referia a um lazer edificante.⁴¹⁷ É Floriano Essenfelder um exemplo da influência européia, exercida através de um imigrante, na vida social e cultural paranaense. Elevou a importância da música a um alto grau, fazendo da sua propagação o ideal de sua vida.

Era o baile outro lazer que incluía a música como sua principal atração. Várias sociedades curitibanas, como clubes e grêmios, promoviam os bailes, que contavam com verdadeiras orquestras, sendo a do maestro Bento de Menezes muito disputada.⁴¹⁸ Neste lazer tiveram também os alemães marcante presença. Segundo Wilson Martins, a sociedade "Heimat" promovia inúmeros bailes, cujo propósito era "A união entre brasileiros e alemães dignos de em família se reunirem para cantar e dançar".⁴¹⁹ Os bailes familiares ocorriam em salões caprichosamente decorados. Os sócios não poupavam esforços em preparar surpresas aos convidados. "Em cada canto da casa encontrava-se (sic) enfeites de propósito colocados para chamar a atenção, além de lindíssimos entrelaçamentos das bandeiras brasileiras e alemãs, que demonstravam a amizade entre as duas nacionalidades". O

divertimento, continua Wilson Martins, que começara às 8 horas da noite, terminara às 5 da manhã e contara com cerca de 300 pessoas.⁴²⁰

A música também se fazia presente através das bandas, que eram bastante populares em Curitiba. Tocavam nas comemorações oficiais, nas diversões populares, assim como animavam os bailes, “desde os particulares nos sobrados de pessoas influentes, até os promovidos pela Municipalidade ou pelos Clubes Sociais”.⁴²¹ Eram elas a atração no coreto da Praça Osório, que situava-se no ângulo formado pela atual Av. Luiz Xavier e pela Rua Voluntários da Pátria.⁴²² Assim descreve Nestor Victor sobre o local em 1913:

*Ora, esse é hoje o logradouro predilecto da população curitibana. Todas as tardes e á noite ahi dá "rendez-vous" a sociedade elegante, mas principalmente nos dias feriados. Bandas militares fazem retreta de vez em vez, e o povo naturalmente afflue, attrahido por tão infallivel chamariz.*⁴²³

A banda era indispensável nos espetáculos eqüestres, ou circo de cavalinhos. Os artistas da Companhia atraíam toda a sociedade curitibana devido às suas habilidades de montaria. O circo todo enfeitado com festões, bandeirinhas e iluminado por lanternas contava ainda com as atrações dos palhaços.⁴²⁴

A vida noturna na Capital era intensa. Além das festas religiosas, bailes e das eventuais companhias de circo e dramas teatrais, funcionavam diariamente diversos cafés-restaurantes, cinemas, os clubes e outras diversões, como o parque de diversões Coliseu, que abrigava carrossel, rинque de patinação e outros divertimentos.⁴²⁵

Os cafés-restaurantes, muitos pertencentes a imigrantes de origem alemã, como Júlio Kroehne, Kattwinkel e Augusto Grohs, apresentavam,

como atração, conjuntos musicais. O Restaurante Colombo oferecia em anúncio:

"Concêrto tôdas as noites – neste acreditado restaurante há concêrto tôdas as noites, feito por excelentes artistas. Os fregueses encontram ali tôdas as noites apetitosos acepipes, magnificas bebidas e boa música. AO COLOMBO".⁴²⁶

Assim comenta Wilson Martins a respeito da importância da música no referido anúncio: "a referência à música precedia a da alimentação, e era com mais uma alusão à "boa música" que o anúncio terminava".⁴²⁷

Na Rua Quinze, ponto predileto da população curitibana, havia o famoso Restaurante Ricciardella

que era um misto de hotel e restaurante e, à noite, se transformava no que o proprietário chamava de Café Concerto, onde era ouvida uma orquestra regida pelo proprietário D. Giovanni e composta de músicos de valor. Ali foi pianista por algum tempo o futuro e notável maestro Bento Massurunga.⁴²⁸

Era também a rua Quinze que contava com os principais cinemas de Curitiba: o **Eden Cinema**, **Theatro Sideria**, o **Mignon Theatre** e o **Smart Cinema**, além do **Victoria**, do **Polytheana** e do **Guayra**. Não era raro que, nos intervalos entre os filmes, se apresentassem espetáculos com cantores líricos.⁴²⁹ Muitos dos filmes apresentados, na sua maioria estrangeiros, vinham com partituras próprias para o seu acompanhamento,⁴³⁰ as quais eram executadas por orquestras, ou por um piano. Uma vez que os filmes eram mudos, era muito importante o uso da música para criar o clima propício ao enredo e de artistas com sensibilidade para tocar a música correta na hora certa. daí o fato de se encontrar anúncios como o do **Sideria**, situado

à rua 15 de Novembro nº 4, “cinema preferido pelas Exmas Famílias = Lusuoso e amplo salão de espera. Magnífica orchestra sob a direção competente do maestro Sr. Carlos Frank, auxiliado pela exímia pianista Senhorita Ilzi Frank”.⁴³¹

Muito populares na cidade eram as óperas e operetas. As Companhias que vinham de fora, muitas vezes italianas, apresentavam seus espetáculos em Curitiba desde 1886, levando geralmente trechos de óperas ou operetas e mais raramente uma ópera completa.⁴³² Tão popular era o gosto pela ópera entre os curitibanos que Augusto Stresser, compositor local, consagrou-se como músico através da sua ópera “Sidéria”, apresentada em 3 de maio de 1912, no antigo Teatro Guaíra. A apresentação da obra fora um sucesso. Além dos cantores solistas, contara o espetáculo com uma orchestra de 35 figuras dirigidas por Léo Kessler e com um coro de 50 vozes.⁴³³

Porém, onde o piano mais se destacava era nas apresentações de música erudita, nos concertos. Os jornais dessa época estão repletos de anúncios de concertos com apresentações de artistas locais e de fora. Com vários dias de antecedência já começavam a anunciar o evento. A chegada do artista era divulgada, realizando-se uma entrevista, seguindo a publicação do programa.

Os artistas, apegados a seus instrumentos, geralmente viajavam com eles independentemente de seu tamanho. Assim fizera Luba d'Alexandrowska que trouxera seu próprio piano para as suas apresentações: “O magnífico piano “chickerigs” de propriedade da sra. Luba de Alexandrowska foi hoje retirado da estação da estrada de ferro e ja está no palco scenico do

Guayra".⁴³⁴ Porém, quando a artista partiu de Curitiba levava seu próprio piano Essenfelder, especialmente construído para ela.⁴³⁵

Essas apresentações não se faziam apenas no antigo Teatro Guaíra, várias eram as associações que promoviam tais concertos, como relata Roselys Velloso Roderjan, o Clube Curitibano oferecia "concêrtos aos associados, realizados pela insigne pianista Dna. Zelig Viera da Costa e suas alunas"; também Carlos Goudard organizara uma orquestra de salão que "proporciona concêrtos aos sócios com um quinteto instrumental"; o Grêmio Musical Carlos Gomes possuía sua própria orquestra e "contava com o concurso de Benedito Nicolau dos Santos ao piano, o qual surge nessa ocasião com suas primeiras composições musicais".⁴³⁶ O jornal **Commercio do Paraná** anuncia o evento promovido pelo **Salão da Associação dos Empregados no Comercio**: um concerto do violinista Conde de Sabbatine com programa de peças solo e acompanhado de piano por Irene Lemos.⁴³⁷

Foram as Sociedades, fundadas na sua maioria por imigrantes europeus, que muito colaboraram para a divulgação da música erudita no Paraná. Principalmente as da colônia alemã que assumiram grande importância nas primeiras décadas do século XX, liderando diversos empreendimentos artísticos: o **Handwerker** (depois Sociedade Rio Branco), o **Saengerbund** (Clube Concórdia), a **Sociedade Thalia**.⁴³⁸ Curitiba contava ainda com

*os salões públicos, como o Salão Lindmann, o Tivoli, o Salão Stroebel, o Salão Mensing, além de sociedades e clubes musicais, como o Clube Alemão, colocando em voga os concertos vocais e instrumentais, seguidos de baile e ceia. Frequentados, a princípio, pelos estrangeiros, logo atraíram também os curitibanos. A Sociedade Germanica, por exemplo, realizava festas, com orquestra e coro, baile e ceia animada pelos volkslied, cantados pelo Senhor Stephan.*⁴³⁹

Muitos desses concertos contavam com apresentações de artistas de fora, porém, uma grande parte devia-se a recitais de artistas locais. Era através deles que se demonstrava o virtuosismo musical dos artistas da sociedade curitibana, que tinham nesses espetáculos a oportunidade de comprovar a esmerada educação artística que recebiam, formando, assim, uma consciência voltada para os valores musicais.

Nas escolas, a música fazia parte do currículo obrigatório para a formação do educando e era disciplina indispensável, especialmente na educação das moças. Considerava-se tão sério o ensino musical nas escolas, que a incompreensão de sua importância chegou a ser preocupação do Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, levando-o a fazer uma advertência a esse respeito, como se lê na **Mensagem Presidencial de 1921**:

Entre as disciplinas que compõe o programma da escola primaria, merece a musica um posto de relevancia pela poderosa influencia que exerce sobre os educandos como factor de aperfeiçoamento moral, intellectual e physico.

Pondo de parte o ensino da theoria musical, de importancia menor, e considerando apenas os cantos, é força confessar a má comprehensão desse ensino em todas as escolas: ha falta absoluta de harmonia, de suavidade, de rithmo, de gosto na escolha dos hymnos, de adaptação da letra à musica.

Isto concorre para tornar prejudicial um ensino do qual se deverá tirar magnificos resultados.⁴⁴⁰

Desta forma, encontra-se nos anúncios das escolas, uma preocupação em ressaltar a disciplina musical como parte importante do currículo, como o do **Collegio Moderno**, publicado no **Commercio do Paraná**, oferecendo para o ensino primário um novo método prático e racional, sendo que a disciplina musical é mencionada logo a seguir da de português, porém, antes de todas as outras:

Pelo methodo adoptado neste estabelecimento de ensino – creanças de cinco annos – leem e escrevem bem o portuguez, em poucos mezes... sem que sintam o menor canção.

Aprendem (sic) musica, desenho, francez, arithmetica, tudo praticamente, não havendo necessidade de palavras grosseiras, nem de castigos corporaes, fortalecendo o organismo por meio da gymnastica...⁴⁴¹

O **Collegio Santos Dumont**, que preparava alunas para a Escola Normal, anunciava que, ao curso completo do 2º grau, o qual ministrava uma educação intelectual, física, moral e estética, acrescentava-se com um curso secundário de 2 anos com disciplinas específicas para a educação das meninas, que continuariam recebendo as que já funcionavam: as de pintura, música, flores artificiais e conversação francesa.⁴⁴²

A Escola Normal Secundária oferecia a disciplina de música nos 4 anos do curso, entre as de Aritmética, História, Geografia, Português, Desenho, Trabalhos manuais, de agulhas e outras, como consta do **Relatorio da Secretaria Geral do Estado** que chega a mencionar o caso de aluna reprovada nessa disciplina.⁴⁴³

Sobre as aulas de música, assim recorda América da Costa Sabóia:

As aulas de Música, como as de Trabalhos Manuais, eram ministradas no grande salão de entrada. Para aquelas vinham ter ao salão os alunos. Havia duas fileiras de bancos, semelhantes aos das igrejas, nos quais tornavam assento de um lado as moças de outro os rapazes.

O professor Luiz Bastos era gentil, calmo e conseguia impor autoridade. Sentado ao piano de cauda colocado no fundo do salão, numa espécie de palco, protegido por colunas de madeira torneada, acompanhava os discípulos com grande empenho para obter os melhores resultados.⁴⁴⁴

A educação musical não era formalizada apenas nos colégios. Vários eram os conservatórios e professores particulares que Curitiba oferecia para o aperfeiçoamento da educação musical. Desde 1886 funcionava a **Escola de Belas Artes e Indústria do Paraná**, criada por iniciativa de Antônio Mariano de Lima. O maestro Léo Kessler, após o sucesso obtido ao dirigir a ópera "Sidéria", em 1912, tornou-se conhecido e respeitado como músico e professor. Sua popularidade lhe deu condições de montar o **Conservatório do Paraná**, na rua Barão do Rio Branco, 109.⁴⁴⁵

Antônio Melillo, natural de Curitiba e formado em música pelo Real Conservatório de Nápoles, várias vezes visitara sua cidade natal enquanto excursionava pelo Brasil. Numa delas recebera convite do maestro Léo Kessler para lecionar piano no **Conservatório de Música do Paraná**, o qual aceitou, vindo morar de volta em Curitiba. Após a morte de Léo Kessler "lhe veio a idéia de criar a sua própria escola, a qual chamou "**Academia de Música do Paraná**". Além das matérias teóricas, nela eram ministradas aulas de piano e violino".⁴⁴⁶

À rua do Riachuelo, nº 37, perto da praça 19 de Dezembro, funcionava também a **Escola Musical do Paraná**, dirigida pelo maestro J. Sabbatini, que oferecia inscrições para cursos de violino, viola, violoncelo, piano, canto e coral.⁴⁴⁷

Complementando os diversos conservatórios e escolas de música já existentes, em 10 de abril de 1929, o Congresso Legislativo do Estado do Paraná, elaborou a Lei 2.643, que foi aprovada pelo Presidente do Paraná, Afonso Alves de Camargo, autorizando "a crear a Academia de Belas Artes e o Conservatorio de Musica, abrindo para isso os necessarios creditos".⁴⁴⁸

Inúmeros eram ainda os professores particulares que assessoravam aos alunos no aperfeiçoamento da prática musical, conforme se lê em alguns anúncios: “Aula de Musica. Thessalia Silva Vianna, recentemente chegada do Rio de Janeiro lecciona, nesta capital, á rua Dr. Pedrosa 140, piano, theoria e bandolim das 11 às 16 horas”.⁴⁴⁹ O jornal **Commercio do Paraná** publicou em 25 de julho de 1914 o seguinte anúncio: “Professor de musica. Aulas de piano e violino, segundo o Programa de Ensino do instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro. Lições a domicilio a preços convencionaes”.⁴⁵⁰

Afinal, o que levava as pessoas a darem tanta importância à música?

Ela complementava a instrução, porém, era mais do que apenas símbolo de boa educação; nos lazeres ela recebia lugar de destaque preenchendo as atividades e alegrando os participantes, sendo, no entanto, mais do que simples diversão. A música, que sempre esteve ligada à vida das pessoas, tornou-se um forte traço cultural pois que as levava a transcenderem sua realidade imediata.

Eduard Hanslick, em seu livro “**De lo bello en la musica**”, comenta os efeitos que a música pode desencadear nas pessoas: dependendo da música ou da platéia, produz-se um efeito de transportar para outras realidades ou obstruir-se da sua realidade imediata. Eleva-se para um mar de sentimentos. Uma maneira de “fugir”, “refugiar-se” além de seus problemas e afazeres. A música possui esse “poder” inebriante. Desde os povos primitivos ela esteve presente nas festas e rituais. Ela tem sua harmonia, sua lógica, sua estrutura, e quando a lógica da estrutura do compositor é compreendida pelo ouvinte, há uma compreensão e arrebatamento.⁴⁵¹

Para o autor, a música relaciona-se com os sentimentos: “la finalidad y el destino de la música consisten en despertar sentimientos”⁴⁵²

*Los sentimientos fuertes que la música despierta de su letargo, los estados de ánimo gratos tanto como dolorosos en que nos envuelve semisoñadores, (...) es uno de los misterios más hermosos y reconfortantes, precisamente, el que el arte pueda provocar tales emociones.*⁴⁵³

Despertar a alma: este é o fim último da arte, o efeito que ela pretende provocar. Esta é a finalidade da arte segundo Hegel, como coloca na sua Estética:

*Verificamos que o conteúdo da arte compreende todo o conteúdo da alma e do espírito, que o fim dela consiste em revelar à alma tudo o que a alma contém de essencial, de grande, de sublime, de respeitável e de verdadeiro. (...) De um modo geral, o fim da arte consiste em pôr ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a verdade que o homem guarda no seu espírito, o que revolve o peito e agita o espírito humano.*⁴⁵⁴

A obra de arte procede do espírito e existe para o espírito; serve para despertar nas pessoas a consciência de algo mais elevado: “isso é o que compete à arte representar, e fá-lo ela mediante a aparência que, como tal, nos é indiferente desde o momento em que sirva para acordar em nosso sentimento e a consciência de algo de mais elevado”.⁴⁵⁵

Conseqüentemente, pode-se perceber a importância da música e do porque ela torna-se tão necessária às pessoas. Mais do que símbolo de boa educação ou simples diversão, ela pode ser considerada como alimento para o espírito e, ainda segundo Hegel, isso deve ocorrer independentemente da

aparência com a qual ela se manifeste, desde que cumpra sua finalidade última. Sendo ela “alimento” para o espírito, continuará a permanecer como um importante e necessário traço cultural, uma espécie de elo entre as pessoas e gerações.

A partir da década de vinte, diversificaram os modos e meios através dos quais a arte se utilizou para manifestar e propagar-se: o movimento modernista, que no Brasil culminou com a Semana de Arte Moderna, ocorrida em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, contribuiu com uma nova visão de estética e nacionalismo nas artes. Os gramofones e, posteriormente, as vitrolas e os rádios invadiram os lares e possibilitaram aos ouvintes um maior acesso e comodidade à música, mesmo porque muitas eram as casas especializadas que vendiam sempre novidades em discos ou de novos modelos de rádios.*

Porém, em meio a toda essa modernização e comodidade, o que levou o piano a permanecer como parte integrante da cultura, uma vez que exigia todo um demorado preparo para a sua execução?

Ser capaz de tocar ou produzir música é muito mais desafiante e recompensador do que apenas ligar um aparelho que a reproduz. Para Eduard Hanslick, durante a criação musical o compositor vê-se animado por um estado de exaltação, através do qual se dá “la liberación de lo bello de las profundidades de la fantasia”.⁴⁵⁶ Para responder à criatividade do compositor, o piano pode ser considerado como um dos instrumentos mais completo, facilitando a criação de uma obra, pela sua riqueza de sons e variedade de possibilidades que comporta; servindo tanto para músicas populares quanto eruditas.

* Ver a revista ‘Ilustração Paranaense’ dos anos de 1928 a 1930.

Em um artigo publicado no **Diário da Tarde**, de 1921, o autor João Paulino comentava sobre as possibilidades do piano: um instrumento excepcional em que pode ser executada uma ópera completa, o que não seria possível, por exemplo, com uma harpa. “Alem disso”, continua o artigo, “sendo o piano um instrumento capaz de toda a maleabilidade, presta-se a imitação de toda e qualquer sonoridade”. Pode reproduzir sons de sinos, o sibilar dos ventos, uma tempestade e outros. “Possue, sobre todos os outros instrumentos, a vantagem de poder ouvir simultaneamente um grande numero de notas”. O piano chega a ser considerado pelo autor, como uma “REDUCÇÃO de orchestra”, dada a sua sonoridade e harmonia.⁴⁵⁷

Embora não seja uma necessidade primária para a sobrevivência do homem, é notória a importância que se reveste a música para a vida das pessoas e o papel que desempenha na sociedade. Sendo, no entanto, considerada um “alimento” para o espírito e satisfazendo um aspecto mais sofisticado do ser humano – o estético – torna-se um forte e necessário traço cultural.

Embora fosse grande a diversidade de instrumentos que ajudavam a produzir e executar músicas, desde os mais populares como o violão e a sanfona até os mais eruditos, violinos e violoncelos, foi, no entanto, o piano que alcançou a preferência da maioria dos segmentos da sociedade, devido à possibilidade de diversificação de propósitos. Pois, sendo o piano um instrumento rico em sons, com grande número de notas, que também podem ser tocadas ao mesmo tempo, é versátil, servindo para expressar o gosto popular e erudito.

A variedade de modelos foi também um dos fatores que auxiliavam na escolha de um piano. O produtor oferecia uma variada gama de produtos com os quais pretendia preencher as necessidades de cada consumidor. Sempre havia algum produto que se adequava ao espaço, ou propósito do comprador. Pianos verticais ou de cauda em diversos tamanhos e estilos ajustavam-se aos tamanhos das casas, ou às diferentes épocas.

Não apenas o piano encontra seu espaço, como também, devido à variedade de modelos e a diversidade nas possibilidades de aquisição, tudo incrementava o seu consumo. Uma variada tabela de preços facilitava ao consumidor a aquisição do produto. Modalidades de compra, desde pagamentos à vista, em mensalidades, através de consórcios, ou de produtos usados e até de aluguéis, permitiam um maior acesso à mercadoria.

A compra de um piano Essenfelder podia ser visto como a aquisição de um patrimônio. Devido à sua durabilidade e à facilidade de se manter contato com o fabricante, o que permitia uma assistência direta do próprio produtor, impedia-se que o produto perdesse seu valor original, endossado pela marca várias vezes premiada; seu valor, como obra de arte, também se mantinha, pois artesanalmente construído levava nas diversas peças a assinatura do artesão da própria fábrica, conservando sua categoria de instrumento original.

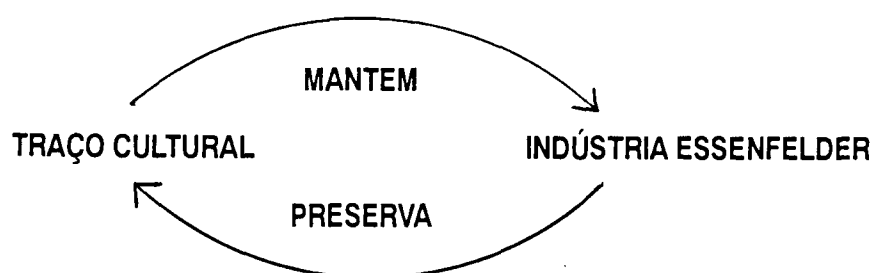
Portanto, os diversos estilos e modelos de pianos Essenfelder que se adaptavam, conforme a época e lugares, às diversas possibilidades para adquirir o produto e a facilidade de uma assistência direta do próprio fabricante, aumentavam sua aceitação no mercado. Deste modo, a crescente demanda de seus produtos possibilitava um maior fortalecimento e desenvolvimento da empresa. Conseqüentemente, significava que se conservava

um importante traço cultural, um estilo e uma mentalidade, que valorizavam a música como uma necessidade estética e espiritual da sociedade. Ao conservar tal traço, a indústria de pianos Essenfelder possibilitava a sua própria consolidação.

O desenvolvimento de uma economia está estreitamente ligado à satisfação de necessidades. Assim privilegiar o aspecto do desenvolvimento econômico levaria à uma visão parcial da realidade. Não se pode priorizar a estrutura econômica em detrimento do social, pois o que existe é uma interligação, uma reciprocidade de influências entre ambas as estruturas.⁴⁵⁸ Também Joseph Schumpeter ressalta a dependência da economia ao todo conjuntural quando afirma:

Em virtude dessa fundamental dependência do aspecto econômico das coisas sobre tudo o mais, não é possível explicar a transformação econômica somente pelas condições econômicas anteriores: pois o estado econômico de um povo não emerge exclusivamente das circunstâncias econômicas prévias, e sim da situação total precedente.⁴⁵⁹

Deste modo, ao satisfazer uma necessidade social e cultural, suprindo o mercado com seus pianos, a indústria Essenfelder estava mantendo a si mesma através do crescente comércio de seus produtos. Por conseguinte, a compra dos pianos, baseado numa necessidade cultural, forte traço de mentalidade e de tradição é que sustentava a empresa economicamente. Poderse-ia representar graficamente a dinâmica acima descrita, como



A relevância da indústria Essenfelder não se encontrava apenas na condição de preservar uma necessidade cultural. Quando uma empresa desenvolve-se, diversos outros setores da sociedade com os quais se relaciona, passam a ser beneficiados por esse crescimento.

Efetivamente, uma empresa, não é uma entidade que possua uma existência própria, impessoal e autônoma, isto é, desvinculada dos vários elementos que a constituem. Por outro lado, ela também não é apenas a soma desses elementos. Sua existência repousa na relação que existe entre eles, ou seja, será o modo como esses elementos se inter-relacionam que concorrerá para fundamentar a estrutura de uma empresa. Assim sendo, uma empresa é constituída e dinamizada pelas relações entre as pessoas que a compõem e destas com as técnicas e os instrumentos de trabalho e finalmente com o meio, no qual está inserida e do qual depende.

Assim, uma empresa sendo descrita como um **ser de relação**, sua estrutura é a **estrutura de uma relação**. Porém, para que ela funcione de forma eficiente e organizada deve existir um eixo direcionador sobre o qual se apóia. É este princípio ordenador que escolherá a melhor estruturação, ou tipo de relações, de acordo com o objetivo proposto. Cabe ao homem a melhor escolha de acordo com a meta a ser atingida, escolha essa que se vincula apenas à vontade do homem, pois que é este o ser de vontade.⁴⁶⁰

É o empresário quem se identifica com esse princípio ordenador, detentor da vontade de escolha e da melhor decisão em direção aos objetivos propostos. É ele quem implanta a diretriz a seguir e que coordena todas as atividades e relações unificadoras da empresa. É ele quem introduz, através da organização da empresa, a sua própria marca que lhe é inerente.

Foi este o papel que desempenhou Floriano Essenfelder enquanto empresário. Trouxera consigo da Alemanha uma característica própria, baseada no modelo corporativo: a marca que deixaria ligada à organização da empresa. Devido a esta estruturação, pai-mestre treinando filhos-operários, propiciou à indústria uma base sólida e que permitiu a seus filhos a possibilidade de darem segmento a seu ideal. Favorecendo a relação entre os elementos que formavam a indústria, possibilitou que ela atravessasse as diversas dificuldades que foram surgindo, independente de instalações apropriadas.

Quando Floriano Essenfelder faleceu, sua empresa já conseguira uma posição sólida e integrada junto à comunidade curitibana. Deixara de ser um devedor social, tanto do crédito obtido com capitalistas, quanto da comunidade que o acolhera, passando a gerir os seus negócios com auto-suficiência. Sua empresa compunha-se do Salão de Exposição, com um escritório central localizado nos fundos, situado à rua Quinze, e da fábrica, localizada no Juvevê, agora já no seu próprio terreno, e que pode ser conhecida através da descrição feita no jornal **A Republica**, de 1929, como homenagem a Floriano Essenfelder, por ocasião de seu falecimento:

E hoje, no mais florescente recanto de Curitiba – a admirável e luminosa capital do Paraná – na rua Graciosa, o visitante é atraído pela febril actividade, exercida numa fabrica de pianos, fundada pelo moço de então, o genial artista Floriano Essenfelder.

Ahi, onde o rangido das serras circulares levam a traçar gigantescas imbuyas; o malhar das bigornas, o ruido e o silvo dos motores e, finalmente, os accórdes desenhados de uma infinidade de pianos que são afinados ao mesmo tempo, ensurdecedoramente, foi que elle firmou o pé. E isso, porque só ahi a magnanima natureza lhe poude supprir da insuperavel imbuya – madeira indispensavel ao fabrico dos seus famosos pianos.

Percorrendo o interior da fabrica, terse-á occasião de

apreciar o transporte dos imensos tóros da privilegiada madeira, procedentes das extensas mattas pertencentes á firma Essenfelder e Cia*, e que se destinam á serraria, de onde, convenientemente aparelhados, vão passando, sucessivamente de uma secção á outra.

Numa, são fabricados os esqueletos, caixas harmónicas e caixas de pianos; noutra, os mechanicos habilmente confeccionam e armam as engenhosas machinas, acompanhando sempre os mais recentes progressos na matéria; em outra dependencia ocupam-se com o fabrico de teclados, bordoes e petrechos, e nas salas, aquecidas artificialmente, os lustradores conseguem dar ao brilho, elevado a supremo grau, uma tonalidade de immaculada pureza.

Procede-se, então, á montagem das machinas, afim de que os intraneurs (!) e afinadores, em sua impecavel perícia, possam, concluir os instrumentos que, pela sua admiravel perfeição e excelencia de sonoridade, honram a arte e a industria de um paiz, oferecendo ensejo aos consagrados mestres, abalizados interpretes do teclado, como A. Braelowsky, George Boskoff, N. Orloff, Luba d'Alexandrowska, Maria Carreras, Arthur Rubinstein, Barroso Netto, Henrique Oswald, Enrico Caruso, Alberto Nepomuceno, Charley Lachmund e tantos outros, para lhe tecerem (!) rasgados gabos, que são o sello da justiça.

Floriano Essenfelder, que durante cerca de quarenta annos exerceu uma actividade sem pausas á testa da fabrica que elevou, com raro e lucido descortino, a um grau de prosperidade invejavel, succumbiu a 19 de fevereiro ultimo, legando sua obra aos filhos srs. Frederico, Hellmuth e Carlos**, que, pela cultura e amor á nobre e divina arte musical, saberão honrar-lhe o nome, sendo delle dignos sucessores e continuadores. (...)

E com as baladas do Rheno e com as lendas do Iguassú, com as vozes estranhas que ganha o vento acariciando os pinheiros da Allemanha e as araucarias do Paraná, fundiu Floriano Essenfelder, numa só, as almas das duas Patrias que elle amou: a do seu berço e a do seu tumulo – alma que é uma torrente de melodias e uma fonte de emocional e puro gozo.

Pela voz privilegiadamente harmoniosa dos seus pianos, falará sempre esse nobre, esse grande, esse genial artista aos filhos de todas as raças, ás raças de todos os sóes.⁴⁶¹

E a “harmoniosa voz” dos pianos Essenfelder continuaria “falando”.

A partir de 1930, uma nova fase iniciava-se, não só para a indústria Essenfelder como também para a conjuntura brasileira. Nesse período a

* Em nenhum outro documento foi encontrado comentários que justifique tal afirmação. Ao contrário, inúmeros são os anúncios da Essenfelder oferecendo-se para comprar imbuia; ver: COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 11 abr. 1919, p.2.

** Carlos Essenfelder foi admitido à sociedade a partir da Alteração de Contrato nº 6.069 de 14 jan. 1929, 3ª cláusula.

empresa enfrentaria problemas internos e externos, porém, ao superar tais desafios, conquistaria uma série de triunfos e realizações.

O Bairro Juvevê havia crescido devido às atividades dos que ali se instalaram, proporcionando empregos e atraindo novos moradores. A linha de bonde Juvevê ligava o bairro ao centro de Curitiba, que progredia juntamente com o desenvolvimento do Estado, “podemos afirmar, como o resultado de uma observação segura, que o Paraná apresenta no momento um auspicioso desenvolvimento econômico, em face do sensível aumento das suas fontes de produção e melhor e maior distribuição da riqueza pública”.⁴⁶² Carros (automóveis) Ford, Oldsmobile e Studebaker percorriam as ruas da cidade, que já possuía sua Universidade funcionando em prédio próprio, na Praça Santos Andrade, desde 1914.⁴⁶³

O número de casas comerciais, de indústrias e de profissionais liberais teve um significativo aumento, como menciona o **Almanach do Paraná**, de 1929; 17 lojas de armarinho; 41 açougues; 89 casas de calçados e artigos em couro; 70 casas de comércio de ‘fazendas’; 158 indústrias, sendo: de madeira, de herva-mate, de café, de comestíveis, de móveis, tecidos, telhas e outros; 5 fundições que assessoravam essas indústrias; 10 bancos, que serviam ao sempre crescente público, e contava ainda com o auxílio de 79 escritórios (dos mais diversos negócios) e com 31 advogados.⁴⁶⁴

Apesar da crise da Bolsa de Nova York, ocorrida em 1929, que trouxera uma recessão mundial ter afetado também Curitiba, atingindo comerciantes e industriais, uma série de decretos governamentais veio aliviá-los de certos impostos, proporcionando-lhes um respaldo que permitiu

ultrapassar o momento crítico.⁴⁶⁵ A indústria Essenfelder não foi exceção, também precisou enfrentar e superar essa nova crise, como relata Frederico Essenfelder;

Nos anos seguintes, 1930, 1931 e 1932, novamente, enorme crise vem abalar a existência dessa indústria. A concorrência do rádio, afetando a indústria mundial de pianos, quase leva, outra vez, nossa firma à liquidação. Para evitar um desfecho dessa significação, Bertoldo Hauer retira-se da firma de modo nobre e cavalheiresco, depois de 22 anos de trabalho em prol do nome Essenfelder. Ficamos em situação precária, mas em compensação, Essenfelder se emancipava e entrava na posse dos seus bens morais e materiais. Lentamente, o piano foi reconquistando seu lugar, nossa marca projetou-se de maneira extraordinária, a qualidade dos pianos, sua sonoridade, acabamento esmerado, perfeição técnica, fizeram fôsem conferidos sempre, os maiores prêmios em tôdas as Exposições que participava, atingindo a obtenção do "Grand Prix" em Paris, no ano de 1937, em confronto com as mais renomadas e antigas fábricas de pianos do mundo.⁴⁶⁶

Fora, sem dúvida, o "Grand Prix", medalha de ouro recebida em Paris, o grande triunfo ao reconhecimento internacional da realização do ideal um dia sonhado por Floriano Essenfelder. Diversos outros prêmios de medalhas e menções obtidas, continuaram a atestar a qualidade dos pianos Essenfelder,⁴⁶⁷ sendo, porém, o coroamento da sua obra a comemoração do centenário da fundação da empresa, em 1990.⁴⁶⁸

NOTAS DE REFERÊNCIA CAPÍTULO 3

1. KRETZEN, João. As grandes potências econômicas no Estado do Paraná. 2.ed. Curitiba, Escritório Sul-Brasil Econômico Ltda, 1951. p.447.
2. BASBAUM, Leôncio. História sincera da República: das origens até 1889. 4.ed. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1982. v.1, p.273.
3. _____, p.275.
4. PAIM, Antonio. História das idéias filosóficas no Brasil. 3.ed. São Paulo, Convívio; Brasília, Instituto Nacional do Livro e Fundação Nacional Pró-memória, 1984. p.433.
5. _____, p.434-9.
6. BAUSBAUM, p.272-5.
7. _____. História sincera da República: de 1889 a 1930. 4.ed. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976. v.2, p.17.
8. _____. _____. v.1, p.276.
9. COMTE, Auguste. Catecismo Positivista. In: _____. Os Pensadores. Trad. Miguel Lemos. São Paulo, Ed. Abril, 1973. v.XXXIII. p.130.
10. PAIM, p.445.
11. COMTE, p.266.
12. BAUSBAUM, História..., v.2, p.19.
13. _____. _____. v.2, p.23.
14. _____. _____. v.2, p.24.
15. CARONE, Edgard. A República velha: evolução política (1889-1930). 3.ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1977. v.II, p.66.
16. _____. p.70.
17. BAUSBAUM, História ..., v.2, p.26.
18. CARONE, p.78.

19. _____. p.100.
20. PENSAMENTO, Sandra J. A revolução federalista. São Paulo, Brasiliense, 1983. p.82-3.
21. CARONE, p.102.
22. CARONE, p.104.
23. PESAVENTO, p.86.
24. PEREIRA DE QUEIROZ, M. Isaura. O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976. p.121.
25. CARONE, p.106.
26. DOURADO, Ângelo. Voluntários do martírio: narrativa da revolução de 1893. 3.ed. fac-similada de 1896. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1977. p.23-4.
27. CARONE, p.106.
28. CARONE, p.117.
29. BASBAUM, História..., v.2, p.28.
30. PESAVENTO, p.93.
31. CARONE, p.120.
32. CARONE, p.156.
33. BASBAUM, História..., v.2. p.45.
34. COMTE, Auguste. Discurso sobre o espírito positivo. In: _____. Os pensadores. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo, Ed. Abril, 1973. v.XXXIII. p.49-64.
35. PESAVENTO, p.55.
36. _____. p.55.
37. BASBAUM, História..., v.2. p.33-4.
38. TANNURI, Luiz A. O encilhamento. São Paulo, HUCITEC e Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1981. p.50.
39. _____. p.128.
40. PESAVENTO, p.65.
41. BASBAUM, História..., v.2, p.37.

42. PRADO JR., Caio. História econômica do Brasil. 12.ed. São Paulo, Brasiliense, 1970. p.220.
43. HISTÓRIA dos pianos Essenfelder. A divulgação. Curitiba, ano III:n.p., set./nov. 1950.
44. SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do Desenvolvimento econômico. Trad. Laura Schlaepper. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura S.A., 1961. p.97.
45. _____, p.140.
46. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
47. _____, n.p.
48. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro, MEC-INEP, 1964. p.219.
49. _____. p.210.
50. DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo: 1880-1945. 2.ed. Trad. Octavio Mendês Cajado. São Paulo, DIFEL, p.29.
51. PEREIRA DE QUEIROZ, p.192.
52. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
53. _____. n.p.
54. _____. n.p.
55. WILLEMS, Emilio. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2.ed. São Paulo, Ed. Nacional - INL/MEC, 1980. p.33.
56. WITTER, José Sebastião, org. Idéias políticas de Francisco Glicério. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa - Senado Federal, 1981. v.2, p.34-5.
57. DIÉGUES JR., p.25.
58. _____, p.23.
59. _____, p.27.
60. _____, p.70-71.
61. WILLEMS, p.265.
62. ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969. v.2, p.573-84.

63. _____. p.580.
64. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
65. _____. n.p.
66. _____. n.p.
67. _____. n.p.
68. _____. n.p.
69. _____. n.p.
70. _____. n.p.
71. _____. n.p.
72. _____. n.p.
73. SCHUMPETER, p.107.
74. MELLO, Esther Essenfelder C. A história dos pianos Essenfelder. Curitiba, s.ed., 1982. p.79.
75. _____. p.79.
76. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
77. PIANOS nacionaes. Diario da Tarde, Curitiba, 31 ago. 1910. p.2.
78. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
79. _____, n.p.
80. ROCHE, v.1, p.192.
81. MELLO, p.43-4.
82. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
83. _____, n.p.
84. VICTOR, Nestor. A terra do futuro: impressões do Paraná. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, 1913. p.154.
85. MELLO, Esther E.C. Entrevista com Esther Essenfelder. Curitiba, 1987. Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som em 30 jan. 1987.
86. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
87. PIANOS nacionaes. Diario da Tarde, Curitiba, 31 ago. 1910. p.2.

88. CORREIA, Leoncio. Os pianos paranaenses. A Republica, Curitiba, 28 mai. 1929. p.1.
89. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
90. FRANCIOSI, Eddy A. Os pioneiros II. Indústria. Curitiba, 2(9):61-70, mai. 1976.
91. MELLO, Entrevista com..., 30 jan. 1987.
92. BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. Cabral - Juvevê: os bairros na história da cidade. Curitiba, n.62, fev. 1982. p.5-11.
93. _____. p.8.
94. LEÃO, Ermelino A. de. Contribuições históricas e geográficas para o dicionário do Paraná. Emp. Graphica Paranaense, 1928. v.1, p.232.
95. BOLETIM INFORMATIVO..., p.29-31.
96. VICTOR, p.135-68.
97. _____, p.164.
98. PARANÁ. Governo. 1908-1912 (Xavier da Silva). Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva Presidente do Estado do Paraná em 31 de Dezembro de 1911 pelo Secretário de Finanças, Commercio e Industrias Joaquim P.P. Chichorro Junior. Curytiba, Typ. D"“A Republica”, 1911. p.84-5.
99. _____. _____. Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva Presidente do Estado do Paraná em 31 de Dezembro de 1910 pelo Secretario de Finanças, Commercio e Industrias Joaquim P.P. Chichorro Junior. Curityba, Typ. D"“A Republica”, 1911. p.30.
100. _____. _____. p.30.
101. _____. _____. p.30.
102. _____. _____. p.9.
103. _____. _____. p.8.
104. _____. _____. p.8.
105. _____. _____. p.8-9.
106. LUZ, Nícia Vilela. A luta pela industrialização do Brasil. 2.ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1978. p.54.
107. _____. p.68.
108. VICTOR, p.138.

109. _____, p.154.
110. _____, p.154.
111. _____, p.155.
112. _____, p.155.
113. FRANCIOSI, p.63.
114. _____, p.63-4
115. VICTOR, p.156-7.
116. _____, p.155.
117. BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecilia M. História do Paraná. Curitiba, GRAFIPAR, 1969. v.3, p.30.
118. _____. p.65.
119. PADIS, Pedro Calil. Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná. São Paulo, HUCITEC; Curitiba, Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981. p.72-3.
120. LINHARES, Temístocles. História econômica do mate. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p.3.
121. _____, p.3-4.
122. PADIS, p.44.
123. BALHANA, MACHADO, WESTPHALEN, p. 136.
124. _____, p.131-2.
125. PADIS, p.50.
126. _____, p.50.
127. _____, p.67.
128. LINHARES, p.332.
129. _____, p.194-5.
130. COSTA, Odah Regina Guimarães. Ação empresarial do Barão do Serro Azul. Curitiba, Grafipar - Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981. p.53-4.
131. BALHANA, MACHADO, WESTPHALEN, p.132.
132. _____, p.133.

133. FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 18.ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1982. p.144.
134. LINHARES, p.201.
135. BALHANA, MACHADO, WESTPHALEN, p.184.
136. _____, p.168.
137. LINHARES, p.205.
138. DIEGUES JR., p.135.
139. _____, p.210.
140. _____, p.211.
141. _____, p.211.
142. MARTINS, Wilson. Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo, Ed. Anhembi Ltda. 1955. p.144.
143. OBERACKER JR., Carlos H. A contribuição teuta à formação da nação brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Presença, 1968. p.438-9.
144. BALHANA, MACHADO, WESTPHALEN, p.154.
145. Citado por BALHANA, MACHADO, WESTPHALEN, p.155-6.
146. VICTOR, p.124.
147. _____, p.115.
148. _____, p.114.
149. _____, p.121-4.
150. _____, p.117.
151. SABÓIA, América da Costa. Curitiba de minha saudade :1904-1914. Curitiba, 1978. 92p.
152. _____, p.15-6.
153. VICTOR, p.137.
154. SABÓIA, p.13.
155. VICTOR, p.199-203.
156. _____, p.128.
157. _____, p.129.

158. CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil. 2.ed. São Paulo, Difel, 1972. p.133.
159. _____, p.50.
160. ALMANACH DO PARANÁ PARA 1912. Curityba, v.13, 1912, p.1-272.
161. WILLEMS, p.234.
162. OBERACKER, Carlos H. A colonização baseada no regime de pequena propriedade agrícola. In: História geral da civilização brasileira: O Brasil monárquico: reações e transações. São Paulo, Difel, 1969. v.3, p. 220-244.
163. MARTINS, p.207-8.
164. VICTOR, p.165.
165. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
166. _____, n.p.
167. _____, n.p.
168. _____, n.p.
169. DIARIO DA TARDE, Curityba, 13 jan. 1909. p.4.
170. _____, 23 dez. 1909. p.3.
171. _____, 29 abr. 1910. p.3.
172. _____, p.3.
173. _____, 17 mai. 1910. p.2.
174. _____, 25 jun. 1910. p.3.
175. _____, 4 nov. 1910. p.3.
176. PIANOS paranaenses. Diario da Tarde, Curityba, 7 nov. 1910. p.1.
177. _____, p.1.
178. VELLOSO, D. Duarte. Exposição Internacional de Turim. Diario da Tarde, Curityba, 18 nov. 1910. p.1.
179. _____, p.1.
180. DIARIO DA TARDE, Curityba, 19 mai. 1910. p.2.
181. SCHUMPETER, p.104.

182. _____, p.140.
183. _____, p.140-1.
184. _____, p.146.
185. _____, p.165.
186. SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. 3.ed. Trad. Maria Silvia Possas. São Paulo, Nova Cultural, 1988. p.81.
187. _____, _____. 3.ed. p.72.
188. CARONE, Edgard. A República velha: instituições e classes sociais. 4.ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1978. v.I. p.81.
189. SUZIGAN, Wilson, Indústria brasileira: origem e desenvolvimento. São Paulo, Brasiliense, 1986. p.83-4.
190. PRADO JR., p.263-4.
191. MELLO, João Manuel Cardoso de. O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. p.143.
192. _____, p.147.
193. PRADO JR., p.263.
194. PADIS, p.54.
195. _____, p.79.
196. BASBAUM, v.2, p.91.
197. _____, p.91.
198. DEAN, p.27. Sobre o assunto ver também: SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1974.
199. _____, p.27.
200. DOBB, Maurice. A evolução do capitalismo. 9.ed. Trad. Manuel do Rêgo Braga. Rio de Janeiro, Zahar, 1983. p.132.
201. ALMANACH DO PARANÁ PARA 1906. Curityba, v.9, 1906. p.1-272.
202. DIARIO DA TARDE. Curityba, 23 dez. 1909. p.3.
203. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.

204. DIARIO DA TARDE, Curityba, 6 jul. 1911. p.3.
205. PARANÁ. Leis, decretos, etc. Junta Comercial do Estado do Paraná. contrato n. 1.086 – 16 mar. 1911. Regulamenta o contrato Social da firma F. Essenfelder e Cia. Curityba, 16 mar. 1911. v. Contratos de 1911 a 1912, nºs 1057 a 1219.
206. MELLO, Entrevista com..., 30 jan. 1987.
207. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
208. A DIVULGAÇÃO PARANAENSE. O Paraná seus homens e suas empresas. 2.ed. Curitiba, 1966. Suplemento especial.
209. MELLO, A história dos pianos..., p.30.
210. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
211. DIARIO DA TARDE, Curityba, 13 jan. 1912. p.2. Ver também: 10 fev. 1912. p.3.
212. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
213. PARANÁ. Leis, decretos, etc. Junta comercial do Estado do Paraná. distrato nº 2.205, 15 mai. 1920. Regulamenta o contrato de dissolução de sociedade da firma F. Essenfelder e Cia., Curityba, 15 mai. 1920. v. Distratos de 1919 a 1921, nºs 1978 a 2689.
214. EXPOSIÇÃO Internacional de Turim: premios aos expositores paranaenses, Diario da Tarde, Curityba, 22 jan. 1912. p.1.
215. MELLO, A história dos pianos..., p.30.
216. AS INDUSTRIAS paranaenses: o sucesso alcançado na Europa. Comercio do Paraná, Curityba, 17 dez. 1912. p.1.
217. MELLO, A história dos pianos..., p.24 e 30.
218. _____, p.30 e 37-8.
219. LODI, João Bosco. A empresa familiar. 2.ed. São Paulo, Pioneira, 1986. p.62.
220. WILLEMS, p.302-7.
221. MELLO, A história dos pianos..., p.31.
222. _____. Entrevista com..., 30 jan. 1987.
223. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
224. _____, n.p.

225. PERROUX, François. O capitalismo. 2.ed. Trad. Gerson de Souza. São Paulo, DIFEL, 1970. p.83.
226. DIARIO DA TARDE, Curityba, 24 fev. 1912. p.4.
227. _____, Curityba, 10 ago. 1912. p.3; COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 22 dez 1912. p.2.
228. A INDUSTRIA paranaense: os pianos Essenfelder. Commercio do Paraná, Curityba, 27 dez. 1912. p.2.
229. _____, p.2.
230. LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 4.ed. São Paulo, Pioneira Ed. 1983. p.14.
231. LUZ, p.73-97.
232. MELLO, A história dos pianos..., p.30.
233. _____, p.30.
234. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
235. MELLO, A história dos pianos..., p.30.
236. UMA INDUSTRIA que nos honra: fabricação de pianos. Diario da Tarde, Curityba, 17 set. 1912. p.1.
237. EXPOSIÇÃO de pianos Essenfelder na Casa Victrix. Diario da Tarde, Curityba, 26 jun. 1912. p.3.
238. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 9 jan. 1913. p.2.
239. ESTRADA da Graciosa. Diario da Tarde. Curityba, 10 abr. 1912. p.1.
240. SOLHEID, A. A dupla iluminação da cidade. Commercio do Paraná, Curityba, 23 jul. 1913. p.2.
241. BORGES, Generoso. Os bonds electricos. Commercio do Paraná, Curityba, 8 jan. 1913. p.1.
242. PARANÁ. Governo. 1912-1916 (Cavalcanti de Albuquerque). Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado pelo Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado do Paraná, ao installar-se a 2ª sessão da 11ª Legislatura em 1 de fevereiro de 1913. Curityba, typ. do "Diario Oficial", 1913. p.47.
243. _____ . _____, p.47.
244. _____ . _____, p.48-54.
245. _____ . _____, p.54.

246. AS NOSSAS industrias: visita a algumas fabricas. Diario da Tarde, Curityba, 9 jan. 1913. p.1.
247. _____. p.1.
248. DOBB, p.227.
249. LIMA, Heitor Ferreira. História político-econômica e industrial do Brasil. 2.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976. p.327.
250. NIVEAU, Maurice. História dos fatos econômicos contemporâneos. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo. DIFEL, 1969. p.197.
251. PARANÁ. Mensagem de 1913 apresentada pelo Dr. Carlos Cavalcanti..., p.47-8.
252. _____. _____, p.48.
253. A CARESTIA em Coritiba. Diario da Tarde, Curityba, 28 fev. 1913. p.1.
254. A REVOLUÇÃO da fome. Diario da Tarde, Curityba, 14 mar. 1913. p.1.
255. _____. 15 mar. 1913. p.1.
256. DIARIO DA TARDE, Curityba, 5 abr. 1913. p.3; COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 25 mar. 1913. p.3.
257. _____, 19 mar. 1913. p.3.; _____, 20 mar. 1913. p.2.
258. _____. 2 jun. 1913. p.2.
259. OS PIANOS Essenfelder. Commercio do Paraná, Curityba, 7 jun. 1913. p.2.
260. _____. p.2.
261. _____. p.2.
262. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 8 ago. 1913. p.1.
263. _____, 20 ago. 1913. p.3; DIARIO DA TARDE, Curityba 19 ago. 1913. p.6.
264. _____, 21 ago. 1913. p.2.
265. _____, 10 out. 1913. p.3. DIARIO DA TARDE, Curityba, 11 out. 1913. p.4.
266. _____, 12 out. 1913. p.12.
267. PIANOS AUTOMATICOS "Essenfelder". Commercio do Paraná, Curityba, 13 nov. 1913. p.2.

268. MELLO, A história dos pianos..., p.31.
269. A ESCOLA MUSICAL do Paraná. Commercio do Paraná, Curityba, 14 jan. 1914. p.3.
270. MELLO, A história dos pianos..., p.31.
271. DIARIO DA TARDE, Curityba, 12 jan. 1914. p.7.
272. MELLO, A história dos pianos..., p.31.
273. DIARIO DA TARDE, Curityba, 14 fev. 1914. p.5.
274. _____, 17 fev. 1914. p.5.
275. A CRISE. Commercio do paraná, Curityba, 1 ago. 1914. p.2.
276. _____. p.2.
277. _____. p.2.
278. A EMISSÃO. Commercio do Paraná, Curityba, 30 ago. 1914. p.2.
279. PRADO JR., p.264-5.
280. Além dos jornais da época, ver também Mensagem de 1913 apresentada pelo Dr. Carlos Cavalcanti. p.10-3.
281. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 16 fev. 1915. p.1.
282. PARANÁ. Governo. 1912-1916 (Cavalcanti de Albuquerque). Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná pelo Exmo. Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado, ao instalar-se a 2ª sessão da 12ª Legislatura em 1º de fevereiro de 1915. Curityba, typ. d' "A Republica", 1915. p.36.
283. MELLO, A história dos pianos..., p.67.
284. RICHARD, Lionel. A República de Weimar, 1919-1933. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo, Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1988. p.14-6.
285. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 10 mar. 1915. p.3.
286. OS PIANOS paranaenses. Commercio do Paraná, Curityba, 22 abr. 1915. p.2.
287. DIARIO DA TARDE, Curityba, 4 jan. 1916. p.6.
288. UMA VICTORIA da industria paranaense. Diario da Tarde, Curityba, 29 jan. 1916. p.2.
289. DIARIO DA TARDE, Curityba, 31 jan. 1916. p.3.

- 290 _____. 24 jun. 1916. p.2; COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 25 jun. 1916. p.2.
291. AS INDUSTRIAS no Paraná: Pianos Essenfelder. Diario da Tarde, Curityba, 7 abr. 1917. p.2.
292. _____. p.2.
293. RESTOS DA guerra para o Brasil. Commercio do Paraná, Curityba, 18 jan. 1916. p.1.
294. _____. p.1.
295. INDUSTRIA paranaense. Diario da Tarde, Curityba, 18 mai. 1916. p.1.
296. GUERRA EUROPEA: O Bloqueio Continental. Commercio do Paraná, Curityba, 3 fev. 1917. p.1-2.
297. DIARIO DA TARDE, Curityba, 9 abr. 1917. Encarte especial de ultima hora.
298. A COLONIA ALLEMÃ vai manifestar solidariedade ao governo!?... Diario da Tarde, Curityba, 2 mai. 1917. p.1.
299. HAUER, Arthur. Foi descoberto o aeroplano mysterioso. Diario da Tarde, Curityba, 10 mai. 1917. p.2.
300. O BRASIL na conflagração. Commercio do Paraná, Curityba, 26 out. 1917. p.1; O BRASIL na guerra. Diario da Tarde, Curityba, 26 out. 1917. p.1.
301. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 30 out. 1917. p.1.
302. CUIDADO com os Boches! Commercio do Paraná, Curityba, 28 nov. 1917. p.2.
303. ABAIXO o que é boche! Commercio do Paraná, Curityba, 17 nov. 1917. p.1.
304. GUERRA ao commercio allemão. Commercio do Paraná, Curityba, 7 dez. 1917. p.1.
305. FARIA, Gastão. Vamos fazendo justiça a industria nacional. Diario da Tarde, Curityba, 29 ago. 1917. p.1.
306. LIMA, p.328.
307. CARRION JR., Francisco M. O modelo brasileiro: impasses e alternativas. Porto Alegre, Ed. Zheta, 1975. p.44.
308. PRADO JR., p.288-90.

309. Z.Renascimento industrial. Commercio do Paraná, Curityba, 26 abr. 1918. p.2.
310. _____. p.2.
311. _____. p.2.
312. _____. p.2.
313. _____. p.2.
314. _____. p.2.
315. UMA IMPORTANTE industria nacional. Diario da Tarde, Curityba, 17 nov. 1917. p.1.
316. _____. p.1.
317. A INDUSTRIA paranaense no rio. Commercio do Paraná, Curityba, 12 jul. 1918. p.1.
318. MELLO, A historia dos pianos...,p.17.
319. A INDUSTRIA..., Commercio do Paraná, Curityba, 12 jul. 1918. p.1.
320. COMMERCIO DO PARANA, Curityba, 11 abr. 1919. p.2; DIARIO DA TARDE, Curityba, jun-set. 1919.
321. INOYE, Mario Takao et alii. Projeto madeira do Paraná. Curitiba, Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná – FUPEF, 1984. p.128-33.
322. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 4 jan. 1913. p.2.
323. ASSUMPÇÃO, Pamphilo. Audição musical. Commercio do Paraná, Curityba, 30 jul. 1918. p.1; ver AUDIÇÃO de piano. Diario da Tarde, Curityba, 4 ago. 1919. p.2.
324. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
325. CARRION, p.45-6.
326. DIARIO DA TARDE, Curityba, 23 abr. 1919. p.1.
327. PARANÁ. Leis, decretos, etc. Junta Comercial do Estado do Paraná. Contrato nº 2.206 – 15 mai. 1920. Regulamenta o Contrato Social da firma F. Essenfelder e Cia. Curityba, 15 mai. 1920. v. contratos de 1920 a 1921, nºs 2135 a 2329.
328. Conforme Contrato Social de 15 mai. 1920, em anexo.
329. _____.
330. MELLO, A história dos pianos..., p.29.

331. _____. p.29.
332. SCHUMPETER, p.119.
333. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 20 mar. 1921. p.3. (Publicado também nos meses de março e abril de 1921); DIARIO DA TARDE, Curityba, 15 mar. 1921. p.4. (ver também dezembro de 1921).
334. PIANOS Essenfelder. Commercio do Paraná, Curityba, 8 jul. 1920. p.1.
335. MELLO, A história dos pianos..., p.82.
336. DIARIO DA TARDE, Curityba, 11 jun. 1921. p.2; COMMERCIO DO PARANA, Curityba, 14 jun. 1921. p.2.; MELLO, A história dos pianos..., p.82.
337. REFERÊNCIA: EM PLANEJAMENTO, Curityba, v.3, n.13, out-dez. 1980, p.137-62.
338. _____, p.115; sobre Luba d'Alexandrowska, ver MELLO, História dos pianos..., p.39-41.
339. LUBA D'ALEXANDROWSKA. Commercio do Paraná, Curityba, 29 jul. 1920. p.1.; LUBA D'ALEXANDROWSKA. Commercio do Paraná, Curityba, 3 ago. 1920 p.2.
340. OS PIANOS do Paraná. Diario da Tarde, Curityba, 24 dez. 1921. p.1. MELLO, A história dos pianos..., p.15.
341. DIARIO DA TARDE, Curityba, 23 dez. 1921. p.2.
342. _____, 24 dez. 1921, p.1; COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 24 dez. 1921. p.1.
343. BARATA, Agildo. Vida de um revolucionário: memórias. 2.ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1978. p.65.
344. CARONE, A República velha. v.II, p.356-63.
345. SODRÉ, Nelson W. A coluna Prestes: análise e depoimentos. São Paulo. Círculo do Livro. p.1-111.
346. AS COMMEMORAÇÕES do Centenário. Diario da Tarde, Curityba, 23 ago. 1922. p.1.
347. OS PIANOS "Essenfelder" na Exposição do Centenário. Diario da Tarde. Curityba, 2 set. 1922. p.1.
348. _____.p.1.; MELLO, História dos pianos..., p.85.
349. _____.p.1.

350. A FREQUENCIA da Exposição do Centenário. Diario da Tarde, Curityba, 30 jul. 1923. p.1.
351. MELLO, A história dos pianos..., p.15 e 85.
352. Sobre preparativos das comemorações do centenário, ver Diario da Tarde, Curityba, ago-set. 1922.
353. PARANÁ. Leis, decretos, etc. Lei nº2.122-28 mar. 1922. Regulamenta a isenção por cinco anos do imposto de exportação para os produtos da fábrica de pianos Essenfelder. Estado do Paraná – Leis de 1922, Curityba, typ. da “Republica”, 1922. p.23.
354. DIARIO DA TARDE, Curityba, 6-7 set. 1922.
355. UMA AUDIÇÃO no Salão Essenfelder. Diario da Tarde, Curityba, 21 dez. 1922. p.1.
356. SERÃO DE ARTE. Diario da Tarde, Curityba, 16 abr. 1923. p.1; SARAU DE ALUNAS de Luba d’Alexandrowska. Comercio do Paraná, Curityba, 17 abr. 1923. p.1.
357. CARRION, p.46-7.
358. LUZ, p.159.
359. NIVEAU, P.212-3.
360. FARIA, Gastão. Só é bom o artigo de fabricação estrangeira. Diario da Tarde, Curityba, 12 dez. 1919. p.1.
361. PRADO JR., p.291.
362. LIMA, p.330-1; ver também: HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte. São Paulo, Global Ed., 1982. p.57.
363. NIVEAU, p.215; DOBB, p.229-39.
364. DECADENCIA INDUSTRIAL. Comercio do Paraná, Curitiba, 18 jun.1920. p.1.
365. PINHEIRO, Nuno. A crise econômica e financeira universal. Album do Paraná, Curitiba, 3(14):n.p., 1921.
366. _____. n.p.
367. _____. n.p.
368. TAVARES, Maria da Conceição. Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre economia brasileira. 11.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983. p.29-124.; ver citação 309.

369. _____. p.29-124.
370. _____. p.29-124.
371. CARONE, A república velha, v.I, p. 72-95.
372. LUZ, p.201.
373. CARONE, A república velha, v.I, p.82.
374. _____, _____, v.I, p.82.
375. TAVARES, p.59-62.
376. _____, p.40-1.
377. DIARIO DA TARDE, Curityba, 14 ago. 1920. p.4.
378. _____. 10 mar. 1923. p.4.
379. _____. 12 mar. 1923 p.3.
380. _____. fev. 1923.
381. _____. 14 jul. 1923. p.2; COMMERCIO DO PARANA, Curityba, 19 jul. 1923. p.2.
382. _____. 17 jul. 1923. p.2.
383. MELLO, A história dos pianos..., p.31.
384. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
385. _____, n.p.
386. _____, n.p.
387. LODI, p.6.
388. MELLO, Entrevista com..., 30 jan. 1987.
389. ASSUMPÇÃO, Pamphilo. Industrias paranaenses. Commercio do Paraná. Curityba, 19 set. 1924. p.1.
390. _____. p.1.
391. _____. p.1.
392. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 11 dez. 1924. p.3.
393. GAZETA DO POVO, Curityba, out-dez. 1926.
394. _____, jul-set. 1926.

395. OS PIANOS Essenfelder. Commercio do Paraná, Curityba, 18 fev. 1925. p.1.
396. LUZ, p.201-2.
397. MONTEIRO, Antenor de O. Industria paranaense: o melhor piano? Diario da Tarde, Curityba, 24 nov. 1927. p.2.
398. PARANÁ. Leis, decretos etc. Lei nº 2.453 – 26 mar. 1927. Regulamenta a prorrogação por três anos da isenção do imposto de exportação para os pianos Essenfelder. Estado do Paraná-Leis de 1927, Curityba, Placido e Silva e Cia Ltda, 1927. p.15.
399. UMA LIGEIRA PALESTRA com o proprietario da fabrica: o Sr. Essenfelder com desejos de mudar sua fabrica para o Rio ou S. Paulo. Diario da Tarde. Curityba, 22 mar. 1927. p.2.
400. _____. p.2.
401. DIARIO DA TARDE, Curityba, 4 jun. 1927. p.6.
402. _____. 19 mai. 1927.p.4.
403. CARONE, A república velha, v.I, p.127-9.
404. GAZETA DO POVO, Curityba, 1 jul. 1928. p.8.
405. BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. 4.ed. Trad. Rui Nazaré. Lisboa, Ed. Presença Ltda, 1982. p.14.
406. SCHUMPETER, p.13.
407. GAYMAR, Konstantin. História del piano y de sus grandes maestros. Buenos Aires, Ed. Centurión, 1945. p.23-33.
408. HOBBSAWM, Eric J. A era do capital: 1848-1875. 3.ed. Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982. p.243.
409. WESTPHALEN, Cecília M. e Balhana, Altiva P. Lazeres e festas de outrora. Curitiba, SBPH-Pr, 1988. p.20.
410. COSTA, Lena Castello Branco F. Arraial e Coronel: dois estudos de história social. São Paulo, Ed. Cultrix, 1978. p.167.
411. NASCIMENTO, Domingos. Pela fronteira. Curitiba, typ.d'A Republica, 1903. p.71-2. Nota: a referência de Domingos Nascimento de ser o piano de Frederico Wismond o primeiro a entrar no Paraná, em 1840, entra em contradição com os dados de Westphalen e Balhana, pois Lourenço Pinto de Sá Ribas já possuía um em data anterior.
412. RODERJAN, Roselys Vellozo. Aspectos da música no Parná. In: EL-KHATIB, Faissal, org. História do Paraná. Curitiba, Graphipar, 1969. v.3. p.171-205.

413. _____. Meio século de música em Curitiba. Curitiba, Ed. Lítero-Técnica, 1967. p.2.
414. _____. p.2.
415. WESTPHALEN e BALHANA, p.42. A citação entre aspas foi retirada pelas autoras do jornal O Dezenove de Dezembro, edição de 27 jun. 1884.
416. RODERJAN, Meio Século..., p.7.
417. WESTPHALEN e BALHANA, p.13 e 33.
418. _____. p.28.
419. MARTINS, p.217.
420. _____, p.217.
421. RODERJAN, Meio século..., p.8-9.
422. SABÓIA, p.19.
423. VICTOR, p.172.
424. RODERJAN, Meio século..., p.12.
425. SABÓIA, p.16.
426. MARTINS, p.219.
427. _____. p.219.
428. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 20 out. 1912. p.2.
429. _____. p.2.
430. _____. 13 out. 1912. p.2.
431. _____. 12 out. 1912. p.2.
432. WESTPHALEN e BALHANA, p.38.
433. REFERÊNCIA: EM PLANEJAMENTO, p.140.
434. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 28 mai. 1920. p.1.
435. REFERÊNCIA: EM PLANEJAMENTO, p.115.
436. RODERJAN, Meio século..., p.14.
437. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 31 out. 1912. p.1.
438. RODERJAN, Meio século..., p.15-6.

439. WESTPHALEN e BALHANA, p.35.
440. PARANÁ. Governo. 1924-1928 (Munhoz da Rocha). Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, ao instalar-se a 2ª sessão da 15ª Legislatura em 1 de fevereiro de 1921. Curityba, 1921. p.96.
441. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 9 jan. 1920. p.3.
442. _____. 11 jan. 1913. p.3.
443. PARANÁ. Governo. 1924-1928 (Munhoz da Rocha). Relatório da Secretaria Geral do Estado do Paraná, apresentado a sua Excellencia o Sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, por Alcides Munhoz, Secretario Geral d'Estado, referente aos serviços do Exercício Financeiro de 1923-24. Curityba, 31 dez. 1924. p.679-709.
444. SABÓIA, p.87.
445. REFERÊNCIA: EM PLANEJAMENTO, p.159.
446. _____. p.162-3.
447. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 13 ago. 1913. p.4.
448. PARANÁ. Leis, decretos, etc. Lei nº 2.643 – 10 abr. 1929. Regulamenta a criação da Academia de Belas Artes e do Conservatorio de Musica. Estado do Paraná – Leis de 1929, Curityba, Placido e Silva e Cia Ltda, 1929. p.50.
449. COMMERCIO DO PARANÁ, Curityba, 24 mar. 1914. p.2.
450. _____, 25 jul. 1914. p.2.
451. HANSLICK, Eduard. De lo bello en la musica. Trad. Alfredo Cahn. Buenos Aires, Ricordi Americana, 1947. p.82-9.
452. _____, p.15.
453. _____, p.23.
454. HEGEL, Georg Wilhelm F. Estética: a idéia e o ideal. In: _____. Os Pensadores. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo, Ed. Abril, 1974. v.XXX. p.105.
455. _____, p.105.
456. HANSLICK, p.82.
457. PAULINO, João. Os criticos de artes: piano. Diario da Tarde, Curityba, 10 jan. 1921. p.1.

458. GODELIER, Maurice. Horizontes da Antropologia. Trad. Carlos de Alameida Cabral. Lisboa, Edições 70. p.111-2.
459. SCHUMPETER, p.83.
460. REICHMANN, Ernani Corrêa. A empresa. Curitiba, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná, 1956. p.33-6.
461. CORREIA, Os pianos..., A Republica, Curityba, 28 mai. 1929. p.1.
462. PARANÁ. Governo. 1928-1930 (Alves de Camargo). Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná, pelo Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo, ao instalar-se a 2ª sessão da 19ª Legislatura em 1 de fevereiro de 1929. Curityba, 1929. p.35.
463. WACHOWICZ, Ruy Christovam. Universidade do mate: história da U.F.Pr. Curitiba, A.P.U.F.Pr., 1983. p.55.
464. ALMANACH DO PARANÁ PARA 1929. Curityba, 1929. n.p.
465. PARANÁ. Governo. 1928-1930 (Alves de Camargo). Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná, pelo Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo, ao instalar-se a 1ª sessão da 20ª Legislatura em 1 de fevereiro de 1930. Curityba, 1930. p.99-100.
466. HISTÓRIA dos pianos..., n.p.
467. MELLO, A história dos pianos..., p.15.
468. OS PIANOS ESSENFELDER vão ser atração em exposição na Caixa. Gazeta do Povo, Curitiba, 19 nov. 1989. p.21.

CONCLUSÃO

A trajetória de Floriano Essenfelder rumo á sua realização não se ateve apenas às cidades pelas quais passou. Ao acumular experiências, vencer adversidades para introduzir um novo produto no mercado e realizar seu ideal, fundando sua fábrica de pianos, fez com que aflorasse o empresário que havia em si. Assim, sua trajetória passou a ser, também, a da sua realização como empresário com características schumpeterianas.

Quando Floriano deixou a Prússia Oriental, trouxe consigo raízes que iriam influenciar sua vida. Amizades que se estreitaram através de seu casamento, proporcionando laços de parentesco que direcionaram sua viagem para Buenos Aires.

Berlim, não resta dúvida, proporcionou-lhe seus instrumentos de trabalho, os conhecimentos e técnicas que seriam desenvolvidos e aperfeiçoados no decorrer de sua jornada. A capital alemã não influenciou Floriano apenas a nível profissional, ao participar do crescente desenvolvimento econômico do Império Alemão, mas, também, a nível cultural, desenvolvendo um amor pela música, que se tornou o respaldo de seu ideal. Foi, também, na Alemanha que ele se defrontou com problemas relacionados com a sua saúde, obrigando-o a procurar novo lugar para viver.

Buenos Aires, capital escolhida devido a ligações profissionais e de parentesco, permitiu que Floriano iniciasse sua caminhada. Ao criar o seu

próprio produto, começou a atuar como um empresário schumpeteriano. As adversidades encontradas moveram-no em direção ao Brasil, onde pretendia encontrar o capital necessário para financiar as suas criações.

O início de sua estada no Brasil não foi menos adverso e difícil. Ao desembarcar no Rio Grande do Sul, tomou contato com a precária situação conjuntural pelo qual o país atravessava: uma República recém-instalada que ultrapassava as guerras de consolidação do novo regime e o fracasso econômico provocado pelo Encilhamento. Uma economia moldada no modelo agro-exportador que facilitava o comércio de produtos importados, dificultando a Floriano e a outros produtores da época concorrerem com os seus produtos no mercado. Um capitalismo incipiente e uma deficiente acumulação de capitais tornavam difícil um financiamento para a instalação de sua fábrica.

Porém, seu ideal não esmorecia. O piano era um traço cultural por demais importante e atrativo para as elites da época. A empresa de Floriano viria ao encontro dos ideais da burguesia, que detinha o poder econômico, político e social.

Curitiba permitiria a Floriano manifestar todo o seu potencial empresarial ao encontrar o capital que o auxiliaria na instalação de sua empresa. A cidade, no início do século, apresentava um pequeno surto industrial. A fundição Müller e Irmãos auxiliava a outras indústrias, que produziam móveis, massas, bebidas, num clima originado pelas riquezas obtidas através da erva-mate e da extração da madeira. Mão-de-obra imigrante e semi-especializada, facilidades em obter matéria-prima e uma mentalidade europeizada, de imigrantes que se apoiavam mutuamente, proporcionaram um ambiente propício ao desenvolvimento da comunidade curitibana.

Não apenas em Curitiba se desenvolvia a mentalidade voltada ao desenvolvimento do setor industrial. Vários empresários e políticos defendiam a idéia de um país mais progressista e independente economicamente. Mais indústrias fariam com que o Brasil não dependesse apenas da exportação de um produto: o café. Além disso, a Primeira Grande Guerra proporcionou o impulso para o desenvolvimento da indústria nacional com a substituição de produtos que se tornaram de difícil importação.

A diversificação de aplicação de recursos da burguesia ascendente, formada pelos grandes fazendeiros e comerciantes e, em Curitiba, principalmente por ervateiros e madeireiros, financiaram pequenas indústrias que cresceram com o advento da Grande Guerra.

Foi essa conjuntura que proporcionou a Floriano obter o capital para estabelecer e desenvolver a sua indústria de pianos através de Bertholdo Hauer, comerciante alemão, que diversificava seus empreendimentos.

De acordo com as idéias já apresentadas de Ernani Reichmann, "um empresário é aquele que sabe utilizar-se de três elementos: o técnico, o econômico e o jurídico". Floriano soube escolher a melhor técnica para seu produto, conforme comprovam os diversos depoimentos, prêmios e a aceitação pelo público dos pianos Essenfelder; soube valorizar seu produto e revestí-lo de caráter econômico ao auferir lucro pelo seu empreendimento; e jurídico, ao saber administrar internamente sua empresa e integrá-la ao contexto social.

Foi, porém, com as características de um empresário schumpeteriano que Floriano se sobressaiu, pois foi um transformador ao colaborar para o rompimento do equilíbrio econômico agro-exportador, dominante na

economia paranaense, forçando a economia a encaminhar-se para uma reestruturação nos moldes do modelo de substituição de importações.

Caracterizou-se como um empresário na tipologia concebida por Joseph A. Schumpeter, ao orientar o público no sentido de se tornar consumidor de um novo produto - o seu piano; ao adotar um novo modo de produção, privilegiando as relações entre os elementos da empresa; ao abrir mercado para seu novo produto, inovando nas propagandas e na divulgação junto ao público; ao descobrir, através de pesquisas, novas matérias-primas mais condizentes para a melhoria de seus pianos; e ao romper com o monopólio do mercado dos produtos importados, conquistando várias praças importantes para o seu produto.

Ao realizar esses cinco itens apontados por Schumpeter para o desenvolvimento da economia, Floriano Essenfelder atuou como um autêntico líder schumpeteriano: por dirigir a produção para um novo campo de atuação, introduzindo uma nova indústria e um novo produto no mercado, mesmo que não necessariamente inédito; ao romper resistências econômicas e a mentalidade da sociedade, acostumada com os produtos estrangeiros, conquistando mercado e resgatando a importância e o crédito aos produtos nacionais.

O que são os empresários senão inovadores e ativadores da economia e dos costumes sociais? Ao insistir em seu ideal, Floriano permitiu que sua indústria superasse dificuldades e afirmasse o seu produto, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social, não apenas de Curitiba, mas, também a nível nacional.

Ao conquistar o mercado, a firma Essenfelder auxiliava a preservar um traço cultural, que atuava como elemento dinamizador da vida cultural

e social. O piano não era apenas um instrumento musical, muito mais do que isso, era um símbolo de uma mentalidade, de idéias e de um estilo de vida. Era ele que servia como símbolo de status, de educação e era peça fundamental no lazer da sociedade.

Exatamente, por manter tão importante traço cultural, a demanda de seu produto garantia a existência da sua empresa. A cultura impõe exigências que contribuem para o dinamismo social, que por sua vez impõe a necessidade de indústria. O piano, embora fosse um produto caro e de luxo, era oferecido em vários modelos e formas de pagamento, tornando-se acessível a um expressivo número de consumidores. Assim, a empresa se manteve, desenvolveu e expandiu-se a nível nacional e internacional, chegando à comemoração de seu centenário no ano de 1990.

O sucesso da empresa e da marca Essenfelder é a própria afirmação do desempenho e capacidade empresarial de Floriano Essenfelder. O líder da empresa constitui o elemento ordenador das relações entre as pessoas que colaboram na produção e os seus consumidores. É esse dinamismo da empresa que faz dela um ser de integração social.

O exemplo dado por Floriano Essenfelder não foi um acontecimento isolado. Vários outros empresários da época surgiram através de trajetórias análogas, ultrapassando dificuldades conjunturais semelhantes, e contribuindo para o desenvolvimento da comunidade e para o pequeno surto industrial de Curitiba no início do século.

O falecimento de Floriano Essenfelder não desestruturou a empresa. Ao imprimir a marca familiar ao seu produto, Floriano caracterizou sua indústria com a tipologia de empresa familiar, fazendo com que a história da empresa e a de sua família se fundissem, fazendo-se presente até os dias de hoje.

A médio e longo prazos será talvez possível detectar uma visão mais concreta e apurada da ação empresarial de Floriano Essénfelder.

O que foi realizado não deixa de ser a caracterização de um modelo, mas que exigirá novas abordagens e talvez mais expressivas, para retratar de uma maneira mais completa a mentalidade da época de empresários como Floriano Essénfelder, face ao emergente capitalismo, ou às formas pré-capitalistas postas em prática no Paraná e no Brasil no período estudado.

Resta saber como o trabalho de um artífice e dinamizador do progresso, como Floriano Essénfelder, juntamente com outros empresários da sua época, contribuíram para a agilização da produção e do comércio em geral, deixando transparecer toda a dinâmica do capitalismo, que reflete, regionalmente, o que se passava nos outros centros produtores brasileiros, com suas peculiaridades e diferenciações locais.

O estudo dos empresários exige uma análise histórica específica, como a presente análise, com destaque dos interesses e aspirações individuais e dos grupos e da forma como eles atuaram face à política econômica da época. É tudo também uma questão de idealismo, de mentalidade, que se amolda ou extrapola as fronteiras do tempo. Daí se dizer que há homens que vivem à frente da sua época. Nesse sentido, a tentativa de se captar esta “extemporaneidade” de certos gênios em relação à sua época. É através de seu discurso, ou do discurso dos que a eles se referem, de sua ação e obra, que é possível captar a sua “extemporaneidade”. Daí a pretensão de se analisar, à luz da verdade histórica, o seu papel de dinamizadores e realizadores do futuro no seu presente.

Um desses homens foi, sem dúvida, Floriano Essénfelder, que ajudou a compor a tessitura do processo histórico desenvolvido em Curitiba, con-

tribuindo também para estabelecer, em linhas gerais, o próprio arcabouço do capitalismo brasileiro.

O ideal será articular o presente estudo a outras análises da atuação de empresários a nível local e nacional, dentro de uma abordagem conjuntural e, estrutural, de modo a detectar o comportamento destes empresários face aos mecanismos do sistema capitalista, tendo por base a análise econômica, de preferência a contabilidade, inserida no contexto social. Não se pode esquecer que a base para o desenvolvimento do processo de industrialização no Brasil e no Paraná repousa na agricultura, existindo mesmo uma significativa complementaridade entre as atividades desenvolvidas na agricultura e na indústria, no campo e na cidade. É preciso reforçar a idéia que a imigração contribuiu, definitivamente, para o desenvolvimento do capitalismo em Curitiba e em outras comunidades do Brasil, constituindo, com outros fatores, aliados ao espírito empresarial, para o desenvolvimento da moderna economia brasileira, que cresce e se diversifica à introdução de elementos inovadores.

Indústrias tradicionais, como a de Pianos Essenfelder, que já conquistou o seu lugar entre as empresas que fazem o Paraná ser conhecido nacional e internacionalmente, não podem deixar de manter o seu *status* de Empresa-modelo, tentando crescer, enfrentando e superando os desafios impostos pelas contingências do próprio sistema capitalista, que cresce a nível local, nacional e internacional.

A realização desta pesquisa revelou a necessidade de outros estudos acerca do desenvolvimento de indústrias em Curitiba e a nível de Paraná, identificados com aqueles que vem sendo realizados no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, no Instituto Paranaense de

Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES e outras entidades, procurando evidenciar:

1. a conjuntura histórica da época estudada, nas suas múltiplas inter-relações de ordem política, social, econômica e mental;
2. a política econômica aplicada nos diferentes períodos históricos;
3. a reconstituição da história das indústrias mais significativas que se desenvolveram em Curitiba e no Paraná nos séculos XIX e XX;
4. as características das diversas comunidades paranaenses e a estreita correlação que existe entre a agricultura e a indústria, o campo e a cidade;
5. o impacto que certas indústrias ocasionaram no contexto histórico de Curitiba e do Paraná em geral, ontem com indústrias como a de Planos Essenfelder, hoje com as modernas indústrias do setor da computação eletrônica, e as dificuldades encontradas e superadas para se afirmarem junto aos mercados consumidores;
6. As mudanças que a ação do empresário vem sofrendo através dos tempos, já que em muitos aspectos o poder empresarial se despersonalizou, devido à complexidade da organização produtiva. Hoje, a empresa não se reduz ao empresário, mas ao trabalho conjugado da equipe de especialistas das diversas áreas da produção.

Qual é o comportamento atual das lideranças empresarias? Expressam elas a mentalidade da sua época?

Qual o papel desempenhado pelos órgãos representativos das lideranças empresariais, como, por exemplo, Badep, Federação das Indústrias ou das associações de classe?

Como explicar a nova realidade histórica?

ANEXOS

ANEXO 1 – REGISTRO DE PATENTE de F. Essenfelder e Cia. em Buenos Aires.	285
ANEXO 2 – CONTRATOS SOCIAIS de F. Essenfelder e Cia.	287
ANEXO 3 – TABELA DE PREÇOS dos pianos Essenfelder para 1914.	298
ANEXO 4 – ARTIGOS E PROPAGANDAS de F. Essenfelder no Jornal Diário da Tarde de 1909 a 1930.	300
ANEXO 5 – PRÊMIOS E DEPOIMENTOS publicados na “A Divulgação”, Curitiba, ano III, set./nov. 1950.	316
ANEXO 6 – ARTIGO SOBRE O CENTENÁRIO da F. Essenfelder, publicado no jornal Gazeta do Povo de 1989.	319

**REGISTRO DE PATENTE
de F. Essenfelder e Cia.
em Buenos Aires**

ADMINISTRACION DE IMPUESTO TERRITORIAL Y PATENTES



001,838

Partida 2

Seccion 8

El Sr. Dr. C. J. Brambilla ha abonado la cantidad de cuarenta (40) pesos moneda nacional, que le corresponde por el impuesto de PATENTE en el presente año, con arreglo al inciso 19 categoria 38 de la ley de la materia, como venta de vinos establecido en la calle de Guandamara N.º 1708

Patente principal por	pesos	<u>40</u>
Adicional 40 % por expendio de bebida		
Id. 10 % " " " tabaco		
Id. 15 % " " " "		

Buenos Aires, Noviembre 15 de 1895

CONTRATOS SOCIAIS
de F. Essenfelder e Cia.

53.974

CONTRACTO SOCIAL

M.º de Ordenn

Bertholdo Hauer, brasileiro, Floriano Essenfelder e Floriano Hellmuth Essenfelder, allemães, e Frederico Essenfelder, argentino, todos domiciliados nesta cidade, pelo presente contractam uma sociedade commercial em-nome colectivo, sob as seguintes condições:

1.-) A sociedade tem por fim a exploração da industria de pianos e instrumentos congeneres, nesta cidade, comprehendendo a fabricação de pianos, reforma e concerto de instrumentos de tecla geral, alugueis e afinações de instrumentos, e de todos osapparelhos concernentes a esta industria.-

2.-) A duração da sociedade será por tempo indeterminado, tendo-se o inicio de seu funcionamento de primeiro de Janeiro do anno corrente.-

3.-) A firma gyrará sob a razão social de F-ESSENFELDER & COMPANHIA, sendo solidarios todos os socios, cabendo a gerencia a socios Bertholdo Hauer e Floriano Essenfelder, que só poderão usar da firma em negocios da sociedade, sendo absolutamente vedado o seu uso em fianças, endossos de favor, abonos ou quaesquer outras transacções estranhas ao objecto social.-

Parapho unico:- No impedimento dos socios Bertholdo Hauer e Floriano Essenfelder, haberá a gerencia ao socio Frederico Essenfelder

4.-) O capital social será de Rs.135:000\$000, e para elle contribuirão o socio Bertholdo Hauer com Rs.75:000\$000; o socio Floriano Essenfelder com Rs.52:416\$000, representado por tres modelos completos de piano armario, e tres modelos tambem completos de pino de cauda, modelos estes estimados em Rs.50:000\$000, e mais diversos utensilios no valor de Rs.2:416\$000, conforme a relação escripturada; o socio Floriano Hellmuth Essenfelder com Rs.3:792\$000 e o socio Frederico Essenfelder com Rs.3:792\$000, tudo de accordo com o balanço de 31 de Dezembro de 1919.-

5.-) Os lucros liquidos ou prejuizos da sociedade serão partilhados do seguinte modo:

Continua

30% ao socio Bertholdo Hauer,

30% ao socio Floriano Essenfelder,

20% ao socio Floriano Hellmuth Essenfelder,

20% ao socio Frederico Essenfelder.-

6.-) Todos os socios prestarão serviços á sociedade, devendo os socios Floriano Essenfelder, Floriano Hellmuth Essenfelder e Frederico Essenfelder, como technico especialistas no fabrico de pianos dedicar todos os conhecimentos e esforços para o bom exito da sociedade, cooperando practicamente nas officinas da fabrica e nos serviços concernentes aos fins sociais, não podendo occupar-se de negócios estranhos á sociedade.-

7.- Os socios Floriano Essenfelder, Floriano Hellmuth Essenfelder e Frederico Essenfelder, poderão retirar, para as suas despesas pessoais, mensalmente, o primeiro até a quantia de Rs.500\$000, os dois outros até Rs.300\$000, cada um, cujas retiradas serão debitadas em conta individual, para serem deduzidas dos lucros no fim de cada anno.-

8.-) Os pianos produzidos pela fabrica terão o distinctivo F. E. Essenfelder, nome do socio Floriano Essenfelder, marca esta collocada visivelmente no tampo do teclado, e na couraça de ferro interna, e tambem é posta a marca registrada, constituida de uma lyra com as iniciaes F.E.- Estes signaes distinctivos da marca de pianos, o distinctivo, como o emblema e iniciaes, no caso da dissolução da sociedade voltarão a ser propriedade exclusiva do socio Floriano Essenfelder, si este tiver fallecido, pertencerão aos seus herdeiros.-

9.-) A fabrica de pianos continuará a funcionar no predio terreno e dependencias no Alto da Gloria, alugados do seu proprietario Emilio Voss por contracto lavrado em notas do segundo tabellião Gabriel Ribeiro, enquanto convier.-

10.-) Toda e qualquer quantia recebida pela sociedade ser de fim de dia depositada, acompanhada de uma guia, na casa Braun & desta cidade, mediante recibo em caderneta propria para esse fim vencendo o juro de 4% ao anno.- Qualquer retirada por conta dos

Continúa

veres em depósito naquelle firma, será solicitada por escripto ou em cheque, assignado pela firma.-

11.-) A quota de capital do socio Bertholdo Hauer vencerá o juro de 6% ao anno, sendo-lhe pago trimestralmente os juros vencidos.

12.-) A sociedade assume a responsabilidade de todo o activo e passivo da mesma firma, em conformidade com o balanço de 31 de Dezembro de 1919.-

13.-) Annualmente em 31 de Dezembro, proceder-se-ha a um balanço geral para a verificação exacta do estado economico da sociedade,- Nesta occasião os valores do activo dos titulos Machinismos e Moveis & Utensilios soffrerão um desconto de 5%, para correspondêr á sua depreciação natural.-

14.-) A sociedade poderá em cada balanço annual bonificar, titulo de gratificação, com 5% dos lucros, a cada um dos auxiliares technicos da fabrica, Carlos Essenfelder e Ernesto Essenfelder, e o guarda-livros Alfredo J. Reimann, si assim o permittir o resultado dos negocios, e si pelos seus serviços forem merecedores dessa deferencia, a guizo dos socios.-

15.-) O saldo dos lucros dos socios não serão retirados da sociedade, e vencerão o juro de 6% ao anno, só lhes sendo permittido isso, quando a sociedade se achar livre de compromissos, e que as retiradas não possam embarçar o funcionamento da fabrica.-

16.-) A morte de um socio não dissolverá a sociedade, continuará com os sobreviventes, os quaes pagarão aos herdeiros do morto que a este couber, depois de deduzidos 15% da somma das dividas activas que serão escripturadas sob o titulo de "Fundo de Liquidação", ficando entretanto salvo aos socios remanescentes o direito de preferir a liquidação da sociedade.-

Parapho 1.- Os lucros do ultimo balanço servirão de base para o calculo proporcional dos que se verificarem até o ultimo mez anterior ao fallecimento.-

Parapho 2.- O pagamento será feito, a quarta parte em dinheiro visto, e treis quartas partes em letras assignadas pelos socios se

Continua

breviventes, ou pela firma sucessora, para pagamento bimestral
tre de dezoito mezes.-

17.-) A saída de um socio importará a liquidação da sociedade, salvo accordo entre o retirante e os socios remanescentes, que poderão continuar com a sociedade, pagando a quota do retirante em condições da clausula antecedente.-

18.-) No caso de ficar assentado a liquidação da sociedade os socios poderão operar conjunctamente a liquidação, nomear um liquidante, formando contas e dividindo o apurado mensalmente na proporção do credito de cada um, depois de pagas todas as passivas, concluindo-se a liquidação no prazo de seis mezes pela partilha dos bens restantes, salvo impossibilidade absoluta.

19.-) A fabrica e seus machinismos, materiaes, moveis e ductos em deposito devem estar segurados pelo seu justo valor em Companhia de Seguro de reputado credito.-

E por assim se acharem de perfeito accordo, obrigam-se por si e por seus herdeiros a cumprir fielmente o presente contracto, que assignam em presença de duas testemunhas, lavrando cinco exemplares de igual teor, dos quaes um será archivado na Junta Commercial.

Leurstybe, em 15 de Março de 1920.
Fertwilt Bauer

Testemunhas:

Alto Prave

Robert Bube Floriano Essesfeld

Floriano Hellmuth Essesfelder

Federico Essesfelder

R. 17
R. 2.700.000

Recibido de...

Paga de...
em Curitiba 18 de Maio de 1920.

Call Federal em Curitiba
18 de Maio de 1920

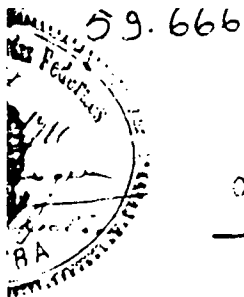
Obmirat
Franciscus

Collector
Recibido...
de quem clam fu: Em Curitiba 20

Curitiba...

Vertical handwritten notes on the left margin, including names and dates.





N.º do Ordem 14 1000

CONTRACTO SOCIAL

Bertholdo Hauer, cidadão brasileiro, Floriano Essenfelder e Alberto Wilsing, cidadãos allemaães, todos domiciliados nesta cidade, constituem uma sociedade mercantil, sob as clausulas seguintes:

I.

A sociedade ora constituida tem por fim a exploração da industria do fabrico de pianos e instrumentos congenes, já iniciada pelos socios Floriano Essenfelder e Alberto Wilsing.

II.

A firma social girará sob a razão de F. Essenfelder & Cia. sendo todos os socios solidarios, cabendo o uso da firma, sómente aos socios Bertholdo Hauer e Alberto Wilsing, exclusivamente em negocios concernentes á sociedade.

III.

A duração da sociedade será por tempo indeterminado, á partir da data da assignatura do presente contracto.

IV.

O estabelecimento funcionará no predio da Rua Graciosa, onde os socios Floriano Essenfelder e Alberto Wilsing tem já montada uma fabrica de pianos em pequena escala, ou em outro qualquer terreno fornecido pelo socio Bertholdo Hauer.

V.

O capital social será de Rs. 74:200:000, setenta e quatro contos e duzentos mil réis, concorrendo o socio Bertholdo Hauer com a quantia de Rs. 50:000.000, cinquenta contos de réis, em dinheiro, e os socios Floriano Essenfelder e Alberto Wilsing, aquelle com a quantia de Rs. 17:416:000, dezasete contos quatrocentos e dezesseis mil réis, representada por cinco

modellos completos pelo valor estimativo de Rs.15:000.000, quinze contos de réis e diversos utensilios no valor de Rs.2:416.000, dois contos quatrocentos e dezesseis mil réis, de conformidade com a respectiva relação, que fornece em triplicata, e este com a importancia de Rs.6:784.000, seis contos setecentos oitenta e quatro mil réis, representada pelo saldo dos seus haveres na extinta firma de F.Essenfelder, de accordo com o balancote que fornece em triplicata, ficando um em poder de cada socio.

VI.

O capital dos socios Bertholdo Hauer e Alberto Wilsing vencerá o juro annual de seis por cento (6%) creditado a cada um de accordo com as suas quotas, com excepção do socio Floriano Essenfelder que não vencerá juro algum.

VII.

Os modellos de planos que entrarão n'aquelle inventario pelo valor estimativo de quinze contos de réis, Rs.15:000.000, bem como qualquer patente de invenção com as quaes concorrer para a sociedade o socio Floriano Essenfelder, e os machinismos, moveis e utensilios existentes, avaliados no alludido em vinte um conto quatrocentos setenta e quatro mil e 900 réis, Rs.21:474.900, e todos os outros que vão se adquirindo, inclusive stock de material, ficarão exclusivamente pertencendo ao socio Bertholdo Hauer, em garantia do seu capital, bem como quaesquer consturções á fazer, perdendo os demais socios todo e qualquer direito sobre o inventario total da fabrica, até que, attingindo os lucros accumulados dos socios Floriano Essenfelder e Alberto Wilsing, a somma precisa, possam com ella garantir o capital daquelle socio.

VIII.

VIII.

Aos socios fica absolutamente vedado, de contrahir em nome da sociedade, empréstimos de qualquer natureza, assignar letras, de negocio ou de favor e de assumir quaesque outros compromissos, sem previo accordo do socio Bertholdo Hauer.

IX.

A sociedade manterá um escriptorio para cujo fim contractará um guardalivros, que zelará pela rigorosa escripturação de todos os negocios da sociedade, e á cujo cargo ficará a caixa.

X.

A gerencia da sociedade caberá aos socios Bertholdo Hauer e Alberto Wilsing de common accordo, cabendo ao socio Floriano Essenfelder a parte technica, e qual dedicará todos os seus melhores esforços para o feliz exito da exploração, não podendo empregar a sua actividade em outro qualquer negocio estranho á sociedade.

XI.

O socio Floriano Essenfelder, compromette-se a conservar como empregado da fabrica os seus quatro filhos: Floriano Hellmuth, Frederico, Carlos e Ernesto Essenfelder, durante a vigencia deste contracto, e se por accordo entre os socios vier a retirar-se da sociedade lhe será expressamente prohibido estabelecer-se com o mesmo ramo de negocio (fabrica de piano) nesta Republica ou na Republica da Argentina, enquanto existir a sociedade ou fundada.

XII.

Em cada balanço annual os machinsimos e utensillios da fabrica soffrerão um abatimento de 5%, cinco por cento.

XIII.

Os lucros apresentados em balanço, depois de deduzidos 10% (dez por cento) para o Fundo de Reserva, bem como os eventuaes prejuizos, serão divi-

divididos de seguinte modo: quarenta por cento (40%) ao socio Bertholdo Hauer, quarenta por cento (40%) ao socio Floriano Essenfelder, e 20% (vinte por cento) ao socio Alberto Willing.

XIV.

Os lucros sociais serão accumulados, vencendo o juro de 6% seis por cento ao anno, até que, sem sacrificio dos compromissos sociais, possam ser retirados, bem como os juros dos seus capitales, salvo os interesses dos filhos, que serão accumulados de accordo com a clausula seguinte, e o previsto na clausula VIIa.

XV.

Des 40% (quarenta por cento) de lucros que cabem ao socio Floriano Essenfelder, será retirado em cada balanço annual 5% (cinco por cento) que será creditado á titulo de interesse ao seu filho mais velho: Floriano Hellmuth Essenfelder, independente do seu ordenado convencional, e á proporção que os seus outros, forem-se emancipando, lhes será tambem creditada cinco por cento (5%) como interesse, tirados no respectivo balanço tambem da quota dos lucros de mesmo socio Floriano Essenfelder, independente tambem dos seus ordenados, de modo que, dentro de um certo tempo, seus quatro filhos serão interessados nesta sociedade, da qual não poderão retirar-se antes da sua dissolução, sob pena de perderem o direito, aos lucros accumulados, e lhes creditados á titulo de interesse.

XVI.

O socio Floriano Essenfelder, poderá retirar mensalmente, para as suas despesas, até a quantia de Rs. 250\$000, (duzentos e cincoenta mil réis), que lhes serão debitados, e se em caso de força maior, precisar fazer de maior retirada, não sendo ella exagerada, e consultados os demias socios, ficará sujeito ao juro de seis por cento (6%) ao anno pelo excesso.

XVII.

Se até o terceiro anno social, digo balanço social, os lucros verificados não forem compensatorios ao capital, á juizo do socio Bertholdo Hauer, que concorre com a maior quota, se liquidará a sociedade, salvo si os outros dois socios quizerem pagar ao mesmo socio o seu capital e lucros, verificados até este tempo, de prompto e em dinheiro, tomando a seu cargo o activo e passivo social.

XVIII.

Todos os pedidos de encomendas e compras para a fabrica, serão feitos expressamente em talão a isso destinado, e deverá levar o visto de qualquer dos dois gerentes ou de pessoa por elles indicada.

XIX.

Nem o socio Floriano Essenfelder, nem o socio Alberto Wilsing, poderão ausentar-se do estabelecimento sem que sejam previamente consultados os demais socios, devendo a sua ausencia ser bem fundamentada.

XX.

Ao socio Alberto Wilsing fica mais vedado, de viajar fóra o paiz durante os cinco primeiros annos sociais, e, quanto ao socio Bertholdo Hauer, o poderá fazer em qualquer tempo, deixando como seu procurador com poderes especiais, o Sr. José Hauer Junior.

XXI.

O socio Alberto Wilsing é obrigado á deixar os seus negocios particulares e tractar exclusivamente dos interesses da fabrica, uma vez que o desenvolvimento da mesma isso exigir, devendo zelar pela efficaz propaganda e reclame e todos os serviços que dizem respeito a administração commercial da sociedade.

XXII.

As divergencias sociais serão decidias por dois arbitros, nomeados um pelo socio Bertholdo Hauer e outro pelos demais socios, e aquelles em caso de desaccordo, nomearão um terceiro, com cuja decisão são os socios obrigados a se conformar.

No caso da morte do sócio Bertholdo Hauer ou do sócio Alberto Wilsing, poderão os sobreviventes continuar com a sociedade, se o quizerem, pagando aos herdeiros do morto, seu capital e lucros, servindo de base para esse pagamento o ultimo balanço, no estabelecimento, para o calculo de lucros, depois d'elle, cujo pagamento será feito em doze prestações mensaes de igual valor, se porém vier a falecer o sócio Floriano Essenfelder, poderá a sociedade continuar com os filhos do fallecido, dos quaes trata este contracto, se o quizerem, tomando elles a seu cargo todos os compromissos contrahidos por seu pae, por força do presente contracto, e, se não quizerem continuar, será a sociedade dissolvida de accordo com a lei, e neste caso será o seu liquidante, o sócio Bertholdo Hauer, ou com ella continuarão os socios sobreviventes, pagando aos herdeiros os haveres a que tiverem direito, nas mesmas condições acima estipuladas.

E por termos assim convencionado, passamos o presente, que vae assignado com as testemunhas abaixo, em quatro vias iguaes, sendo uma para ser archivada na Junta Commercial deste Estado, e as outras, uma para cada um dos socios.

Escritura, 15 de Março de 1911.

Testemunha: *F. Wilsing*
Viktor Hauer

Bertholdo Hauer.
F. Essenfelder
Alberto Wilsing

Concordamos com as clausulas do presente contracto nas partes que nos dizem respeito.

Floriano Helmut Essenfelder
Frederico Essenfelder
Carlos Essenfelder Ernesto Essenfelder

B 828 3 - c

COLLECTORIA

SECRETARIA DE RENDAS

**TABELA DE PREÇOS
dos Pianos Essenfelder
para 1914**

PIANOS „ESSENFELDER“

F. Essenfelder & Comp. - Curitiba

PRIMEIRA FABRICA DE PIANOS DA AMERICA DO SUL

== FUNDADA EM 1890 ==

Grands Prix e Medalhas de Ouro em diversas Exposições.

OS PIANOS „ESSENFELDER“
SÃO VERDADEIRAMENTE ADAPTA-
DOS AO CLIMA DO BRAZIL!



OS PIANOS „ESSENFELDER“
RESISTEM GARANTIDAMENTE
AO CARUNCHO! NÃO BICHAM!

PIANOS AUTOMATICOS ⊗ PIANOS DE CAUDA ⊗ HARMONIUMS

1.ª Secção: PIANOS DE ARMARIO „ESSENFELDER“

== TABELLA DE PREÇOS ==

Modelo A	Piano—Salão „ESSENFELDER“. Altura 132 c/m, galeria extra, comprimento 150 c/m, fundo 71 c/m, 7 oitavas, 2 pedaes, Caixa de Imbuya, estylo moderno	1:500\$000
Modelo B	Piano—Concerto „ESSENFELDER“. Altura 138 c/m, galeria extra, comprimento 160 c/m, fundo 71 c/m, 7 1/2 oitavas, 3 pedaes, Caixa de Imbuya, estylo moderno	1:700\$000
	idem « Renaissance	1:800\$000
Modelo C	Grande Piano Concerto „ESSENFELDER“. Altura 145 c/m, galeria extra, comprimento 160 c/m, fundo 71 c/m 7 1/2 oitavas, 3 pedaes, Caixa de Imbuya estylo Renaissance	2:200\$000

Qualidade: Todo Piano „ESSENFELDER“ tem a caixa de finíssima Imbuya, madeira de lei do Paraná, reconhecidamente a mais sonora, e a mais resistente. É dotado de Couraça inteira de aço, acordoamento sistema cruzado, com 3 côros, modernissimo mecanismo de 1.ª qualidade, teclado de marfim e ébano, timos, finos castiças de bronze, pedaes de metal.

Pagamento a prazo: O comprador pagará, **sem aumento de preço**, o piano em prestações mensaes dentro do prazo de um anno, mediante um pagamento inicial e assignatura de um termo, por occasião da entrega, como de praxe.

Descontos: Para o pagamento á vista concede-se 10 % (dez por cento) e para o pagamento dentro de 3 mezes, 5 % (cinco por cento) sobre os preços desta tabella.

Curitiba, 1.º de Julho de 1914

Ver as instrucções no verso.

F. Essenfelder & Comp.

**ARTIGOS E PROPAGANDAS
de F. Essenfelder no
Jornal Diário da Tarde
de 1909 a 1930**

AS

TARDE.

to, pois d'aqui a pouco
a tanto como se fosse ou-
tro.

ENFERMO

— Enfermo o comman-
dor dos Reis, director do
cibero.

LIPIE SCHMIDT NAO IMPOR NENHUMA ATA

— O deputado Celso Bay
uma carta a imprensa
das noticias espalhadas
da assignação por parte
de Schmidt da candida-
tura a Adolfo a gover-
nador de Santa Cathari-
na.

QUEREM PARTIR

— A imprensa registra
lesentivado pelos diplo-
máticos passados para que o
trabalho de lista da intima-
zação que os mesmos pas-
saram os seus postos.
— porém, tem se negado
a atender o pedido
dos diplomatas.

LESSENTIVADO DO DE- PUTADO MACHYR

— O Carro da Ma-
na inteira o voto em
deputado fluminense
opinando para que o
que sob o dominio da
ndo um territorio na-

DISCUSSAO DO "AC-

Na ordem do dia de-
o sessão de hoje, da
deputados, figura o de
discussão, do accordo
nado entre os gover-
e de Santa Cathari-

APRESENTADORIA

— Sr. Manoel Candido
tor da Caixa de Amor
apresentadoria.

DE UM TENENTE

— Foi reformado, no
do collectivo, por in-
a do 1.º tenente do
do Romão dos

OS AEROPLANOS

— O "Pala" trata das
do pelo marechal
ministro da guerra
aplanos que tem os
Estados do Sul.
— indica que provi-
que existe algo de
necessario que o
os factos.
— aeroplanos? Qual
da? São argentinos?
dele orgão.

— se escrevero inform-
do o governo pro-
tomo tablica, ter-

SELLER E A POLA

— O deputado Sellier
a polia.



PIANOS-ESSENFELDER

Novos Sucessos na Capital Federal

A antiga e conceituada Casa de Pianos, de
C. CARLOS J. WEHRS, Rua da Carioca n. 47, Rio,
acaba de escrever o seguinte:

“ Ficamos agradavelmente impressionados
“ pela bella e boa confecção dos mesmos,
“ merecendo especial menção o esplendi-
“ do jogo do teclado e a bella sonoridade.”

Fabrica no Alto da Gloria CORITIBA

Exposição permanente no «LOUVRE»

F. ESSENFELDER & C.

— a Comissão de papel moneda, alim-
repor os depositos retirados das ca-
as economicas.

SAO ESTABO

— O Senado deitou in-
um honar hontem.

A IMPORTACAO DE CARVAO

— A Companhia Co-

— O novo membro do Insti-
to H. E. GEORGIOPULO

— RIO, 21 de Maio. — A
de centro de estudos do Insti-
to H. E. GEORGIOPULO. —

— A aeronave, que se encon-
do Rio de Janeiro, e de-
pilotados, que estavam salvaram

— Quando a aeronave entrava a
do hydroplano, e se exorta-
do hydroplano, e se exorta-

Mo

Fazem bem
— o distincto
go Barros, e
repartição dos
— o academi-
Hauer e seu
er.

— o sr. João
ves de Menezes.
— o funcionario
chancelando de dire-
cellos.

— o sr. coronel
veira Mendes.
— o sr. Guis-
— o commercian-

— o sr. João
— o Joven Ary
— o distincto
Guimarães

— a caiente men-
— a interessan-
— o sr. Tenente
— a senhora Inal-
maras sobrinha
Doutor Yellou

— a professora
— a genti senho-
Iba do sr. Francisco

— a sr. M. Hel-
Pacheco esposa do
do Pacheco da Silva

— a senhora M.
Marm Clara de Albr-
— a sr. M. Rosa

— a do funcionario
do Loureiro

— a senhora M.
queira do sr. M.
mercante do sr. M.

— a sr. M. M.
Agner, esposa do
Manoel Agner

— o funcionario
coronel Francisco Jan-
tiago

— a sr. M. M.
se do sr. M. M.
Parau anno agn-
do, filha do sr. M.

— a sr. M. M.
Freitas Xavier, esposa
nel João Antonio X.

— a sr. M. M.
Barros, esposa do
Barros, Barro, Barro

— a sr. M. M.
do sr. M. M.
do sr. M. M.

— a senhora M.
— a senhora M.
João Lopes

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

— a senhora M.
João Barbosa

O Brazil na guerra

Uma importante industria nacional

... para a incorporação das sociedades, além dos requisitos pelo antigo regulamento actual existe mais um do orçamento do "stand" que pretendem contrahir ou caso a sociedade já o possua...

... direcção da Directoria da Guerra, com sede nesta cidade o "stand" do Tiro Nacional...

... porém as alterações acionadas que se encontram no regulamento devido a reconhecida competência tecnica do Samuel de Oliveira, um notado no novo Exercito...

... seja essa feição, por embelezamento e conhecimento. Mas, porém, o coronel de Oliveira tivesse em mira...

... sendo, os moços que lentamente temem a guerra, o seu nome Linha de Tiro, me, que é agora reclamado a "nacionalidade brasileira"...

TIRO DE FINHAES
... me já temos noticiado, a lado de S. José dos Pinhais, também a sua linha de tiro, montada assim e patriótica...

Parada de 15 de Novembro

... coronel Theophile Soares illustre commandante superior da Guarda Nacional, desta Estendendo ao gentil convite o sr. coronel João Emygdio...

Circular patriótica

... strada dr. Benoni da Veitudo fiscal do Thesouro Federal do Estado, enviou a todos...

... Nascido nesta capital em 24...

Tivemos o feliz ensejo de visitar, em companhia do maestro Léo Keiser, a importante fabrica de pianos "Esensfelder"...

Não havia no Brazil uma fabrica de pianos que pudesse ter esse nome. Varios casulos por ahí se tem...

Podemos dizer mais. Em toda a America do Sul não ha uma fabrica de pianos que mereça referenciado...

O objectivo da nossa visita a grande fabrica "Esensfelder" foi o de ver dois grandes pianos-arma-

E' sabida que a Imbuza do Paraná é uma madeira lindissima e que apresenta variedades verdadeiramente deslumbrantes...

Existente como o pau-ferro, é em tratamento mais leve, não tendo necessidade de nenhum artificial para o seu embelezamento...

Os pianos daquelle fabrica são construidos da boa madeira, tendo ainda como auxiliar, em caso de...

cas de reforço, o vidro e o parvalho.

Emquanto os pianos estrangeiros tem as suas faces externas apenas cobertas de uma casquinha de madeira fina, de effecto, os pianos do Paraná são de madeira massica...

Tanto realiste no frio como no calor tropical.

E quanto á sua technica, até temos a opinião dos competentes. O grande congnositor e professor Abdou Milleres, do Instituto Nacional do Museu deu nos estes termos a sua valiosa opinião a respeito:

"Tive a mais agradável surpresa quando, a vossa convite, examinei o piano de armario, grande formato da fabrica "MAMA SCHNEFFELDER" do Estado do Paraná, e respeito o que já tive occasion de dizer verbalmente, isto é: se a verdadeira do instrumento corresponde á sua belleza, harmonia e perfeição de mechanismo, julgo que elle pode rivalisar com os das mais afamadas fabricas do estrangeiro."

Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1917.

ARDON MILANIK
Quando á resistencia, não pôde haver a menor dúvida, que esse piano não deixará a decair.

Outro também competente professor brasileiro, do mesmo Instituto, assim affirma a superioridade desses pianos:

"Examinando alguns modelos de pianos da fabrica F. SCHNEFFELDER & Cia, em exposição na commendação esse de piano e modelo de Carlos Weber, á rua da Catharina 47, tive a viva satisfação de verificar quanto a industria nacional já nos pôde apresentar de perfecto e superior, nada deixando a desejar ao que vem do estrangeiro."

De facto, além do operoso trabalho desses instrumentos, cujo mecanismo e elegancia imperceptivel fazem realçar as bellas naturas das grossas madeiras, notem o perfeito realismo na conformação dos mecanismos, igualidade no jogo de todo o teclado, repetição perfeita e...

unicidade inalteravel e avelludada. Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1917.

MAHIWA NETTO.
São attestados valiosos e que exprimem uma verdade absoluta. Henrique Oswald, reputado compositor nacional repeti os mesmos conceitos no seguinte attestado: "Completado pelo sr. C. J. Weber, construtor de pianos da fabrica F. SCHNEFFELDER & Cia, e, com a minha satisfação, constatei que estes instrumentos são superiores e estão em condições de agradar ao artista e amador de mais estylos."

Felicitos as operosas e fabricas que, honestamente honram a nossa industria nacional. Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1917.

HENRIQUE OSWALD.
Não são entretanto somente os professores brasileiros que affirmam a superioridade, em seu magnifico conjunto, do piano da fabrica eschiliana. O celebre Caruso tem bem sentida a mesma impressão ao apreciar um desses instrumentos da fabrica patria.

Com o manifesto e tenor de realcação mundial. "Um numero pouco conhecido durante minha estada no Rio de Janeiro que o piano "SCHNEFFELDER" sempre me fez lembrar de um amigo, um primo, o meu de verdade e superior constructor faureo juo á fama de que se acreditava gozar."

KENNEDY CARTER.
E' honroso attestado não de muitos vallores que de resto não fazem justiça ao incomparavel producto paranaense.

Os pianos que estão em exposição no Modelo C, os maiores em todo armario que a fabrica produz.

Apresentando assim as ricas madeiras do Paraná, preparando all mes as armacoes de ferro, o cordão, assim como o teclado, essa fabrica compete grandemente para a riqueza do nosso Estado, estando nella empregado um valioso capital nacional.

O sr. Heithold Haeger, principal sulto do grande estabelecimento, dedicando o seu esforço para o desenvolvimento d'essa importante industria, ha dia a dia o melhor desenvolvimento aquella fabrica, que sempre honra a todo o visitante pela sua estyria e pela belleza e superioridade dos seus productos.

publica, a quem se pretendeu horribitar de sua... exhorbitante de... não violar a... cujo respeito a... satisfação, a... posta.

Festas da Bandeira

Conforme já noticiamos, na próxima segunda feira, constituemse importantes festas em homenagem á bandeira nacional.

Para a grande cerimonia que se iniciará na Praça da Republica, organizado o seguinte programma: Meio dia, Elevação da Bandeira Nacional, na Praça da Republica, Marcha batida pelas bandas de sinetas, tamboras de torques e ranchos musicos, formados por a... e... e...

Reverendo da Guardia da Bandeira, de Olavo Bilac, pelo dr. Dalton L. de Mello, Hymno da Bandeira, por bandas militares, sob a direcção de...

Desde das terras e do povo pelas suas contras, cantando a Corção do Hymno. O destino preferencial a rua Visconde de Nazar, Comendador Araújo, Praça Olavo Avenida Luiz Xavier, rua 15 e praça Municipal, onde, junto a estyria de Rio Branco, ordo o dr. Militario Perretto, dissimulando-se abito prestito.

O sr. dr. presidente do Bureau Nacional do Paraná convidou a todos os membros do mesmo Bureto, a todos os seus amigos e autoridades, as associações, as corporações, as famílias de Curitiba para assistirem a sessão, com que no dia 15 de Novembro, se fest para a Bandeira Nacional.

Essa sessão realisa-se no Theatro Guarhyra, ás 17 horas.

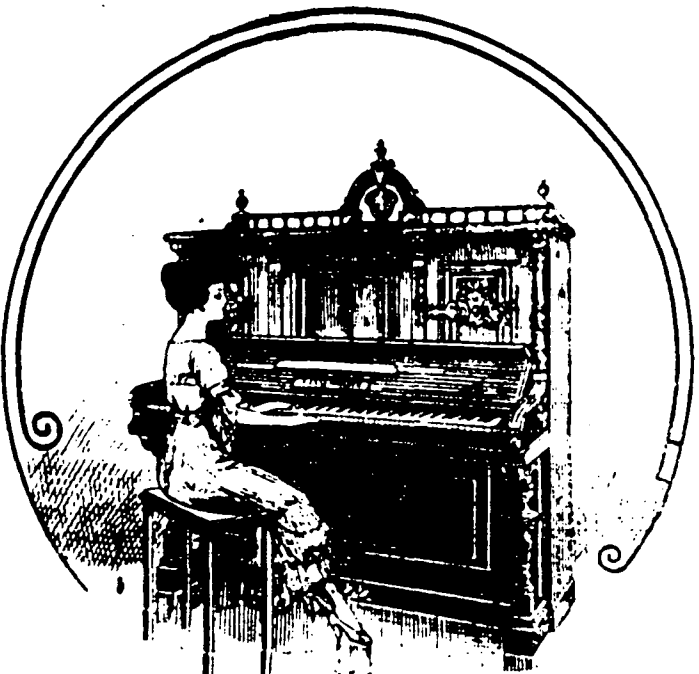
O secretario Theodor Filho. Nota — Pedimos a Secretaria da Liga que declarem a sessão essa accião distribuido a todos os papeis afim de ampliar a festa em cubro absolutamente popular.

A Sociedade Operarios e Operarios, em homenagem á bandeira nacional, para a proxima segunda feira, 15 de Novembro, organiza uma solenne e festiva sessão de homenagem á Bandeira Nacional no meio da praça da alliança, aonde se reunirão os membros da alliança, aonde se reunirão os membros da alliança, aonde se reunirão os membros da alliança...

Para prestar homenagem á aquella festa de homenagem á Bandeira Nacional, a comissão de honrarias, composta de Messers Theodor Filho, Vicente M... e...

ROUPAS USADAS
Compre e vende-se... Telefone...

Commando da cir. ums-cripção militar



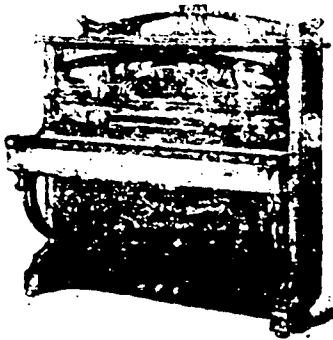
Ideal

O Alberto C. Elias participa á sua numerosa freguezia, que á sua fabrica passar por grandes reformas, tendo augmentado consideravelmente seu stock, fornecer calçados de qualquer forma, tanto para homens como para senhoras e o que he de Chile.

Garante calçado igual a oestrangeiro e por preço sem comp.
Encomenda feita com rapidez

Fabrica de Pianos "ESSENFELDER"

Grandes Premios: Rio de Janeiro e Buenos Aires. Medalha de Ouro na Exposição de Turim, 1910



Fabrica de todos os modelos de pianos, especialmente dos de Armario em varios estylos. Os pianos "ESSENFELDER" se recommendam por serem magnificos instrumentos construidos de imbuia, reconhecidamente a principal de nossas madeiras, que por seu turno são as melhores do mundo.

O nosso catalogo para 1919 é remetido gratis a quem solicitar, e contem valiosas informações, gravuras, etc.!

Vendas sob pagamentos em excellentes condições!

Exposição de varios modelos na Casa Minerva, donde os pretendentes receberão quaesquer informações, bem como na nossa fabrica no Alto da Gloria.

Concertos, alugueis, afinações tratam-se com modico interesse!

F. ESSENFELDER & C.

Caixa do Correio 131

sab. 111

Lloyd Brasileiro

Sociedade Anonyma

Vapores esperados do norte	Vapores esperados do sul	Linha de Iguape-Saquarema	Cargueiros para o Rio de Prata
*Jupiter, á 11	Saturno, á 4	PARA O SUL	"Goyaz" entrando sobre á 13 para o Rio de Prata.
*Saturno, á 11	Orion, á 4	PARA O NORTE	
*Orion, á 20	Sirus, á 4	Jaguara, á 7	
*Sirus, á 4 de setembro	Jupiter, á 7		

NOTA - No Rio Grande encontram-se abundantemente os paquetes Oyapock e Javary para o transbordo imediato dos passageiros e cargas com destino a Pelotas e Porto Alegre.

Cargas trata-se na vespera das saídas dos paquetes

Informações em Curitiba com o representante dos Agentes o sr. Joaquim Americo Guimarães - RUA P DR O IVO N. 1.

Agentes em Paranaguá e Antonina: Munhoz da Rocha & Iruão

Ender. Telegr.: BRAZILOYD

Official de barbeiro
Prestar-se na Barbearia de Palácio A. Monteiro, rua 111

QUISA
Precisa-se alugar uma, em qualquer ponto desta capital. Informações, por obsequio, nesta redação.

PRECISA-SE uma casa para pequena familia. Trate-se no Hotel Guaraná, rua 111, 2º andar.

PRECISA-SE de um moço de confiança para trabalhar em armazem de mercaderias, nas proximidades do Portão. Trate-se na Rua Pedro de Toledo, 111, 2º andar.

Precisa-se de um ajudante de alfazete que tiver pratica em calça, rua Comendador Araújo n. 201

PRECISA-SE para um negro com 15 a 20 annos para trabalhar em armazem de mercaderias. Trate-se na Rua Comendador Araújo n. 201

PRECISA-SE de um ajudante de alfazete que tiver pratica em calça, rua Comendador Araújo n. 201

VENDE-SE um terreno excellentissimo de 1000 metros de terreno com mais de 100 metros de fundos, situado a rua Capitão Souza Franco, a 100 metros por dentro da rua vende no mesmo ou á 100 metros. Trate-se 3 Avenida Luiz Xavier n. 201

VENDE-SE um magnifico motor para dentistas, sistema electrico, com todos os pertences e muitos outros objectos da mais alta arte. Trate-se na Rua Comendador Araújo n. 201, Barbearia.

Marcenaria

VENDE-SE CAMPEIRO
Rua São Francisco N. 31
Em frente a Livraria Max Ruyter
Esta bem montada marcenaria accrea e effectua encomendas de mobellas de toda e qualquer qualidade de madeira do país. Tem-se em deposito mobellas de sala, quarto e sala de jantar.
Concerta-se moveis, esmolda-se rodellas, limpando-se as pedras com pintal-as deixando-as como novas.
Tudo com promptidão e por preços modicos

COMPRA-SE
Casa-Chacaria-terreno - na Rua do Riachuelo n.º 60. Junto a casa de José Vahm - Barbearia



EXCELLENTE PARA AS DEFENSAS

S

HOJE

Para vossos chapeos: Protectora

as 9 horas da noite

Jogo

Film d'Art de G. de Caponezzi

Amanhã **GRU**

com 2 magnificos progra de bom

A's 5 horas da tarde
A's 9 horas da noite

MIC

Amanhã! --D

O Mignon

Na pomposa ma

La

Tragedia de Walter D'Almeida

18 persor

Erle! **Mare**

Na secção extraordinaria da

O Prince

O unico film que mostra a caza

A noite: Pro

Negundo-priza Algeu

Calçat

Unico

A toda a CA

Rua 13 de

Letam e annu

Azul

SA

IMANHIA

Ultima Hora.



Teatro-Sala
 1429 — Estada no
 sul do Chile durante
 cinco dias em
 companhia de
 estudantes e artistas
 portugueses.

ESVALHO
 Uma nocur-
 o da Escola
 de Escorria.
 de 7 1/2 de
 instrumeto
 Escola e se-
 r aos alum-

ESTADO
 17 de Ja

18.
 enente Da-
 eira. Offi-
 o sargento
 da Fonse-
 lo C. G.
 no Meng.
 o 2º sar-
 ima. A B.
 ra adjunc-
 sargento.
 a gurd do
 ará o cor-
 a o quar-
 corneteiro
 cio da Pre-
 circo, o 2º
 igues Pi-
 arda com
 da Presi-
 etaria do
 Tito Pin-
 cas o con-
 forme 4º.

vida que viveram alguns seculos
 atras.
 Numa vida anterior — 300 an-
 nos antes — tambem se haviam
 conhecido. Elle fora um aristoc-
 rata ambicioso e máo e queria
 desposar-a á força. Ella, linda,
 delicada, petala de rosa arras-
 tada pelo vendaval das paixões.
 Por ella, entretanto, vibrava
 um coração — o de um jovem,
 bello, cavalheiresco e bravo.
 Que epopéas de heroismo tra-
 çara elle, pelo seu amor, com o
 seu florete audaz, com a sus co-
 ragez louca de apaixonado!
 Tombara por fim. Em um con-
 tra uma legião! E por elle cur-
 tira a dor cruciante do martyrio
 — e uma agonia atroz que a ella
 testemunha de tudo, despedaça-
 ra o coração. Que horror sentia,
 que odio votava ella ao homem
 que assim a fizera soffrer!
 Agora — 300 annos depois! —
 o que na outra vida fora o seu
 algoz era — o seu marido!
 Não viria dahi, dessa outra, a
 invencivel repugnancia que por el-
 le sentira logo após o casamen-
 to!
 Mme. está convencida que
 assim.
 Mas será possível isso? per-
 guntamos nós. Haverá realmen-

Essenfelder
 Não compre outro
 o proveito será seu!

 OS FABRICANTES:
F. ESSENFELDER & CIA
 CAIXA POSTAL 251 CURITYBA TELGR. PIANOS

Ammas dos Theatros DA EMPRESA Maitos Azeredo
 adora dos maiores e melhores films que vem para o Brasil

NON	PALACIO	POPULAR
4,30 CONTRATEMPO Comedy, do D SHEIK ALBENTINO Na curria de glo ISTAS UNIDOS NO SHEIK do Arte! Exauu a: Attractão... 6 a estrella ra- nheira do triu- onal film de "U-	Hoje ás 7,30. UM GRANDE AMOR Super Metro — VIOLA DANA. O QUE DIZ UM VIOLINO Educativa Fox. CASAMENTO E CONTRATEMPO Sunshine Fox Comedy. QUINTA FEIRA, 20: — MIGNON o PALACIO: CHARLESTONMANIA Super Jewel — REGINALD DENNY Sabbado DESPEITO A PEITO TOM MIX Super Fox.	Hoje ás 7,30 SEIS SEMANAS DE VIDA Super-Fox — MARGARETH LE- VINGSTON. TRADIÇÃO PUNIDA "Vitagraph" — ART ACORD. Amanhã, no MIGNON e PALACIO: O QUE FOMOS NO PASSADO — Romance de fé chistã. Prod. CE- CIL B. DE MILLE. — VERA REY- NALDS. 3.ª feira CHARLESTONMANIA Super-Jewel — REGINALD DENNY.

— O QUE FOMOS NO PASSADO — Um preditorio hymno de fé christã filmado pelo genial CECIL B. DE MILLE
 exhibido com grande successo no CINE REPUBLICA de São Paulo.

RA O
 te a reencarnação des almas? E
 terá porventura a existencia que
 tenhamos tido no passado influ-
 encia, e tão grande em a nossa
 vida de agora?
 E' o que revela o genio de Ce-
 cil B. de Mille, o extraordinaria.

Ao 11 h. do dia 16 de Janeiro de
 1927.
 Ivahy — O tempo foi instavel
 com chuvas á tarde e á noite e bom
 hoje de dia. Os ventos foram nor-
 maes. Max. 27°. Min. 14°.

CAMINHÃO CHEVROLET
 Vende-se um em perfeito estado,
 por preço de occasião.
 Informações: Rua 15 de Novem-
 bro n.º 72, sobrado. (99)

DEMAPAREDEU — Da residen-

REDACTOR PR
 S

Uma
 io
 Uma
 O Capitão
 fuent

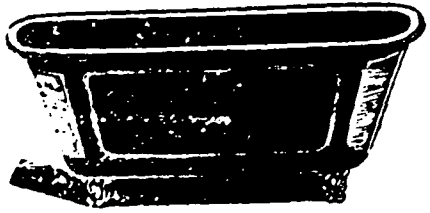
RIO, 18 (Diario
 Juarez Tavora qu
 va preso no Hos
 nha da Ilha das
 gus evadir-se não
 vera vigilancia
 tomando destino
 Aquelle official
 ria, segundo parec
 vadir-se da prisão
 praça do Batalhã
 aberto rigoroso ir
 peito da sensacion
 ptão Juarez Tavo
 Corre como cert
 ridades as quaes
 inquerito admittes
 thosa. A primeira
 e capitão Juarez
 casado com cat
 que era destinado
 sub-official Iod fal

O SP. Ca
 deixai



As vantagens da nossa industria
 Apesar da Guerra Europeá e da consideravel baixa do cambio
PODEMOS CONTINUAR A VENDER OS
Pianos Essenfelder
 PELOS ANTIGOS PREÇOS DA FABRICA
 Peçam os catalogos etc. aos unicos fabricantes
F. Essenfelder & Cia.
 Coritiba--Alto da Gloria--CAIXA 251 ou
 no Escritorio do O "LOUVRE"

As melhores



Rua 15 de Novembro 60
Casa Gravina

Grande Liquidação

A firma Ignacio Franco & Ca.
 Em liquidação oferece
 á praça o seguinte
 Em seu armazem sito a rua 15 de Novembro.9.

BELLISSIMOS MOVEIS DE PINHO EMBUYA ETC.

ACEITAM-SE APOLICES EM PAGAMENTO
 Em sua officina sito á rua Dr. Pedrosa 114

Madeiras de pinho, imbuva, cedro, etc.
 brutas e beneficiadas, molduras, tornados, etc.

Machinas a vapor, sepihadeiras, serras circulares, serras fitas, molduras, rebotes plainas, tornos, bancos para carpinteiro, ferramentas diversas, etc.

ARTIGO INGLEZ.

preços de liquidação

Acceptam-se propostas de compra de toda ou parte da massa.

ALUGA-SE O PREDIO

Cervejaria "Atlantica"

TELEPHONES - "ATLANTICA" - CORITIBA - CAIXA POSTAL 165

Astra Pilsen	1l1 garrafa	8\$000
Atlantica Pilsen	1l1 garrafa	6\$500
Atlantica München	1l1 garrafa	6\$500
Curitybana, Clara	1l1 garrafa	5\$000
Iguassú, escura	1l1 garrafa	4\$000
Paranaense, clara	1l1 garrafa	4\$000
Culmbach medicinal	1l2 garrafa	6\$000
Preços por duzia sem garrafa		

ENTREGA EM DOMICILIO

Pedidos acceptam-se todos os dias até 8 h. da noite
 Todos os nossos productos são fabricados exclusivamente de materias de 1a. qualidade

os Lubrificantes da Vaccum Oil Company

Especies para
 seguros, motores
 de 1000 cc
 Motor Equas
 que outros

GARGOYLE MOTOR OILS
 OS UNICOS para
Automoveis

As Anemias

A OPILAÇÃO

- Pallidez
- Fraquezas
- Azudeas
- Causado
- Mollitas
- Em
- Ressecamento
- D
- P

cidade

ESSEN- FELDER

FABRICA EM
CURITYBA PARANÁ



F • ESSENFELDER & CIA

PRÊMIOS E DEPOIMENTOS
publicados na "A Divulgação",
Curitiba, ano III, set./nov. 1950



Os pianos ESSENFELDER já foram premiados em importantes certames internacionais dentre os quais citam-se Buenos Aires, Turim, Montevideu, Paris, Rio de Janeiro em 1908 e Exposição Internacional do Centenário em ... 1922, também no Rio.



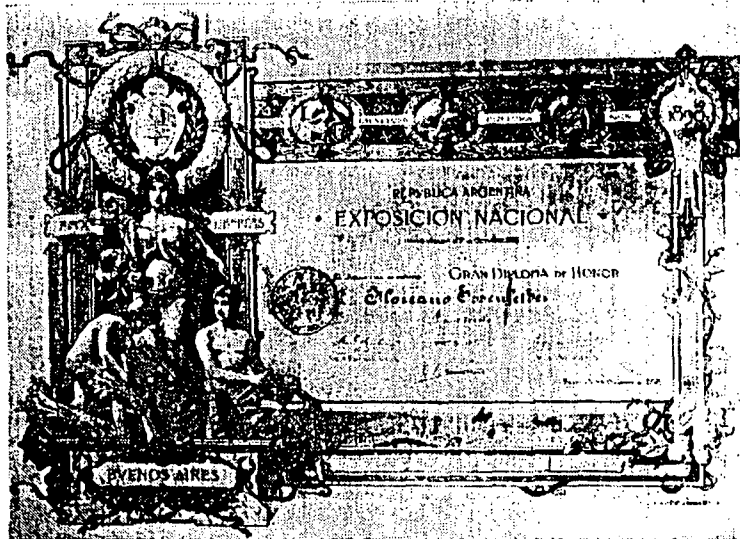
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE
 MINISTÈRE DU COMMERCE ET DE L'INDUSTRIE
 EXPOSITION INTERNATIONALE
 DES ARTS ET DES TECHNIQUES
 PARIS 1937
 DIPLOME DE GRAND PRIX

Décerné à ... Essefeld...

CLASSE IV

Edoif

GROUPE II



ALEXANDRE BRAILOWSKY

"Folgo em manifestar minha profunda satisfação pela excelente impressão que me causou o piano paranaense Essenfelder.

Com sua sonoridade tão harmoniosa quão aveludada, e perfeição no jogo, aliou-se aos seus colegas de fama mundial."



«Os maiores virtuosos do teclado reconheceram as qualidades dos pianos Essenfelder, tornando-os mundialmente conhecidos ao lado das mais afamadas marcas da Europa e da América do Norte.»

ARTHUR RUBINSTEIN



"C'est avec la plus vive satisfaction que je vous exprime ici l'admiration que je sens pour le Piano ESSENFELDER. Ce Piano possède toutes les qualités, volume énorme, enfin tout ce qu'on puisse souhaiter."

«Examinando alguns modelos de Pianos da fábrica F. ESSENFELDER & Cia. tive a viva satisfação de verificar quanto a indústria nacional já nos pode apresentar de perfeito e superior, nada deixando a desejar ao que vem do estrangeiro.



BARROZO NETTO

De fato, além do aspecto exterior, desses instrumentos cujo acabamento e elegância impecáveis fazem realçar as belezas naturais das nossas madeiras, nota-se o perfeito cuidado na confecção do seu mecanismo, igualdade no jogo do teclado, repetição perfeita e sonoridade maleável e aveludada.

MARIA CARRERAS



«Mi è grato ringraziar per il magnifico ESSENFELDER, che tanto gentilmente misero a mia disposizione per il mio ultimo concerto nesta.

La potenza, la simplicità, la chiarezza del suono, il meccanismo impeccabile, sono, tra tante altre, le qualità che permettono all'artista esprimere in tutti i dettagli l'interpretazione delle opere, e nello stesso tempo le facilitano l'esecuzione della tecnica.»

THOMAZ TERAN



«O eminente pianista espanhol que ao assistir no Rio de Janeiro num confronto de um piano das mais afamadas marcas europeias com um Essenfelder opinou pela superioridade deste sobre seu similar estrangeiro. A opinião abalada de Teran foi acatada por todos os músicos presentes, constituindo esse triunfo verdadeira consagração aos pianos Essenfelder nos meios artisticos da capital da República.»

ALBERTO NEPOMUCENO

«O piano ESSENFELDER é um excelente instrumento, de um acabamento que muito honra a nossa indústria e que possui grandes recursos de sonoridade.

Tenho imensa satisfação por este meio, em manifestar a magnífica impressão que tive experimentando e examinando-o detalhadamente e apresentar-vos os meus protestos de alta estima e consideração.»



FRANCISCO MIGNONE

"O piano Essenfelder é tão bom como os melhores que nos chegam do estrangeiro. Sendo, como é, bem "nosso" dou-lhe toda a preferência na escolha recomendando-o a todos com entusiasmo e grande sinceridade"



LUBA D'ALEXANDROWSKA

«Eu conheci intimamente os Pianos ESSENFELDER e os julguei e os estimei com sincera admiração e entusiasmo e, o que é mais:

Convenci todos que me ouviram tocar neles, deste mesmo meu pensamento.»



CARLO ZECHI



"Os pianos Essenfelder são maravilhosos, expoentes do progresso desta terra encantadora".

WILHELM BACKHAUS

...«So komme ich erst heute dazu Ihnen zu danken fuer den prachtvollen Konzertfluegel, welchen mir fuer mein Konzert am 6. November zur Verfue-



gung stellten. Ich war von demselben in hoechten Grade befriedigt, und zwar sowohl den Klang als den Anschlag betreffend, und ich beglueckwuensche Sie herzlichst zu diesem schoenen Erfolg. Mit den besten Wuenschen fuer 1948 und herzlichen Gruessen.»

HENRIQUE OSWALD



«Convidado pelo sr. Carlos J. Wehrs examinei os Pianos da Fábrica F. ESSENFELDER & Cia. e, com a maior satisfação constatei que estes instrumentos são excelentes e estão em condições de agradar aos artistas e aos amadores os mais exigentes.

Felicito os operosos snrs. Fabricantes que, incontestavelmente honram a nossa indústria nacional.»

**ARTIGO SOBRE O CENTENÁRIO
da F. Essfelder, publicado
no jornal Gazeta do Povo
de 1989**

Os pianos Essenfelder vão ser atração em exposição na Caixa

A fábrica de pianos Essenfelder comemora no ano que vem os seus cem anos de existência. De lá para cá, sempre colecionando os maiores prêmios nacionais e internacionais, a Essenfelder se firmou como uma das mais importantes indústrias de pianos do mundo, primando pela inegável qualidade de som que um instrumento desses requer. Florian Essenfelder Senior, o fundador da fábrica, certamente ficaria feliz ao ver os seus pianos novamente expostos perto do antigo salão de exposição que a Essenfelder mantém nos anos trinta. Localizado na Rua XV, em frente onde é hoje o Café Alvorada, o salão permanente era considerado o centro das artes de Curitiba - ali, artistas e a sociedade se reuniam para assistir aos concertos promovidos e experimentar os pianos.

A partir do dia 20 deste mês os pianos voltam a ser expostos na agência Carlos Gomes, da Caixa. A exposição de pianos Essenfelder contará com um artista que estará tocando ao vivo durante vinte e um dias, sempre no horário bancário. Músicas populares se confundirão com o tilintar das calculadoras e máquinas de escrever. O projeto Cultural da Caixa, que promove o evento, cuidou de trazer também vídeos sobre a fábrica, no Alto da Glória, e um teclado original. Diversos modelos fabricados pela Essenfelder estarão ao lado do "Grande Cauda Orquestral", um piano fabricado em 1912,

ainda em perfeito estado de uso.

Para o dia primeiro de dezembro, as pianistas Ingrid Muller Seraphim e Liane Essenfelder Cunha Mello Frank darão um concerto na agência. Artistas consagradas, as duas já participaram de inúmeros recitais e fizeram parte da série do programa "Concertos para a Juventude", da TV Globo. O duo paranaense apresentará um repertório que inclui Schubert, Grieg, Aylton Escobar, F. Mignone e Villa Lobos.

DE REPÚBLICA À NOVA REPÚBLICA, QUARENTA MIL PIANOS

Durante esses noventa e nove anos que a fábrica existe a família Essenfelder, sempre à frente dos negócios, teve que superar crises e atropelos que acompanharam a economia do país. Fundada na Argentina no final do século passado, a Essenfelder transferiu-se para o Brasil em fevereiro de 1902. Passando pelo Rio Grande do Sul e depois definitivamente para Curitiba, instalada até hoje no mesmo local, Florian Senior edificou o seu grande sonho: montar a sua própria indústria. Sonho de um mestre na fabricação de pianos de uma indústria alemã, que teria naufragado não fosse a obstinação e dedicação. E não fosse a irreverência de um homem que, por exemplo, em 1911 decidiu transportar o seu piano a bordo do Zeppelin para mostrá-lo da grande maioria, teve o seu talento reconhecido em vi-

da, quando praticamente conquistou todos os grandes prêmios que existiam na época.

A dura experiência do começo, quando precisou transformar uma velha máquina de costura numa furadeira, fez com que a perfeição tocasse o seu trabalho. Até hoje a Essenfelder é detentora do título de melhor indústria de pianos do Brasil e a única a fabricar um piano do começo ao fim - as outras indústrias são basicamente montadoras.

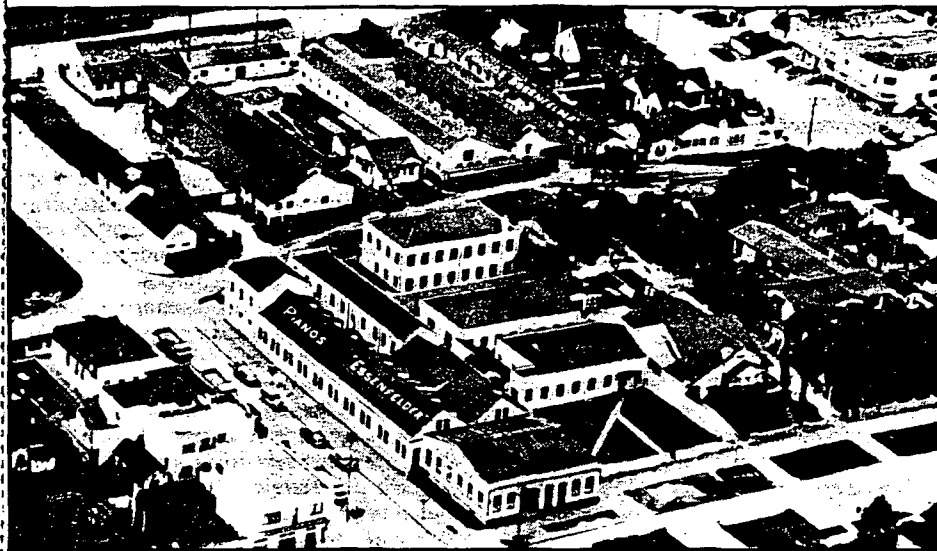
Os cinco mil componentes, com exceção de algumas pequenas peças, são produzidos aqui em Curitiba, na Rua João Gualberto. O fascinante mundo das pechinhas de madeira é fabricado quase que artesanalmente - há máquinas que Florian Senior trouxe consigo da Alemanha funcionando a todo vapor. Liane Essenfelder, a única pianista de carreira da família, que divide seu tempo entre a fábrica e seus concertos, revela que a tradição da Essenfelder está presente em cada mecanismo. "Há pessoas que trabalham conosco há trinta ou quarenta anos, e depois acabam trazendo seus filhos para trabalharem aqui".

UM TRABALHO DE ARTESÃO

A qualidade dessa fábrica curitibana se reafirma quando grandes nomes nacionais dedicam inúmeros elogios aos pianos fabricados. Outro dia o ator Pedro Paulo Rangel, do TV Pirata, disse que se fosse para

uma ilha deserta levaria uma única coisa: o seu piano Essenfelder. Com a preocupação de manter o prestígio que Florian Senior conquistou, a indústria utiliza ainda hoje uma variedade do pinheiro do Paraná para confeccionar a tábua harmônica - estrutura fundamental do piano. Aliás, foi a mata de araucária que fez o fundador pegar sua família e se transferir para cá: os veios do cerne do pinheiro são ideais para a propagação do som.

Com cerca de trezentos empregados a produção média chega a atingir 150 pianos por mês. Um piano vertical leva aproximadamente 6 meses para ficar pronto, enquanto em Caudal Orquestral, só fabricado pela Essenfelder na América Latina e que mede 2,75m de comprimento, demora 8 meses.



Em foto histórica, a fábrica dos tradicionais pianos Essenfelder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAIXO o que é boche! Commercio do Paraná. Curytiba, 17 de nov. 1917, p.1.
2. **ALBUM DO PARANÁ**. São Paulo, Empreza Editora Brasil, 1923, n.p.
3. **ALMANACH D'ESTADO DE S. PAULO**, São Paulo, 8:n.p. 1891.
4. **ALMANAK LAEMMERT**: annuario administrativo, agrico, profissional, mercantil e industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1914 - v.3, Estado de S. Paulo. Rio de Janeiro, 70:n.p. 1914.
5. **ALMANACH DO PARANÁ**. Curityba, v.5 a 14 - 1900 a 1913.
6. **ALMANACH DO PARANÁ PARA 1929**. Curityba, 1929, n.p.
7. ARIÈS Phillipe. História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Trad. Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977. 182p.
8. ASSUMPÇÃO, Pamphilo. Audição musical. Commercio do Paraná, Curityba, 30 jul. 1918. p.1.
9. _____. Industrias paranaenses. Commercio do Paraná, Curityba, 19 set. 1924. p.1.
10. AUDIÇÃO DE PIANO. Diario da Tarde, Curityba, 4 ago. 1919, p.2.
11. BALHANA, Altiva; MACHADO, Brasil P; WESTPHALEN, Cecília M. História do Paraná. Curitiba, Graphipar, 1969. v.3. 277 p.
12. BARATA, Agildo. Vida de um revolucionário: memórias. 2.ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1978. 415 p.
13. BARRETO, Lima. Recordações do escrivão Isaiás Caminha. 7.ed. São Paulo, Brasiliense, 1978. 193 p.
14. BASBAUM, Leôncio. História sincera da República: das origens até 1889. 4.ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1982. v.1, 284 p.
15. _____. História sincera da República: de 1889 a 1930. 4.ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1976. v.2, 316 p.

16. **BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMARIO MARTINS.** Cabral-Juvevê: os bairros da história da cidade. Curitiba, n.62, fev. 1982. 46 p.
17. BORGES, Generoso. Os bonds electricos. Commercio do Paraná, Curityba, 8 jan. 1913. p.1.
18. O BRASIL NA CONFLAGRAÇÃO. Commercio do Paraná, Curityba, 26 out. 1907. p.1.
19. O BRASIL NA GUERRA. Diario da Tarde, Curityba, 26 out. 1917. p.1.
20. BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. 4.ed. Trad. Rui Nazaré. Lisboa, Ed. Presença, 1982. 145 p.
21. BRELET, Gisele. Estética y creación musical. Trad. Leopoldo Hurtado. Buenos Aires, Lebreria Hachette S.A., 1957. 145 p.
22. BRUM, Argemiro J. O desenvolvimento econômico brasileiro. 6.ed. Petrópolis, Vozes, 1985. 220 p.
23. BUESCU, Mircea. Evolução econômica do Brasil. Rio de Janeiro, APEC, 1974. 229 p.
24. CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Perez. Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. 3.ed. Trad. João Maia. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1983. 530 p.
25. CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil. 2.ed. São Paulo, DIFEL, 1972. 204 p.
26. CARESTIA EM CORITIBA, A. Diario da Tarde, Curityba, 28 fev. 1913. p.1.
27. CARNEIRO, David. Galeria de ontem e de hoje. Curityba, Ed. Vanguarda, 1963. 563 p.
28. _____. História psicológica do Paraná. Curitiba, Tip. João Haupt & Cia, 1944. 151 p.
29. CARONE, Edgard. A República velha: instituições e classes sociais. 4.ed. Rio de Janeiro. DIFEL, 1978. v.I, 415 p.
30. _____. A República velha: evolução política (1889-1930). 3.ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1977. v.II, 508 p.
31. _____. A Primeira República: texto e contexto (1889-1930). 3.ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1976. 399 p.
32. CARRION JR., Francisco Machado. O modelo brasileiro: impasses e alternativas. Porto Alegre, ed. Zheta, 1975. 153 p.

33. CESARIO, Ana Cleide C. Industrialização e pequenos empresários em Londrina. Curitiba, GRAFIPAR, 1981. 114 p.
34. CHIAVENATO, Idalberto. Teoria geral da administração. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979. 2.v.
35. COCHOFEL, João José. Iniciação estética. Lisboa, Publicações Europa-América, 1958. 167 p.
36. A COLONIA ALLEMA vai manifestar solidariedade ao governo,?!... Diario da Tarde. Curityba, 2 mai. 1917. p.1.
37. **COMMERCIO DO PARANÁ**, Curityba, 1912 a 1925.
38. AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO. Diario da Tarde, Curityba, 23 ago. 1922. p.1.
39. COMTE, Auguste. Catecismo Positivista. In: _____. Os Pensadores. Trad. Miguel Lemos. São Paulo, ed. Abril, 1973. v.XXXIII, p.101-302.
40. _____. Discurso sobre o espírito positivo. In: _____. Os Pensadores. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo, Ed. Abril, 1973. v.XXXIII, p.47-100.
41. CORREIA, Leoncio. Os pianos paranaenses. A República, Curityba, 28 mai. 1929. p.1.
42. COSTA, Lena Castello Branco F. Arraial e coronel: dois estudos de história social. São Paulo, Ed. Cultrix, 1978. 206 p.
43. COSTA, Odah Regina Guimarães. Ação empresarial do Barão do Serro Azul. Curitiba, GRAFIPAR – Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981. 82 p.
44. A CRISE. Commercio do Paraná, Curityba, 1 ago. 1914. p.2.
45. CUIDADO COM OS BOCHES. Commercio do Paraná. Curityba, 28 nov. 1917. p.2.
46. DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo: 1880-1945. 2.ed. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo, DIFEL. 269 p.
47. DECADENCIA INDUSTRIAL. Commercio do Paraná, Curityba, 18 jun. 1920. p.1.
48. **DIARIO DA TARDE**. Curityba, 1909 a 1930.
49. DIEGUES JUNIOR, Manuel. Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro, MEC-INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – Ministério da Educação e Cultura), 1964. 385 p.
50. **DIVULGAÇÃO, A**, Curitiba, 11: n.p., abr. 1958.

51. **DIVULGAÇÃO PARANAENSE, A.** O paraná seus homens e suas empresas. 2.ed. Curitiba, 1966. Suplemento especial.
52. DOBB, Maurice. A evolução do capitalismo. 9.ed. Trad. Manuel do Rêgo Braga. Rio de Janeiro, Zahar, 1983. 284 p.
53. DOURADO, Angelo. Voluntários do martírio: narrativa da revolução de 1893. 3.ed. fac-similada de 1896. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1977. 432 p.
54. DUBY, Georges. Les sociétés médiévales: une approche d'ensemble. Annales, 26(1):1-13, jan/fev. 1971.
55. EMISSÃO, A. Comercio do Paraná, Curityba, 30 ago. 1914. p.2.
56. A ESCOLA MUSICAL DO PARANÁ. Comercio do Paraná, Curityba, 14 jan. 1914. p.3.
57. **ESTATISTICA INDUSTRIAL DO ESTADO DE S. PAULO PARA 1928:** secção de industrias da diretoria de estatística, industria e commercio da Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de S. Paulo. São Paulo, typ. Casa Garraux, 1930.
58. ESTRADA DA GRACIOSA. Diario da Tarde, Curityba, 10 abr. 1912. p.1.
59. EXPOSIÇÃO DE PIANOS ESSENFELDER na Casa Victrix. Diario da Tarde, Curityba, 26 jun. 1912. p.3.
60. EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE TURIM: premios aos expositores paranaenses. Diario da Tarde, Curityba, 22 jan. 1912. p.1.
61. FARIA, Gastão. Só é bom o artigo de fabricação estrangeira. Diario da Tarde, Curityba, 12 dez. 1919. p.1.
62. _____. Vamos fazendo justiça a industria nacional. Diario da Tarde, Curityba, 29 ago. 1917. p.1.
63. FEBVRE, Lucien. Combates pela história. 2.ed. Trad. Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa, Ed. Presença, 1985. 262 p.
64. FRANCIOSI, Eddy, Os pioneiros II. Indústria. Curitiba, 2(9):61-70, mai. 1976.
65. FREQUENCIA DA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO, A. Diario da Tarde, Curitiba, 30 jul. 1923. p.1.
66. FURTADO, Celso, Análise do "modelo" brasileiro. 7.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1982. 122 p.
67. _____. Formação econômica do Brasil. 18.ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1982. 248 p.

68. GAYMAR, Konstantin. Historia del piano y de sus grandes maestros. Buenos Aires, Ed. Centurión, 1945. 319 p.
69. **GAZETA DO POVO**, Curityba, 1925 a 1928.
70. GODELIER, Maurice. Horizontes da Antropologia. Trad. Carlos de Almeida Cabral. Lisboa, Edições 70. 379 p.
71. GOMES, Arthur. No piano. Album do Paraná, Curityba, 1(5):n.p. 1919.
72. GORENDER, Jacob. A burguesia brasileira. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. 116 p.
73. GRAÇA, Arnóbio. Economia política e economia brasileira. São Paulo, Saraiva, 1962. 339 p.
74. GUERRA AO COMÉRCIO ALLEMÃO. Commercio do Paraná, Curityba, 7 dez. 1917. p.1.
75. GUERRA EUROPEA: o Bloqueio Continental. Commercio do Paraná, Curityba, 3 fev. 1917. p.1-2.
76. HANS, Wolfgang. A história de Berlim como capital da Alemanha. In: ROBSON, Charles B., org. Berlim: pivô do destino alemão. Trad. Sérgio Moraes Rego. Rio de Janeiro, Ed. Letras e Artes, 1962. p.13-42.
77. HARDMAN, Francisco Foot. e LEONARDI, Victor. História da indústria e do trabalho no brasil: das origens aos anos vinte. São Paulo, Global Ed, 1982. 416 p.
78. HAUER, Arthur. Foi descoberto o aeroplano misterioso. Diario da Tarde, Curityba, 10 mai. 1917. p.2.
79. HEGEL, Georg Wilhelm F. Estética: a idéia e o ideal. In: _____. Os Pensadores. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo, Ed. Abril, 1974. v.XXX. p.83-209.
80. HELENA, Lucia. Modernismo brasileiro e vanguarda. São Paulo, Ed. Ática, 1986. 88 p.
81. HISTÓRIA DOS PIANOS ESSENFELDER. A Divulgação, Curitiba, ano III:n.p., set./nov. 1950.
82. HOBBSBAUM, Eric J. A era do capital: 1848-1875. 3.ed. Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982. 343 p.
83. IGLÉSIAS, Francisco. A industrialização brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1985. 93 p.
84. **ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE**. Curityba, v.II a IV, 1928 a 1929.
85. INDUSTRIAS NO PARANÁ, AS: pianos Essenfelder. Diario da Tarde, Curityba, 7 abr. 1917. p.2.

86. INDUSTRIA PARANAENSE NO RIO, A. Commercio do Paraná, Curityba, 12 jul. 1918. p.1.
87. INDUSTRIAS PARANAENSES, AS: o sucesso alcançado na Europa. Commercio do Paraná, Curityba, 17 dez. 1912. p.1.
88. INDUSTRIA PARANAENSE. Diario da Tarde, Curitiba, 18 mai. 1916. p.1.
89. INDUSTRIA PARANAENSE, A: os pianos Essenfelder. Commercio do Paraná, Curityba, 27 dez. 1912. p.2.
90. INOVE, Mario Takao et alii. Projeto madeira do Paraná. Curitiba, Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná – FUDEP, 1984. 260 p.
91. KRETZEN, João. As grandes potências econômicas no Estado do Paraná. 2.ed. Curitiba, Escritório Sul-Brasil Econômico Ltda, 1951. 496 p.
92. LEÃO, Ermelino A. de. Contribuições históricas e geográficas para o Dicionário do Paraná. Emp. Graphica Paranaense, 1928. 6 v.
93. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. História: novos objetos. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. 240 p.
94. _____ et alii. A nova história. Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa, Edições 70, 1984. 89 p.
95. LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 4.ed. São Paulo, Pioneira Ed, 1983. 378 p.
96. LESOURD, Jean-Alain e GERARD, Claude. História econômica: séculos XIX e XX. Trad. Angelina Vasques Martins. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1963. 876 p.
97. LEVENE, Ricardo. Síntese da história da civilização argentina. Trad. J. Paulo de Medeiros. Rio de Janeiro, Gráficas de "A Noite", 1938. 442 p.
98. LIMA, Heitor Ferreira. História político-econômica e industrial do Brasil. 2.ed. São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 1976. 434 p.
99. LINHARES, Temístocles. História econômica do mate. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. 522 p.
100. LODI, João Bosco. A empresa familiar. 2.ed. São Paulo, Pioneira,
101. LUBA D'Alexandrowska. Commercio do Paraná, Curityba, 29 jul. 1920. p.1; e 30 ago. 1920. p.2.
102. LUZ, Nícia Vilela. A luta pela industrialização do Brasil. 2.ed. São Paulo, Alfa-omega, 1978. 224 p.
103. MACEDO, Heitor Borges de. Rememorando: memorial histórico – Curitiba no tempo dos bondinhos de burros. Curitiba, Ed. Lítero-Técnica, 1983. 139 p.

104. MANDROU, Robert. La France aux XVII^e et XVIII^e siècles. Paris, Presses Universitaires de France, 1967. 335 p.
105. MARTINS, Luciano. Industrialização, burguesia nacional e desenvolvimento: introdução à crise brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Saga, 1968. 166 p.
106. MARTINS, Wilson. Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo, Ed. Anhembi Ltda, 1955. 507 p.
107. MELLO, Esther Essenfelder Cunha. A história dos pianos Essenfelder. Curitiba, s.ed., 1982. 109 p.
108. _____. Entrevista com Esther Essenfelder. Curitiba, 1987. Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som em 30 jan. 1987.
109. MELLO, João Manuel Cardoso de. O capitalismo tardio. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. 182 p.
110. MONTEIRO, Antenor de O. Indústria paranaense: o melhor piano? Diário da Tarde, Curityba, 24 nov. 1927. p.2.
111. MOTA, Carlos Guilherme, org. Febvre: história. Trad. Adalberto Marson, Paulo de Salles Oliveira e Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Atica, 1978. 190 p.
112. NADALIN, Sergio Odilon. Une paroisse d'origine germanique au Bresil: la communaute evangelique lutherienne a Curitiba entre 1866 et 1969. Tese de doutoramento. Paris, Ecole des hautes études en Sciences Sociales, 1978. 555 p.
113. NASCIMENTO, Domingos. Pela fronteira. Curityba, Typ. d'A Republica, 1903. 228 p.
114. NIETZSCHE, Friedrich. O livro do filósofo. Trad. Ana Lobo. Porto, RES - Editora, 1984. 134 p.
115. NIVEAU, Maurice. História dos fatos econômicos contemporâneos. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo, DIFEL, 1969. 540 p.
116. NOSSAS INDUSTRIAS, AS: visita a algumas fabricas. Diário da Tarde, Curityba, 9 jan 1913. p.1.
117. OBERACKER JR, Carlos H. A contribuição teuta à formação da nação brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Presença, 1968. 681 p.
118. _____. A colonização baseada no regime de pequena propriedade agrícola. In: História geral da civilização brasileira; o Brasil Monárquico: reações e transações. São Paulo. Difel, 1969. v.3, p.220-44.
119. OS ALLEMÃES NOS ESTADOS DO PARANÁ E DE SANRA CATHARINA. Em comemoração do 1º Centenário de sua entrada nesses Estados

- do sul do Brasil: 1829 - 1929. Curitiba, Imprensa Paranaense. 196 p.
120. PADIS, Pedro Calil. Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná. São Paulo, HUCITEC; Curitiba, Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981. 235 p.
 121. PAIM, Antonio. História das idéias filosóficas no Brasil. 3.ed. São Paulo, Convívio; Brasília, Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-memória, 1984. 615 p.
 122. PARANÁ. Governo. 1908-1912 (Xavier da Silva). Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Presidente do Estado do Paraná em 31 de dezembro de 1910 e 1911 pelo Secretario de Finanças, Commercio e Industrias, Joaquim P.P. Chichorro Junior. Curitiba, Typ. D" "A Republica", 1911. 38 p. e 136 p.
 123. _____. Governo. 1912-1916 (Cavalcanti de Albuquerque). Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado pelo Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do Estado do Paraná, ao installar-se a 2ª sessão da 11ª e 12ª Legislatura em 1 de fevereiro de 1913 e 1915. Curitiba, Typ. do "Diario Official" e d" "A Republica", 1913 e 1915. 30 p. e 47 p.
 124. _____. Governo. 1924-1928 (Munhoz da Rocha). Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, ao installar-se a 2ª sessão da 15ª Legislatura em 1 de fevereiro de 1921. Curitiba, 1921. 106 p.
 125. _____. Governo. 1924-1928 (Munhoz da Rocha). Relatorio da Secretaria Geral do Estado do Paraná, apresentado a Sua Excellencia o Sr. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, por Alcides Munhoz, Secretario Geral d'Estado, referente aos serviços do Exercício Financeiro de 1923-24. Curitiba, 31 dez. 1924. 755 p.
 126. _____. Governo. 1928-1930 (Alves de Camargo). Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná, pelo Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo, ao installar-se a 2ª sessão da 19ª e 20ª Legislatura em 1 de fevereiro de 1929 e 1930. Curitiba, 1929 e 1930. 159 p. e 111 p.
 127. _____. Leis, decretos, etc. Junta Comercial do Estado do Paraná. Regulamentação de Contratos, Distratos e Alterações da firma F. Essenfelder e Cia. Curitiba, 1911 a 1930.
 128. _____. Leis, decretos, etc. Estado do Paraná. Regulamenta a isenção de imposto de exportação para os produtos da firma F. Essenfelder e Cia. Leis de 1922 e 1927. Curitiba, Typ. d" "A Republica" e Placido e Silva e Cia Ltda, 1922 e 1927. 101 p. e 590 p.
 129. _____. Leis, decretos, etc. Estado do Paraná. Regulamenta a criação da Academia de Belas Artes e do Conservatório de Musica. Leis de 1929. Curitiba, Placido e Silva e Cia. Ltda, 1929. 198 p.

130. PAULINO, João. Os criticos de arte; piano. Diario da Tarde, Curityba, 10 jan. 1921. p.1.
131. PEREIRA DE QUEIROZ, M. Isaura. O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976. 230 p.
132. PERROUX, François. O capitalismo. 2.ed. Trad. Gerson de Souza. São Paulo, DIFEL, 1970. 138 p.
133. PESAVENTO, Sandra J. A Revolução Federalista. São Paulo, Brasiliense, 1983. 101 p.
134. PIANOS NACIONAES. Diario da Tarde, Curityba, 31 ago. 1910. p.2.
135. PIANOS PARANAENSES. Diario da Tarde, Curityba, 7 nov. 1910. p.1.
136. OS PIANOS DO PARANÁ. Diario da Tarde, Curityba, 27 dez. 1921. p.1.
137. OS PIANOS "ESSENFELDER" na Exposição do Centenário. Diario da Tarde, Curityba, 2 set. 1922. p.1.
138. OS PIANOS ESSENFELDER. Commercio do Paraná, Curityba, 7 jun. 1913. p.2.
139. PIANOS AUTOMÁTICOS "ESSENFELDER". Commercio do Paraná, Curityba, 13 nov. 1913. p.2.
140. OS PIANOS PARANAENSES. Commercio do Paraná, Curityba, 22 abr. 1915. p.2.
141. PIANOS ESSENFELDER. Commercio do Paraná, Curityba, 8 jul. 1920. p.1.
142. OS PIANOS ESSENFELDER. Commercio do Paraná, Curityba, 18 fev. 1925. p.1.
143. PINHEIRO, Nuno. A crise economica e financeira universal. Album do Paraná, Curityba, 3(14):n.p., 1921.
144. PRADO JR., Caio. História econômica do Brasil. 12.ed. São Paulo, Brasiliense, 1970. 354 p.
145. QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado, 1912/1916. 3.ed. São Paulo, Ática, 1981. 323 p.
146. **REFERÊNCIA: EM PLANEJAMENTO**. Curitiba, v.3, n.13, out-dez. 1980, 194 p.
147. REGO, José Lins do. Fogo morto. São Paulo, Círculo do Livro S.A., 1984. 282 p.

148. REICHMANN, Ernani Corrêa. A emprêsa. Curitiba, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná, 1956. 39 p.
149. RESTOS DA GUERRA PARA O BRASIL. Commercio do Paraná, Curityba, 18 jan. 1916. p.1.
150. A REVOLUÇÃO DA FOME. Diario da Tarde, Curityba, 14 e 15 mar. 1913. p.1.
151. RICHARD, Lionel. A República de Weimar, 1919-1933. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo, Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1988. 327 p.
152. ROBIN, Régine. História e Lingüística. Trad. Odélia Bolle. São Paulo, Cultrix, 1977. 327 p.
153. ROCHA, Edgar Aquino. Princípios de economia. 9.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1983. 382 p.
154. ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969. 2.v.
155. RODERJAN, Roselys Vellozo. Aspectos da música no Paraná. In: EL-KHATIB, Faissal, org. História do Paraná. Curitiba, Graphipar, 1969. v.3. p.171-205.
156. _____. Meio século de música em Curitiba. Curitiba, Ed. Lítero-Técnica, 1967. 29 p.
157. SABÓIA, América da Costa. Curitiba de minha saudade: 1904/1914. Curitiba, 1978. 92 p.
158. SARAU DE ALUNAS DE LUBA D'ALEXANDROWSKA. Commercio do Paraná, Curityba, 17 abr. 1923. p.1.
159. SCHUMPETER, Joseph A. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro, Zahar, 1984. 534 p.
160. _____. Teoria do desenvolvimento econômico. Trad. Laura Schlaepper. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura S.A., 1961. 329 p.
161. _____. Teoria do desenvolvimento econômico. 3.ed. Trad. Maria Sílvia Possas. São Paulo, Nova Cultural, 1988. 169 p.
162. SERÃO DE ARTE. Diario da Tarde, Curityba, 16 abr. 1923. p.1.
163. SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1974. 159 p.
164. _____. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981. 240 p.

165. SODRÉ, Nelson Werneck. A Coluna Prestes: análise e depoimentos. São Paulo, Círculo do Livro S.A. 111 p.
166. SOLHEID, A. A dupla iluminação da cidade. Commercio do Paraná, Curityba, 23 jul. 1913. p.2.
167. SUZIGAN, Wilson. Indústria brasileira: origem e desenvolvimento. São Paulo, Brasiliense, 1986. 403 p.
168. TANNURI, Luiz Antonio. O Encilhamento. São Paulo, HUCITEC e Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1981. 140 p.
169. TAUNAY, Afonso de E. O Encilhamento. 3.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923. 302 p.
170. TAVARES, Maria da Conceição. Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre economia brasileira. 11.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983. 263 p.
171. TRÊS GERAÇÕES EM DEFESA DA MÚSICA NO BRASIL. Panorama, Curitiba, 30(288):n.p., jul. 1980.
172. TUCHMAN, Barbara W. A torre do orgulho. Trad. João Pereira Bastos. Portugal, Editorial Ibis, 1969. 520 p.
173. UMA INDUSTRIA QUE NOS HONRA: fabricação de pianos. Diario da Tarde, Curityba, 17 set. 1912. p.1.
174. UMA VICTORIA DA INDUSTRIA PARANAENSE. Diario da Tarde, Curityba, 29 jan. 1916. p.2.
175. UMA IMPORTANTE INDUSTRIA NACIONAL. Diario da Tarde, Curityba, 17 nov. 1917. p.1.
176. UMA AUDIÇÃO NO SALÃO ESSENFELDER. Diario da Tarde, Curityba, 21 dez. 1922. p.1.
177. UMA LIGEIRA PALESTRA COM O PROPRIETÁRIO DA FABRICA: o sr. Essenfelder com desejos de mudar sua fabrica para o Rio ou S. Paulo. Diario da Tarde, Curityba, 22 mar. 1927. p.2.
178. VELLOSO, D. Duarte. Exposição Internacional de Turim. Diario da Tarde, Curitiba, 18 nov. 1910. p.1.
179. VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982. 198 p.
180. VICTOR, Nestor. A terra do futuro: impressões do Paraná. Rio de Janeiro, typ. do Jornal do Commercio, 1913. 365 p.
181. VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidade. Trad. Maria Julia Goldwasser. São Paulo, Brasiliense, 1987. 414 p.

182. WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. 6.ed. Curitiba, Ed. Gráfica Vicentina Ltda, 1968. 275 p.
183. _____. Universidade do mate: história da U.F.P.R. Curitiba, APUFPR, 1983. 189 p.
184. WESTPHALEN, Cecília M. e BALHANA, Altiva P. Lazeres e festas de outrora. Curitiba, S.B.P.H. - PR, 1983. 54 p.
185. WILLEMS, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2.ed. São Paulo, Ed. Nacional - I.N.L./MEC., 1980. 465 p.
186. WITTER, José Sebastião., org. Idéias políticas de Francisco Glicério. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa - Senado Federal, 1981. 2.v.
187. Z. Renascimento industrial. Commercio do Paraná, Curityba, 26 abr. 1918. p.2.